



EU SOU DE GÊMEOS

Autora de O Amor Nunca Morre
G A B Y E S T E V E S



EU
SOU DE
GÊMEOS



Copyright © 2021 Gaby Esteves

Todos os direitos dessa edição são reservados à autora.

Está é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, data e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da autora.

Instagram e Twitter: @_gabyesteves_
Formato impresso: www.gabyesteves.com.br

Capa: Larissa Chagas
Revisora: Isadora Duarte

Aos meus pais, que até hoje ajudam a realizar todos os meus sonhos. Ao meu marido incrível e paciente que sempre me auxilia com seu cérebro de enciclopédia. E Jacques Vanier, por ter inspirado o Jonas e essa história inteira.

*A gente não combina
Mas sempre se deu bem
Feito noite e dia
Quando um vai, o outro vem
Se ela me ilumina, eu ilumino também
Vê se fica um pouco mais*

DETESTO DESPEDIDAS/LAGUM & VITOR KLEY

NOTA

Cuidado! Essa história contém gatilhos relacionados ao estresse, problemas de relacionamento familiar, racismo, Transtorno do Estresse Pós-Traumático, violência e violência contra a mulher. Não tente reproduzir o comportamento incorreto dos personagens.

Mas calma, esse livro também fala de empoderamento feminino, amizade, opostos que se atraem, independência emocional e financeira, amor ao próximo, cumplicidade, lealdade, perdão e muito mais!

Esteja ciente de que alguns diálogos terão linguagem coloquial necessária para demonstrar o regionalismo e a personalidade de um dos personagens principais, a fim de tornar a leitura o mais real possível.

Divirta-se!

GLOSSÁRIO

Agroboy: Homem ou rapaz que gosta do meio rural, sertanejo.

Agrogirl: Feminino de agroboy.

Alright: Certo.

Amazing: Incrível.

Apruma: Agiliza, anda logo.

Arredar: Sair.

Balangano: Balançando.

Banda: Metade.

Beirando: Próximo.

Bocó: Bobo.

Boy lixo: Companheiro não ideal, tóxico ou desrespeitoso.

Brocado: Com fome.

Caboco: Caipira, pessoa de costume simples, da roça

Cangote: Pescoço.

Catilanga: Mulher feia.

Cê besta: Para com isso.

Congrats: Parabéns.

Custosa (o): Traquina, levada (o).

Cutie pie: Fofinho.

Dar rata: Pagar mico.

Descrença: Desânimo.

Fuzuê: Bagunça.

Gastura: Agonia.

Hello: Olá.

Honey: Querido (a).

I swear: Juro.

Inriba: Em cima

Jacu: Bobo, besta.

Labuta: Trabalho, lida.

My gosh: Minha nossa.

Não tem base um trem desse: Não é possível.

Of course: Claro.
Oreia seca: Burro.
Parêi de roupa: Muda de roupa
Pouso: Estadia.
Pular o corguinho: Passar dos limites.
Purgante: Chato (a), insuportável.
Rilia: Briga.
Shippar: Torce por um casal.
Sorry: Desculpe.
Sweetheart: Querido (a), amor.
Sweetie: Querido (a), amor.
Taioba: Besta, bobo.
Traiada: Arrumada.
Trapaiado (a): Atrapalhado (a), doido (a).
Trenheira: Muita coisa.
Trupicar: Tropeçar.
Trust Me: Confie em mim.
Vazar na braquiária: Dar o fora, sair.
X-Tudo: Típico sanduíche goiano encontrado em estabelecimentos chamados “Pit-dog”.

**TRILHA SONORA EXCLUSIVA
DO LIVRO DISPONÍVEL
NA PLAYLIST**



PRÓLOGO

Sara abriu os olhos cor de mel naquela manhã, meio perdida. Se fosse alguns dias atrás, iria pegar o celular e mandar uma mensagem pedindo ao namorado para ir até o quarto lhe dar bom dia. Jonas prontamente viria se juntar a ela na cama só por alguns minutos, envolvendo-a em um abraço, até que estivesse pronta para se levantar. Seus cachorros também se juntariam a eles, mas esse não era o caso hoje. Ela estava de volta em seu apartamento pequeno e solitário, onde não havia cheiro nenhum da sua pessoa favorita. Pegou o travesseiro sobressalente e jogou por cima da cabeça. Não tinha mesmo nada para fazer além de sentir-se miserável, não via mal em dormir o dia todo.

Era óbvio que sua melhor amiga não pensava a mesma coisa, pois a campainha tocou repetidas vezes logo depois.

— O que você quer, Iara? — Abriu a porta, irritada, e a amiga de cabelo crespo armado e estiloso entrou, colocou várias sacolas no chão, e foi direto para a sala.

— Vim trazer suas coisas, mal-agradecida. O Romeu tá subindo com as malas pesadas. Encontrei o Jonas.

— E eu com isso? — Sara sentou-se no sofá.

— Amiga, sério, ele parecia bem sincero. Eu acho que acredito nele — disse a mulher de voz forte.

— Você tá de que lado, afinal?

— Dos dois. Sou amiga de ambos.

— Eu não quero saber. Enquanto ele não puder me provar o contrário, preciso trabalhar com o que tenho em mãos, que é algo bem sólido. Você não faz ideia do quanto eu tô lutando pra não voltar lá agora mesmo e fingir que nada aconteceu, mas não posso. Não sou assim. Por mais que fingisse, uma hora ou outra a dúvida acabaria me consumindo e tudo terminaria da mesma forma.

— Lá no fundo, bem no fundo, você acha que ele seria capaz disso?

— Olha... não sei. Sinceramente, não sei. Por isso vim embora. Minha cabeça tá uma confusão e sinto que poderia tanto bater nele quanto abraçá-lo.

— Típico.

— Eu sou de gêmeos.

— Deixa o Jonas te ouvir falando isso.

— Ai dele se ousar reclamar disso agora. Isso não é importante.

— Ele tá desesperado, nunca o vi daquele jeito, chorando em público. Nem conseguiu ir atrás de nada ainda. O Mateo que ligou pro André pra tentar descobrir alguma coisa sobre o vídeo, ver o que dá pra fazer judicialmente. — Sara suspirou, e passou a mão no rosto. — Mas como você tá?

— Tentando não desmoronar, mas vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Tô guardando pra chorar na frente dele.

— Você não presta. — Iara balançou a cabeça negativamente.

— E você tá defendendo o meliante! — indignou-se Sara.

— Admite logo que tá morrendo de medo disso ser verdade.

— Se for, eu... — Respirou fundo. — Acabou. Não tem choro nem vela. Acabou. Eu o amo mais que tudo nesse mundo, mesmo com essa dúvida. O Jonas me conheceu numa época em que eu me sentia um casaco velho jogado debaixo da cama, que ninguém seria capaz de amar. Então ele me pegou e me tratou como se eu fosse o tesouro mais precioso. Não vou voltar atrás, não dá pra ficar com uma pessoa sem confiar plenamente. Eu sei que não vou mais ser a pessoa que era antes de tê-lo na minha vida, isso é impossível. Jonas aconteceu em mim e é permanente, nós estando juntos ou não.

— Considerando que é você quem tá dizendo isso, e não eu, acredito totalmente. Mas ele te mandou um recado. Vai querer ouvir? — Sara abriu a boca para começar a falar. — Não interessa, vou contar

mesmo assim. Seu noivo pediu pra te dizer que jura pelo avô dele que não fez isso. Ele não sabe como, mas vai te provar que aquele vídeo é falso. Disse que você é a coisa mais importante da vida dele e que nunca faria nada pra te machucar desta maneira. Principalmente, porque te ama tanto que seria capaz de largar tudo pra ficar do seu lado. Num piscar de olhos. As fazendas, o trabalho, seu modo de vida, os cachorros, tudo. Pediu desculpas e me deu isso. — Iara tirou do bolso um bilhete e entregou para a amiga.

Sara pegou o pedaço de papel arrancado de algum caderno às pressas e todo amassado. Esticou as dobras e leu:

Tudo que tenho, absolutamente tudo, é descartável. Nada tem valor se não tenho você. A única coisa que eu quero é estar bem com a minha deusa. Por favor, volta para casa. Me perdoa. Te amo.

— Ele sempre usa o português correto quando escreve. — Ela não pôde evitar dar um meio sorriso e sentiu seu coração doer.

— Quis te impressionar.

— Se o vir de novo, diz assim: “Sinto muito, caubói, mas só depende de você.” — Sara suspirou, e dobrou o bilhete.



AINDA BEM QUE VOCÊ CHEGOU

Goiânia é uma cidade quente que de vez em quando, em meados de junho e julho, esquece disso. No geral, os goianienses podem manter o guarda-roupa de verão durante todo o ano. A maioria dos estabelecimentos não funciona sem ar-condicionado, assim como os carros. Andar a pé à tarde só com sombrinha para sobreviver ao calor. Ao contrário do que as pessoas pensam, não há cavalos e vacas no meio da rua, mesmo que talvez sejam avistados em bairros mais afastados ou cidades próximas à capital. É cultural o gosto por fazenda, chácara, sítio ou qualquer pedaço de terra para juntar a família e fazer pamonha, fugindo assim dos vizinhos com música alta e do trânsito da Avenida 85 no horário de pico.

Sara sempre lembrava do que seu pai, que nasceu na capital do Brasil e veio para Goiás ainda criança, dizia: Goiânia é muito mais cidade que Brasília. A vida noturna é movimentada, os restaurantes são renomados e variados, a cidade é lar de dezenas de celebridades do universo sertanejo e o goianiense não poderia ser mais antenado com a moda e as últimas tendências. A geminiana não poderia ser mais realizada morando ali.

Sexta-feira geralmente é dia de sair, pelo menos para a maioria das pessoas. Sara gostava de ir ao Bolshoi Pub, principalmente quando

o tema da casa noturna era pop ou rock. Ou se programava para dançar a noite toda no Diabolo, se um DJ tocasse. Morar em uma cidade repleta de duplas sertanejas tinha essa dificuldade, garimpar algum lugar onde não fosse tocar Gustavo Lima e Marília Mendonça, mas ela já estava acostumada. Considerava que o verdadeiro desafio era viver em um lugar onde havia duas mulheres para cada homem, sendo que provavelmente seriam todas extremamente bonitas. As goianas sabem como se vestir e são vaidosas, mesmo que somente para atravessar a rua e ir à padaria ao lado de casa. Deveria ser por isso que Sara não parava muito tempo com namorado nenhum. A concorrência era grande demais.

Sara saiu do trabalho naquele dia, apressada, procurando a chave do carro na bolsa enquanto tentava encontrar seu Jeep Renegade branco no estacionamento. Seu telefone tocou assim que colocou a chave na ignição.

— Eu sei, primo, mas fazer o quê? Festa da firma é festa da firma, mesmo sendo na sexta e não posso faltar. Para de choramingar e chama logo a Lara pra ir com você. — Esperou. — Ela não me disse nada disso. Isso é coisa da sua cabeça, minha amiga te ama. Sua insegurança ainda vai te matar, deixa de ser molenga. Preciso ir em casa me trocar. Depois a gente se fala. — E desligou o celular.

Mais três pessoas ligaram no caminho até seu apartamento, revoltadas com o fato de Sara não poder comparecer ao evento programado entre seus amigos e primos no Bolshoi. Ela havia esquecido que no final do ano todas as empresas faziam confraternizações e apesar de ser funcionária de quatro lugares diferentes, só teria de ir à festa do departamento de redação do jornal O Popular (segundo mais lido na região metropolitana do estado de Goiás) onde trabalhava no período da tarde.

Entrou em casa correndo e foi direto para o banho, xingando baixinho a si mesma por não ter colocado os compromissos pessoais sincronizados com a agenda do Google no celular. Tirou a touca que protegia seu cabelo e abriu o guarda-roupa, escolhendo um vestido salmão de mangas longas e costas nuas que caía até um pouco acima dos joelhos. Fez uma maquiagem carregada e escolheu alguns acessórios, depois calçou uma sandália de tiras preta com salto alto, pegou a bolsa e saiu.

Quando Sara chegou ao salão de eventos da emissora de TV local Jaime Câmara, afiliada da rede Globo e dona do jornal onde trabalhava, a festa já havia começado, mesmo não passando das 20 horas. Tudo estava enfeitado com temas natalinos e muitas luzes pisca-pisca. Os uniformes das pessoas foram substituídos por roupas de festa, e o barulho de digitação e telefones tocando, por risadas e tilintar de taças. Procurou por suas colegas de trabalho e se juntou a elas numa mesa redonda.

Se não fosse pela bebida, provavelmente aquilo teria sido um completo tédio. Sara não via a hora de seu chefe aparecer para fazer o discurso e poder ir embora, contudo, ele parecia muito entretido conversando e rindo com várias pessoas importantes e engravatadas que ela não conhecia. Agradeceu mentalmente por passar a maior parte do tempo trabalhando com pessoas normais, com as quais não precisava conter sua personalidade forte e muito menos lidar com chefes.

— Prefiro mil vezes estar aqui nesta mesa sem graça com vocês, do que ali, falando de sabe-se lá o que com eles. — Apontou Janaína, sua colega de olhos verdes, para o grupo onde o chefe estava.

— Amém — disse Sara.

— Eu queria mesmo estar é ali. Olhem só. — Marta, outra colega de trabalho, apontou para um grupo no canto mais próximo delas, onde vários apresentadores da TV Globo se encontravam.

— Se você quiser, te levo lá. Eu conheço um deles — Sara pontuou, depois de encará-los.

— Quem?

— O Luiz.

— Luiz Neto? Que trabalha na TV? — Marta quis saber, arregalando os olhos e arrumando o cabelo loiro longo e ondulado.

Sara assentiu.

— Achei que você ia dizer que conhecia o caubói alto que tá do lado dele. — Janaína fez bico.

— Olha a minha cara de quem conhece alguém que anda de chapéu de caubói à noite e no meio de uma festa de empresa... — Sara riu e bebeu seu chopp.

— Ah... mas até que ele é bonitinho. Adoro um agroboy.

— Fico indignada quando esse povo vem nos eventos do jornal. Se um de nós pisar na TV Anhanguera, até segurança eles chamam —

opinou Sara.

— Famosos... — completou Janaína.

— Você me leva mesmo lá? Queria conhecer o Luiz. Ele é baixinho, mas até que é gato — pediu Marta.

— Você vem? — perguntou Sara a Janaína, levantando-se com Marta.

— Eu não, sou muito tímida. Só tem gente famosa ali.

As colegas reviraram os olhos e seguiram para onde o grupo estava. Sara chegou como se conhecesse todos, cumprimentando-os e sorrindo ao dizer “Boa noite”. Puxou assunto com Luiz, que a apresentou para os outros. Ele usava uma camisa de marca com calça jeans escura e um sapato que só um metrosssexual usaria. Seu cabelo estava estrategicamente jogado para cima, provavelmente cheio de fixador. Sara prontamente enunciou Marta para o amigo.

— Só assim pra nos vermos, Sarinha! — falou Luiz, depois de cumprimentar Marta superficialmente.

— Amigo, eu vou na sua casa direto. Você que nunca tá lá.

— Minha mãe me disse que você arrumou mais um emprego. Qual é o seu problema mesmo? — Luiz colocou a mão no queixo, cerrando um pouco os olhos, e deu uma gargalhada.

— Eu tenho a melhor profissão do mundo. Desculpa se eu sou uma mulher empoderada que não precisa do dinheiro do pai. — Sara colocou as mãos na cintura e piscou, com um sorriso.

— Ou da avó.

— Exatamente.

Marta encarou Sara, que entendeu o recado. Se despediu do amigo e voltaram para a mesa.

— Ele deu mais bola pra você do que pra mim. Nunca vou me acostumar que você tá atrás de uma mesa o dia todo escrevendo textos jornalísticos chatos. Devia ser famosa, atriz, quem sabe voltar a ser modelo! — lembrou Marta, ao se sentar. — Você é muito extrovertida pra estar dentro de um escritório, Sarinha.

— O Luiz sempre deu em cima de mim mesmo com todos os meus foras, não o leve a sério. Eu não tenho mais aquele corpo de modelo, Má. A idade tá batendo na porta.

— Me digam em que planeta uma mulher de 24 anos tá ficando velha? E com a vida que você tem? — Janaína entrou na conversa.

— Você tinha que ter visto o jeito que ela chamou a atenção do grupo inteiro. Você é linda, amiga, não precisa nem falar pra ser notada — disse Marta.

— E convenhamos que isso não tem me ajudado em nada, só arrumo boy lixo — reclamou Sara, e comeu um aperitivo que estava na mesa.

— Não é o que parece. Aquele caipira não tirou os olhos de você desde que fomos lá. — Marta apontou para o homem alto de chapéu ao lado de Luiz.

Sara pegou seu copo e se virou para o lado, procurando os olhos que a encaravam incessantemente. O caubói a notou, então levou a mão à aba do chapéu e a cumprimentou com um aceno de cabeça. Ela riu baixinho e voltou-se para suas amigas.

— Nem de sertanejo eu gosto.

— Deixa de ser idiota, Sarinha! — Aborreceu-se Marta.

— Isso quer dizer muita coisa, amiga — falou Janaína.

— Exatamente. Imaginem o total de zero coisas em comum que nós teríamos. Aposto que ele deve ser de Peixes ou Sagitário.

— Lá vem você com esse papo de signo. O que importa é ser feliz, mulher — pontuou Marta. — Depois não reclama que tá solteira, ok? Eu sou pisciana e o melhor relacionamento que tive na vida foi com um geminiano.

— E deu no que deu — lembrou Sara, e levantou as sobrancelhas.

— Se ela não quer, deixa pra lá, Má — comentou Janaína.

— Depois, nós que somos covardes, que deveríamos ser mais sem-vergonha... — Marta usou a frase que Sara sempre falava para empurrá-las em alguma enrascada.

— Vocês são insuportáveis. — Sara riu e se virou para dar mais uma olhada no caubói.

Assim que o fez, deu de cara com Luiz, bem atrás dela, acompanhado do homem de chapéu.

— Sarinha, vem aqui. Deixa eu te apresentar alguém. — Luiz pegou a amiga pela mão, que se levantou depois de colocar o copo na mesa. — Esse é o Jonas. Jonas, essa é a Sarinha.

O caubói parecia nervoso. Uma das mãos estava no bolso da calça jeans enquanto estendia a outra para Sara. Ele usava botina e uma camisa xadrez para dentro da calça que tinha uma fivela de rodeio no

cinto. Seu cabelo preto e bem curto na nuca estava escondido pelo chapéu, e seu rosto tinha uma barba rala nas costeletas que descia contornando somente o queixo e o bigode.

— Oi. — Jonas tomou a mão de Sara e se aproximou para cumprimentá-la com um beijo no rosto.

— E aí, tudo bem? — respondeu Sara, intrigada.

— Tudo bem, e *ocê*? Tá boa?

— Pronto, agora eu vou deixar vocês e voltar pra onde eu estava. Aproveitem. — Luiz deu tapinhas no ombro de Jonas e sorriu para Sara, deixando-os sozinhos.

— Liga não. O baixinho é assim mesmo — disse Sara.

— *Cê* não sabe o tanto que eu tive que insistir pra ele vir aqui me apresentar *procê*.

— Imagino.

— De onde *cês* se conhecem?

— Somos amigos de infância e vizinhos. Crescemos no mesmo condomínio e nossas mães são amigas até hoje. Eu mudei faz tempo, mas tô sempre lá.

— Olha só... que mundo pequeno.

— E vocês?

— Uai, nós temos um amigo em comum e acabamos nos conhecendo. Ele me convidou pra vir com ele hoje e comer de graça.

Sara riu.

— Você também trabalha na TV? — Pegou seu copo da mesa.

— Nunca. Dou conta *desses trem*, não.

A essa altura, as amigas de Sara já haviam saído da mesa, deixando-os à sós.

— Por que o Luiz te chama de Sarinha? *Cê* nem é tão baixinha assim. — Jonas a olhou de cima a baixo.

— Se você encontrar com qualquer amigo meu ou membro da família é assim que vão me chamar. Meu pai me deu esse apelido desde que eu nasci. Meu irmão é cinco anos mais velho que eu, deve ser por isso. A menininha do papai. — Revirou os olhos e sorriu.

— Uai, credo. Quantos anos *cê* tem?

— Vinte e quatro.

— Tenho 28. Eu ia chutar que *cê* tinha no máximo vinte.

— Eu durmo no formol.

Jonas riu.

— E o que *cê* faz de *bão* aqui nesse trem? É jornalista? Deve ser, porque *ocê* não fala que nem eu, só puxa o R como todo goiano. — Ele cruzou os braços, interessado.

— Eu sou goiana, sim. Não sou jornalista, mas, sim, redatora e preciso escrever corretamente. Consequentemente, falo certinho até demais o português. É inevitável.

— Eu amo o *goianês*. *Cê* é formada em redação ou português?

— Os dois. Olha só, Jonas, né? Tô me sentindo como se estivesse sendo entrevistada. Qual é a sua? Não me lembro de você ter dito o que quer de mim. — Sara deu um gole na bebida e lançou-lhe um olhar misterioso.

Ele piscou algumas vezes, surpreso. Colocou as mãos nos bolsos e sorriu, tímido.

— Uai, eu achei *ocê* bonita demais. Queria saber se queria dar uma volta comigo.

Sara sorriu e riu baixinho. Havia alguma coisa naquele homem que a intrigava. Talvez fosse a coragem de ele ir até ela, mesmo aparentando serem completamente diferentes um do outro. Pensou que pelo menos educado ele era.

— Topo — ela disse, e o pegou pela mão, puxando-o para fora dali.

Tinha encontrado uma ótima desculpa para não esperar pelo discurso do chefe.

— *Cê* veio como? Posso chamar um Uber — Jonas sugeriu, tirando o celular do bolso.

— Ótimo — Sara concordou.

Antes que ele pudesse chamar o motorista de aplicativo, a mulher de quadril largo, cabelo castanho claro e olhos cor de mel soltou sua mão e segurou seu rosto, beijando-o. Jonas apoiou as mãos na cintura dela e retribuiu o beijo, meio surpreso. Ele não planejava tentar beijá-la tão cedo naquela noite, contudo, pelo visto, Sara não se importava de tomar a iniciativa. Sentiu que estava sendo mais beijado do que beijando. Depois de um tempo, ela se afastou e sorriu, como se aquele fosse mais um beijo, em vez do primeiro. Sugeriu que fossem para um bar que ficava próximo e Jonas pediu o Uber.

— Olha, preciso confessar que você me surpreendeu ao passar no meu teste — disse ela, após conseguirem uma mesa.

— Que teste?

— Se você beijasse mal como o *agrob* que eu fiquei uma vez, teria te dado o fora.

— Uai... brigado. Que *bão*, então. — Jonas se surpreendeu com a sinceridade dela, e riu.

— Sério. Eca. Parecia que eu beijava uma vaca.

— Misericórdia. Vai ver ele treinava com uma. — Sara deu uma gargalhada alta.

Os dois pediram uma cerveja e comeram batata frita. Jonas contou que era goiano hidrolandense, formado em engenharia agrônômica e passava mais tempo trabalhando na fazenda em Bela Vista do que na capital. Saber que ele não morava em Goiânia causou um certo descontentamento em Sara, que logo jogou o arquivo intitulado “Jonas” em seu cérebro para a gaveta “Não investir”. Explicou que se formou em Letras Inglês e tinha pós-graduação em Redação Jornalística. Trabalhava em mais dois jornais além do O Popular, dava aula de inglês pela manhã e morava sozinha em um apartamento no Setor Bueno.

— Como *cê* não gosta de sertanejo? Não tem base um trem desse. — Jonas inclinou a cabeça para o lado, impressionado.

— *Sorry*. É uma das poucas coisas consistentes na minha vida. Eu sou de gêmeos, a pessoa mais aleatória que existe, porém não consigo gostar disso.

— Eu não entendo nada *desses trem* de signo. Só sei que sou de Leão.

— Interessante... — Sara pensou que isso justificava a coragem dele em falar com ela e sair usando aquelas roupas.

— Eu amo uns *modão*. *Aquelas moda* de viola antiga, sabe? Mas gosto de sertanejo atual também. Gustavo Lima é meu ídolo.

— Pela sua roupa, achei que você ia dizer que era o Sérgio Reis. — Jonas riu. — Ou que era fazendeiro.

— A fazenda com *as cabeça* de gado eu já tenho, só falta uma *muié* do lado — falou, com propriedade, fazendo Sara rir.

— Melhor você mudar pro Texas. Ou pro interior de Goiás. Difícil achar uma mulher que queira uma vida dessas na cidade grande.

— *Ocê* não quer? — perguntou ele, e bebeu um gole da cerveja para disfarçar.

— Nunca pensei nisso. Meu primo tem uma fazenda em Piracanjuba, mas eu não vou muito lá.

— Como que vai com esse tanto de trabalho que *ocê* tem? Tá pior que o Julius! Todo mundo odeia a Sarinha! — Cantou a última frase no mesmo ritmo da música de abertura da série de televisão “Todo Mundo Odeia o Chris”.

— Pois é. — Ela sorriu.

Jonas olhou o relógio e disse:

— Já tá tarde, melhor eu levar *ocê* pra casa.

— Não precisa, eu peço um Uber.

— Melhor eu pedir e fazer uma parada pra deixar *ocê*.

— Sério, não precisa. — Sara não sabia se queria mostrar a ele onde morava.

— Então eu vou ficar *cocê* até ele chegar e *cê* compartilha a viagem comigo pra eu saber que chegou bem. — Jonas não podia perder a oportunidade de pegar o telefone dela.

— Por mim, tudo bem. Mas não se preocupe, eu sempre compartilho as viagens de Uber com o meu pai. Não moro mais com ele, mas ainda digo onde estou — mentiu.

— *Ocê* que sabe. Prazer em te conhecer, Sarinha. Queria topar *cocê* de novo. Como eu faço? — perguntou, depois de abraçá-la, na porta do bar.

— Meu Instagram é @sarinhamartinss com dois S no final. — Ele pegou o celular e começou a procurar.

— Achei. O meu é @jonasviana.

— Nome de fazendeiro. O prazer foi meu, caubói. O motorista tá chegando — informou, e sorriu.

Jonas a abraçou novamente e dessa vez, tomou a iniciativa de beijá-la. Sara percebeu que era delicado e carinhoso, já que dessa vez não quis ser afoita para tentar descobrir se beijava bem. Lembrou do que sua avó costumava dizer sobre as características dos “homens para casar”: eram respeitosos e atenciosos desde o início e não mudavam com o passar do tempo. Dona Carmen descrevia o falecido marido dessa maneira com um brilho no olhar todas as vezes, e aconselhava as netas a namorarem por pelo menos um ano antes de se casarem. Até o momento,

nenhuma de suas primas casadas havia tido grandes problemas no casamento e ninguém se divorciara. Todas estavam em relacionamentos saudáveis por terem seguido o conselho da avó.

— A gente se vê. — Jonas acenou, quando ela entrou no carro.

Notou um calor gostoso tomar conta do seu corpo. Fazia tempo que ele não sentia seu coração acelerar desse jeito, parecendo que levantava a camisa ao bater. Sentia sua intuição dizer que a probabilidade de algo bom acontecer era grande.



ME NAMORA

No final de semana após o Natal, Sara recebeu uma mensagem.

Lu Neto:

Sarinha,

Lembra do Jonas? Meu amigo?

Tá no meu pé pedindo seu telefone. Ele disse que você não responde no Insta.

Eu:

Eita.

Lu Neto:

E aí? Posso dar?

Eu:

Vou pensar.

Lu Neto:

Você tem 60 segundos pra pensar.

Não aguento mais esse cara no meu pé.

Tá me enlouquecendo.

Eu:

Ele é insistente.

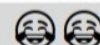
Lu Neto:

Você não tem ideia.

Dá logo um fora nele e bloqueia. Você é melhor nisso do que eu.

Facilita minha vida.

Eu:



Tá. Pode passar meu número, Lu.

Lu Neto:

Aleluia.

Sara riu e balançou a cabeça. Aquele caipira tinha coragem, não podia negar. Fingir que não havia notado as mensagens dele no Instagram, ao que tudo indica, não iria adiantar.

+55(62)99999****:

Oi, Sarinha.

Sou eu, o Jonas.

Eu:

Oi.

+55(62)99999****:

Obrigado por ter deixado o Luiz me dar seu número.

Eu:

De nada.

+55(62)99999****:

Você viu minhas mensagens no Insta?

Eu:

Nem vi, desculpa. Muito atarefada com o Natal e trabalho...

+55(62)99999****:

Suspeitei.

Queria saber se você aceita sair de novo.

Eu:

Quando você volta pra fazenda?

+55(62)99999****:

Só depois do Ano Novo.

Eu:

Topo.

Sara pensou um pouco. Não havia mal em sair com o caipira charmoso mais uma vez. Ele logo iria embora e ela não teria tempo de se apaixonar, mesmo duvidando que isso sequer fosse possível. Ainda não tinha encontrado nada em comum com Jonas, além de falarem inglês. Combinaram de se encontrar no Alabama, famoso bar com banda ao vivo de Goiânia. Sara ia lá com seus amigos por gostar da comida, mesmo tendo de aguentar música sertaneja no último volume. Ela fazia isso como pagamento por todos irem às boates preferidas dela. Resolveu que esse era um ótimo lugar para passear com o agrobóy.

Vestiu um cropped vinho de couro, calça jeans de cintura alta e uma sandália de tiras largas com salto. Assim que chegou na choperia, avistou Jonas. Ele usava seu chapéu claro, calça preta com outra fivela no cinto, botina e uma camisa xadrez de cor diferente, entretanto, no geral, parecia usar a mesma roupa da outra noite. Aparentemente, esse era seu uniforme.

— Aô, trem bonito! — falou Jonas, com um sorriso, ao avistar Sara.

Ela riu e o abraçou.

— Você é uma figura.

— Na minha terra é assim que a gente elogia *muié* bonita.

— Eu sei. Sou goiana, lembra? Mas nunca tinham me cumprimentado assim antes.

— Como foi seu Natal?

— Normal, e o seu?

— *Bão demais*. Fazia uns *dois ano* que o povo não se reunia tudo de uma vez.

— Faz tempo que meu irmão não vem também. Ele prometeu que passa o Natal aqui no próximo ano.

— Onde ele mora? — perguntou Jonas, e serviu uma bebida para Sara.

— Seattle.

— Longe pra burro.

— Ele morava no Canadá, mas conseguiu um emprego melhor em Seattle. Finalmente, vai conseguir vir pra cá com a família. — Bebeu um gole da cerveja gelada.

— Família é *bão demais*.

— Eu nunca conseguiria morar longe. Sou muito apegada aos meus pais, primos e a minha vó. Quase morro de saudades do Júlio.

— *Nó*, sinto muita saudade do meu vô. Ele era tudo na minha vida. Faleceu *uns ano* atrás.

— Sinto muito. — Sara lançou-lhe um olhar sereno.

Não conseguia imaginar ficar sem sua avó Carmen. Segurou na mão de Jonas e a apertou de leve. Ele sorriu e se aproximou. Sara sorriu também, sem mostrar os dentes, e deu autorização, então o caubói a beijou. Ficaram assim o resto da noite. Conversando entre risos, beijos e comida boa. Ela até se esqueceu do Jorge e Mateus que era cantado ao vivo por um rapaz que ela não conhecia no mini palco do bar.

Mais tarde, naquela noite, precisou ir ao banheiro. No caminho de volta à mesa, avistou Jonas abraçado a duas mulheres. Sara parou e observou o caipira conversar e sorrir para elas, ambas passavam a mão em seu rosto e tórax. Assim que uma delas se pendurou no pescoço dele e o beijou na bochecha, enquanto ele permanecia com o braço em volta da cintura da outra, Sara sentiu seu rosto esquentar e não se conteve. Caminhou quase batendo o pé, de braços cruzados, até a mesa. Pegou sua bolsa e saiu sem falar nada. Jonas percebeu que algo estava errado e foi atrás dela.

— Que foi, Sarinha? *Cê tá bem?* O que aconteceu? — Andou atrás dela, preocupado.

— Meu querido, deixa eu te falar uma coisinha. — Parou e virou-se para ele, fazendo movimentos com a mão enquanto falava. — Ou eu sou exclusiva, ou não sou nada. Exijo ex-clu-si-vi-da-de — frisou cada sílaba, e voltou a andar em direção ao ponto de táxi.

— Peraí, não é nada do que ocê tá pensando... Elas só tavam me cumprimentando. — Jonas continuava correndo atrás dela.

— Exclusividade, meu amigo. Exclusividade é tudo. Você não precisa de mim pelo visto. — Parou para falar com o taxista.

— Eu achei que a gente só tava ficando. *Deixa* eu te levar em casa — pediu.

— Ficando, namorando, casando... Não interessa. Se tá comigo, quero exclusividade. Passar bem. — Sara pediu ao taxista para ligar o carro.

— Então, namora comigo. — Jonas se abaixou e apoiou o braço na janela do táxi, que Sara estava sentada.

Ela riu alto, como se ele tivesse contado uma piada extremamente engraçada.

— Você perdeu a chance. Comigo é assim. Não me procure mais, caubói. Tchau. — E o táxi foi embora.

O rapaz observou o carro se distanciar sem acreditar que a noite tinha realmente terminado daquela forma, como se alguém tivesse arrancado a tomada da televisão na hora da cena mais importante do filme. Dessa vez, seu coração batia forte, porém, de desapontamento.

Jonas acordou no dia seguinte sentindo-se péssimo. Não gostava de beber a não ser que fosse uma comemoração, e na noite anterior havia bebido para acompanhar Sara. Tudo em vão. Repassou em sua mente o que havia feito de errado para que ela fosse embora daquela maneira e não parecia grande coisa. Possivelmente, tinha escolhido alguém bem complicado para tentar se relacionar. Listou novamente as razões pelas quais queria investir nela e a palavra “bonita” era a única coisa que sobressaía, além do fato de uma patricinha não se importar em sair com um caipira. Na realidade, Jonas não esperava que ela fosse trocar mais do que algumas palavras com alguém como ele, e ainda recebeu atenção, afeto e simpatia da parte dela.

Decidiu que era hora de se levantar da cama e tentar resolver essa situação. Não queria que as coisas terminassem daquela forma. Tomou

um banho, se despediu da mãe, pegou a caminhonete recém-adquirida e foi trabalhar. À noite, foi até a casa de Luiz.

— Moço, é sério. Por favor. Preciso falar com ela. Me quebra esse galho — pediu Jonas.

— Se ela te bloqueou no Whatsapp e no Instagram, cara, alguma coisa você fez — questionou Luiz.

— Exatamente. Preciso arrumar esse trem.

— A Sarinha não é fácil não, Jonas. Se você acha que vai pedir desculpa e ela vai aceitar numa boa, tá muito enganado. Eu a conheço há anos. Ali tem uma personalidade forte por fora e uma manteiga derretida por dentro. É a coisa mais complicada lidar com ela, porque não dá pra saber o que esperar.

— Deixa que eu me viro. Só me leva lá.

— Ela vai me matar se eu fizer isso.

— Por favor. Eu te pago um engradado de Pepsi. — Luiz deu uma gargalhada com a menção do seu refrigerante favorito.

— Eu te levo lá de graça. O problema é o que vai acontecer comigo depois.

— Eu digo pra ela que te obriguei.

— Você? O caipira mais gente fina e bonzinho que existe? Qualquer pessoa só de te olhar sabe que não vai dar certo.

— Qual é, cara? Me ajuda aí.

— Velho, vamos lá. Vou te levar. Dane-se. Não aguento você mais não. — O baixinho com barriga saliente pegou uma camiseta, a chave do carro, e fechou a porta atrás de si.

Eles dirigiram até não muito longe dali, no Setor Bueno. Esse bairro era um dos mais nobres da cidade, lotado de prédios comerciais luxuosos, apartamentos em condomínios caros, e restaurantes movimentados. Luiz cumprimentou o segurança da recepção, que ligou para o apartamento de Sara e autorizou sua entrada. Subiram para o décimo andar e tocaram a campainha à direita do elevador.

— Amiga, desculpa. Esse caubói me deixou maluco. Tive que trazê-lo aqui senão eu ia ter que convidá-lo pra morar na minha casa pra ter paz. Ele insiste em querer falar com você e pedir perdão — contou Luiz, rindo da situação, assim que Sara abriu a porta.

Ela usava um pijama de bolinhas cor-de-rosa nas mangas e shorts, com uma estampa da Minnie na camiseta. Encarou Jonas com um olhar

sério e disse para Luiz:

— Não tem problema. Você — dirigiu-se a Jonas — tem dois minutos. — E encarou o caipira.

Para sua surpresa, ele usava boné, camiseta e uma bermuda. Parecia ter ido à academia. Jonas se aproximou um pouco e passou a mão no rosto.

— Desculpa se fiz *ocê* pensar que eu sou galinha ou qualquer coisa do tipo. Não era minha intenção. Se eu soubesse que *cê* queria aquele trem... Qual o nome? Exclusividade. Não tinha deixado *aquelas catilanga* se enroscar em mim. Se for pra escolher alguém, eu escolho *ocê*. *Cê* não liga *pras roupa* que eu uso, se *tô* de chapéu e nem pro jeito que falo. Não me julgou pela minha aparência. Quero namorar *cocê*. Não *tô* de brincadeira, eu juro — explicou, esfregando uma mão na outra. Não sabia ao certo o porquê, mas sentiu que era o que deveria falar.

Sara o encarou, ainda séria. Suspirou e disse:

— Vou te desbloquear no Whatsapp. Desculpa o incômodo, Lu. Manda um beijo pra sua mãe. — Deu um abraço em Luiz, entrou e fechou a porta.

— Eu te avisei. — Luiz fitou Jonas e apertou o botão do elevador.

O caubói entrou no carro, apressado, pegou o celular e digitou uma mensagem.

Eu:

Não entendi se você me perdoou ou não.

Sara:

Meio que te perdoei.

Vou te dar uma segunda chance e considere-se sortudo porque isso geralmente não acontece.

Tem coisas que eu não tolero. Melhor não pisar na bola de novo.

Te dei uma colher de chá por não me conhecer direito e porque seu pedido de desculpas foi fofo.

Você é fofo.

Eu:

Olha, nunca imaginei que você ia me achar fofo.

Sara:

Nem eu, *trust me*.

Eu:

Você aceitou meu pedido de namoro?

Sara:

Não.

Eu:

Por quê?

Sara:

Honey, você é mais apressado que um trem bala.
Acabei de te desbloquear, vai com calma.

Eu:

Então vamos sair amanhã?

Sara:

Topo.

E foi o que aconteceu durante os próximos dias. Os dois saíram todas as noites, se beijavam, Jonas pedia Sara em namoro e ela negava. Mesmo na virada do ano, que ambos passaram juntos numa festa. Sara achava que seria inútil investir em alguém que não morasse na mesma cidade.

— Por quê? Credo, larga de ser teimosa, uai.

— Não vou namorar alguém que vai embora daqui a pouco — lembrou ela, quando Jonas a deixou em casa naquela noite.

— Falta quase *duas semana* ainda. Tem bastante tempo. E eu volto em um mês. — Ele colocou a mão na parede ao lado da porta, onde Sara estava encostada, por cima do ombro dela.

Gostava de levá-la até em casa, mesmo sabendo que a patricinha talvez nunca o convidasse para entrar.

— Pra quê você vai, então?

— Preciso resolver *uns trem* da plantação em Rio Verde, dar um pulo em Aragoiânia pra assinar uns papel e tem a vacinação do gado...

— Já quero bocejar.

— É só no início do ano que o trem é feio.

— Depois você não precisa passar tanto tempo longe?

— Não. Namora comigo?

Sara suspirou. Ele não desistia.

— O que você viu em mim?

— Uai... — Jonas pensou um pouco. — Além da sua beleza? Vi uma *muié* chique que deu atenção pra mim sem me esnobar. *Cê* não me tratou mal hora nenhuma, pelo contrário. Tô acostumado a receber atenção só de *muié* da roça.

— Te tratei mal quando te dei um fora.

— Mas eu mereci.

— Não sei se a gente tá apaixonado um pelo outro.

— Eu tô. Apaixonei na hora que *ocê* me beijou de supetão. — Sara riu.

— Homens...

— *Ocê* me deu uma chance sem julgar minha aparência. Não esperava isso *docê*. Principalmente, quando o Luiz disse que *cê* era amiga dele. Pensei logo numa patricinha metida.

— Eu sou totalmente patricinha. Mas não gosto de julgar ninguém pela aparência. Todo mundo faz isso comigo.

— Ainda bem que resolvi tentar a sorte.

— Não acho que você saiba onde tá se metendo.

— Como assim? *Cê* não é casada não, né? — Jonas temeu, e Sara gargalhou, negando com a cabeça.

Mudou-se de posição e abraçou-a pela cintura. Ela descansou as mãos sobre o peito dele, coberto por mais uma camisa xadrez.

— Eu sou de gêmeos, caubói.

— Uai, e daí?

— E daí que isso significa muita coisa. Eu sou um liquidificador ligado cheio de ingredientes variados.

— Seja o que for que tenha aí dentro tem um gosto *bão* demais da conta. — Deu um selinho nela.

— Deixa eu ser bem clara com você, então. — Ela segurou o rosto dele com as duas mãos. — Eu sou a pessoa mais aleatória que existe.

Odeio ciúme, obsessão, possessão, pressão e controle, ou seja, gosto de ser livre. Ao mesmo tempo, quero ex...

— Exclusividade. Já sei — completou.

— Isso. Atenção, cuidado, mimos... Eu falo na cara, seja o assunto que for. Na verdade, falar é a minha especialidade. Amo conversar por horas. Posso ser a pessoa mais doce e delicada do mundo num segundo e no próximo, armar o maior barraco na frente de todo mundo.

— Então a gente dá *certim, dois oposto*.

— Não gosto de sertanejo.

— Sei.

— Tenho quatro empregos.

— Aham.

— Visito minha vó quase todo dia e preciso sair pelo menos uma vez na semana com as minhas amigas pelo bem da minha sanidade mental.

— Não vou mudar nada na sua vida. Prometo.

— Não entendo nada de fazenda nem gado e tenho fobia de barata.

— Para de ficar procurando um motivo pra eu não querer *ocê*, uai. Nada disso aí me convenceu. Namora comigo? — Jonas chegou mais perto, quase encostando sua boca na dela.

Sara o encarou por alguns segundos, pensando. Ela adorava o diferente, e esse caipira parecia exatamente com isso. Ele tinha cheiro de aventura e não se deu por vencido com o fora dela e todas as suas tentativas de despistá-lo. Sentiu uma coceira boa na nuca, característica de quando queria arriscar algo novo.

— Vai me vencer pelo cansaço, né? — Ele balançou a cabeça, assentindo. — Topo. — E o beijou.

Afastou-se rapidamente para destrancar a fechadura, depois agarrou-o pelo colarinho e o puxou porta adentro. Jonas sorriu e a beijou novamente, sentindo um frio gostoso na barriga.



Sara acordou na manhã seguinte e esticou o braço procurando Jonas. Suspirou quando reparou que estava sozinha. Automaticamente, pensou ter sido desprezada depois da primeira noite juntos, como era comum aos homens fazerem. Lembrou que havia aceitado o pedido de namoro dele, então teria o direito de fazer um chique quando o encontrasse. Virou para o lado e se enrolou na coberta novamente.

— Bom dia, flor do dia. — Jonas entrou no quarto com uma xícara na mão, já vestido.

A fumaça do vapor quente exalava cheiro de café.

— Achei que você tinha me abandonado — disse, com uma voz manhosa.

— Olha... Cê fica pensando só o pior de mim. — Sentou-se na beirada da cama ao lado dela e lhe entregou a xícara. — Fiz café *procê*.

— Que lindo. — Deu um gole. — E é bom.

— Uai, eu sei fazer café. É o trem que eu mais gosto nesse mundo.

— Você não é deste mundo, caubói.

— Do seu mundo pode até ser que não. Mas eu conheço um monte de gente assim, que nem eu.

— É mesmo? — Sara ficou curiosa. — Eu acho que estava conhecendo os homens errados, então. Seus amigos são todos fofos

como você?

— Aí eu já não sei... — Ele inclinou a cabeça e sorriu. — O que *nós vai* fazer hoje? *Cê* tá de recesso do trabalho, né?

— Uhum. — Deu mais um gole no café.

— *Nós temo* uma semana antes *deu* viajar. *Temo* que aproveitar.

— Sim, senhor.

— O que *cê* viu em mim? — Sara o encarou, confusa. — *Cê* me perguntou isso ontem e eu fiquei pensando.

— Bom, por enquanto tô te achando fofo por insistir em ficar comigo. Tem me tratado bem, como um bom leonino, e é isso que importa. Ainda não entendo por que fui escolhida, já que não tenho nada em comum com você.

— *Cê* que pensa. *Nós descobre* com o tempo. Só sei que eu gostei *docê* e pronto, uai. Às vezes, *as coisa* não tem motivo. Até minha pupila dilata quando olho *procê*.

Sara gargalhou.

— Uai, credo, uai. — Ela o imitou, e sorriu.

— Nunca vi uma goiana que não fala uai.

— Perdi esse hábito quando passei a pensar em inglês.

— Já já *cê* volta a falar.

— Se eu continuar andando com você, provavelmente.

— No que depender de mim, *cê* não vai mais desgrudar do meu cangote. — Sara deu sua gargalhada escandalosa, e Jonas abraçou-a.

Os dias seguintes passaram de forma leve e divertida. Jonas era extremamente carinhoso e atencioso. Visitou a namorada todos os dias e praticamente passou o final de semana inteiro com ela. Sara ficou impressionada com o quanto ele era mente aberta, conversando sobre todo tipo de assunto. Havia muito mais por trás da figura de caubói.

— Quantas fazendas sua família tem? — perguntou Sara, sentada no sofá do apartamento dela, ao lado do namorado.

— Três. Em Aragoiânia, Bela Vista e Rio Verde. Meu pai tá querendo mexer com produção de leite em Morrinhos também, tá procurando um lugar pra comprar.

— E você ajuda em tudo?

— Principalmente com o gado e a plantação de soja. Mas eu sei mexer com *os trem todim*. Cresci no meio disso.

— Só você trabalha com seu pai?

— Minha irmã não pisa no mato nem de botina.
— São só vocês dois?
— Tem uma *primaiada* doida também. Todo mundo espalhado e um bocado mora em Goiânia.
— E amigos? Você tem muitos?
— Fica tranquila que *as muié* não *chega* nem perto da sua beleza.
— *Deixa de* ser bobo! — Sara deu um tapinha no braço dele. — Eu não sou ciumenta.
— Nenhuma *muié* é até entrar ex no meio.
Sara riu.
— E você?
— Uai, eu acho que não sou. Só namorei de verdade uma vez e ela tinha ciúme por nós dois, então eu nem sei se tenho. Ela me deixava doido.
— Você é, sim. Leonino costuma ser superprotetor e grudento.
— Isso não é ciúme.
— Mas pode virar. E você é muito atencioso, com certeza deve ser.
— Às vezes, *cê* me assusta com esse papo de horóscopo. *Cê* fala como se me conhecesse sem me conhecer.
— São as características do signo.
— *Cê* fez a sua própria caveira pra mim baseado no seu signo pra me convencer a não te querer.
— Eu sou sincera.
— *Ocê* é muito mais do que acha que é.
— Fofo. — Ela se aproximou e deu um selinho.
— Nem acredito que amanhã vou embora.
— Para de sofrer por antecipação, gato.
— É que eu gostei demais de vir aqui te ver todo dia. Fazia tempo que eu não sentia nada tão *bão* desse jeito que eu sinto *cocê*. Queria ter mais tempo antes de ir.
— Oh, caubói... Você vai me ganhar só na lábia.
— É verdade, uai. Eu sei que *ocê* ainda não sente a mesma coisa que eu, mas não tem problema. Por enquanto, eu tô feliz só de tá *cocê*. Fico pensando se já é bom assim, imagina como vai ser quando *ocê* gostar de mim de verdade. Deve ser *bão* ser amado por alguém que nem *ocê*.

Sara o encarou, sem acreditar que ele havia mesmo dito aquilo.

— Como que faz pra não te achar fofo? — Ela apertou as bochechas dele com uma mão só e deu um selinho. — Obrigada pela paciência. Fica tranquilo que eu não estaria com você se não sentisse alguma coisa e, com certeza, vou te contar quando se tornar algo maior.

— *Cê* gosta de exclusividade — ele disse e Sara gargalhou.

— Exatamente, gato. Agora vem cá me dar um beijo e aproveita esse corpinho enquanto você pode. — Jonas riu, corou e obedeceu.



— *Ocê* também, minha deusa. Não esquece *deu*, não.

— Se eu esquecer, depois você me lembra.

— Para de rolo, trem. — Ele a beijou.

— Meu *fi*, vai com Deus. Que Ele te proteja na ida e na volta... Fica bem, tá? — Dona Ester abraçou Jonas e começou a chorar.

— Oh, mãe, para com isso. Toda vez ela chora — explicou Jonas à namorada.

— Já já ele volta... — Sara afagou as costas da sogra.

— Te amo, neném.

Jonas revirou os olhos para a mãe.

— Te amo também. — Entrou na caminhonete e virou a chave. — Tchau, minha linda. — Jogou um beijo com a mão para Sara.

— Tchau, gato. — Acenou para ele e observou a S10 vermelha se afastar.

— Olha, deixa eu falar um trem, minha *fia*... Ele gosta mesmo *docê*. *Cê* tem que saber que quando ele gosta, ele gosta mesmo! Vai tratar *ocê* igual esposa! — Sara voltou sua atenção para dona Ester, que enxugava o rosto com um lenço de papel.

— Eu sei. Já percebi.

— *Ocê* cuida bem dele, viu?

— Pode deixar. — Sorriu para a sogra.

Se ela fosse mãe de alguém como Jonas, provavelmente faria a mesma coisa. Ou até pior. Despediram-se, Sara almoçou e foi trabalhar. Não demorou muito para receber uma mensagem do namorado.

Jonas:

Minha deusa, cheguei em Rio Verde.

Eu:

Amei esse apelido.

Jonas:

Você é uma deusa. Não dá pra chamar de outra coisa.

Eu:

Agora só vamos nos falar pela noite, né?

Jonas:

É, porque eu vou estar ocupado de dia.

Eu:

Tá bom.
Se cuida, caubói.

Jonas:

Já tô com saudade de você.

Eu:

Também!

Sentiu-se culpada por dizer aquilo. No fundo, não sabia se realmente sentiria a falta dele. Não tinha certeza se estava apaixonada de verdade ou se somente gostava de ser paparicada por um homem decente. Magoá-lo não seria certo. Mais uma vez, teria de lidar com essa dualidade emocional que sempre a acompanhou durante a vida. Era o preço a se pagar por ser do signo de gêmeos.



O mês de janeiro continuou normalmente, mesmo com Jonas fora. Eles se falavam todos os dias por chamada de vídeo por pelo menos uma hora, tranquilamente. Fora todas as mensagens durante o dia. Que seu namorado era grudento, Sara já sabia. Todo leonino era. Conhecer

sobre os signos permitia estar preparada para lidar com várias características das pessoas, fossem boas ou horríveis. Não era tão ruim, sentia-se amada e importante.

Na ausência do namorado, teve tempo de sair com seus amigos como costumava fazer antes, nos finais de semana. Programou de se encontrarem no Diablo Pub, certo dia, e depois estenderam a noite no apartamento dela, que não era muito grande, apesar de estiloso e muito bem decorado. A sala tinha um sofá grande e uma TV em cima de um móvel moderno. A cozinha conjugada era dividida por um aparador atrás do sofá, e possuía uma mesa redonda de pedra que combinava com os armários da pia. Ao lado, havia uma pequena lavanderia, e no corredor, dois quartos e um lavabo. A varanda ao lado da sala cabia uma mesa com duas cadeiras e dava vista para todo o centro da cidade.

— Amiga, tava com saudade de você. Não é a mesma coisa sem suas tiradas — lembrou a mulher chamada Iara, sua melhor amiga.

— Debochar sem a rainha do deboche não tem graça! — comentou Bianca, prima de Sara, do outro lado da sala.

— É que a Sarinha agora tá de namorado novo... — Romeu, seu primo, sentou-se do lado de Iara e enroscou o braço em volta do pescoço dela. — Amor, já conheceu o coitado?

— Infelizmente, não. Sarinha tá guardando a sete chaves — respondeu Iara.

— Gente, calma. Ele nem tá aqui — explicou Sara.

— Mas ele tava e você não quis reunir todo mundo. Eu sei, porque fui o primeiro a saber quando você aceitou o pedido dele — contou Romeu.

— Segundo, meu amor. Eu fui a primeira — Iara corrigiu.

— Segundo. Eu disse primeiro? Quis dizer segundo — Romeu consertou.

— Prima, mostra foto dele. Você não postou nadinha no Insta... — reclamou Bianca.

— Não fique tão animada porque ele não é nenhum galã de novela, Bibi. Eu nem sei se vai dar certo essa brincadeira. — Pegou o celular e mostrou a foto dele do Whatsapp.

— Mal começou e já tá desanimada assim? Nem foto com ele você tem — disse Bianca.

— Ele tá mais apaixonado que eu. Sinto que tô só seguindo a correnteza por enquanto. Mas o Jon é um fofo, isso não posso negar — falou Sara.

— Tadinho do caubói. Tá se metendo com uma onça e nem sabe. — Romeu riu e a prima jogou uma almofada nele.

— Sarinha é mais aleatória que tudo... Escolheu um caipira do interior logo depois de terminar com um professor de educação física super malhado e lindo. — Janaína, sua amiga do trabalho, entrou na conversa.

— Ele era um babaca — defendeu-se.

— Por querer que você fosse viajar com ele no Natal? Faça-me o favor, amiga — Lara repreendeu.

— Natal é sagrado, tem que ficar com a família. Aí ele ficou todo chateadinho, jogando um monte de indireta pra mim. Cansei dos dramas dele — contou Sara.

— Dois meses depois já tá com outro — recordou Romeu.

— Admite logo que você não gosta de ficar sozinha — afirmou Bianca.

— Eu ia dizer que ela gosta de tá solteira sem ser solteira. Doa a quem doer — comentou Janaína.

— Isso não pode ser só coisa do signo. Tem certeza que você não é bipolar? — perguntou Lara.

— Tenho. Eu sou assim e pronto — justificou Sara. — Parem de se meter na minha vida. Não que eu deva alguma satisfação pra vocês, mas saibam que assim que ele voltar, vou resolver isso.

— Como assim? — Romeu quis saber.

— Se eu não me apaixonar, vou terminar. Ele é legal e tal, mas não dá pra ter mais amizade que paixão.

— Você mal ficou com ele, amiga. Vai com calma. Pela primeira vez, alguém mais legal que bonito apareceu, talvez seja o cara certo. Você não vai saber se não o conhecer melhor — opinou Lara.

— Eu só dei uma chance pra ele porque além de beijar bem, é leonino. Não sei se vai dar certo esse negócio de namorar com ele viajando o tempo todo.

— Olha, eu nunca vi uma pessoa tão sortuda como você, Sarinha. Tudo cai na sua mão na maior facilidade, pra logo depois você decidir que não quer mais — declarou Janaína.

— Jana, o que eu posso fazer se enjoa fácil? Por que você acha que eu tenho quatro empregos? — rebateu.

— Vai ficar pra tia. Tia Sarinha, a única Catalão que não se casou. Vóvó vai amar isso — Romeu debochou. — Vai se chamar Sara Catalão Martins pra sempre.

— Cala a boca, Romeu. O sujo falando do meu lavado, né? Aquele que terminou com a Iara umas 200 vezes por pura insegurança... — mencionou Sara.

— Não me metam nessa história, não. O assunto aqui é Sara e Jonas. Patricinha e caipira. Água e óleo. Gustavo Lima e Taylor Swift — Iara se intrometeu, e todos riram.

— Te amo, amiga. — Sara levantou a mão, rindo, para bater na palma dela, que retribuiu o toque.



Mais um dia que começou. Menos um dia longe de Sara. Jonas acordava e a primeira coisa que fazia era riscar um número no calendário, que ele carregava para onde fosse, pendurado com um ímã na geladeira. Era um hábito antigo que agora fazia mais sentido do que nunca. Contava cada hora até poder ligar para ela. Eram seus últimos dias de trabalho antes de poder voltar para Goiânia. Depois disso, só precisaria ficar fora tanto tempo novamente no meio do ano. Saiu para almoçar naquela sexta-feira e pegou o celular. Estava sendo difícil aguentar a saudade e a vontade de ir embora.

Eu:

Oi, minha linda.
Saudade de você.

Hoje tá difícil. Vontade de ir embora. Saudade da minha mãe também.

Sara:

Oi, gato.
Fica assim, não. Faltam só alguns dias e você pode vir.
Liga pra sua mãe.

Eu:

Liguei hoje cedo. Ela disse que você não foi lá almoçar com ela ainda.

Sara:

Pois é. Tô tentando arrumar tempo, no almoço pra mim é corrido.
E no fim de semana, ela vai pra roça.

Sua consciência pesou por mentir. Ela havia inventado inúmeras desculpas para não se encontrar sozinha com a sogra. Apegar-se provavelmente traria mais dificuldades em terminar com Jonas se fosse preciso.

Eu:

Uma hora dá certo.
Como você tá?

Sara:

Tô bem.

Eu:

Você é um punhado mais forte que eu.

Sara:

É mais fácil pra quem fica do que pra quem vai.
Você muda totalmente de ambiente.

Sentiu-se mal novamente. Era nítido a diferença de sentimento entre os dois. A pouca convivência que tiveram e o tempo longo

separados fez com que Sara não visse muita diferença entre estar com Jonas ou ficar sem ele.

Eu:
Verdade.

Sara:

Fica triste não, caubói. Falta pouco.
Vai valer a pena depois, prometo.

Se ele não estivesse online, ela teria apagado essa mensagem. Arrependeu-se de ter prometido algo que talvez não pudesse cumprir. Jonas não merecia ser enganado desse jeito. Lembrou-se das previsões no horóscopo para o mês de fevereiro descrevendo que os geminianos se apegariam aos seus companheiros espiritual e mentalmente. Era justamente essa conexão que Sara ainda não sentia ter com Jonas. Seria a hora da verdade.

O goiano olhou para a janela da cozinha na sua frente e suspirou. Não se sentia melhor depois de conversar com Sara. Ela não havia dito que sentia a falta dele nenhuma vez desde que saíra. Tinha medo de que a distância tivesse ajudado para que ela se afastasse dele e a oportunidade de conquistá-la estivesse perdida. Torcia para que tudo melhorasse quando voltasse para casa, pelo menos, era o que iria tentar fazer, se reaproximar dela em todos os sentidos. Alguma coisa dentro dele dizia que ela valia a pena.

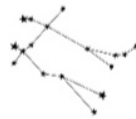
Naquela noite, ligou para a namorada como de costume. Sara parecia feliz. Contou sobre seu dia e como estava cansada demais para sair com os amigos. Riu das piadas e cantadas que sempre fazia para ela. Aparentava estar sendo sincera. Pensou se não o considerava mais um amigo do que amante. Seu coração doía ao pensar que talvez não fosse conseguir fazer seu relacionamento com ela durar, por mais que estivesse apaixonado. Talvez os dois fossem mesmo muito diferentes e ele teria de esquecê-la. Não podia obrigá-la a se sentir da mesma forma.

— Minha deusa, eu vou chegar depois de amanhã à noite, tá? Vai tá tarde, te vejo no outro dia, pode ser? — perguntou, já se deitado na cama, com o celular na mão.

— Que horas você chega?

— Umas onze.
— Vem pra cá. É mais perto que na sua mãe. Você vai tá cansado.
— Uai, precisa não. — Não queria forçá-la a nada.
— Gato, você tá com saudade de mim ou não?
— Tô morrendo afogado já.
— Então vem. Vou te esperar linda e plena. — Sara beijou o próprio ombro e sorriu.

Esse encontro provavelmente definiria o futuro dela na vida do caubói. Caso não sentisse nada extraordinário, terminaria. Ela já havia feito isso com todos os seus ex-namorados, não seria tão difícil dessa vez.



Sara vestiu uma roupa nova que comprou no dia anterior. Jonas mandou uma mensagem avisando que estava chegando alguns minutos antes e começou a ficar ansiosa desde então. Seu coração estava acelerado e olhava o tempo inteiro no espelho. O que mudou? Por que de repente ficou nervosa só de pensar em vê-lo?

A campainha tocou meia hora depois. A geminiana respirou fundo, checou o olho-mágico para se certificar de que era seu namorado, e abriu.

— Oi, gato! — disse ela, com um sorriso de orelha a orelha que não sabia explicar de onde tinha vindo.

O goiano sorriu de volta e falou:

— Oi, minha deusa. — E a abraçou apertado pela cintura, levantando-a do chão. — Que saudade, minha flor. Coisa mais linda desse mundo *todim...*

Sara sentiu seu coração disparar como um cavalo selvagem ao ser carregada no colo para dentro. Ser abraçada com tanta ternura e afeto por alguém que ela achava não gostar o suficiente deixou-a confusa. O nervosismo tomou conta dela completamente quando Jonas a soltou, pegou a mala no hall do apartamento e fechou a porta atrás de si.

— Como foi a viagem? — Sorriu, tentando esconder a confusão em sua mente.

— Cansativa, mas foi boa. — Ele tirou o chapéu e o colocou em cima do móvel da TV.

— Tá com fome?

— Não. Passei num *drive thru*. Não queria dar trabalho *procê*.

— Você não dá trabalho, lindo. — Surpreendeu-se com o próprio comentário.

— Posso banhar? Tô fedendo rua.

— Claro, vem cá. — Sara o puxou pela mão e o levou até o banheiro do seu quarto.

Jonas abriu a mala, pegou suas roupas e foi tomar um banho. Assim que fechou a porta, ela se jogou na cama, respirando fundo. O que quer que achasse não sentir por ele, obviamente estava bem vivo dentro dela, pulsando e ameaçando sair pela boca. O sorriso que ele deu quando abriu a porta não saía da sua cabeça. O jeito que a abraçou e a forma como falou com ela, tudo isso dizia que a amava. Mesmo estando longe, mesmo ela não correspondendo tudo que ele sentia e demonstrava. Uma vontade avassaladora de abraçá-lo novamente surgiu com essas ponderações. Sentou-se na cama e aguardou que o namorado terminasse o banho.

— Banhar é *bão* demais. Recupera qualquer cristão — disse, saindo do banheiro, enquanto terminava de enxugar o cabelo.

Ele estava usando shorts e ainda não tinha vestido a camiseta. Isso causou um rebuliço no estômago de Sara.

— Caubói...

— Hum? — perguntou, olhando-se no espelho.

— Senta aqui. Quero te falar uma coisa. — Bateu a mão na cama, ao seu lado.

Jonas pendurou a toalha por cima da porta e obedeceu. Sara o encarou, serena, disse:

— Senti sua falta. Muita. Meu corpo inteiro tá sendo bombardeado por toda a saudade que eu senti e não tinha noção. Foi só quando você chegou que eu percebi.

Jonas suspirou e sorriu, sentindo-se aliviado. Colocou a mão no rosto da namorada e a beijou devagar.

— Que bom, minha deusa — falou, sem interromper o beijo.



Sara acordou e sentiu um braço pesado por cima dela. Sorriu, com preguiça, e virou-se para se aninhar em Jonas. Ele era alto, por tanto conseguia se encaixar perfeitamente no peito dele sem ficar com os pés para fora da cama. O namorado a abraçou e sussurrou um “Bom-dia” sem abrir os olhos.

— Alguém estava muito cansado. Nem acordou antes de mim.

Ele suspirou, sem responder, e começou a fazer carinho no cabelo dela.

— Sabe quantas vezes eu bebi café desde que você viajou?

— Nenhuma. — Jonas abriu os olhos e a encarou.

— Exato.

— Acho que eu bebo café umas sete vezes no dia. — Lembrou que a namorada geralmente não gostava de comer nada pela manhã, muito menos tomava café. — *Cê não precisa beber só porque eu fiz.*

— Mas eu acho fofinho você fazer e trazer pra mim todas as vezes.

— Vou me levantar pra fazer *procê*, então. — Beijou-a, e se mexeu.

— Quer fazer o que hoje? — perguntou, enquanto o observava se vestir.

— Uai, eu pensei que *nós podia* ir almoçar lá na minha mãe. O que *cê* acha?

— É uma boa ideia. Tô devendo isso pra ela. Só vou ligar pra minha e avisar que hoje não vou poder ir lá.

— Esqueci que domingo *cê* também almoça com seus pais... Melhor *ocê* ir.

— Não tem problema, gato. Você acabou de chegar.

— Certeza?

— Sim. — Sara sentiu um frio na barriga.

Para quem estava prestes a terminar o namoro, almoçar com os sogros não parecia a jogada certa. Aquela dúvida sobre seus sentimentos quanto a Jonas parecia ter diminuído significativamente depois da noite anterior, todavia, ainda se sentia culpada por algum motivo e decidiu que era hora de recompensar o namorado por sua frieza.

— Ei — chamou-o, antes que saísse do quarto. — Preciso de um abraço já que você vai me abandonar.

— Só vou fazer café. — Jonas se virou e olhou para a namorada que ainda estava debaixo das cobertas.

— Não interessa.

Ele riu, foi até ela e a abraçou, beijando seu pescoço. O que havia mudado? Talvez estivesse errado desde o início e Sara apenas precisasse de mais tempo. Decidiu que era melhor aproveitar o momento em vez de tentar encontrar um motivo para as demonstrações de afeto repentinas dela.

— Qual é o seu problema? Por que seu abraço é tão bom? — perguntou Sara, grudada nele.

— Uai, não sei. — Jonas afastou-se, e a encarou.

— Você tá proibido de abraçar alguém que não seja eu, desse jeito, ouviu?

— Mas que jeito é esse? — Ele riu.

— Ai... É difícil de explicar. Quando você me abraça parece tão... sagrado, devoto. Não dá vontade de sair.

— Eu te abracei do mesmo jeito de antes, uai. Por que agora tá diferente?

— Acho que tô apaixonada por você. Só pode ser isso.

Jonas franziu a testa, surpreso com a sinceridade dela em admitir que não estava antes.

— Tive que ficar sem você pra ver como é bom estar *com* você.

— Uai, credo. Assim eu fico até sem jeito, sô. Que *bão*, minha flor.

— Agora pode ir fazer o café.

Jonas sorriu. Deu um selinho nela e se levantou, sentindo-se mais feliz que criança no Natal. Fez o café e levou para Sara, que estava terminando de se arrumar.

— Pra que isso tudo? *Cê* tá chique demais, minha deusa. Lá em casa é tudo simples, meus pais são simples. Não precisa ficar toda arrumada assim, não. — Reparou que Sara usava um vestido sem alças longo de tecido fino e sandália plataforma.

— Nem tô chique.

— Uai, credo. Quando *cê* tiver chique eu não vou ter um *parêi* de roupa pra sair *cocê*, então.

Ela riu e bebeu o café.

— É até *bão nós ir* na minha mãe, porque eu vou mudar de lá esse mês ainda.

— Ah, é?

— Eu e um amigo meu *tamo* alugando uma casa. Ele tá procurando alguém pra dividir *as despesa* e eu tô doido pra ter meu canto. Minha irmã mora sozinha faz tempo.

— Boa ideia. Ele é legal? Eu li que o mês de fevereiro vai ser estressante pra você. Talvez seja por causa dessa mudança de casa. E vai enfrentar instabilidade no amor também, então acho bom você ficar muito quietinho com esse amigo...

— Onde *cê* leu esse trem?

— Previsão do horóscopo pro seu signo, caubói.

Jonas riu.

— Melhor você ficar esperto. A previsão do meu signo acabou de se confirmar.

— Como?

— Dizia que os geminianos iriam se conectar espiritual e mentalmente com seus companheiros, o que na parte física já acontecia. E foi exatamente o que ocorreu aqui.

— Não entendi foi nada.

— Eu e você sempre demos certo fisicamente desde o início. Mas eu ainda não tinha me apaixonado por você.

— Tendi. *Cê* acredita mesmo *nesses trem*, né?

— Você não?

— Eu não. Acho que é *nós que escolhe* o que quer da vida.

— Mas uma ajudinha dos astros não mata.

— *Cê* que sabe, minha deusa. *Ocê* pode fazer o que te deixa feliz. Fica tranquila que eu vou ficar esperto.

— Obrigada, lindo. — Sara deu um beijo nele, que sentiu o coração aquecer.

Entraram no carro e foram até a casa dos pais dele no Jardim América. O bairro de classe média e muito bem localizado, próximo ao centro de Goiânia, era preenchido de casas, em sua maioria, o que fazia com que o lar dos Viana se destacasse pelo exterior rústico. A garagem estava vazia, e o carro do pai estacionado na calçada. Duas cadeiras de fio se encontravam na pequena varanda perto da porta principal, ao lado de um grande banco de madeira encostado na parede. Havia um jardim muito bem-cuidado ao lado da garagem, cheio de flores, suculentas e um pé de banana próximo ao muro. O sobrado pintado de verde externamente era simples também do lado de dentro. A sensação que Sara teve foi a de entrar na casa de alguém que morava no interior. Uma mistura de móveis antigos — provavelmente herdados através dos anos — e um sofá recém-comprado enchiam a sala. Cada superfície achava-se coberta por panos feitos de crochê combinando entre si, assim como os tapetes espalhados no chão. Dona Ester surgiu acompanhada do marido, que Sara ainda não conhecia.

— Oi, minha querida! Finalmente *ocê* veio aqui! — A mulher abraçou sua nora acaloradamente. — Esse é meu marido, Joaquim. Mas todo mundo *chama ele* de Joca mesmo. — Apontou para o senhor ao seu lado que usava óculos e tinha o cabelo totalmente branco.

— Agora eu sei por que o Jon é tão alto! — Sara cumprimentou o sogro com um abraço e um beijo no rosto.

Joaquim era provavelmente apenas uns cinco centímetros mais baixo que o filho.

— *Ocê* é ainda mais bonita do que meu *fi* contou. Ele né bobo, não! — Seu Joca sorriu e abraçou Jonas logo após Ester.

— *Vamo* almoçar que a comida já tá pronta! — comunicou a senhora com roupas estampadas e chinelos, mostrando o caminho até a cozinha.

Todos se serviram e sentaram-se na grande mesa de madeira instalada nos fundos da casa. O quintal tinha piscina, grama e mais flores milimetricamente plantadas de modo a enfeitar o espaço todo. Duas redes estavam penduradas entre as pilastras que sustentavam o telhado da varanda, ao redor da mesa. Uma grande churrasqueira estilo americano moderna e portátil descansava próximo à porta da cozinha, do lado de fora.

— Que delícia de casa, dona Ester — comentou Sara, enquanto comiam.

— Gostou, minha *fia*? Aqui é simples, mas é *arrumadim*. Eu não sabia se *ocê* gostava de pequi, então fiz separado do arroz. Meu *fi* gosta mesmo é dele no meio do arroz e do frango.

— Tá *bão* demais da conta, mãe — Jonas elogiou, roendo um pequi.

— Eu amo. Só não gosto muito de guariroba. Mas se estiver no meio de alguma coisa, eu como — disse Sara.

— *ocê* sabe fazer pamonha? Porque o Jonas vive de pamonha se deixar. É no café da manhã, almoço e janta — contou a mãe.

— Para de interrogar a moça, *muié*. — Joaquim cutucou a esposa com o cotovelo, enquanto comia um pedaço de frango que segurava com as duas mãos.

— Não vejo problema nenhum em viver de pamonha, desde que seja doce. É muito bom. Mas eu pago o que for necessário pra não ter que fazer, dá trabalho demais. — Sara sorriu.

— Ninguém gosta de fazer esse trem — falou Jonas.

— *Cê* gosta — retrucou Dona Ester.

— Eu sou obrigado, na verdade. Gostar, gostar... não gosto, não. — Sua namorada riu e colocou a mão para tampar a boca que estava cheia.

Eles tinham acabado de almoçar quando sua mãe começou a contar histórias de quando Jonas era criança e como cresceu na roça. Ele reparou que Sara ouvia tudo mesmo conhecendo algumas que havia contado nas ligações que fizeram enquanto esteve fora. Ela apoiou o queixo na mão e o cotovelo na mesa, atenta à sogra, quase sem piscar. O rapaz sentiu-se grato por, apesar da origem de família rica, Sara não se importar com sua vida simples. Lembrou-se de como ela detestava ser conhecida pelo sobrenome Catalão, já que remetia à família de sua mãe,

dona do Grupo Catalão, empresa alimentícia muito conhecida no centro-oeste por manufaturar arroz, feijão, açúcar, trigo, salgadinho de milho, todo tipo de bolacha e etc. As pessoas a encontravam e automaticamente pré-julgavam conhecer sua vida e personalidade por causa do dinheiro da família. Por isso ela sempre se apresentava como Sara Martins, sobrenome de seu pai.

— *Cê gostou dos meus véio?* Eles falam *pelos cotovelo*, mas são gente boa — perguntou Jonas, mais tarde, enquanto a levava de volta.

— Demais, são muito simpáticos.

— E a comida?

— Incrível. Me lembrou a comida da minha vó quando ela ainda cozinhava. Parece também com a da minha mãe quando resolve cozinhar.

— Ela não cozinha sempre?

— Raramente. Só quando for um evento especial ou quando peço pra ela alguma coisa específica que eu tô com vontade. Hoje em dia, ela e meu pai comem mais fora.

— Todo dia?

— É.

— Misericórdia.

— Eu também não gosto de cozinhar todo dia. Mas eu sei fazer pamonha e arroz com pequi se você quiser. — Sara encarou Jonas segurando o riso.

— *Cê não levou a sério o que a minha mãe disse, né?* — Ele balançou a cabeça em negação. — Minha mãe vive *nos tempo* de antigamente ainda. Pra ela, a *muié* tem que saber cozinhar, lavar e passar pra casar comigo.

— Errada ela não tá. Todo mundo precisa saber fazer essas coisas. Porém, aposto que não te ensinou a fazer isso, só a sua irmã.

— Coitada, a Elena detesta mexer com trem de casa. Eu aprendi a fazer *as coisa* porque insisti pra minha mãe me ensinar. Se dependesse da *véia*, eu ia ficar sentado enquanto colocava comida no meu prato, que nem ela faz com meu pai.

— Minha nossa. — Sara deu uma gargalhada.

Era bom saber que Jonas não pensava como a mãe.

— Eu só não sou muito *bão* na cozinha. Mas consigo me virar se não tiver jeito.

— Se você quiser eu te ensino. Sou boa professora.

— Uai, brigado. Pior que *cê* parece que é paciente. Se fosse qualquer outra patricinha, não teria ouvido metade da conversa da minha mãe.

— Sua mãe é uma graça. Se tem uma coisa que eu amo é ouvir histórias. Você já era fofo desde criança. Um leonino fofo e bonzinho. — Sara acariciou o rosto dele.

— Eu nunca fui de *caçar rilia* mesmo não. Se eu puder evitar... Mas mexe com a minha deusa *procês* ver um homem ficar bruto!

Sara riu e beijou a bochecha dele. Voltaram para o apartamento dela e ficaram juntos até a manhã seguinte. Jonas acordou com a luz do sol que penetrava por uma fresta na cortina e esfregou os olhos. Pegou o celular e olhou as horas: 9:40. Uma das vantagens de ser seu próprio chefe era não ter horário nem dia fixo de expediente. Checou as notificações no celular e leu uma mensagem de Sara.

Sara:

Fui trabalhar, caubói. Fica à vontade aí se quiser.
Tenha um bom dia!

Eu:

Bom dia, minha rainha.

Sara:

Uau. Me senti a dona do seu coração.

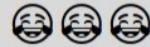
Eu:

Você é. Dona da minha vida.

Sara:

Não dá ideia não...

Eu:



Que horas você sai?

Sara:

18:00

Eu:

Te vejo à noite, então. Vou sair com o Mateo pra resolver as coisas da nossa casa.

Sara:

Seu amigo que vai dividir o aluguel com você?

Eu:

É.

Sara:

Pode deixar a porta destrancada.
Juízo.

Eu:

Sim, senhora, minha deusa.

Sara desligou a tela do celular, e sorriu.

Sara desligou a tela do celular, e sorriu.

— Conte-me tudo e não esconda nada! — Janaína cutucou a amiga, percebendo seu olhar.

— O que, sua doida?

— Tá de *boy* novo?

— Você fumou? Lógico que não. É o mesmo.

— O *agrob*oy? Então você tá apaixonada!

— Óbvio.

— Pelo que você tinha dito, jurava que isso não ia vingar. Você é uma caixinha de surpresas.

— Parece que eu não consegui resistir. Já conheci até a sogra e o sogro.

— Mentira! — Janaína arregalou os olhos.

— São um amorzinho.

— Menina! Já contou pra Iara?

— Já.

— Droga.

— Para de competir por fofoca. Tô rodeada de amigas desocupadas.

— A culpa é sua que tem a vida mais interessante que eu conheço.

— Enquanto as pessoas estão sonhando, eu tô vivendo. — Sara riu, vitoriosa, e Janaína revirou os olhos.

Chegou em casa, pediu algo para comer e recebeu uma ligação do namorado assim que se sentou no sofá para assistir alguma coisa.

— Oi, gato.

— Oi, minha deusa — falou Jonas pausadamente, como se a elogiasse. — *Cê tá boa?*

— Eu tô. *Cadê você?*

— Então, tô enrolado. Surgiu uma casa e nós fechamos o negócio. Já *tamo mexendo* com mudança.

— Nossa, que rápido.

— Não vou conseguir ir aí.

— Não tem problema. Amanhã a gente se vê. Precisam de ajuda?

— *Ocê vai vir ajudar como, trem? Com esse tanto de serviço que cê tem?*

— Posso mandar comida pra vocês. E à noite, eu tô livre.

— Deixa de rolo. Quando aqui tiver decente *cê* vem pra conhecer a casa.

— E o Mateo.

— *Ocê tá desconfiada dele, né?*

— Só vou ficar tranquila quando aprová-lo.

— Pra quê?

— Pra morar com você. Vai que ele é uma má influência pro meu caubói puro e lindo? — Jonas riu.

— *Cê vai gostar dele. Fala mais que tudo no mundo.*

— Isso foi uma indireta, Jonas Barbosa Viana?

— Eita. Não, minha deusa. *Cê é o trem mais perfeito desse mundo.*

— Acho bom. — Os dois deram gargalhadas. — Dorme bem, gato.

— *Cê também, minha flor. Dorme com os anjo.*

Jonas desligou o telefone e sorriu.

— Ô Branca de Neve, não vai ter príncipe nenhum pra ajudar a gente aqui, não! Agiliza aí, moço! — chamou Mateo.

— Tô indo. — Guardou o celular no bolso e voltou a carregar algumas caixas.

— E aí, ela vai vir hoje?

— Falei pra vir quando os *trem* tiver arrumado.

— Então ela só vai vir daqui um ano, meu chapa. — Mateo riu.

— Seu quarto e suas coisa *cê* faz a bagunça que quiser. *Meus trem* é tudo *arrumadim*. Nem vem.

— Fora que não temos sofá, nem cama, nem geladeira...

— Eu sei.

— Ela não é granfina? Você que disse.

— É, mas ela não é metida, não.

— No início do namoro ninguém é, Jon.

— Minha deusa é gente boa. *Cê* vai ver.

— Tomara que você não esteja caindo igual um patinho numa armadilha.

— Por que *cê* diz isso? Só por ela ter gostado de um cara que nem eu?

— Você tem que admitir que não é normal uma patricinha namorar um roceiro.

— Eu também não achava até conhecer melhor a Sarinha. Ela não é o que parece.

— Quanto tempo vocês tão juntos mesmo?

— Faz um mês e meio que a gente se conheceu.

— E já tão namorando? Meu amigo... Você é o maior pegador escondido atrás dessa camisa xadrez!

— *Cê* besta, trem. Eu só conversei com ela. O não eu já tinha, mas ela me deu bola. Sorte a minha. *Ocê* para de torcer contra.

— Quem sou eu! — Mateu riu, debochando do amigo.

Jonas não acreditava no que ele havia insinuado. Sofrera preconceito pelo jeito de falar e de se vestir, inclusive de pessoas exatamente como Sara. Todavia, a namorada era uma pessoa sincera e com certeza não teria deixado um caipira entrar na sua vida sem de fato querer. Pelo contrário, sentia-se sortudo por finalmente ter encontrado alguém que se preocupava com ele e não se importava com nada mais além do sentimento. Estava ansioso para conhecer melhor aquela mulher

linda, sua história de vida e pelo que passou até pousar na boca e na vida dele.



Sara suspirou ao colocar o celular na mesa. Seria mais uma noite sem ver Jonas, graças ao trabalho que ele estava tendo em organizar sua casa nova. Foi dormir chateada com isso, pois o namorado mal chegara e ainda não tivera tempo de ficar com ela. Decidiu que, no dia seguinte, iria visitá-lo de surpresa, para que não pudesse desmarcar.

Levantou-se cedo, deu suas aulas de inglês, almoçou, e foi para o jornal. No caminho, ligou para a sogra e pediu o endereço novo de Jonas. Ester prontamente aceitou e concordou em não dizer nada ao filho, já que Sara explicou querer fazer uma surpresa. Assim que cumpriu seu horário no O Popular, passou numa pamonharia e foi direto para a casa do namorado, que ficava em Aparecida de Goiânia, uma pequena cidade colada na capital, quase uma extensão dela. Tinha tudo de moderno e de sofisticado que uma cidade grande possui, e ao mesmo tempo, aquele ar de bairro e interior da cidade pequena.

— Jon! Sua namorada é Sara, né? — perguntou Mateo, depois de atender o interfone.

— É.

— Ela tá vindo aí.

— Uai, como? Não dei meu endereço pra ela ainda. — Jonas intrigou-se.

— Nunca duvide da capacidade investigativa de uma mulher. Vai ver hackeou seu celular e você nem sabe.

Ouviram uma buzina e Jonas abriu o portão eletrônico. Um Jeep Renegade branco entrou no terreno grande e Sara estacionou ao lado da caminhonete do namorado.

— Uai, minha deusa... — Jonas foi até a porta do carro.

— Oi, lindo! Trouxe pamonha! — A geminiana sorriu e desceu com seu salto plataforma pisando no cascalho que envolvia todo o quintal em volta da casa.

Ela vestia uma calça jeans boca de sino e uma camisa branca de seda meio transparente. Trazia uma sacola grande em uma mão e um refrigerante na outra.

— Deixa eu ajudar *ocê*. — Jonas deu um selinho nela e pegou a sacola pesada. — Não precisava *desses trem*, não, uai.

— Eu quis agradar vocês.

— Como *cê* achou nós? — Conduziu a namorada até a entrada.

Jonas vestia shorts e uma camiseta, usava chinelos e um chapéu branco de vaqueiro. A varanda era extensa, cheia de pilastras, uma grande mesa de madeira com dois bancos sem encosto, churrasqueira e uma mesa de sinuca bem na frente. A cozinha ficava ao lado.

— Pedi pra sua mãe.

— Danada, *ocê*.

— Você não vai me ver, então eu vim. — Fez bico, e observou o caipira guardar o refrigerante na geladeira.

A cozinha não tinha nada além da pia com armários, fogão e uma geladeira pequena.

— Ô, minha deusa. Eu queria, mas *nós tava* correndo *atrás dos trem* pra por aqui em casa. Nem geladeira tinha, aí nós arrumamos essa aqui numa *loja de usado*.

— Vocês se mudaram numa pressa... Por isso.

— Se não fosse assim *nós perdia* a casa. Tinha gente na fila.

— E por que essa casa? — Sara aproximou-se e encostou-se na pia, ao lado de Jonas.

— Gostei demais desse quintal. Dá pra fazer um galinheiro e adotar *uns cachorro*. O Mateo trouxe até uma mesa de sinuca.

— Não tem galinheiro na fazenda? — Sara franziu a testa.

— Uai, tem, mas aqui não. Todo *tanto* de bicho é *bão*. — Ela riu.

— Você é muito puro, caubói. — Abraçou o namorado e o beijou.
— Cê veio chique demais, uai. Aqui não tem nem cadeira *procê* se sentar.

— E daí? Relaxa. Eu vim direto do trabalho.

— E aí, deusa? — Mateo entrou na cozinha e ofereceu a mão para Sara.

— Esse é meu amigo, Mateo. Essa é a Sarinha. Deusa é só eu que falo — Jonas o apresentou, de cara feia.

Os dois se cumprimentaram e Sara riu.

— Você é de família italiana? Nunca tinha visto um Mateo por aqui.

— Que nada, minha vó era apaixonada por novelas de rádio. Ouviu isso em uma e obrigou minha mãe a colocar esse nome em mim.

Ela deu uma gargalhada.

— Vou continuar a tradição da família colocando o nome do meu filho de Bino.

Dessa vez foi Jonas que riu e disse:

— Minha deusa trouxe pamonha pra nós.

— Eita! Já gostei de você, deusa.

— Mas rapaz...

— Desculpa. Sarinha — Mateo corrigiu, e depois riu.

O amigo de Jonas era mais baixo, magro, e seu cabelo escuro e raspado na lateral. Usava um topete que terminava em uma franja caída na testa. Sentaram-se na mesa da varanda e a primeira coisa que Sara fez foi tirar as sandálias.

— Cê vai se sujar toda, minha flor. Nós não *limpamo* aqui ainda.

— Não tem problema. Eu quero uma pamonha doce. — Ela levantou o prato, esperando para que o namorado colocasse uma pamonha.

— É bom mesmo, porque aqui é casa de homem. Capaz que só vai ser limpa quando começar a atrair bicho.

— *My gosh*. — Sara riu.

— Só se for nos *seus trem*. Se fosse assim, eu não ia deixar minha deusa vir aqui, era nunca. — Jonas balançou a cabeça, repreendendo Mateo.

— Eu não tenho frescura, gente. Fiquem tranquilos. — Começou a comer.

Aproveitou para perguntar sobre como os dois haviam se conhecido. Mateo era produtor de eventos e encontrou Jonas em uma exposição agropecuária. Acabou tão bêbado no final que o caipira teve de ajudá-lo a voltar para casa.

— Você ficou bêbado no próprio evento? — perguntou Sara.

— Pra você ver.

— Mateo bebe demais — comentou Jonas.

— E como um *agroboy* e um cachaceiro ficam amigos?

— Uai, nós somos um punhado parecidos.

— Nos princípios. Porque eu bebo, ele não. Só ando de chinelo, bermuda e camiseta, ele usa chapéu 24 horas. Eu termino um namoro, começo outro, o Jonas raramente tá com mulher.

— Assim minha deusa vai achar que eu sou um eremita, trem. Nós fomos dando certo, uai. O Mateo é um dos *pouco amigo* que fiz na vida que não ficou querendo *mudar eu*. — Jonas terminou de comer.

— E ele também não ligava pra quantas vezes eu tomava uma. Nós viramos parceiros. Já faz o quê? Uns três anos? — Mateo fechou um olho, tentando se lembrar.

— Por aí — disse Jonas.

Conversaram por mais um tempo e Sara fez várias perguntas sobre a vida de Mateo. Descansou a cabeça na mão que estava apoiada na mesa pelo cotovelo, cruzou as pernas em forma de borboleta e riu do jeito engraçado do falso italiano. Seus pais tinham vindo de Minas Gerais para Goiás quando ele era criança procurando oportunidades melhores de emprego. Batalharam muito para dar ao filho uma vida boa, e hoje ele era quem os sustentava. Jonas achou interessante a curiosidade dela pela vida do amigo. Ela realmente gostava de ouvir histórias. Mais tarde, mostrou o resto da casa e seu quarto.

— Quando aqui tiver mais ajeitado *cê* vem dormir comigo.

— Já tá tudo arrumadinho, caubói. Você é bem-organizado. — Reparou a cama impecável, todas as roupas no guarda-roupa e as botinas enfileiradas debaixo da mesa ao lado do banheiro.

Um berrante grande estava pendurado perto da janela.

— Mas tem que deixar arrumado *procê* — insistiu.

— Deixa de ser bobo. Não me importo com essas coisas. — Sara se pendurou no pescoço dele.

Ela continuava descalça, tinha dobrado as mangas da camisa e amarrado o cabelo.

— *Ocê* é linda demais da conta mesmo. — Jonas sorriu.

Quando ele o fazia, seu rosto quadrado se acentuava. No canto dos olhos, marcas de expressão com desenho de pés de galinha apareciam, deixando-o charmoso.

— Tá tarde. Eu devia levar *ocê* em casa.

— Eu tô de carro.

— Posso ir com o Mateo devolver *procê* amanhã cedo.

— Não, senhor. Dá trabalho demais. Posso muito bem ir sozinha.

— Mas é longe.

— Eu te aviso quando chegar. — Ela se afastou e encaminhou-se para o outro lado do corredor.

— Se acontecer alguma coisa, *cê* me liga na hora. — Jonas foi atrás dela.

— Pode deixar. — Bateu na porta. — Mateo? — Abriu, depois de ouvi-lo autorizar. — Já tô indo, a gente se vê depois.

— Vai na paz, Sarinha. Bom conhecer você. Juízo — falou, com um olhar suspeito.

— Juízo você também, viu? Cuida bem do meu namorado senão vai sobrar pra você. — Riu.

— Olha só, já me avisa logo se você é do tipo Bruxa do 71. Preciso me preparar pra guerra, uai!

Sara deu uma gargalhada e fechou a porta.

— Desculpa qualquer coisa que o Mateo disse — comentou Jonas, levando-a até o carro.

— Ele é uma simpatia. Gostei dele.

— Às vezes, faz muita graça.

— Re-la-xa, caubói. Você tá tenso demais! — Sara virou-se de frente para ele e apertou seus ombros.

O namorado respirou fundo e abraçou-a pela cintura.

— É que eu fico na dúvida se tô ou não agradando *ocê*.

— Para de se preocupar. Se você não estivesse me agradando, eu com certeza diria na mesma hora.

— Mesmo?

— Aham. Você tá fazendo a mesma coisa que todo mundo faz comigo. Não é porque eu tenho uma casa e coisas legais, roupas bonitas,

um carro, que eu não tolero nada menos que isso. Que eu não posso me sujar... — Ela sorriu. — Prometo pra você que aqui só a casca é de patricinha.

— Se *ocê* diz, então eu acredito. Fico feliz demais da conta. — Jonas beijou-a demoradamente.

Sara entrou no carro, jogou a sandália no chão do lado do passageiro e colocou a bolsa no banco.

— Desculpa vir sem avisar.

— Quê isso, minha deusa. *Cê* pode vir quando quiser. *Nós é* um time agora. — Deu um selinho nela. — Me avisa quando *cê* chegar.

— Aviso, gato. Tchau. — Ligou o carro e saiu.

No caminho, colocou sua *playlist* do Justin Bieber no Spotify e cantou cada música. Chegou em casa, tirou a roupa e tomou um banho. Ainda enrolada na toalha, sentou-se na cama e mandou uma mensagem.

Eu:

Cheguei, caubói.
Já tô cheirosa e pronta pra dormir.

Jonas:

Bom demais.
Vem pra dormir aqui um fim de semana,
pra você não ter que voltar tão tarde.

Eu:

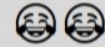
Tá bom.
Tava pensando em te levar na minha mãe domingo.

Meu pai não vê a hora de te conhecer.

Jonas:

Misericórdia.

Eu:



Fica tranquilo. Ele é um anjo.

Jonas:

Não pro caboco que tá dormindo com a filha dele.

Eu:



Jonas:

Você vai ter que me ajudar nesse trem.

Eu não sou bom em falar com as pessoas que nem você.

Eu:

Cadê o leonino que mora em você, gato?

Jonas:

Eu sou tímido e sistemático.

Eu:

Não se preocupe que eu seguro na sua mão.

Jonas:

Eu mirei na patricinha, mas acertei numa rainha.

Cada hora gosto mais de você.

Eu:

EU QUERO AMASSAR VOCÊ!

Jonas:



Dorme com os anjos.

Eu:

Você também, lindo.

Sara riu e se levantou para colocar um pijama. Será que era possível, em vez de um caipira, ter ganhado um cavaleiro do cavalo branco?



MIREI NO QUE ME FAZ BEM

Jonas combinou de se encontrar com a namorada no apartamento dela, no domingo, para irem juntos à casa de seus pais. Sentia-se nervoso principalmente depois de ela contar que mais familiares estariam presentes. Ele usava uma camiseta azul, calça jeans, seu costumeiro chapéu e botinas. A fivela no cinto também estava lá. Sara já havia se acostumado com o vestuário dele, achava que tinha tudo a ver com seu jeito de ser.

— Cê vai arrumada desse tanto na casa dos seus pais? — O caipira surpreendeu-se, sentado na cama, observando-a.

Sara vestia uma blusa de alças jeans com saia longa preta e uma sandália de salto quadrado. Seu cabelo levemente ondulado parecia muito bem-cuidado e ela passava uma maquiagem leve enquanto se olhava no espelho do banheiro.

— Se eu soubesse, tinha colocado uma camisa mais ajeitada, uai.

— Amor, deixa de paranoia. Eu vou sempre assim lá em casa.

— Uai, credo. Na minha família, todo mundo vai de chinelo na casa uns *dos outro*.

— Toda família tem suas peculiaridades, gato. Tô pronta, vamos?

— *Vamo*. — Pegou na mão dela, e saíram.

O condomínio onde os pais de Sara moravam — o mesmo de Luiz — ficava bem próximo, e numa parte mais nobre do Setor Bueno. Era apenas um apartamento por andar.

— Gosto mais do chapéu preto. — Sara elogiou, enquanto esperavam o elevador.

— Uai, brigado. Achava que *ocê* nem gostava das *minhas roupa*.

— Por que eu não gostaria?

— Não sei. Não é seu estilo.

— E só por isso eu não posso achar que você fica bonito assim? A gente não precisa ter o mesmo estilo pra gostar um do outro.

— Não precisa mesmo, não. *Cê* tá certa.

— Não quero que mude pra se encaixar na minha vida. Eu gosto de você do jeitinho que é. Você me faz bem e é isso que importa, caubói.

Jonas sorriu, e a beijou. Não conseguia pensar em nada melhor para agradecer aquelas palavras. Afastou-se quando o elevador parou e Sara abriu a porta do apartamento sem bater.

— Oi, família! — falou alto, chamando a atenção de todos enquanto entrava com o namorado.

— Filha! — Uma mulher que estava sentada à mesa conversando, levantou-se e foi na direção deles.

Ela era bonita, com o cabelo castanho na altura do ombro, vários anéis espalhados nos dedos e um grande colar no pescoço. Usava um vestido casual e uma sapatilha.

As duas se abraçaram e Sara disse:

— Amor, essa é a minha mãe, Suzana.

— Prazer. A senhora tá boa? — Jonas sorriu e abraçou a sogra.

— Nossa, querido, você é muito alto! Dudu, amor, vem cá um minuto! — Dona Suzana chamou o marido, que falava ao telefone na varanda.

O apartamento era enorme. A sala de estar moderna e chique ficava bem próxima ao hall de entrada. Sem separação de paredes, ao lado, havia a sala de jantar e a cozinha. A varanda ficava entre ambas, iluminando tudo. Era tão grande que uma mesa para espaços externos estava disposta lá. Provavelmente, os quartos ficavam onde um longo corredor levava, à direita, perto do lavabo. Toda a decoração fazia Jonas lembrar das casas de pessoas ricas nas novelas.

— Finalmente tivemos o prazer da sua presença, meu caro. Seja bem-vindo. — Eduardo, pai de Sara, o cumprimentou.

Ele era alto, mas não tanto quanto Jonas. Seu cabelo era grisalho e os olhos cor de mel como os de Sara. Usava uma camisa gola polo, bermuda jeans e um mocassim.

— Quem é vivo sempre aparece! — Romeu se aproximou também.

O primo sobre o qual Sara mais havia falado os cumprimentou. Ele era mediano e tinha um pouco de barba por fazer. Usava óculos e seu cabelo escuro precisava de um corte e começava a enrolar nas pontas.

— Prima! Enfim trouxe o Jonas pra gente conhecer! — Bianca logo o cumprimentou.

Ela se vestia exatamente como Sara. A diferença era o cabelo curto e liso, e estatura mais baixa.

O *agrobroy* seguiu sendo apresentado a várias pessoas diferentes, entre primos e tios de Sara. Sentou-se no sofá quando foi a vez de conversar com Carmem, a matriarca da família. A velhinha cheia de rugas no rosto e cabelo branco curto, usava um vestido florido e uma sandália.

— Minha filha, já vou te dizer que fisicamente eu aprovei seu namorado. — Sara riu e sentou-se também ao lado da avó. — Ele fica lindo com esse chapéu.

— *Brigado*, uai. — Jonas sorriu, sem graça.

— Ai, vó, a senhora não faz ideia do quanto ele é lindo por dentro também.

— Rapaz, essa minha neta é uma preciosidade. Se ela te trouxe aqui pra me conhecer, pode ter certeza que gosta mesmo de você. Então, não espero nada menos do que um tratamento de gala em troca, entendeu? — Dona Carmen segurava a mão de Jonas, e deu algumas batidinhas com a palma enquanto o aconselhava.

Sara revirou os olhos, aproveitou que a avó encarava o namorado e balançou a cabeça para que ele não levasse suas palavras a sério.

— A senhora pode ficar despreocupada.

Carmen continuou contando a Jonas como Sara era maravilhosa até que sua filha, Suzana, chamou a todos para almoçar. A família Catalão espalhou-se entre a mesa de jantar e a da varanda, após servirem-se de um bufê disposto na grande bancada da cozinha. Os pratos eram de porcelana e vários tipos de copos e taças estavam na mesa, cada uma

possuía uma variedade de bebidas disponíveis: vinho, cerveja, refrigerante e suco integral de laranja e uva. Jonas preferiu ficar por último.

— Amor... — chamou, com o prato na mão.

Sara parou de falar com a prima e foi até o namorado.

— Eu não sei o que é *esses trem*, não. — Apontou para a comida na bancada, sussurrando.

— Isso é risoto de camarão, gato. E isso aqui é salada de rabanete com rúcula. Tem camarão empanado também.

— Ah, tá. Não reconheci pela cara *dessas comida*, não.

— Acho que a minha mãe fez a salada e pediu o resto no Coco Bambu.

— Aquele restaurante chique que tem no shopping Flamboyant? — Sara assentiu. — Misericórdia.

— Já foi lá?

— Uai, já. Mas era aniversário de casamento dos meus pais, não um almoço normal de família.

— Minha mãe só quis te agradecer. — Ela riu da expressão chocada dele.

— Credo, uai. — Ele se serviu. — E eu não sei usar aquele tanto de garfo e copo que tem naquela mesa lá, não — murmurou.

— Nem precisa. Escolhe um de cada e tá ótimo. É o que eu faço. — Serviram-se e foram para a mesa da varanda.

Jonas observou os primos conversarem sobre vários assuntos diferentes, desde problemas com a reserva do hotel em Paris e a demora para a confirmação da apuração do carnaval no Rio de Janeiro, até o novo cardápio do restaurante japonês favorito deles. Percebeu que Sara opinava sobre tudo, inclusive o preço da nova coleção de roupas da Calvin Klein e como havia pago mais barato da última vez que foi aos Estados Unidos fazer compras. O caubói respirou fundo e fingiu prestar atenção na maior parte do tempo.

— E você, Jonas, o que faz da vida? — Jéssica, outra prima de Sara, perguntou, depois de terminarem de comer.

Ela tinha uma voz meio rouca, cabelo artificialmente loiro e, com certeza, preenchimento labial.

— Uai, eu cuido *das fazenda* da minha família — respondeu, colocando o braço atrás de Sara, na cadeira dela.

— Você é formado em quê? — Romeu quis saber.
— Engenharia agrônômica.
— Cara, você tem que conversar com o meu pai. Ele é da sua área — comentou Leandro, outro primo.

Ele era parecido com Romeu, apesar de ser mais alto e vestir-se exatamente como Luiz. Seu cabelo estava milimetricamente penteado e o rosto liso.

— Aham, tá. Tio Cláudio é administrador, Lê — Sara retrucou.

— Presidente de uma empresa que mexe com plantação, esperta. É a área dele, sim. O que vocês plantam? — Leandro encarou Jonas.

— A gente cria gado pra corte. Mas também *temo* plantação de laranja e soja.

— É, não tem nada a ver mesmo. — Romeu riu.

— Meu pai planta outras coisas, além de soja. — Leandro desistiu.

— E ocês trabalham com ele?

— Nunca!

— Jamais.

— Só se eu estivesse passando fome.

— Ninguém aguenta meu pai — disseram os quatro filhos de Cláudio ao mesmo tempo.

— Pra que trabalhar se você é pago do mesmo jeito, né? — Sara bebeu um gole do seu vinho depois de franzir a testa.

— Começou... — Bianca levantou-se, e saiu.

— Me *tira fora* dessa, tá? — Romeu levantou as mãos para cima, eximindo-se. — Eu faço minha parte.

— Falou a santa do pau oco. — Leandro olhou feio para a prima.
— Você não recebe sua parte porque não quer.

— É um direito nosso — justificou Jéssica.

— Me diz onde tá escrito que é direito dos filhos do herdeiro receber um salário da empresa familiar sem ter que fazer nada por isso?

— Sara rebateu, inclinando-se para frente. — Eu não sei como vocês conseguem dormir à noite, sinceramente.

— Só porque você escolheu não fazer parte disso, não significa que é errado, nem que somos pessoas menos dignas por aceitarmos — retrucou Leandro.

— Dignidade significa qualidade moral do que é nobre, que se comporta com honra e respeito. O que vocês fazem não é indicativo disso. *Sorry*.

— Baixou a professora de português. Senhor amado. — Jéssica gargalhou.

— Eu só disse a verdade. Lidem com ela como quiserem. Não vou ficar calada, *sweetheart*. — Sara tomou mais um pouco da bebida.

— Falando em dinheiro, tá na hora de fazer a revisão do seu carro, Sarinha — lembrou-se Romeu.

— Quem mandou escolher carro popular — desdenhou Leandro.

— Ao contrário de você, que escolhe o carro baseado no quão caro ele é, eu escolhi o meu pelo simples fato de que gosto dele, acho bonito e me serve perfeitamente. O Rô só o leva pra fazer revisão porque eu detesto mexer com oficina — explicou Sara.

— Agora você tem namorado pra mexer com isso — sugeriu Jéssica.

— O Jon não é obrigado a fazer nada só por ser meu namorado. Nem todo mundo se pendura nos outros como você faz — rebateu Sara, e a prima revirou os olhos.

— Meu amigo, você se prepara, porque essa daí quando pega alguém pra Cristo, não larga nunca mais do pé. — Leandro colocou a mão no ombro de Jonas, depois de se levantar.

— Liga não, caubói, a gente é assim mesmo. — Sara fez carinho no rosto do namorado, que parecia desconfortável com aquela discussão.

— Jonas, você tem fazenda, não é? — Ele assentiu, olhando por cima do ombro. — Se importa de vir aqui um minuto? — Eduardo, pai de Sara, chamou-o e ele se levantou.

Ela notou que Leandro e seu pai estavam esperando os dois.

— Eu vou matar o Lê. Cara de pau.

— É só pra te irritar — Romeu mencionou.

— Vou lá salvar o meu gato. — Sara terminou de beber e colocou a taça na mesa, levantando-se.

— Prima, cá entre nós. De onde você o tirou? — perguntou Jéssica, mais baixo.

— Ela tá indo escondido no Alabama sem a gente. — Bianca surgiu, por trás de Sara.

— Nunca vi ninguém de chapéu lá — falou Jéssica.

— Eu o encontrei sem querer. Quando percebi, não tava mais no controle e me apaixonei.

— Não era você que ia terminar? — lembrou Bianca, e Sara tampou a boca dela para que falasse mais baixo.

— Quando ele voltou de viagem, tudo mudou, Bibi. Me abraçou e toda dúvida sumiu. Me sinto bem quanto tô com ele agora. Somos um casal improvável e de mundos diferentes, mas eu não tô nem aí.

— Se é pra ser fora do padrão você cai dentro, né, prima? — Jéssica debochou.

— Quem se acomoda não se aventura, amada. Eu adoro o diferente. — Sara beijou o próprio ombro e foi atrás do namorado.

— O clima não nos ajudou em nada no ano passado, muito menos a política — comentou Cláudio.

— Você já pensou em investir seu capital? — perguntou Eduardo ao cunhado.

— Sim. Como seu pai faz, Jonas? — Cláudio quis saber.

O irmão de Suzana usava um blazer casual por cima da camisa gola polo e uma calça preta com sapatos marrons. Sua voz era grossa e ele falava o tempo todo com a mão no queixo.

— Meu pai odeia banco. Ele nem sabe que investi uma parte no Tesouro — respondeu Jonas.

— Isso é muito pouco, filho. Você devia investir em gado — Eduardo afirmou.

— Eu sei, mas é difícil tratar *desses trem* com o *véio*. E apesar de não tá mais na ativa, ele ainda quer mandar *nas coisa*.

— Eu vim aqui te salvar, mas pelo visto não é necessário — disse Sara, depois de ouvir um pouco da conversa.

Beijou a bochecha de Jonas e sorriu.

— Vou começar a criar uma linha orgânica pra empresa esse ano. Seu namorado me deu umas dicas valiosas sobre agrotóxicos. — Tio Cláudio apontou para o caipira, e agradeceu.

— Desculpe falar de trabalho. Você sabe o que faz, rapaz. — Eduardo deu tapinhas no braço de Jonas e se retirou com o cunhado.

— Que isso. Se precisar, tô aqui. — O caubói sorriu.

— Lindo demais você, todo dono do próprio negócio conversando com meu pai e meu tio.

Jonas abraçou-a.

— Uai, tá tudo interligado de um jeito ou de outro. Seu pai é *bão nos trem* de administrar. Preciso conversar mais com ele.

— Gostou da minha família? — perguntou e fechou um olho, esperando pela resposta dele.

— Sim. Todo mundo é educado demais e chique. Fiquei até um pouco sem jeito — sussurrou no ouvido dela. — Mas eu não lembro mais os *nome* de ninguém. Acho que só do seu pai e da sua mãe, e da sua vó.

Ela riu.

— Não tem problema, isso você decora com o tempo.

Os dois se despediram de todos e voltaram para o apartamento de Sara.

— Então, o tio Cláudio é irmão da sua mãe e da sua outra tia Sandra, que não tava lá hoje. — Sara assentiu — E *aqueles primo* seu tudo é *fi* do Cláudio e, qual o nome daquela sua tia? — perguntou Jonas, assim que entraram.

— Tia Bárbara.

— Aquela com o cabelo vermelho que tava falando com a sua mãe?

— Isso. Minha tia Sandra é casada com o tio Danilo e eles tiveram a Carla, que é casada com o Fábio, e o Gabriel que se casou com a Patrícia. Eles são meus primos mais velhos. O Gab tem dois filhos, o Davi e o Carlos, e a Carlinha tem a Giovana.

— Sua vó é bisa, já.

— Sim, de cinco. Meu irmão Júlio tem o Dylan e o Jacob.

— É uma penca de menino. Já esqueci quem é quem. *Cê* vai ter que explicar *tudim* de novo quando eu conhecer esse povo. — Sara riu. — Será que eles gostaram *deu*?

— Se não tiverem gostado, o azar é deles. Não vai surgir nenhuma ruga no meu rosto por causa disso. Mas eu acho que gostaram, sim. — Jogou-se no sofá.

— *Ocês caça rilia* sempre daquele jeito? — Juntou-se a ela.

— Quando o assunto é a empresa da minha vó, sim. Ela e meu avô criaram esse negócio do zero e ninguém além do tio Cláudio se interessou em continuar o legado. Minha avó ofereceu aos filhos um salário por toda a vida, mas, pra isso, alguém tinha que cuidar da

empresa. Meu tio se voluntariou e deu um jeito dos netos entrarem nesse acordo.

— E *ocê* não concorda.

— De maneira nenhuma. Nunca quis trabalhar nessa área, então nada mais justo do que abdicar desse salário. Eu não preciso dele. Minha mãe não quis também. Ela é enfermeira aposentada da prefeitura de Goiânia.

— E seu irmão? — perguntou Jonas.

Não imaginava que o padrão de vida de Sara fosse resultado do próprio trabalho.

— Meu irmão precisou desse dinheiro por um tempo. Ele passou por maus bocados quando morava no Canadá. Meu pai e minha vó o convenceram a aceitar o salário e eu pedi ao tio Cláudio pra dar minha parte a ele. O Jú conseguiu esse emprego excelente em Seattle e já faz uns anos que não recebe nada da empresa.

— Olha, *ocês* são um punhado humilde.

— A gente usa o cérebro. Meus primos, não.

— *ocê* vai cair durinha no chão quando conhecer *meus primo*. Não tem nada a ver com os seus.

— Gato, você me subestima. Eu sou extremamente adaptável. Devia aprender comigo. Leoninos também são assim e nossos signos se dão muito bem juntos. — Ela riu.

— Se *ocê* diz. Não importa o motivo, se nós ficarmos *junto*, tá *bão* pra mim.

Sara deu um grito e Jonas sobressaltou-se.

— Vai assustar *os outro* pra lá, trem.

— É que eu não aguento o quanto você é *cutie pie*. — Apertou a bochecha dele e subiu em seu colo.

Jonas sorriu e a envolveu pelo quadril.

— Eu não dou conta da sua belezura. *Acostumei* ainda não — confessou, com o coração acelerado.

— Tomara que você nunca se acostume, porque eu não pretendo te deixar disponível pra achar outra. — Beijou-o.

Jonas sentiu um frio na barriga. Estar ao lado de Sara, dessa maneira, causava-lhe um turbilhão de emoções. Ao mesmo tempo que se via completamente apaixonado por ela — e seu jeito intenso de agir —, um certo medo o incomodava no fundo do peito. Sabia que essa mulher

era um furacão em todos os sentidos, incluindo sua família. Será que estava disposto a fazer parte disso ou seu jeito quieto e sistemático o impediria de talvez apreciar a melhor experiência de sua vida?



Sara e Jonas passaram os dias seguintes se vendo todos os dias à noite. O caubói fazia uma longa viagem até a casa da namorada para passarem um tempo juntos. A geminiana aproveitou para convencê-lo a passar o carnaval com ela no Nordeste, e mal podia esperar para viajarem juntos pela primeira vez. Tinha gostado da experiência de dormir na casa dele no final de semana anterior. Ele era extremamente atencioso, organizado e higiênico, porém não podia dizer o mesmo de Mateo. O amigo que gostava de se embriagar arrancou boas risadas dela por debochar do jeito sistemático de Jonas em relação a seu estilo um pouco irresponsável de viver. Chegaram a conversar por duas horas seguidas compartilhando histórias de vida, e Sara já o considerava um amigo digno de confiança. Ele não tivera uma vida fácil e mesmo assim, levava tudo com bom humor.

— *Cê tem mesmo que levar esses trem tudo?* — Jonas ficou impressionado com o tanto de roupas que coube naquela mala.

Ele se ofereceu para ajudá-la a preparar suas coisas para a viagem que aconteceria na manhã seguinte. Sara não tinha talento para dobrar nada delicadamente para fazer caber dentro de uma mala pequena.

— Gato, uma mulher precisa estar preparada para qualquer situação. Eu odeio ser pega desprevenida quando estou viajando.

— Minha mala é do tamanho da sua e não tem metade *dessas coisa* tudo aí.

— Você olhou a lista que eu te mandei?

— Olhei.

— Não se esqueça que Recife faz muito calor. Talvez você precise trocar de roupa durante o dia. Principalmente, porque costuma usar camisas de tecido quente.

— Eu nunca fui nesse trem, *cê* vai ter que me ensinar. Vou colocar *umas camiseta* a mais então. — O caubói coçou a cabeça, desconcertado.

— Você vai gostar, todo mundo se diverte em Olinda. Ano passado, fui pra Salvador e sinceramente, não acho que ia te agradar aquilo lá... — Sara o fitou de esguelha.

— Por quê?

— Tinha gente se pegando a cada metro quadrado de rua.

— Misericórdia.

— Provavelmente não havia uma pessoa sóbria.

— E *ocê* foi lá pra quê?

— A Iara ama axé. Eu fui pra fazer companhia pra ela.

— Sei. — Jonas a encarou, desconfiado.

— É sério. — Fechou a mala e encostou-a na parede. — Eu não gosto de axé e também nunca tinha ido lá nessa época. Não sabia que era assim.

— E *ocê* se divertiu?

— *Of course*. Eu já estava lá mesmo.

— Não sei como *cê* dá conta de fazer isso.

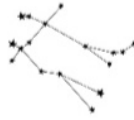
— Pra mim é simples, tá no inferno, abraça o capeta. Vai ser bom viajar, lindo. Você trabalha demais.

— Olha quem fala. — O caipira cerrou os olhos um pouco, ofendido.

— Mas você não sabe relaxar.

— Isso é relativo. O que é relaxante *procê* pode não ser pra mim.

— Caubói, eu sei de uma coisa que relaxa nós dois na hora... — Percebeu o olhar de Jonas mudar para expectativa e o beijou.



Jonas buscou Sara em casa juntamente com Mateo. Ele havia se oferecido para levar seu carro de volta do aeroporto.

— Olha, depois de ter acordado às 6:00 da manhã, se vocês duvidarem do meu caráter, eu posso desistir da vida, já... — Mateo informou, do banco de trás, e Sara gargalhou.

— Larga de rolo, trem. — Jonas juntou as sobrancelhas, enquanto estacionava o carro.

— *Cê* trouxe dinheiro pra pagar o estacionamento? Eu não tenho um real. — Mateo desceu do carro.

— *Ocê* é fogo... — O caipira tirou dinheiro da carteira e deu ao amigo.

— É o mínimo que você pode fazer por eu levar seu carro. Nem preciso colocar lá na conta das coisas que eu tô te devendo, né?

— Melhor *cê* parar de falar, meu *fi*. — Jonas tirou as malas do bagageiro e fechou o capô.

— Vocês dois se controlem, viu? Nada de *frevar* sem proteção no carnaval, sacaram? — Mateo balançou a mão com o indicador e o polegar curvados, e os outros dedos dobrados.

— Você perde o amigo, mas não perde a piada, né? — Sara riu, e o abraçou, despedindo-se.

— *Cê* cuida direito lá de casa. Não esqueça de aguar *as planta* e rastelar o quintal. E não larga *as porta aberta* — lembrou Jonas.

— Vou sentir saudade também. — Mateo abraçou o amigo.

Pegaram o voo com destino a Recife sem atraso. No caminho, Sara contou como detestava decolagem e aterrissagem por se sentir enjoada todas as vezes. Sempre precisava tomar um remédio para suportar viajar de avião. Jonas ficou surpreso com a quantidade de viagens que ela já havia feito na vida, mesmo passando mal. Sua namorada conhecia quase todos os países da Europa, várias cidades dos EUA e algumas do Canadá, além de todo o litoral do Brasil. Ele explicou que costumava viajar de férias com a família uma vez no ano, contudo, desde que assumiu o controle das fazendas, após a aposentadoria de seu pai, e com sua irmã Elena morando sozinha, não tinha conseguido se programar o

suficiente para tirar algum tempo de folga mais longo. Consequentemente, seus pais também pararam de passear.

Pousaram perto da hora do almoço. O cheiro de água salgada e o clima quente e úmido do Nordeste era revigorante. Era a primeira vez de Jonas na capital do Pernambuco, e Sara adorou bancar a guia turística dele. Fizeram *check-in* no hotel que ficava em frente à praia da Boa Viagem, mais famosa da cidade, e almoçaram em um restaurante próximo. Trocaram de roupa e foram passar a tarde na praia.

— Que trem lotado — Jonas reparou, quando finalmente conseguiram alugar cadeiras e um guarda-sol.

— Feriado é assim mesmo. — Sara não parecia incomodada.

Passou protetor solar no namorado que, vestido com um calção de banho, nem parecia um caipira amante de chapéu. Ela usava um biquíni verde cor de grama e óculos escuros.

— Devia ter trazido *meu óculos* — reclamou o goiano da claridade, enquanto espalhava protetor nela também.

— Quer voltar?

— Não. Vai dar muito trabalho. Pronto, minha deusa. — Jonas sorriu, abismado com a beleza da namorada.

— Quem é o caubói que vai ficar bronzado? — Sara riu, e se pendurou no pescoço dele.

— Eu já sou todo queimado de sol.

— É, dá pra ver direitinho a marca da camisa. — Afastou-se e deu umas batidinhas no peito dele, que riu.

Apesar do calor e da quantidade de gente na praia, o casal conseguiu passar um tempo ótimo juntos e esqueceram-se completamente de qualquer coisa que não fosse a presença um do outro. À noite, mesmo um pouco cansados, Sara insistiu para que fossem a um bar bastante badalado da cidade.

Jonas chamou a atenção de todos no local por causa do chapéu. Por onde passavam, as pessoas notavam um caubói usando botina de mãos dadas com uma mulher de olhos claros trajando um vestido florido, salto alto e bolsa da Louis Vuitton. Algumas mulheres lançavam olhares curiosos e até misteriosos a Jonas, enquanto Sara atraía o interesse de vários homens por estar ao lado de alguém fora do padrão.

O caipira parecia incomodado com tudo isso, todavia, preferiu fazer as vontades da namorada. Dançou forró enquanto ela queria, bebeu

para acompanhá-la e voltou caminhando pela praia mesmo sugerindo que talvez fosse perigoso. Passou o trajeto todo observando o perímetro em volta, alerta. Passava da meia-noite quando chegaram no hotel, e ele conseguiu relaxar. Não costumava sair à noite, principalmente, fora de sua cidade natal, onde não conhecia nada. Sua rotina sempre incluía dormir cedo e acordar cedo, ir e voltar do trabalho. Porém, não poderia continuar assim depois de começar a namorar. Com certeza, esse era um dos motivos de ter adiado à procura por alguém por tanto tempo.

Acordou na manhã seguinte, próximo das 10 horas. Além do cansaço de um dia atípico, havia dormido tarde na noite anterior. Sara ainda dormia profundamente e decidiu não a despertar. Observou as costas dela subirem e descerem quando respirava e seu semblante sereno e despreocupado. Jonas respirou fundo quando seu coração pulsou forte confirmando que o que ele sentia ainda estava lá, apesar das dúvidas. Levantou-se e foi ler alguma coisa no celular, sentado-se na poltrona ao lado da cama. Uma hora depois, Sara se mexeu.

— Oi, caubói. Bom dia — disse, com a voz meio rouca.

— Bom dia, minha deusa. — Ele se levantou e a abraçou. — Coisa mais linda desse mundo *todim* — falou no pescoço dela.

— Seu lindo.

— O que *nós vai* fazer hoje? *Ocê* que manda nesse trem. — Sorriu, olhando-a nos olhos.

— Alguém amanheceu animado. Tá acordado há muito tempo?

— Só um pouco. Não quis acordar *ocê*.

— Pensei de a gente ir pra Olinda.

— Lá não é carnaval de rua? — Imaginou como isso poderia ser bom.

— Aham. Igual aqui.

— Uai, então *vamo*.

— Vai ser legal, você vai ver. Não tem nada a ver com o carnaval de Salvador.

— Se eu tiver *cocê* do meu lado já tá *bão* pra mim. — Colocou a mão no ouvido e fez uma careta, depois que Sara gritou. — Quase fiquei surdo.

— Desculpa. Eu não sei lidar com as coisas que você fala pra mim. Não tenho *fofurômetro*.

— Cê besta. — Levantou-se. — *Apruma aí pra nós comer* alguma coisa, porque eu tô brocado.

— Ainda bem que eu sou o tipo de patricinha que se relaciona com qualquer pessoa. Provavelmente, meus primos não entenderiam uma palavra do que você acabou de dizer. — A geminiana espreguiçou-se.

— Uai, credo. Eu fui criado no interior, convivendo com gente do interior. Só fui pra Goiânia no ensino médio. Por isso eu falo assim.

— Eu daria tudo pra te ver no ensino médio. — Sorriu, e abriu a mala procurando algo para vestir.

— Não gosto nem de lembrar dessa época. Pensa no jeito que eu falo hoje, só que na adolescência. *Os menino acabava* comigo. Eu não tinha um dia de paz na escola.

— Sério? Que povo idiota. Eu nunca faria isso com você nem deixaria ninguém te aborrecer.

— Eu tenho certeza de que *ocê* era a defensora *dos fraco e oprimido*. Incapaz de fazer mal pra uma mosca. — Jonas também começou a se vestir.

— Muito pelo contrário, gato. Se eu visse alguém sofrendo *bullying*, procurava briga na mesma hora. Se fosse meu amigo ou amiga então, cheguei até a sair no tapa e soco.

— Eu não consigo imaginar *ocê* fazendo isso. — Jonas riu.

— Ah, não tenha pressa. Mais cedo ou mais tarde eu vou acabar perdendo a linha na sua frente. Só espero que não seja com você.

— Misericórdia.

— E aí de quem ousar te oprimir, seja na minha frente ou não, por qualquer ínfimo motivo. Eu vou até o fim do mundo pra te defender. Ninguém faz nenhum mal pro meu caubói puro e inocente. — Ela o encarou, determinada.

— Tô bem mesmo. — Riu.

Sara usava um macacão de shorts jeans com um top branco e tênis. Colocou um prendedor de cabelo no pulso e uma pochete com seus pertences na cintura. Jonas vestia bermuda, camiseta, boné e tênis. Tudo na cor preta.

— Amor, você vai cozinhar com essa roupa. Devia usar uma camiseta mais clara. O sol aqui não perdoa. Apesar de que a previsão diz que vai chover. — Ficou na dúvida, olhando para o namorado.

— Previsão do tempo ou do horóscopo? Esqueceu que *nós é* do Goiás?

Ela gargalhou.

— Acho que eu tenho uma camiseta cinza. — Tirou a que estava vestindo e pegou outra na mala.

Jonas detestava sair sem chapéu e o único jeito disso acontecer, era substituí-lo por um boné. Contudo, achava que sua namorada sabia mais do que ele sobre o clima e a forma mais adequada de se vestir para o carnaval.

Depois de almoçarem, alugaram um carro e ele dirigiu até Olinda, que ficava apenas a meia hora de distância. O problema foi que eles levaram quase uma hora e meia para chegar por causa do trânsito. O caipira engoliu o descontentamento e saiu pelas ruas da cidade lotada agarrado a Sara. Pelo menos dessa vez, havia se lembrado de levar o óculos escuro. Assim que sua namorada se deu por satisfeita com o local onde estavam, pararam de andar.

Sara rapidamente conseguiu uma cerveja gelada de um vendedor ambulante e começou a beber. Jonas preferia água, mas aceitou. Encontraram uma mulher que fazia maquiagem de carnaval e a geminiana logo pediu para que fizessem também. Uma grande multidão passava no meio da rua, dançando frevo ou apenas seguindo os bonecos de Olinda. Ele ficou intrigado com o fato de todas elas estarem sorrindo, felizes da vida. Como achavam que aquilo era divertido? Ficar no sol, sem lugar para se sentar, cheio de glíter no rosto, rodeado de gente e ouvindo marchinhas de carnaval? Olhou para o lado e notou que Sara cantava, animada, “Ô, ô u ô, bicho maluco beleza” e automaticamente sorriu. Ela realmente era aleatória. Pensou no que disse sobre estar no inferno, e decidiu abraçar o capeta, que naquele caso, era lindo. Abraçou a namorada e ela o puxou para o meio da multidão.

Só percebeu que havia anoitecido quando notou as luzes dos postes se acenderem. Demorou um pouco para convencer Sara a parar de pular e a procurar algum lugar para comerem. Quando terminaram e foram para o carro, ela dormiu assim que viraram a primeira esquina. O caipira colocou uma música baixinha no rádio *bluetooth* para não ficar com sono por causa do silêncio, e dirigiu de volta para Recife. Jonas quase teve de carregá-la até o quarto do hotel. Além de bêbada, ela também estava cansada.

— Minha deusa, *cê* tem que banhar — repetiu pela terceira vez, depois de entrarem no quarto.

Ela não tinha gostado de ter sido acordada e ficou mal-humorada.

— Mas eu tô cansada, caubói. Me deixa dormir...

— Eu sei, minha linda. Vai ser bom dormir fresquinha, vem. Eu ajudo *ocê*. — Sorriu, tentando segurar o riso.

Sara parecia uma criança fazendo birra, sentada no chão do banheiro. Ela fez bico e assentiu com a cabeça, derrotada. O goiano ajudou-a a tirar o tênis e a roupa, colocou-a debaixo do chuveiro e a auxiliou no banho. Demorou um pouco para que conseguisse tirar todo o glíter espalhado nela. Procurou um pijama na mala e quando se virou, sua namorada já estava debaixo das cobertas com o cabelo molhado, e de roupão. Ele riu e desistiu de tentar mais uma abordagem. Tomou um banho e deitou-se ao lado dela, abraçando-a pela cintura.

Suspirou e fez um resumo mental daquele dia conturbado. Pesou na balança a quantidade de gargalhadas que havia dado ao lado de Sara, quantos elogios ela tinha dito a ele e como esquecera-se completamente de qualquer tipo de preocupação. Ela era uma pessoa positiva e contagiante, que sabia o que queria e quando queria. Era capaz de deixá-lo louco, com certeza. Sua beleza o deixava sem ar. Por mais que fosse um furacão, estava disposto a esse relacionamento. Sara fazia bem a ele. Sentia que finalmente sua vida andava para frente, em vez de permanecer na mesma. Se isso não era amor, não sabia o que mais seria.



Acordaram tarde novamente na segunda-feira. Jonas ficou impressionado que a namorada se lembrava de tudo da noite anterior e não sofria nenhum sintoma de ressaca. Ela riu de si mesma recordando sobre a situação do banho.

— Preciso te dar o certificado de namorado do ano, caubói. Sério.

— Sara aninhou-se no abraço dele, ainda deitada.

— Eu seria um idiota se não tivesse cuidado *docê*, uai.

— *Trust me*, tem muita gente idiota no mundo. Principalmente homem.

— Credo.

— Hoje você pode escolher o que a gente vai fazer. — Sentou-se de pernas cruzadas e o encarou, animada.

Ela ainda usava o roupão e seu cabelo apontava para todos os lados.

— Eu? Nem conheço nada aqui.

— Então vamos passar o dia curtindo uma preguiça no hotel. Você decide.

— Eu decido que *ocê* vai escolher *onde nós vai*. — Sorriu, e os pés de galinha nos cantos de seus olhos apareceram.

Sara revirou os olhos.

— Amor...

— É sério, minha deusa. Esse aqui é seu território. Pode escolher. Tô gostando de passear *cocê*. — Fez carinho no joelho dela.

A geminiana pensou um pouco e se levantou de repente. Obrigou Jonas a vestir algo leve e trocou de roupa. Colocou um biquíni por baixo de uma camiseta e shorts jeans, e amarrou o cabelo rebelde. O mais difícil foi convencê-lo a usar chinelos, entretanto, ele aceitou depois de ela alegar precisar do boné dele emprestado, dando-lhe a oportunidade de sair de chapéu para se proteger do sol.

— Onde *nós vai* mesmo?

— Primeiro, almoçar. Depois vou te levar em um passeio legal.

Sara observou Jonas devorar um prato inteiro de arroz com brócolis e uma porção de camarão ao alho e óleo sozinho. Ele preferiu o refrigerante zero açúcar a cerveja, porém tomou três latas.

— Você não é muito fã de álcool, mas em compensação, de refri...

— Eu adoro trem com gás.

— Por que você toma zero?

— Eu malho é pra comer. Refrigerante com açúcar joga meu esforço todo fora.

Sara deu uma gargalhada.

— É só parar de me exercitar que eu engordo. Eu não sei como *cê* consegue ser magra sem malhar.

— Ioga e Pilates são tão bons pra manter a forma quanto musculação. — Bebeu um gole de sua cerveja. — Você já andou de barco?

— Só canoa em represa.

— Coloca isso aqui. — Abriu a bolsa de colo que levava e tirou um objeto preto. — É uma pulseira anti enjoo.

— E isso funciona? — Jonas deu uma olhada antes de colocar no pulso.

— Demais. Vamos?

— Vou pedir a conta pra *nós ir*.

Parte do acordo entre eles para que Jonas aceitasse vir com ela nessa viagem era que ele pagaria todas as contas, quantas fossem geradas, após a chegada deles. Sara havia utilizado suas milhas acumuladas para conseguir uma passagem de última hora para o namorado e pagou uma taxa extra para adicionar mais uma pessoa em

seu quarto do hotel. Ela não sabia muito bem se ele tinha dinheiro para todas essas despesas e estava juntando coragem para entrar no assunto financeiro em breve. Sabia que as fazendas da família dele foram em sua maioria herdadas por parte de pai, e não tinha noção de quanto dinheiro geravam.

Levou-o para passear de catamarã, um tipo de barco no qual os turistas sentavam-se do lado direito ou esquerdo, e o condutor os levava para conhecer a cidade pelos canais que a cortam. Jonas ouviu a história da cidade e conheceu seus principais cartões-postais. Ele passou o tempo todo vislumbrado, prestando atenção em tudo como se fosse perder algum detalhe caso piscasse. De vez em quando, o rapaz comentava algo no ouvido da namorada, explicando como funcionava a maré alta e baixa, como lidar com a correnteza dos rios ou alguma característica da fauna local. Sara ficou impressionada com seu conhecimento sobre a natureza e como falava com respeito sobre ela.

Quando o passeio terminou, uma hora depois, a goiana sugeriu que fossem caminhar na orla, à espera do pôr do sol. Jonas sentou-se na areia, de pernas abertas e Sara se juntou a ele, de costas, de modo que ele pudesse abraçá-la por trás.

— Que coisa mais linda — comentou o caipira, observando o sol beijar o mar.

— Concordo.

— Achei que *cê* ia querer ir pra folia de novo hoje. *Brigado*, minha deusa. Foi *bão* demais da conta.

— De nada, gato. Eu sabia que você adorava esse tipo de coisa. Também gosto de dias tranquilos.

— Acho que não tem nada que *ocê* não goste.

— É muito raro. Eu só não me dou bem com insetos.

— Principalmente barata. — Ela se virou para encará-lo.

— Você não esqueceu, né?

— Eu não esqueço nada que é sobre *ocê*.

— Cuidado pra não me acostumar com esse mimo todo, depois eu não vou mais querer ser tratada de outra forma.

— Não tem outra forma. Eu amo *ocê*. — Sentiu que era a hora certa de dizer, e Sara se virou para fitá-lo novamente. — Não precisa falar também. Eu só queria dizer isso porque *cê* merece ouvir. *Cê* me faz feliz.

— Ai, caubói, você me quebra em mil pedacinhos. — Ela fez bico e segurou o rosto dele, depois deu um selinho.

Jonas puxou-a para mais perto e aprofundou o beijo. Ficaram mais um tempo observando as ondas e conversando. Mergulharam no mar antes de voltarem para o hotel.

Acordaram mais cedo no dia seguinte e aproveitaram o carnaval de rua de Recife. Dessa vez, Jonas sentia-se mais relaxado. Acompanhou a namorada em todos os lugares, dançando em meio à multidão enquanto curti as músicas, bebeu mais do que devia e — por mais que evitasse admitir — se divertiu como nunca. Finalmente havia conseguido se distrair. Na Quarta-Feira de Cinzas à tarde, voltaram para Goiânia.

— Como tá a cabeça, gato? — perguntou Sara, assim que chegaram no aeroporto Santa Genoveva.

— Melhorou. *Brigado* pelo remédio.

Por causa da falta de costume com o álcool, Jonas amanheceu com dor de cabeça e um pouco de enjoo devido à ressaca. Sua namorada prontamente providenciou um analgésico e emprestou sua pulseira. Também o obrigou a tirar um cochilo no colo dela durante o voo, e ele não conseguiu resistir ao cafuné.

Mateo buscou o casal no aeroporto e deixou Sara no apartamento dela. Combinaram de se ver novamente no fim de semana, pois Jonas precisava resolver algumas coisas na fazenda em Bela Vista.

— E como foi, amiga. Me conta tudo! — Iara se acomodou no sofá de Sara, na noite seguinte.

— *Amazing*. Ele estava meio tenso no início, mas depois finalmente relaxou. Eu fiquei até impressionada com o quanto ele se divertiu na Terça de Carnaval.

— Paguei minha língua. — Iara recordou-se de ter dito a Sara que provavelmente seu namorado odiaria aquela viagem.

— Você não sabe do babado maior... — Sara lançou um olhar misterioso e um meio sorriso à amiga.

— O quê? Para de suspense.

— Ele disse aquelas palavras.

— Mentira! — Iara arregalou os olhos.

— *I swear*. Aconteceu em um momento bem propício, ao pôr do sol e tal. Mas eu não esperava. Sempre soube que ele não era nenhum

boy lixo, porém, também não achava que seria aquele que fala “eu te amo” em dois meses de namoro.

— Minha Nossa Senhora! Eu tô chocada! Mas vocês não começaram a namorar mês passado?

— Ele pediu pra gente contar a partir de quando começamos a ficar.

— Gracinha. E você?

— Eu não disse nada.

— Sarinha! Que insensível! — A amiga bateu na própria perna, indignada.

— Ele disse que eu não precisava dizer de volta. E mesmo se esperasse algo, eu não falaria. Tô apaixonada, mas amar já são outros 500.

— Coitadinho.

— Ele entendeu.

— Que você saiba, né. Às vezes, só disse isso por educação. O Jonas é cavalheiro.

— É um bebê fofo que precisa ser protegido.

— Então? Melhor você começar a amar logo esse bofe pra não o perder no futuro, Sarinha.

— Você acha que ele ficou chateado?

— Eu ficaria. O Romeu com certeza também.

— O Rô não se compara ao Jonas. Meu caubói não é dramático. Ele é homem raiz.

— Justamente o tipo que esconde os sentimentos.

— Leonino fala o que sente.

— Claramente seu namorado não é o típico homem de Leão que gosta de aparecer e falar o que dá na telha.

— Isso é verdade.

— Você deveria checar se tá tudo bem só por garantia.

— Vou fazer isso agora. *Congrats*, amiga, você acaba de me deixar insegura — reclamou Sara, e pegou o celular.

Eu:

Gato.

Deixa eu te perguntar uma coisa.

A gente tá bem?

— Você é direta demais, Sarinha. Sem condições... — comentou Iara, depois de Sara mostrar o que tinha escrito.

— Você queria que eu dissesse o quê? Eu não sou boa em ficar amaciando ninguém pra conversar. — Voltou a olhar para o celular quando recebeu uma notificação.

Jonas:

Oi, minha deusa.

Uai, por que tá me perguntando isso?

Por mim, a gente tá, sim.

Eu:

É por causa do que eu não te disse lá no pôr do sol.

Jonas:

Preocupa não, minha linda. Você pode dizer no seu tempo.

Eu:

Não quero que você fique chateado.

Jonas:

Não tô, não.

Eu amo você e pronto, uai. Você não me amar ainda não muda nada.

Sara mostrou a resposta dele para Iara, que deu de ombros. Aquele caipira realmente era um cavalheiro.

Eu:

Você é um bebê.

Eu estava morrendo de medo da previsão pro seu signo se realizar.

Jonas:

Na verdade, realizou, sim.

Eu:

Como?

Jonas:

Eu estava o tempo todo no início da viagem pensando se eu ia dar conta de você. Porque você é um furacão, minha deusa, no bom sentido. E eu sou meio sistemático, você sabe.

Mas eu percebi que quando estamos juntos, por mais que seja um trem que não tô acostumado a fazer, fico mais feliz. Você fez minha vida andar.

Eu:

AAAAAAAH! SEU LINDO!

Não me assusta desse jeito!

Jonas:

Por isso eu disse que te amo. Foi a conclusão que eu cheguei depois de passar dias em cima do muro, dentro da minha cabeça.

Eu:

Gato, você é DE FATO um ser humano lindo, fofo e inocente. Obrigada! Obrigada por me amar, e por esperar que isso aconteça naturalmente comigo.

Prometo que se não ocorrer, vou te contar. Não quero te magoar.

Você merece ser feliz e eu vou tentar fazer isso!

Jonas:

Obrigado, minha flor. Você é uma lindeza.

Sara desligou a tela do celular determinada a cuidar daquele caipira a todo custo, mesmo que para isso tivesse de deixá-lo ir embora para protegê-lo de si mesma.



GOSTO DO SIMPLES

Março chegou, e com ele, novas previsões. Agora, além de ler sobre seu próprio signo, Sara também estudava o de Jonas, principalmente com relação à vida amorosa dos signos de Gêmeos e Leão. Para ele seria um mês estável, no geral, com talvez alguma mudança brusca de rotina. Para ela seria preciso esforço no relacionamento para evitar brigas. A goiana guardou essas informações na mente e manteve o pensamento positivo. Agora estava preparada.

No segundo final de semana do mês, Jonas convidou-a para dormir na casa dele. Queria que ela conhecesse o cachorro que ele e Mateo haviam adotado.

— Qual vai ser o nome dele, caubói? — Sara perguntou, deitada na rede, abraçada ao cãozinho caramelo de focinho preto.

— Não sei ainda. — O caipira fitou o amigo.

— Nem olha pra mim, eu sou péssimo nessas coisas. Por mim todo cachorro teria aqueles nomes tipo pipoca, fumaça, costelinha...

— Realmente você é ruim nisso. — Sara riu.

— E qual sua sugestão? Ficar aí só jogando a peteca na mão dos outros é fácil, Bruxa do 71. — Mateo riu também.

— Grilo falante — retrucou Sara.

— Cês dois quieta. Eu tava pensando em *chamar ele* de Mirosmar.
— Jonas encarou o cachorro no colo da namorada tentando decidir.

— Como você mesmo diz: misericórdia. — Sara balançou a cabeça com a referência ao nome de batismo do cantor Zezé di Camargo.

— Eu gostei — disse Mateus.

— Ou Nivaldo — acrescentou Jonas.

— Melhor ainda, cara. — Mateo animou-se.

— Quem é esse? — Sara quis saber.

— O Gustavo Lima — respondeu Jonas, e pegou o filhote do colo dela.

Suspendeu-o acima da cabeça, analisando-o e sorriu.

— *Ocê* então vai chamar Nivaldo. Gostou? — O cachorro lambeu seu nariz.

— Acho que ele gostou. — Sara riu.

— Mas nada de dormir na minha cama, entendeu? — Jonas apontou o dedo para o filhote.

— Até parece. Olha a cara da Sarinha de quem não dorme com cachorro. — Mateo debochou, e Sara colocou o indicador na boca para que ficasse quieto.

— Minha deusa... — O caubói inclinou a cabeça, desconfiado.

Dormir na casa do namorado era garantia de diversas conversas engraçadas entre os dois amigos. Mateo tinha um senso de humor apurado que, em contrapartida, com o jeito rústico de Jonas, deixava a convivência entre eles muito divertida.

No domingo, Sara foi com Jonas almoçar com sua família na roça da tia dele, irmã de seu pai. A despeito das tentativas dele de fazê-la se vestir de forma mais simples, a geminiana resolveu usar um macacão azul de alcinhas e pernas longas de tecido leve, com uma sandália. Ele colocou o chapéu, uma bermuda, camiseta e calçou sua botina. Assim que chegaram no território de Hidrolândia — outra cidade muito próxima de Goiânia — Jonas pegou o acostamento da BR em direção a uma estrada de terra.

Ele observou a namorada admirar a natureza em volta, prestando atenção no caminho. Apesar de estar de sandália, ela insistiu em descer da caminhonete e abrir e fechar os colchetes até chegar na localização certa. A primeira coisa que fez quando chegou na roça foi lavar os pés na bica d'água, com sandália e tudo.

— E aí, meu povo — Jonas cumprimentou a família de longe, de mãos dadas com Sara.

— Meu *fi*, até que enfim *ocê* trouxe sua namorada aqui, uai — disse uma senhora de óculos e cabelo grisalho amarrado em um rabo de cavalo, ao se aproximar.

— *Bença*, tia? — Jonas ofereceu a mão para a mulher, que a pegou.

— Deus abençoe.

— Minha deusa, essa é minha tia Jussara.

— Prazer em te conhecer, minha *fia* — falou a senhora.

— O prazer é meu, tia. — Sara abraçou-a.

— Meu pai já chegou? — perguntou Jonas.

— Tá lá pra dentro. *Nós só tava esperando ocês pra almoçar*. Vão lá lavar *as mão*.

O caipira conduziu a namorada pela casa da tia, que parecia com os casarões antigos de Pirenópolis ou Cidade de Goiás (ambas cidades históricas), exceto pelo chão que não tinha piso. As janelas eram de madeira e na cozinha havia um grande fogão à lenha com panelas grandes lotadas de comida típica: frango com quiabo e pequi, macarrão frito, salada de tomate com repolho, arroz, feijão e almôndegas feitas na banha de porco. Ao lado da cozinha, encontrava-se uma sala com um sofá pequeno e uma TV. O banheiro ficava próximo aos quartos, todos com as mesmas janelas de madeira pintadas de azul. Do lado de fora, havia uma grande mesa exatamente igual à que Jonas e seus pais tinham na varanda.

Depois que lavaram as mãos, o goiano levou-a até a varanda, onde todos estavam sentados, e assoviou.

— Família, essa é a minha namorada, Sarinha. — Todos a cumprimentaram com vários acenos e palavras de boas-vindas. — Minha deusa, meus pais *cê* já conhece. Esse é meu tio, Bastião, marido da tia Jussara. Esses *é meus primo* Cleiton, a *muié* dele, Andressa, o Everton e o José. — Apontou para os que estavam sentados à mesa. — Essa é a minha tia Maria, irmã do meu pai também. Esses *é meus primo* Felipe e a irmã dele Ana Júlia. Eles são *fi* do Cleiton. Ainda tá faltando mais um caminhão de gente que não veio hoje.

Depois que o namorado terminou as apresentações, Sara foi até cada um deles cumprimentá-los.

— Ô Jonas, meu *fi*, como que *cê* tem coragem de sair vestido desse jeito com uma *muié* bonita dessa, sô? — disse Everton, o primo alto de cabelo espetado.

Ele também usava botina, calça jeans e uma camiseta gola polo desbotada.

— Ara, deixa de rolo. — Jonas fez sua característica expressão desconfiada: juntou as sobrancelhas e inclinou a cabeça.

Sara riu e disse:

— Eu adoro o jeito que meu caubói se veste. *Deixa ele*.

— Como que *cê* deixa a bichinha vir aqui toda *traçada* assim, sobrinho. Tadinha — tia Maria reclamou.

Ela se parecia bastante com Jussara e Joaquim, exceto pelos olhos azuis e o cabelo pintado de acaju.

— Eu falei pra ela que aqui era simples.

— Gente, não se preocupem. Eu não tenho frescura, não!

A família Viana começou a movimentar-se para servir-se do almoço. Sara observou a maneira como o fizeram, e copiou tudo. Pegou um prato de alumínio dos que estavam empilhados em cima da mesa, um garfo, e foi para a fila na cozinha. Jonas ficou o tempo inteiro preocupado, perguntando se ela estava bem e justificando a comida e a forma como todos se dirigiam a ela.

— Bebê, deixa eu te falar uma coisa. — Sara fez sinal com a mão para que ele se aproximasse o suficiente para sussurrar em seu ouvido. — Relaxa. — Deu um beijo na bochecha dele.

O caipira respirou fundo e sorriu. Ao contrário dele, Sara sabia se virar em qualquer situação. Resolveu deixá-la em paz e só observar. Ela se serviu de um pouco de tudo e foi para a varanda.

— Minha deusa, *senta* aqui, uai. — Jonas apontou para a mesa de madeira.

— Não, caubói. Aqui tá bom — falou, sentada no chão com as crianças.

Quando deu a primeira garfada entendeu por que o namorado malhava para comer. Aquela comida era deliciosa. Não demorou muito para uma segunda fila se formar em torno do fogão à lenha, e Sara não perdeu a oportunidade de juntar-se a todos. Tia Jussara serviu um suco gelado de limão do quintal que provavelmente era a melhor limonada que a geminiana tomou na vida. Notou que os sobrinhos mais velhos,

incluindo Jonas, terminaram de comer e foram para a bica d'água lavar os pratos, então ela fez o mesmo.

— *Deixa que eu lavo procê* — o caubói ofereceu.

— Não, amor. Deixa. Sabe quando eu lavei louça em uma bica? Nunca — disse ela, animada.

Verificou como o namorado fez e repetiu. A água era gelada e cristalina. Caía de uma mangueira fina — que trazia a água da nascente — em cima de uma tora de madeira cortada em formato de cuia. Um pequeno furo na beirada escoava a água que acumulava direto no chão de terra. Uma pia à moda antiga.

— Isso aqui é muito legal — comentou, e foi até a mesa procurar por mais pratos sujos.

Jonas olhou para o primo ao seu lado e os dois riram. O café foi servido assim que todos terminaram de comer. Sara sentou-se à mesa e começou a conversar com o tio Bastião e seu Joaquim. Em pouco tempo, ela já estava com a cabeça apoiada na mão, com o cotovelo sobre a mesa, prestando atenção nas histórias dos adultos mais velhos. Seu namorado a examinava de longe, admirado.

Quando o assunto acabou, Sara tirou a sandália, dobrou a barra do macacão várias vezes e sentou-se debaixo do pé de jabuticaba para brincar com as crianças. No final da tarde, ela teve de lavar os pés de novo na água que caía da pia improvisada na bica, para poder sentar-se à mesa e servir-se do café e bolo de fubá recém-saído do forno.

— Quero um pé de jabuticaba na minha casa quando tiver uma — disse, roubando algumas do pé antes de entrar na caminhonete. — É minha fruta favorita.

— Mesmo? Uai, então tá fácil. Só pegar uma muda aqui na minha tia. Lá em casa tem jabuticaba também, pode comer a hora que *ocê* quiser — Jonas mencionou, fazendo o mesmo. — *Cê* gostou daqui, minha deusa? — Abriu a porta para ela e notou que estava suada, seu macacão azul encontrava-se sujo de terra, sua sandália pendurada na mão e o cabelo amarrado em um coque.

— Gato, eu amei. Essa roça é maravilhosa. Que paz eu senti aqui! Acho que nunca tinha ido em um lugar tão raiz assim. — Entrou no carro.

— Que *bão*. Eu achei que *ocê* ia odiar. Aqui é tudo simples.

— Justamente por isso que eu amei.

— *Ocê é uma lindeza.* — Fechou a porta do motorista e se virou para beijá-la no rosto.

— Toda vez que você vier aqui, eu quero vir também. Adorei sua família. — Jogou as cascas e caroços da jabuticaba pela janela.

— Beleza. — Jonas sorriu.

Levou-a de volta para casa com o coração tomado de gratidão por ter encontrado alguém de coração tão simples e ao mesmo tempo tão surpreendente.



QUERO CORRER CONTIGO

Na semana seguinte, Sara pediu para ver o namorado várias vezes, contudo, ele não conseguiu comparecer sempre. Estava ficando difícil ir e vir da fazenda em Bela Vista (cidade a 50 km de Goiânia) todos os dias, e ainda visitá-la no centro. Na sexta-feira, Jonas ligou para avisar que teria de ir até Aragoiânia (que ficava a 37 km da capital) resolver um problema com os funcionários e não poderia vê-la mais uma vez.

— Desculpa, minha deusa.

— Não se preocupe, gato. A vida é assim mesmo. A gente tem que trabalhar, né? — Tentou compreender, mas no fundo sentia falta dele.

— Prometo que vou recompensar *ocê*, tá?

— Tô com saudade.

— Eu sei, minha linda. Também tô demais da conta. Mas não dá pra ser de outro jeito, eu que cuido *dos trem* tudo pro meu pai agora.

— Tá tudo bem, lindo, juro.

— *Cê* podia ir pra lá comigo, né? Lá pra casa.

— É muito longe do meu trabalho.

— *Cê* não pode trabalhar de casa? Remoto? Assim *nós fica* mais um pouco *junto*. Se não, *nós não vai poder* se ver muito.

— Como é a internet lá?

— O Mateo diz que é boa, ele joga *uns trem* que precisa de muita velocidade.

— Mesmo na sua casa eu vou ter que trabalhar o dia todo, caubói. E, às vezes, a gente vai ter que vir pra cá ficar uns dias, dependendo do que eu tiver pra fazer.

— Pelo menos, a gente economiza o tempo do deslocamento. Podemos revezar. Uma semana aí e outra aqui.

— Bom... Parece uma boa ideia. — Mordeu o lábio inferior.

— Cê sabe que lá em casa é simples, né?

— Na sua casa tem você, seu bobo. Isso que importa.

— Pega *seus trem* tudo que eu arrumo um lugar *procê* no meu guarda roupa.

— Tá bom. — Sorriu.

— O Mateo vai tá lá, pode ir levando *suas coisa* que domingo eu volto.

— Combinado.

— Te amo, minha deusa.

— SEU LINDO! — gritou, e ele riu.

Sara desligou o telefone e começou a operação “morar com o namorado”. Precisou de duas malas para colocar todas as roupas que queria, já que não tinha a mesma habilidade de Jonas em fazer as coisas parecerem menores. No sábado, ligou para Mateo e combinou de levar tudo para lá. Passou na casa de seus pais, viu sua avó e almoçou com suas amigas. Possivelmente, não se veriam mais com a mesma frequência.

Quando chegou na casa de Mateo e Jonas já era noite. O amigo autorizou a entrada dela no condomínio sempre que viesse. Pediram algo para comer e Sara mandou uma mensagem.

Eu:

Gato, já tô aqui com o Nivaldo no colo.

Caubói♥:

Vontade de tá aí com vocês.

Eu:

Esqueci de trazer toalha e travesseiro.

Caubói♥:

Usa os meus. O problema é que quase não tem roupa de cama aí.
Deve ter só duas toalhas. Ainda não tive tempo de comprar essas coisas de casa.

Eu:

Depois a gente busca lá em casa, tem bastante.

Caubói♥:

Amanhã cedo tô aí.

Eu:

Saudade...

Caubói♥:

Também tô morto de saudade.
Vou ter que dar um jeito na minha vida porque
não tá dando pra ficar nesse vai e vem longe de você.

Eu:

Acho bom mesmo.
Talvez melhore agora que vamos morar juntos.
Sua camiseta que eu roubei nem tem mais seu cheiro.

Caubói♥:

Já já tô aí.
Vou levar pamonha e pequi pra gente.

Eu:

Acho que posso te perdoar.

Caubói♥:

😁😁
Dorme com os anjos, minha flor.
Amo você ♥

Eu:

♥
Não dirige correndo demais, até amanhã.

Sara desligou a tela do celular sentindo aquela costumeira culpa que apertava seu coração todas as vezes que ele dizia que a amava, e ela não conseguia responder de volta.

— Uai, achei que você tava falando com o Jon. — Mateo notou a expressão angustiada dela.

— Eu tava.

— Vocês brigaram?

— Não. — Ela voltou a comer.

— Que cara é essa, então?

— É que eu me sinto na obrigação de dizer que o amo quando ele me diz. Mas, não consigo ainda.

— Você quer? Tipo, se rolar?

— Lógico. O Jon é maravilhoso. O problema é que eu não sou o tipo de pessoa que finge certas coisas.

— Você disse isso pra ele?

Sara assentiu.

— Então não tem com o que se preocupar. O Jon é gente boa demais. Tenho certeza de que entende.

— E é isso que me incomoda. Ele merece que o amem de volta. Merece ouvir.

— Vocês tão com o pai na força ou coisa parecida? Data do casamento marcada? Larga de sofrer antes da hora, Sarinha. Vive um dia de cada vez que vai dar tudo certo no final. Se você fosse uma idiota usando o pobre coitado do caubói, eu poderia até ficar preocupado. Pode ser que você não consiga dizer, mas seus atos dizem.

— Espero que você esteja certo e isso seja suficiente pra ele por enquanto. Meu gato é mais suscetível a se apegar do que eu. Provavelmente, tem a ver com meu signo essa dificuldade em estabelecer vínculos e ficar com uma pessoa só.

— Qual seu signo?

— Gêmeos.

— Vixe.

— Pois é.

— Quantas vezes você namorou na vida? Tipo, mais de um ano?

— Nunca.

— Ave Maria, Sarinha. Agora eu fiquei um pouco preocupado. — Mateo riu.

— O máximo que cheguei foi 10 meses. Mas eu nem estava namorando pensando em me casar, nem nada. Só aconteceu e de repente eu terminei por um motivo idiota, como sempre fiz.

— E com o Jonas?

— Não tenho a mínima ideia.

— Bom, acho que você sabe que ele não é qualquer homem que se vê por aí, né?

— Com certeza.

— Se você realmente quiser ficar com ele, as coisas vão acontecer naturalmente. Ninguém ama alguém que não gosta de jeito nenhum. No seu caso, o caboco já te ama e te trata melhor que um punhado de cara por aí, então acredito que mais cedo ou mais tarde você vai amá-lo, sim.

— Amém. — Sara levantou as mãos para cima.

Lá no fundo, ela sabia que não encontraria ninguém como Jonas na vida novamente.



O caipira chegou em casa perto das nove da manhã. Achou que todos ainda dormiam devido ao silêncio. Abriu a porta do quarto e encontrou Sara deitada e abraçada a Nivaldo. Mateo acertou quando disse que ela dormiria assim com ele. Tirou a botina, pendurou o chapéu na parede, e deu um beijo no pescoço dela. Ela se mexeu e abriu um olho.

— Oi, caubói. — Puxou-o pela camisa para que ficasse mais perto.

Jonas moveu Nivaldo de lugar e abraçou a namorada, que voltou a cochilar no peito dele. Acordaram uma hora depois, com o cachorro raspando as patinhas na porta pedindo para sair. O caipira fez café e assou pão de queijo congelado para comerem.

— Minha mãe disse que se eu não for lá uma vez por semana, ela me deserda de todas as Tupperware dela. Vocês não têm noção que deve ter uns 5 mil reais em vasilha de plástico lá — contou Mateo, e o casal

riu. — Ela queria duas vezes, mas eu disse que não dava porque eu preciso sair pra beber e ter uma folga de ficar sendo vela do casal 20.

— Com coisa que *nós fica* se agarrando na sua frente. Deixa de bobeira — rebateu Jonas.

— Ah, não, com certeza não. Uma mesa desse tamanho, só três pessoas pra se sentar nesses bancos e a Sarinha tem que sentar no seu colo pra comer — reclamou Mateo.

— Dá licença, meu caubói acabou de chegar e eu tô com saudade. Os incomodados que se mudem. — Colocou o braço em volta do pescoço de Jonas e beijou sua orelha.

— Aí, tá vendo, agora vou ter que tomar uma pra passar a deprê. — Mateo levantou-se e foi levar seu prato e xícara para a cozinha.

— É difícil, né, ver seu amigo caipira com um mulherão que nem eu enquanto você tá sozinho. Tadinho do grilo falante.

— Bruxa do 71! — Mateo gritou, de longe.

— Projeto de cacatua!

— Malévola!

— Cês dois vão me deixar maluco, já tô até vendo. — Jonas tampou a boca da namorada com a mão para que os insultos de parquinho terminassem.

Sara aproveitou o dia livre para cozinhar, mesmo com os lembretes do namorado de que não precisava fazer isso. Fez carne de porco, arroz, feijão, paçoca (uma farofa típica goiana) e salada. Também já deixou pronto um bolo de chocolate para mais tarde.

— Credo, minha deusa. Cê fez comida pra um batalhão — disse Jonas, espiando o conteúdo das panelas.

— Foi de propósito, pra sobrar e congelar. Assim tem sempre alguma comida pronta.

— Eficiente, né? Tá contratada — falou Mateo.

— Vai esperando sentado que eu vou cozinhar pra vocês todo dia — informou Sara, e Jonas balançou a cabeça negativamente para o amigo.

— Por que não? Você vai tá morando e comendo aqui de graça, é o mínimo que pode fazer pra gente — reclamou Mateo.

— Ao contrário *docê*, minha deusa trabalha o dia inteiro. Ela não é nossa empregada.

— Calem a boca. Vamos comer — Sara mandou.

Almoçaram e passaram a tarde na rede, conversando e curtindo Nivaldo. Ele gostava de dormir, preferencialmente, se fosse no colo de alguém. Quando o sol estava se pondo, Jonas guiou Sara até seu lugar preferido no fundo do quintal, atrás da casa. Um grande tronco tinha sido modificado para servir de banco e encontrava-se disposto embaixo de um alto pé de pequi.

— Que lindo, amor.

Jonas sentou-se no tronco e Sara se acomodou no colo dele.

— Gostou? Daqui dá pra ver o sol ir embora. Eu adoro esse sossego, o barulho dos *passarim, das folha das árvore balangano...* Só mais um *prazinho* e o Nivaldo vai tá correndo por tudo isso aqui. — Apontou para o quintal.

— Ele vai amar.

— *Brigado* por ter vindo ficar aqui comigo. Sei que é cedo. — O caipira descansou o queixo no ombro dela e cheirou seu pescoço.

— Eu não ligo pra essa coisa de ser cedo ou não. Quando eu quero, eu faço. Mas daqui um mês você me diz se ainda tá achando boa essa história.

Jonas riu.

— *Ocê* continua fazendo a própria caveira pra mim.

— Tô só te preparando pro pior. Quem sabe quando esse dia chegar, você ache que não é tão ruim assim e não desista de mim.

— Credo, uai. Para com isso. Dá pra resolver qualquer coisa com conversa civilizada.

— Mantenha isso em mente quando eu surtar ou armar um barraco na frente de todo mundo. — Sara se mexeu e sentou-se de lado no colo dele.

— *Cê* fala como se fosse impossível evitar agir assim.

— Mas é. Dar um chilique e chorar de arrependimento depois tá no meu sangue.

— Não significa que *ocê* tem que fazer desse jeito. Seu signo não controla *ocê*.

— Não, mas ele me define.

— Bom... *cê* que sabe. Eu não acho que esse trem tem que dizer o que *cê* faz ou não. *Ocê* tem poder de escolha.

— Nunca tinha pensado por esse lado. Eu sempre vivi de acordo com as previsões dos astros e consegui ser bem feliz até agora.

— Que *bão*. — Jonas achou melhor mudar de assunto.

Conversaram por mais um tempo e entraram quando o sol havia se posto. Jantaram e foram para o quarto de Mateo assistir um filme, já que ainda não havia TV na sala deles.

— Uai, minha deusa, *cê* vai dormir de cabelo molhado? — perguntou Jonas, depois que ela tomou banho e colocou um pijama.

— Tô com preguiça de secar o cabelo.

— *Cê* vai adoecer. Aqui é mais frio que lá na sua casa.

— Caubói, isso é mito.

— Pra minha mãe, não é. E depois *cê* vai ficar reclamando quando acordar e ele tiver todo desgrehado. *Deixa eu* secar *procê*.

— Você sabe usar o secador? — Sara ergueu uma sobrancelha, intrigada.

— Não, mas é só *ocê* me ensinar que eu faço.

Sara encarou o caipira, que falava como se isso fosse a coisa mais normal do mundo — um homem interessando-se em aprender algo com uma mulher sobre seus hábitos rotineiros somente para ajudá-la — e decidiu colocá-lo à prova. Sabia que sua sogra o havia criado para ser um cavalheiro, contudo isso já estava fora do que ela o ensinou.

— *Alright*, vem cá. — Levantou-se e pegou o secador dentro da mala.

Mostrou a ele qual a temperatura ideal e a maneira de movimentar cada mecha de cabelo para que secasse uniformemente. No início, o caipira se atrapalhou um pouco sem saber o jeito certo de segurar o secador e mexer no cabelo ao mesmo tempo, entretanto, após alguns minutos, ele se movia com destreza.

— Se eu não tivesse te visto no começo, não acreditaria que você nunca fez isso antes — ela disse, quando ele terminou.

— Eu sou *bão* com *as mão*.

— Isso é verdade. — Sara gargalhou.

— É sério, eu sou *bão* em tratar *dos bicho* na fazenda, vacinar, limpar casco *dos cavalo*... Fora *as plantação*. Joguei handebol na escola a vida toda também.

— Tá explicado. Obrigada, gato. Você é meu cabeleireiro oficial a partir de agora. — Abraçou-o, agradecendo.

— Quando *cê* quiser, minha deusa. É só me ensinar que eu faço os *trem procê*. — Sorriu, e a beijou.

Sara foi dormir naquela noite com o coraçãoquentinho e com um pouco de frio na barriga por ter alguém tão sensível e atencioso ao seu lado.



Na segunda-feira, a geminiana acordou com o despertador, trocou de roupa e foi direto para o quintal. Esticou seu tapete de yoga e fez seu exercício matinal ouvindo os passarinhos cantarem e as árvores balançarem. Jonas levantou-se um pouco depois e observou-a por um tempo.

— Bom dia, minha lindeza — falou, tomando um gole de seu café, quando ela terminou.

— Bom dia, caubói. Achei que você já acordasse de chapéu — comentou, e passou a mão no cabelo bagunçado dele.

O caipira usava shorts e chinelos.

— Dentro de casa eu uso no máximo boné, ou chapéu de palha pra trabalhar no sol. Cê comeu?

— Não consigo comer depois de fazer exercício. Só mais tarde. Vou tomar um banho porque daqui a pouco tenho aula. — Deu um selinho no namorado e entrou.

Jonas tinha organizado um escritório improvisado para ela em um cômodo vazio, com uma mesa e cadeira confortáveis que tinha trazido da fazenda em Bela Vista.

— Tá tudo arrumado *procê*, minha deusa. Espero que dê certo *docê* trabalhar daqui — disse, verificando os fios e a internet antes dela começar o expediente.

— Tudo parece estar funcionando, gato. Fica tranquilo. — Beijou o namorado e se aprontou para começar as aulas de inglês pela internet.

Felizmente, não houve nenhum problema tecnológico. No intervalo das aulas, checkou o celular e viu uma mensagem de Jonas.

Caubói♡:

Me avisa quando você estiver no intervalo.

Eu:

Pode vir, gato.

O caipira bateu na porta e entrou trazendo uma xícara de café saindo fumaça e dois biscoitos de queijo em um prato pequeno.

— Caubói, você não existe. Que delícia de gesto e de pessoa que você é. — Sorriu e deu-lhe um selinho.

— De nada. — Sorriu de volta e fechou a porta atrás de si.

Na hora do almoço, Mateo pediu comida e os três almoçaram juntos. Depois, Sara e Jonas ficaram meia hora descansando na rede com Nivaldo, e ela teve de voltar para o turno de trabalho no jornal. Quando terminou, bateu na porta do quarto de Mateo procurando pelo namorado.

— Ele foi correr, aquele miserável *fitness* — reclamou o amigo, e Sara riu.

Brincou um pouco com Nivaldo até que avistou Jonas entrando pelo portão.

— Aô, trem bonito! — gritou ela, imitando o jeito que ele falava.

O caipira riu, e aquele sorriso natural fez o coração de Sara bater mais forte.

— Olha, você é lindo demais vestido de caubói, e tudo. Mas amor, você tá de parabéns com essa regata, shorts e tênis, viu? — Foi até ele, pronta para abraçá-lo.

— *Ocê* é uma lindeza mesmo. — Colocou as mãos na frente, para impedi-la de encostar nele. — Tô todo suado, minha deusa. — Ela revirou os olhos e beijou-o mesmo assim, segurando seu rosto com as mãos.

— Vamos lá pro tronco? — pediu e pegou na mão dele.

— Uai, *cê* gostou de lá?

— *Of course*. — Andou em direção aos fundos da casa.

Sentaram-se no tronco e conversaram até o sol ir embora de vez. Tomaram banho e foram comer o que sobrou do almoço. Continuaram na varanda conversando mesmo depois de terminarem. Em um determinado momento, Sara levantou-se da cadeira de fio que estava sentada e ficou em pé na frente da mesa de madeira para comentar sobre um assunto que

discutia com Mateo. Jonas, que se encontrava sentado em outra cadeira ao lado da dela, notou que o short branco que usava tinha uma mancha vermelha atrás. Discretamente, o goiano se aproximou e abraçou-a por trás. Aproveitou que o amigo prestava atenção no celular, e sussurrou no ouvido dela:

— Minha deusa, eu acho que cê tá naqueles dias. — Sara virou-se para ele e arregalou os olhos.

Jonas aproximou a boca do ouvido dela novamente e disse:

— Eu vou distrair o Mateo perguntando alguma coisa pra ele olhar pra mim e ocê sai de fininho, tá? — Afastou-se e Sara assentiu.

— Mas então, deixa eu perguntar um trem *procê*, que é dessa área. Esse negócio de fazer festa de lançamento vale a pena mesmo? — Jonas assumiu o lugar onde Sara estava e o amigo encarou-o.

Mateo começou a falar sobre o assunto e a geminiana beneficiou-se que o namorado tampava sua vista e saiu. Trocou de roupa, foi até a lavanderia que ficava do lado oposto à varanda e lavou o short sujo. Voltou usando outro jeans e a mesma blusa. Jonas puxou-a para perto e abraçou-a pela cintura.

— Obrigada, bebê — sussurrou no ouvido dele.

— De nada. — Ele sorriu e beijou o olho dela.

Jonas continuou prestando atenção na conversa de Mateo enquanto Sara não conseguia parar de olhá-lo. Aquele caubói havia sido enviado direto do paraíso para ela. Ele era sim, perfeito demais. Não obstante, estava disposta a correr com ele em vez de para longe dele, para variar. A vida inteira ela havia fugido de compromissos e oportunidades de amar. Pela primeira vez, sentia uma vontade avassaladora de abrir mão de tudo e fazer coisas que geralmente não faria. Aquele dia comum provou que pelo Jonas, ela queria mudar de posição, testar coisas novas e ceder. Tudo isso porque sabia que ele estaria lá quando precisasse, nos pequenos detalhes. Percebeu que não só se apaixonara perdidamente, como o amava.



A primeira semana morando juntos passou exatamente igual ao primeiro dia. Tanto Jonas quanto Sara acharam que a convivência diária estava sendo bastante prazerosa. Todos os dias a geminiana se levantava de manhã, fazia ioga nos fundos da casa e depois dava aula de inglês online ou trabalhava em textos jornalísticos. Seu namorado habitualmente batia na porta do quarto no horário que sabia ser o intervalo dela e levava uma xícara de café recém-feito. Almoçavam juntos e às vezes Sara cozinhava, caso tivesse tempo livre de manhã. Após o expediente dela, assim que Jonas chegava de Bela Vista, os dois sempre assistiam ao pôr do sol sentados no tronco embaixo do pé de pequi, e conversavam sobre o passado ou o que estava acontecendo no mundo. Esse tempo precioso juntos os aproximou.

Sara levantou-se, certa noite, e foi tomar um banho. Estava terminando de vestir o pijama quando Jonas entrou no quarto.

— Terminou aí? *Vamo* comer a pizza enquanto tá quentinha. — Fitou a namorada de cima abaixo.

— Tô pronta. Que foi? — Notou que o namorado fez uma expressão séria, abaixando as sobrancelhas.

— *Cê* vai sair do quarto com esse pijama?

— Vou. — Foi a vez dela de erguer uma sobrancelha, desconfiada.

Preparou-se internamente para dar um sermão sobre o fato de ele se intrometer nas escolhas de roupa dela, quando Jonas disse:

— Não acho que esse trem tá *bão procê* ficar na frente do Mateo, não. Dá pra ver metade da sua bunda com esse short, minha deusa. *Ocê* não ia querer que eu ficasse andando sem camisa na frente das *suas amiga*.

Sara o encarou por um momento e ponderou. Jonas era ainda mais bonito quando mostrava seu físico malhado exclusivamente por fazer flexões e correr, algo que ninguém esperava existir por trás das camisas xadrez. Suspirou e se deu por vencida. Ele estava certo sobre não querer que suas amigas o vissem desse jeito sem necessidade.

— Dessa vez passa, caubói. — Ela voltou para uma expressão serena. — Só porque usou um ótimo argumento e falou com esse jeitinho doce que você tem e eu não resisto. — Jonas não aguentou continuar sério, e riu.

— *Brigado*, minha lindeza. — Pegou-a pela mão, e foram comer.

No dia seguinte, o casal foi para o apartamento dela em Goiânia. Precisavam pegar algumas coisas que ela necessitava e desfrutaram do fim de semana sozinhos, com mais privacidade. No domingo à noite, voltaram para a casa de Jonas.

As próximas três semanas não mudaram muito. Aos finais de semana, iam a Goiânia e aproveitavam para ver seus pais e a dona Carmen. O casal passava mais tempo na casa de Jonas que no apartamento de Sara por causa do conforto e do espaço para Nivaldo. A geminiana havia organizado a rotina dos dois para que não atrapalhasse suas atividades no trabalho e nem na fazenda, e isso era só uma parte do que Sara exigia. Quando qualquer um dos três moradores precisava sair, tinha de avisá-la, assim como qualquer mudança nos afazeres que cada um tinha dentro de casa. A bronca era interminável se desconfiasse que alguém não cumpriu com alguma parte de seu cronograma diário.

A cada momento livre que tinha, o assunto de Sara era rotina, afazeres, cumprimento de deveres e tarefas. Jonas havia pedido secretamente que Mateo não discutisse com ela sobre isso, para evitar estressá-la ainda mais. O goiano se preocupava que a namorada pudesse estar ficando paranoica com tanta necessidade de controlar tudo para que conseguissem conviver bem.

Quando o mês de abril chegou e depois de completarem 30 dias morando juntos, Mateo resolveu sugerir um churrasco no final de semana. O caipira tinha acabado de combinar com Sara que ela poderia continuar a morar com ele e o amigo, já que o período de trabalho remoto em todos os empregos dela foi aprovado permanentemente. Jonas sabia que a ideia do churrasco em cima da hora não agradaria a Sara e tentou convencê-lo do contrário, sem sucesso.

— Você o quê? — perguntou ela, numa quinta-feira à noite, enquanto jantavam.

Achou que o mês de março tinha ido embora sem que conflitos fossem acontecer, segundo a previsão, graças a todo seu esforço para deixar tudo perfeito. No entanto, parecia que apenas haviam se atrasado um pouco.

— Tô pensando em chamar um pessoal pra vir aqui amanhã à noite. Faz um pouco mais de um mês que a gente tá morando aqui e ninguém sabe nem a cor desse quintal — explicou Mateo.

— Tá muito em cima da hora, Mat, a gente não tem nada aqui. Amanhã não vou ter tempo de sair pra fazer compras, tenho mil reuniões. — Sara levantou-se e foi levar seu prato para a pia.

— Ei, volta aqui que eu não terminei, não. *Cê* nem tá me xingando ainda. Eu posso muito bem ir comprar as coisas.

— Mateo, meu *fi*, melhor deixar esse trem quieto. — Jonas tentou fazê-lo mudar de ideia.

— Você sabe muito bem que essa é minha responsabilidade e eu só ia fazer isso no sábado depois que fosse no salão. A regra é não sobrecarregar ninguém! Vamos planejar isso direito pro outro final de semana — falou Sara, da cozinha.

— Mas eu já combinei com o pessoal de ser amanhã. Eu não ligo de comprar as coisas, vou estar tranquilo o dia todo — insistiu Mateo.

A patricinha voltou e sentou-se novamente na mesa. Entrelaçou os dedos das mãos e encarou o amigo, séria.

— Você devia ter nos avisado que queria esse churrasco muito antes, não no dia anterior. Qual parte de seguir o cronograma você não entendeu? Essa casa tem regras e elas têm um propósito, que é deixar a nossa convivência leve e organizada. Se na primeira oportunidade você pula o planejamento, automaticamente prejudica a mim e ao Jon com as

suas irresponsabilidades. Ou você é um psicopata sem emoções que não vai se importar se a gente é afetado ou não?

Mateo começou a gargalhar, e Jonas colocou a mão no rosto, segurando o riso.

— Vocês acham isso engraçado? Porque eu não. — Olhou diretamente para o namorado.

— É o que jeito que *cê* fala que é engraçado, minha deusa.

— Para de drama, deixa de ser purgante. É só um churrasco. Não uma reunião das Nações Unidas, Sarinha. Ninguém vai morrer se quebrar sua rotina, Super Nanny — revidou Mateo.

— Eu não concordo. — Sara moveu a cabeça de um lado para o outro. — Acho muita irresponsabilidade da sua parte convidar as pessoas e pensar num churrasco sem nem ao menos ter falado comigo e o Jon antes.

— Jon, ajuda aí, cara.

— Não me coloca nesse meio aí, não.

— Você mora aqui, devia dar sua opinião, sim. Eu voto não — exigiu a namorada.

— Também acho. Eu voto sim. — Sorriu Mateo.

— *Cês dois me tira desse rolo docês.* — O caubói levantou-se.

— Então eu vou resolver isso: você é só uma convidada, quem paga as contas sou eu e o Jon. Quem tem direito a voto aqui somos nós dois. Ele não quer votar, então eu que mando. Vai ter churrasco, sim, Bruxa do 71. — Mateo encarou a amiga.

— Ah, é? — Sara fitou-o também e levantou-se, cruzando os braços. — Então vai ser o seguinte: se esse churrasco acontecer, eu vou embora. Você decide. — Desviou o olhar para o namorado e começou a bater a ponta do pé direito no chão, esperando.

— Assim não vale, uai. É óbvio que ele vai votar que não, agora. Cadê a imparcialidade? E como é que eu fico nessa história? — Mateo voltou-se para o amigo. — Quem mora aqui nesta casa somos eu e você. Se a Sarinha não tivesse aqui, eu tenho certeza de que você nem ia ligar pra esse churrasco! Nem se ele tivesse acontecendo nesse exato momento.

— Quer saber? Você tá certo. — Sara pegou o celular que estava na mesa e entrou em casa batendo o pé.

Jonas passou a mão no rosto e coçou a cabeça.

— Tá vendo o que *cê* fez? Ah, nem... — protestou e saiu atrás dela.

Encontrou-a com uma chave, carregador e bolsa na mão, indo direto para o carro.

— Minha deusa, onde *cê* vai?

— Vou embora. Claramente não sou bem-vinda aqui.

— Para com isso, uai. Não foi o que o Mateo quis dizer.

— Lógico que foi. E o pior de tudo é que você é incapaz de me defender e se posicionar a meu favor, principalmente, sabendo que é inadmissível o que ele quer fazer. O que me diz que você concorda com o disparate dele, e me deixa decepcionadíssima. — Sara parou de andar, e pestanejou.

— *Ocê* fala difícil quando tá brava.

Ela revirou os olhos, sem paciência, e voltou a caminhar em direção ao carro.

— Minha deusa, não vai embora, por favor. Eu falo pra ele não fazer o tal do churrasco. Na verdade, eu já tinha falado que *ocê* não ia querer esse trem e ia dar briga, mas ele não me ouviu. — Continuou a andar atrás dela.

— Tá vendo, você o tempo todo pensou no que eu ia achar e não teve capacidade nenhuma de opinar. Me devolve isso! — Jonas tomou a chave da mão dela antes que entrasse no carro.

— Não vou deixar *ocê* dirigir nervosa desse jeito. — Deixou Sara falando sozinha e foi até a varanda. — *Cê* pode ir consertar esse trem que *ocê* arrumou. — Apontou o dedo para Mateo, que ainda estava sentado no mesmo lugar.

Mateo mostrou o dedo do meio para Jonas e se levantou.

— Sarinha, desculpa o que eu disse. Não quis dizer que você não era bem-vinda aqui. Até porque o Jonas não te trouxe pra cá sem me pedir. Fica tranquila que não vai ter churrasco. Eu que vou pra casa dos meus amigos. Próxima vez, eu te mando um e-mail avisando do evento antecipadamente pra que a Vossa Excelência não seja pega de surpresa e isso não atrapalhe sua agenda lotadíssima — Mateo falou com as mãos entrelaçadas na frente do corpo fingindo um sotaque francês enquanto sorria.

Sara o examinou por alguns segundos, sem acreditar. Jonas passou a mão no bigode e balançou a cabeça.

— Você é impossível. Me dá minha chave. — Estendeu a mão para o namorado, séria.

— O que ele quis dizer é que depois que ele voltar da casa *dos amigo* dele, vai levar a sério seu esforço de tentar ajudar na organização aqui de casa e isso não vai mais se repetir. Né, meu *fi*? — falou Jonas, levantando a chave acima da cabeça para que Sara não alcançasse.

Mateo encarou o amigo, incrédulo. Revirou os olhos e assentiu, vencido.

— Malévola! — gritou, assim que Sara saiu para a cozinha em direção à sala.

— Calopsita falsificada! — Sara insultou-o também.

— Você me deve uma — Mateo disse a Jonas, que concordou e saiu.

Seguiu a namorada até o quarto e percebeu que ela tinha se trancado no banheiro.

— Minha flor? — Ela não respondeu, entretanto, ele sabia que ela estava lá. — Abre a porta, por favor. *Cê* pediu pra eu resolver e eu resolvi, do meu jeito, mas eu resolvi.

OuvIU um clique e a porta foi aberta. Jonas entrou no banheiro e percebeu que Sara chorava.

— Uai, minha deusa, por que *cê* tá chorando? — Colocou um braço em volta dela e com o outro acariciou seu cabelo. — *Cê* que briga e *ocê* que chora? Que que foi?

Teve de esperar alguns minutos até que ela se acalmasse e conseguisse falar. Passou as mãos no rosto dela para limpar as lágrimas e beijou-a nos olhos.

— Acredita que minha mãe me mandou mensagem dizendo que eu não tô visitando eles o suficiente desde que vim morar com você? Ela teve a capacidade de dizer o mesmo que o Mateo, “você esqueceu de encaixar a gente na sua agenda *hiper* ocupada”.

Jonas fazia carinho no cabelo dela.

— Como ela pode achar uma coisa dessas? Eu vou lá toda semana, mas não dá mais pra ir todo dia como sempre fiz, agora eu moro muito longe! — contou, indignada.

— *Ocê* não tem que se sentir culpada, eu sei do seu esforço de dar atenção a todos.

— Minha vó disse que a única coisa que a gente leva depois que morre são as memórias da família, e que eu não tô passando tempo suficiente com a minha. O pior é que a minha mãe concorda.

— Quem manda na sua vida é você, minha deusa.

— Eu falei todas aquelas coisas pro Mat... Agora ele vai pensar que eu sou uma chata, mandona e intrometida. Mas eu sou assim, quando percebo, já explodi e fiz a maior cena por pouca coisa! Não quer dizer que eu não tenha educação. Às vezes, não consigo pensar antes de falar.

— Tenho certeza de que ele não pensa isso *docê*. Fica tranquila. Se *ocê* não acredita em mim, pode perguntar pra ele.

— Eu nem sei mais o que fazer... Se eu tento ser uma boa moradora dessa casa, não dou atenção suficiente pra minha família.

— *Cê* tem que fazer o que acha certo. Doa a quem doer.

Sara suspirou.

— Não fica chateada mais, não.

— Desculpa ter falado com você daquele jeito, lindo. — Abraçou-o pela cintura.

— Preocupa não, minha flor. — Beijou o topo da cabeça dela. — Só queria te dizer uma coisa: *cê* não precisa agradar todo mundo. *Ocê* ficou tão preocupada em controlar tudo aqui em casa que esqueceu de viver. Em vez de deixar a convivência leve, te sobrecarregou e *ocê* nem percebeu. O Mateo queria fazer o churrasco justamente porque a gente tava vivendo numa rotina rígida demais aqui em casa.

— Você acha mesmo?

Ele afirmou com a cabeça.

— Ai, gato, desculpa. Eu faço isso com a minha vida e achei que ajudaria a organizar tudo. Acabei controlando a de vocês também. Não foi por mal.

— Eu sei. A gente sabia. Bola pra frente. Quer assistir alguma coisa?

— Acho que vou dormir mais cedo hoje. Chorar cansa.

— Então vou ficar até *cê* dormir.

— Eu tô te avisando que você tá criando um monstro bipolar e mimado. — Jonas riu.

— Não ligo de mimar *ocê*.

O caubói esperou que ela tomasse um banho e ficou ao seu lado até adormecer. Como ainda era cedo e estava sem sono, juntou-se a Mateo

na varanda.

— Uai, cadê a onça?

— Foi dormir. Tava lá, chorando — contou Jonas.

— Eu hein, mulher doida.

— Quase me deixou maluco pra depois ficar toda sentimental, chorando porque tava com medo de ter falado demais comigo e *cocê*.

— Sério?

— Pediu até desculpa. Capaz que amanhã vai pedir *procê* também.

— Meu filho, do jeito que você é um caboco sistemático, arrumar uma mulher dessa é muita coragem.

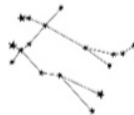
— *Nós é* a prova viva que os *oposto* se atraí. Mas não tem jeito, eu *amo ela*. Então, toda vez que nós brigarmos, ela vai tá certa.

— Pelo menos você vai manter a sanidade mental.

— Eu sou paciente, os *drama* dela não me tira do sério. É só ela sorrir e dar aquela risada escandalosa dela que tudo vale a pena. Ou quando ela me chama de bebê e grita porque eu fiz algum trem “fofo”. Pode acontecer o que for que eu volto igual um ímã pra ela.

— O homem apaixonado é um bicho muito burro.

— Vou guardar essa frase pra quando *ocê* tiver namorando também. — Mateo riu.



No dia seguinte, na hora do almoço, Sara pediu desculpas a Mateo e assim como Jonas havia dito, ele a compreendia. Decidiu colocar de lado por enquanto os problemas familiares e deixar a vida como estava. Combinou de ir com Jonas à fazenda de Bela Vista no fim de semana para fazer uma atividade ao ar livre e finalmente conhecer sua irmã. Foi difícil convencê-la, contudo, Sara aceitou ir depois do namorado confessar sua preocupação com ela, por estar muito estressada por tentar controlar tudo.

Acordaram cedo no sábado e pegaram a estrada. Bela Vista de Goiás era uma cidade com quase 30 mil habitantes onde muitos goianienses tinham fazenda ou chácara nos arredores por causa da proximidade com a capital. Foi exatamente esse o motivo do avô de Jonas ter preferido o município para adquirir uma propriedade. Assim

que chegaram na fazenda Margarida, a geminiana surpreendeu-se. Quando o namorado disse que o território tinha mais ou menos 6.000 hectares (ou 60.000 metros quadrados) e quase 5.000 cabeças de gado, ela não imaginava na prática o quão grande era. Não dava para ver o fim.

A entrada era linda, cheia de palmeiras, grama e várias árvores frutíferas espalhadas. Jonas estacionou a caminhonete embaixo de uma delas. Caminharam até a casa principal, onde os donos e familiares ficavam. Tudo tinha decoração interiorana e rústica, e Sara sentiu-se novamente passeando por Pirenópolis. Assim que entraram, avistaram Elena.

— Oi, mana. — Jonas acenou para a irmã, que estava sentada na poltrona coberta por um pano de crochê na sala.

— Oi, mano! — A mulher magra de cabelo liso longo escuro e muito parecida com o caipira, levantou-se.

— Como *cê* tá? — perguntou, abraçando-a.

— Ótima! Uai, amiga? — Elena encarou Sara, surpresa. — Como assim *cê* tá namorando a Sarinha, mano?

— Esse mundo é muito pequeno mesmo! — Sara riu.

— *Procê* ver o tanto que *cê* presta atenção quando eu falo *cocê*.

— Uai, mas onde nesse mundo eu ia sonhar que a sua Sara era a minha Sarinha? Amiga do céu! Nunca imaginei vocês dois juntos. — Elena começou a rir também e abraçou a amiga.

— Amor, acredita que todas as vezes que você me falou o nome da sua irmã eu pensei “também conheço uma Elena com E”?

— Não é possível, uai. Então *cês* se conhece mesmo? *Nós podia ter conhecido* um punhado de tempo antes, então.

— Ah, nem, que coisa mais linda a gente ser cunhadas! Mano! *Cê* ganhou na loteria demais da conta! E você também, Sarinha. — Elena comemorou.

— *Ocê* definiu bem — disse Jonas.

— Amiga, senta aqui e me conta tudo. — Elena apontou para o sofá que também estava coberto com uma colcha de crochê.

Sara olhou para o namorado.

— Fica aí, minha deusa. *Cê* tá precisando bater papo. Eu vou resolver *meus trem*, depois venho te buscar pra conhecer a fazenda. — Beijou a namorada na testa.

— Ai, que tudo vocês dois. — Elena bateu palmas, animada.

Sara riu e começou a contar para a cunhada toda sua história com Jonas. As duas se conheciam de muito tempo atrás, quando a geminiana fazia bicos na mesma empresa que Elena trabalha até hoje como modelo fotográfica. Sua cunhada era mais patricinha que todas as suas amigas e primas juntas, a que menos imaginaria ser irmã de Jonas.

Quando Elena começou a falar do seu ex pela terceira vez, Sara resolveu que era hora de se retirar. Ela conseguia ser ainda mais falante que a geminiana, poderia continuar com o mesmo assunto por horas. Tentou ligar para Jonas, porém ele não atendeu.

Saiu da casa principal e tentou encontrá-lo sozinha. Andou um pouco por um jardim muito bem-cuidado até chegar em outra casa maior ainda. Suspeitou que ali devia ser a sede da fazenda, local que alguns funcionários moravam e comiam. Perguntou a um deles onde poderia encontrar o namorado e foi na direção que ele apontou. Caminhou por algum tempo até avistar o caubói de chapéu preto montado em um cavalo branco exuberante. De longe, percebeu que havia várias pessoas em volta dele falando alguma coisa. Várias delas eram mulheres que também usavam chapéu, botina e fivela no cinto. Quando chegou mais perto, notou que suas blusas tinham o logo e nome da fazenda.

— Oi, gato — chamou Sara.

— Uai, minha deusa, *cê* tá aqui? Eu já ia te ligar de volta. — Desceu do cavalo, aproximou-se e beijou-a no cabelo.

— Gente, essa aqui é a Sarinha. *Cês* agora vão sempre *ver ela* por aqui comigo — falou Jonas, com os funcionários.

As mulheres presentes verificaram Sara da cabeça aos pés, julgando com o olhar seu tênis rosa e vestido jeans com botões e alças. A patricinha acenou e sorriu. Percebeu que eram as mesmas mulheres que cumprimentaram Jonas no Alabama quando saíram juntos. Fez questão de ficar de mãos dadas com o namorado enquanto levavam o cavalo de volta para o estábulo e assim caminharam até a sede. Esperaram alguns minutos até que todos os funcionários se espalhassem pelo refeitório e ela observou Jonas comunicar algumas palavras a todos. Ele lembrou alguns protocolos de segurança que deviam ser seguidos diariamente e aproveitou para explicar que não se surpreendessem se vissem Sara andando pelo terreno, já que era sua

namorada. Alguns deles a cumprimentaram de longe, e ela correspondeu.

— Minha deusa, eu vou ter que ir com uma *das veterinária* ver *as vaca* que *tá* prenha. Se *ocê* quiser, eu chamo alguém pra te mostrar tudo pra gente não se atrasar — informou Jonas, depois que as pessoas se dispersaram.

— Ah, caubói, queria ver com você. A veterinária é uma daquelas funcionárias que estava com você naquela hora?

— Era. Todas elas trabalham com *os bicho*, na verdade. Por quê?

— Só pra saber. Posso ir com você? — perguntou, colocando as mãos para trás e inclinando a cabeça até encostar no próprio ombro.

Jonas sorriu e Sara também ao ver os pés de galinha que apareceram no canto dos olhos dele.

— Trem mais lindo desse mundo *todim*. Dá beijo. — Inclinou-se para frente.

A geminiana deu um selinho, ambos colocaram novamente os óculos escuros e caminharam em direção ao local onde a veterinária e suas assistentes esperavam. No fundo, Sara gostou de saber que elas estavam assistindo àquele pequeno momento dos dois. Caminharam até o estábulo e Jonas perguntou:

— Já andou de cavalo, minha deusa?

— *Of course*. Que foi? Eu sou uma menina da cidade que também é aventureira — justificou, quando o namorado duvidou.

— *Ocê* vai comigo de qualquer maneira. Ainda bem que *cê* botou um short por baixo desse trem. — Recordou-se das tentativas frustradas de fazer a namorada vestir algo mais adequado.

Sara abriu os dois botões posteriores do vestido jeans e segurou a mão do namorado, que a ajudou a subir no cavalo. Ela agarrou-se na cintura dele e cavalgaram até o local onde as vacas prenhas pastavam separadamente. Jonas explicou que os peões cercaram três delas em um canto para colocar uma de cada vez em um brete de contenção (uma espécie de equipamento que imobiliza o animal com segurança) onde a veterinária faria a palpação retal, exame que diagnostica o tempo de gravidez.

A veterinária chamada Amanda ensinava para as assistentes o que estava fazendo a cada movimento, entretanto, não esquecia de olhar para Jonas também. Sara ficou mais afastada, observando. Quando terminou,

notou que ela se aproximou o suficiente do chefe para ajeitar o chapéu dele e dar tapinhas em seu braço. As assistentes também fizeram de tudo para chamar a sua atenção, sem sucesso. O caipira passou o tempo todo olhando somente para as vacas. Sara riu discretamente.

Jonas dispensou as funcionárias e foi dar uma volta de cavalo com a namorada. A propriedade era tão grande que só poderiam ver sua totalidade de carro, então visitaram a parte dos bezerros e vacas leiteiras, o galinheiro, que era do tamanho de uma casa pequena, e a horta, que segundo o goiano, era a parte preferida de sua mãe. Depois do passeio, tomaram um banho na casa principal, se despediram de Elena e foram embora.

— O que sua irmã veio fazer aqui? — perguntou Sara, depois que entraram na caminhonete.

— Festar. Ela só vem aqui pra isso.

— Sozinha?

— Até parece. Ela trouxe *os amigo* que *tava* tudo dormindo ainda. Eu *fiz ela* prometer que ninguém ia sair da casa principal pra atrapalhar os funcionários. A Leninha só acordou porque eu disse que vinha aqui *ver ela*. Ali é coruja purinha. Dorme de dia e vai farrear à noite.

— Não mudou nada mesmo. — Sara lembrou de quando costumava sair com Elena na época da faculdade.

A cunhada tinha acabado de entrar no curso de advocacia e as duas cursaram uma disciplina em comum juntas. Elena abandonou tudo pouco depois para focar na carreira de modelo.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Uai, pode.

— Você ficou com alguma daquelas funcionárias?

— Credo, uai. Eu não. Por que essa pergunta?

— Elas só faltaram me carbonizar com os olhos quando você me apresentou. E não paravam de dar em cima de você na minha frente.

— Misericórdia. De onde *cê* tirou isso?

— Ah, caubói... Nunca subestime uma mulher apaixonada ou que quer se apaixonar. No caso, eu sou a apaixonada e aquelas lá, as que querem você.

— *Ocê* tá com ciúme delas?

— Lógico. Eu espero que daqui pra frente você tenha isso em mente quando lidar com elas. Por precaução.

— Uai, minha deusa, eu nem dei moral pra elas.

— Eu sei. Foi exatamente isso que eu vi. Um bando de mulheres emanando feromônios, tentando atrair um caubói que é apaixonado por uma patricinha que não tem nada a ver com ele. Pode ter certeza de que as tentativas delas de te impressionar vão triplicar agora.

— Por quê?

— Porque elas acham que eu sou não sou pro seu bico.

— E *ocê* ficou sabendo disso tudo sem trocar nenhuma palavra com elas? — Jonas fitou a namorada por um segundo e voltou a olhar para a estrada de chão à sua frente.

— Sim.

— Meu Divino Pai Eterno... — ponderou. — Desculpa qualquer coisa, minha flor. Eu não sabia desses trem.

— Bebê, você não fez nada errado. Eu só tô pedindo pra tomar cuidado e ficar esperto quando elas estiverem por perto. Eu amo você e quero continuar assim. — Jonas tirou os olhos da estrada por mais de dois segundos, dessa vez.

Não acreditava que ela tinha realmente dito isso.

— Uai, minha deusa. Não sabia que *ocê* me amava. — Não conseguia evitar de sorrir.

— A previsão de março pro meu signo se cumpriu com algum atraso, mas a de abril diz que eu preciso falar o que eu sinto. Então, eu disse. — Encarou Jonas, animada, mas o sorriso dele havia murchado.

Percebeu que ele não estava mais tão feliz assim.

— E eu acabei de estragar tudo — completou.

— Não, minha linda. Eu sei que *cê* sente isso mesmo. Brigado por ter dito — disse, sem desviar os olhos da estrada.

Sara julgou que era melhor dar um tempo a ele e pensar em como consertar aquilo. Tudo o que menos queria era magoá-lo. Sabia que o namorado não acreditava em horóscopo e usar isso como justificativa para dizer que o amava lembrou-a de vários momentos em que se encencou por causa dos astros. Mais uma vez, havia colocado o carro na frente dos bois.

Assim que chegaram em casa e ele estacionou a S10, desceram do carro e Sara viu o caipira andar devagar até a varanda para falar com Nivaldo.

— Caubói...

— Tá tudo bem, minha deusa. — Jonas deixou seu cachorro no chão e fitou a namorada.

— Não tá, não. Você tá chateado, mas é bonzinho e paciente demais comigo pra admitir. Desculpa ter dito aquilo daquela maneira. Eu ensaiei tantas vezes na minha cabeça um jeito especial de te dizer isso... porque eu sabia que você estava esperando ansiosamente pra ouvir. Me perdoa, eu sou meio doida às vezes. Mas as minhas intenções são boas, principalmente, se for pra você.

Jonas olhou para o chão, depois de volta para Sara.

— Eu te amo de verdade. Foi acontecendo tão devagar, aos poucos, como se tivesse uma corda invisível me amarrando a você e me puxando cada vez mais pra perto. Quando eu percebi, já te amava. Só tava esperando o momento certo de te dizer. Pena que eu fiz tudo virar uma bagunça, como sempre.

O goiano piscou algumas vezes e esticou o braço para frente.

— Vem cá.

Sara sorriu.

— Se eu tava chateado, nem lembro mais. — Abraçou-a e cheirou o cabelo dela. — Te amo, minha deusa. *Brigado*. Não ligo se ocê é doida.

Ela riu no pescoço dele.

— Que bom. — Afastou-se um pouco e fixou os olhos nos dele. — Saiba que essa foi a primeira vez que eu fiz isso, tá. Me dê um desconto.

— Mentira... *Cê* nunca amou ninguém antes?

— Já. Mas não desse jeito, sem querer. E nunca tive coragem de dizer pra pessoa.

— Uai... então eu posso dizer que sou seu primeiro em alguma coisa.

Sara deu sua famosa gargalhada escandalosa e única.

— Você é o primeiro a fazer muitas coisas comigo...

— Mesmo? Então peraí. — Tirou o chapéu e jogou-o na mesa.

Pegou a patricinha no colo pelas pernas e jogou-a por cima de seu ombro. Levou-a direto para o quarto sem se importar se Mateo estava em casa ou não. Colocou a namorada, que ria sem parar, no chão, fechou a porta atrás de si e beijou-a pensando em todas as formas possíveis de amá-la.



MAIS QUE DIAMANTE

Na semana seguinte, Sara tentou de todas as formas convencer a avó de que sua vida não lhe permitia mais visitá-la quase todos os dias como costumava. Sem a ajuda da mãe e de mais ninguém da família, foi impossível, mesmo tendo passado o dia todo com elas e seu pai. Voltou para a casa de Jonas sentindo-se frustrada e mal-humorada. Foi direto para o banho, sem cumprimentar o namorado e o amigo que estavam na varanda.

— Minha deusa, tá tudo bem? — Jonas bateu na porta do banheiro.

— Não! Me deixe em paz! — gritou do lado de dentro.

— E aí? — perguntou Mateo, quando o amigo voltou.

— Não sei. Ela só mandou eu vazar na braquiária. Deve tá brava com alguma coisa.

— A sua cara de preocupação é contagiante. — Mateo riu com a tranquilidade de Jonas.

— *Esses drama* dela é tudo fogo de palha. É só não dar moral. Já conheço. Quer apostar quanto que ela vai sair do banheiro toda carente pedindo colo?

— Dez conto.

— Vinte.

— Fechado. Se ela continuar soltando fogo pelo nariz, eu ganho — completou Mateo.

— Então tá, amiga. A gente se vê sexta. Beijo. — Sara surgiu, algum tempo depois, falando no celular. — Amor, vai ter uma resenha aqui na sexta, pode ser? Se não puder, eu vou lá pra casa.

— Que trem é esse de resenha? — Jonas ficou confuso.

— É uma socialzinha com os amigos, moço — explicou Mateo.

— Uai, lindeza, claro.

— Vou pegar minhas anotações agora e usar as mesmas palavras que você usou comigo. Como é que era mesmo? Você não me avisou com antecedência, por acaso é psicopata e eu não sei, dona Sara? — implicou Mateo.

— *Sweetie*, fica na sua porque eu tenho certeza de que você vai ser o primeiro a se aproveitar da resenha, tá? Você não tem moral nenhuma. Eu prometi não ser mais aquela chata controladora, tá?

— Obrigado Jesus! — Mateo fez o sinal da cruz.

— Sabe onde minha vó estava hoje? Na casa da tia Sandra, com a minha mãe, falando pra todo mundo que eu a troquei pelo Jonas. Meu pai me contou que até tenta me defender, mas as duas não se conformam com minha mudança pra cá. — Sara balançava a mão enquanto falava, indignada.

Sua testa franzia um pouco entre as sobrancelhas e ela piscava excessivamente.

— Aí eu chego aqui e descubro que vocês dois receberam visita na minha ausência. — Jonas encarou Mateo, lembrando dos amigos que vieram almoçar enquanto Sara estava fora. — Eu estou cercada de falsários e exausta de ser a única acusada de errar. Preciso espairer! — Cruzou os braços.

Mateo esticou a mão pedindo o pagamento da aposta.

— Vem cá, minha deusa. *Desculpa nós*. — Jonas puxou-a pela cintura e ela sentou-se no colo dele. — Foi só um almoço.

— Ah, amor, sacanagem, né? Eu tô aqui todo dia e vocês não chamam ninguém. É só eu sair que o rolê acontece? Mas agora já era. Não vou mais ligar pra isso. — Sara se aninhou no namorado e aceitou o carinho dele. — Tô cansada de ser apedrejada por todos os lados.

— Pode fazer o trem que *cê* quer aqui em casa, você merece. — Foi a vez de Jonas esticar a mão para o amigo, que revirou os olhos. —

Nós chama nossos amigo também.

— Posso chamar meus primos?

— O que *cê* quiser, minha deusa. Quer que eu faça um café *procê*?

— Não. Só quero ficar aqui no seu colo um pouquinho — disse, manhosa.

Jonas sorriu para o amigo, que balançou a cabeça, vencido. Pegou a carteira e pagou a aposta.



No final de semana, os amigos chegaram para o encontro na casa do trio.

— Amiga, trabalhei demais essa semana. Na quarta, eu fiz 14 horas — Sara contou.

— Pra que isso tudo? — perguntou Iara.

— Pra eu poder ir com o Jon nas fazendas quando ele for. Adianto meu serviço e posso ir.

— E ele tá sabendo disso? — Romeu olhou por cima do óculo redondo e bebeu um pouco do que havia em seu copo.

Seu cabelo agora tinha corte e a barba foi feita.

— Lógico. Ele gostou da ideia e eu também. Vou poder ficar de olho nas piriguetes que dão em cima dele. Deve ter um bando delas em cada fazenda.

— Quem é piriguite? — Jonas surgiu com uma cerveja na mão e uma lata de Pepsi Black na outra.

— Aquelas “bonitas” que trabalham com você — respondeu Sara, sem rodeios.

— Ô *muié* cismada.

— Nós, mulheres, temos que nos unir, Sarinha — Iara interviu.

— Mulheres unidas jamais serão vencidas. Mas cada uma com seu próprio homem, de preferência. — Sara abriu a cerveja e bebeu um gole.

Quando colocou de volta na mesa, a garrafa escorregou de sua mão e caiu no chão, quebrando-se em mil pedaços. Houve um burburinho das pessoas fazendo graça com o acontecido.

— E a Sarinha ataca novamente! — gritou Mateo.

— Se a minha deusa não quebrar alguma coisa, não é ela. Deixa que eu cato *esses trem*. — Jonas levantou-se e foi buscar uma vassoura e um pano.

— Os copos aqui de casa já estão no fim. A Sarinha e um boneco de Olinda segurando as coisas dá no mesmo — explicou o amigo.

— Cala a boca, papagaio do cerrado.

— Onça de zoológico — retrucou Mateo.

— Quem olha pra minha prima não pensa que ela é o desastre em pessoa — comentou Bianca.

— Ai, me cortei — anunciou Sara depois de tentar catar os cacos da garrafa e ajudar Jonas.

— Falei *procê* deixar eu limpar. — O caipira olhou o dedo dela e saiu.

Voltou com uma caixa de plástico escrito “SOS”. Limpou e fez um curativo.

— Que meigo, o *boy* fazendo curativo — falou André, amigo de Jonas e Mateo.

— Ele sabe cuidar de mim, André. Você fica quietinho porque eu nem te conheço ainda. Seu direito de zoar meu caubói na minha frente ainda não foi adquirido. — Sara riu.

Ele tinha o cabelo cortado bem curto, barba densa e olhos escuros. Vestia-se como se fosse para o shopping e falava o português tão certo quanto Sara. Consequência de ser advogado.

— Tem isso, é? — perguntou Leonardo, sentado ao lado de Jonas e Sara.

Ele era amigo de infância de Jonas, do qual o goiano mais falava a respeito para a namorada. Seu nariz era largo, os olhos verdes e cabelo bem-cortado.

— Pior que agora eu tenho segurança particular, Léo — comunicou Jonas, e terminou de limpar o chão.

— Tá mais pra cão de guarda — Luiz mencionou, e todos riram.

Sara descobriu que Mateo era o amigo em comum que apresentou Luiz a Jonas, e foi ele quem organizou a festa de confraternização do O Popular na qual ela conheceu o namorado.

— Lu, você é meu amigo ou não? — A patricinha riu também.

— Só não te conheço há mais tempo que o Romeu e a Bibi. De resto, eu ganho de todo mundo — comentou Luiz, meio bêbado e

cambaleante. — Obrigado, amiga, por proporcionar essa resenha.

— Isso. Valeu, Sarinha, por ser de gêmeos e mudar de ideia igual muda de roupa — disse Mateo.

— Por que você veio morar aqui mesmo, amiga? — Iara quis saber.

— Cansei de ganhar migalhas de tempo com meu namorado. Quem não é visto não é lembrado — respondeu Sara.

— O drama chega escorre no chão — desdenhou Mateo.

— Eu te via quase todo dia — defendeu-se Jonas.

— Aham. Você só ia porque eu praticamente te obrigava. — Sara cerrou um pouco os olhos reclamando.

— Também, com uma onça dessa como namorada, o coitado não tem nem pra onde fugir — comentou Luiz.

— *Cê* respeita minha deusa, trem. — Jonas juntou as sobrancelhas tentando não rir.

— Vocês são todos fingidos, isso sim. O pior é que até na minha família todo mundo tá contra mim também. Só meu pai me apoia. Parece que eu tô cometendo um crime namorando com o Jon — explicou Sara.

— Sério, cara, o quê *cê* viu nela? — perguntou André.

— Eu vi a *muié* da minha vida — respondeu, e todos debocharam dele.

— E você, Sarinha? — Mateo não quis perder a oportunidade de perguntar.

— Eu vi um carneirinho pronto pro abate. — Os amigos presentes gargalharam e exclamaram diversos comentários sobre como Jonas saía perdendo nesse relacionamento.

Sara riu, divertindo-se com a imaturidade deles. Percebeu que Jonas revirou os olhos e deu um sorriso tímido, depois voltou a conversar. Continuaram com a social até mais ou menos uma da manhã. Romeu — que não havia bebido — levou Iara e Bianca para casa e deu uma carona para André e Luiz. Leonardo ficou na sala, onde adormeceu sem querer.

Acordaram tarde na manhã seguinte e Sara não deixou Leonardo ir embora. Aproveitou para se aproximar do melhor amigo do namorado e fez várias perguntas sobre a vida dele. Ele passou a infância em Hidrolândia, assim como Jonas, e estudou na mesma escola do amigo até o caubói se mudar para Goiânia, no ensino médio. Seu Joaquim

costumava levá-lo junto com o filho para a fazenda. Mesmo depois que se formou em fisioterapia e mudou-se para Anápolis não perderam o contato. Os dois haviam passado por todos os altos e baixos da vida juntos.

Leonardo acabou ficando por lá até domingo à noite.

— Sarinha, agora me diz, posso acabar com seu namorado na sua frente ou ainda não? — disse, entrando em um Gol azul de duas portas.

— Acho que posso te colocar na lista dos “amigos decentes do meu namorado”. Você pode azucrinar meu caubói, mas isso não significa que eu não vou defendê-lo. — Sara encostou-se no carro e apoiou-se na janela.

— Eu tô nessa lista? — perguntou Mateo.

— Você tá na “amigos idiotas, porém, decentes, do meu namorado” Jonas riu e o amigo mostrou a língua para Sara, imitando-a.

— *Véi*, como você aguenta esses dois? Eles parecem que têm oito anos brigando no recreio — Leonardo questionou Jonas.

— Depois de *quase dois mês* morando com eles, eu já tô vacinado.

— Avisa quando chegar, amigo. — Sara bagunçou o cabelo fino e sedoso de Leonardo mais uma vez, e despediu-se.

— Falou, meu *fi*. — Jonas acenou.

— Tchau *procês*. Obrigado pelo pouso. — Leonardo ligou o carro e deu ré.

— Adorei o Léo. Muito simpático — comentou Sara.

— “Ai, Léo, seu cabelo é tão lindo. Léozinho, você quer café? Tá com fome? Dormiu bem? Me conta, e as namoradas?” — Mateo tentou imitar a voz da amiga, que lhe lançou um olhar fuzilante.

— Larga de *cê* besta, moço. — Jonas juntou as sobrancelhas, sério.

— Eu sou uma anfitriã maravilhosa e trato bem as pessoas, dá licença — disse Sara.

— Minha deusa é assim com todo mundo. Para de dar rata — Jonas defendeu-a, mas no fundo sentia-se um pouco incomodado pelo tratamento exagerado que Leonardo recebeu dela.

Decidiu que não era nada demais e abandonou esse pensamento.

— Então deve ter alguma coisa errada comigo, só pode — reclamou Mateo.

Sara deu um tapa no braço do amigo, que saiu correndo e rindo.

— Bruxa do 71!

— Zumbi do Walking Dead!

— Minha deusa, amanhã tenho que ir à Aragoiânia — comunicou Jonas.

— Posso ir com você? — perguntou, animada.

— Pode, uai. — Sorriu, com o entusiasmo dela.

— Vou pedir pra alguém me cobrir na aula de inglês, então. Já adiantei meus outros serviços.

— *Cê tá trabalhando demais. Essa semana nem conseguiu assistir ao pôr do sol comigo todo dia.*

— Mas foi por uma boa causa. Agora vou poder ir com você amanhã.

— Talvez a gente tenha que dormir lá e voltar no outro dia cedo.

— Tá bom. Vou arrumar minhas coisas, então.

— Separa tudo que eu coloco na mala *procê*.

— Você é meu anjo da *dobração* de roupa. — Levantou as mãos para o céu e riu, entrando no quarto.

— Tava pensando em comprar um guarda-roupa maior pra caber melhor *suas coisa* — sugeriu Jonas.

— Pra que, gato? Eu devia voltar pra minha casa. Economizaria muito a minha dor de cabeça com o Mateo jogando na minha cara que eu não ajudo em nada aqui, além da questão com a minha família — contemplou, enquanto o namorado organizou uma muda de roupa, que ela havia separado, em uma mochila.

— Uai, lindeza, vai embora não. Eu acostumei *cocê* aqui comigo. Por mim, *cê* podia ficar era pra sempre.

— Bebê, tecnicamente você não mora sozinho pra me convidar a ficar aqui.

— Mateo nem liga. Ele também já tá acostumado. — Pegou a *necessaire* com os itens de higiene dela e enfiou na mochila.

— Acho que tô precisando de um tempinho só pra mim. É bom de vez em quando.

— Então *cê* vai um fim de semana e depois volta.

— Caubói...

— Nós *já tá morano* junto mesmo, minha deusa. Deixa quieto, uai — reclamou.

Achava que a namorada tinha gostado de ficar com ele.

— Então vem você morar comigo.

— Aqui é maior que seu apartamento e não dá pra levar o Niva, você mesma disse. E lá é mais longe da fazenda, vamos passar menos tempo juntos.

Sara suspirou.

— O que *ocê* quiser trazer pra cá, eu trago. Ou compro *procê*. É só me falar.

— Não é isso, gato. Gosto do meu canto. Não quero me desfazer dele. Eu paguei aquele apartamento com o suor do meu trabalho. É a representação da minha independência com relação à minha família.

— *Ocê* não precisa se desfazer de nada. Deixa lá do jeito que tá. *Cê* pode ir quando quiser, eu vou *cocê* também. Depois *nós volta*. Não é *ocê* que gosta de variar? *Cê* vai ter *duas casa*.

— Vou pensar, prometo. Mas saiba que eu nunca pensei em morar com ninguém antes de me casar. Esse ano está sendo totalmente atípico. Nosso relacionamento já está fora do meu normal 100%.

— Foi você que disse que não liga pra morar junto ou não. Se é por causa disso, então eu me caso *cocê*, uai.

— Amor! — Sara gargalhou.

— Casa comigo? — Jonas olhou para a namorada por cima do ombro, de dentro do banheiro.

— Caso! Seu lindo! — Sorriu, deitada na cama.

— Confere aí, por favor, pra ver se eu não esqueci nada. — Jonas colocou a mochila em cima da cama. — *Cê* vai de tênis de novo? — Abaixou-se para pegar o calçado.

— Acho que vou de bota, dessa vez. Foi difícil limpar meu tênis quando voltei de Bela Vista.

— Eu avisei *ocê*.

— Tá tudo perfeito, amor. Obrigada por fazer tanto por mim.

— De nada, minha linda.

Sara sorriu e deu um beijo nele. Sentiu o calor no peito típico de quando ele fazia algo incomum como dobrar as roupas dela. Ela surpreendia-se todas as vezes com o quanto observava sua forma de se vestir e tudo o que usava sempre. Ele sabia se a roupa era nova, suas marcas preferidas de shampoo, qual absorvente usava e emitia opinião a cada cor de esmalte que ela colocava. O caubói não se importava com

as montanhas russas relacionadas a família dela, sempre reafirmando que ela mesma deveria decidir e fazer o que achasse melhor. Ele não se importava com seus chiliques e dramas. Sara não se lembrava se já havia sentido isso antes, se já foi feliz dessa forma, porque com Jonas, tudo parecia melhor. Seu coração acelerou quando ele a beijou, mesmo aquela não sendo mais a primeira vez. Sabia que esse sentimento valia muito mais que todas as suas posses, muito mais que diamante.



VAI SER BOM DORMIR SEM MIM

No dia seguinte, foram para Aragoiânia. O município de apenas 10 mil habitantes era o destino preferido de pequenos produtores que moravam em Goiânia, pela proximidade. A fazenda, que desta vez chamava-se Girassol, era menor que a Margarida. A diferença era que em vez de gado, havia plantação de laranja. Sara acompanhou Jonas no início, contudo, percebeu que ele estaria ocupado demais para lhe dar atenção, então resolveu se virar sozinha. Depois que a apresentou para os funcionários, a geminiana deixou-o trabalhar em paz e prometeu que ficaria bem. Fez amizade com o capataz da fazenda, que atendia pelo apelido de Fumaça, e foi conhecer a propriedade.

Já era noite quando Jonas conseguiu um tempo livre e foi procurar pela namorada. Perguntou dona Madalena, a cozinheira, que informou tê-la visto no meio da tarde, andando com Fumaça e alguns peões. Tentou ligar para ela, sem sucesso. Sentou-se em uma mesa do refeitório e resolveu esperar. Não demorou muito para avistá-la chegando com mais cinco funcionários. Ela usava um chapéu que era muito grande e quase tampava seus olhos. Seu rosto e ombros estavam vermelhos do sol e sua bota suja. O short jeans tinha manchas de terra, assim como suas pernas. Conversava com todos como se já os conhecesse há tempos.

— Oi, gato. Não atendi porque já estávamos chegando. Obrigada pelo chapéu, Fumaça. — Tirou da cabeça e entregou para o capataz. — Vou lavar as mãos, já volto. — Deu um beijo no rosto dele e saiu junto com os outros.

— Noite, patrão — disse Fumaça, sentando-se na mesa ao lado.

— Noite, Fumaça. Nem te vi hoje.

— Tava mostrando tudo pra Sarinha enquanto o patrão tava ocupado. *Muié* bruta essa sua, viu? Perguntou sobre *os trem* tudo, andou de cavalo, botou o pé na lama e até dirigiu o trator. Eu achei que o patrão tinha arrumado uma *muié* da cidade, uai. — Jonas achou interessante o homem chamar sua namorada pelo apelido, já que costumava ser bem formal com todos.

Se conhecia algo sobre Sara, tinha certeza de que ela o obrigara a chamá-la assim.

— Eu também. Uai, minha deusa, *cê* se divertiu demais da conta, hein? — falou, quando ela voltou.

— Caubói, esse lugar é incrível. Sério, tô apaixonada.

— Que bom. Dá beijo. — Jonas sorriu e ela se aproximou para beijá-lo. — *Ocê* não passou protetor solar. Tá toda queimada.

— Eu fiquei tão empolgada com tudo que esqueci e ainda fui sem óculos. Se não fosse o Fumaça me emprestar o chapéu dele, eu não teria aguentado o sol.

— Vou ter que te dar um chapéu, uai. — Sorriu, admirado.

— Como que faz? Tem tamanho de cabeça igual de calça?

Jonas riu.

— É tamanho único, mas dá pra ajustar um pouco se precisar. É só ir numa loja especializada que *eles arruma*. Ou até já vende um tamanho *bão procê*.

— Quero um preto igual ao seu — disse, entusiasmada.

— Sim, senhora, lindeza.

Jantaram com o resto dos funcionários e foram para a casa principal tomar banho.

— Você ficou com a marca da regata. — Jonas notou, enquanto secava o cabelo dela.

— Contanto que não comece a arder... — Passou hidratante no rosto. — Depois é só pegar um bronze decente que some.

— Amanhã eu vou acordar cedo pra terminar *meus trem*, e depois nós já pode ir.

— Tá bom. Eu tô só o restinho da farofa.

— *Cê* caminhou o dia *interim* e não tá acostumada com a labuta da fazenda. Capaz que amanhã *ocê vai tá* moída. Melhor dormir mais cedo.

— Meu olho já tá fechando só de você mexer no meu cabelo.

— *Cê* não precisa, tá cansada pra dormir com cafuné. — Desligou o secador e beijou o pescoço dela. — Não pode encostar *nocê* que *cê* já tá dormindo.

— Depende do “encostar”, gato.

Jonas sorriu. Sara jogou-se na cama usando uma camisola do Rei Leão dois tamanhos maiores que o dela.

— Você já vai dormir? — perguntou ao namorado, que estava no banheiro.

— Vou — tentou dizer, com a boca cheia de espuma do creme dental.

Quando voltou para a cama, a geminiana já estava de olhos fechados. Jonas desligou a luz e deitou-se, puxando Sara pelo braço até se aninhar nele.

— Boa noite, minha deusa. Depois de hoje, quero me casar *cocê*.

— Só porque eu pedi um chapéu?

Ele riu.

— Não, é porque eu amo *ocê* mesmo. Não tem tempo ruim *procê*.

— Te amo, caubói. — Ficou em silêncio e pegou no sono.

Jonas acordou na manhã seguinte e deixou a namorada dormindo. Terminou seus afazeres e quando voltou para a casa principal, ela tinha acabado de se vestir.

— *Vamo* embora, minha deusa? Bom dia. — Beijou-a.

— Posso dar tchau pro pessoal?

— Uai, pode. *Vamo* de carro que de lá *nós já vai*.

Foram até a sede e Sara despediu-se de cada peão e peoa que conheceu no dia anterior, dona Madalena e o capataz Fumaça. Voltaram para casa e a patricinha foi direto para o escritório trabalhar. Ela usou todas as suas horas extras no dia anterior e agora precisava repor a aula que perdeu naquela manhã. Consequentemente, trabalhou muito mais no resto da semana, inclusive no feriado do dia 1 de Maio, na sexta-feira.

Estava tão cansada quando encerrou o expediente às oito da noite, que foi direto para a cama.

Quando acordou, no sábado, a casa estava cheia de gente. Jonas tinha ligado para Iara e pedido que chamasse os amigos de Sara para um churrasco. Mateo também convidou algumas pessoas.

— *Ocê* merece distrair um pouco, minha flor — explicou, quando ela questionou a festa.

— Mas caubói, deve ter umas trinta pessoas aqui.

— Todo mundo prometeu ficar quieto pro condomínio não multar nós por causa do barulho. — Sara o encarou, desanimada.

Não adiantava argumentar contra. Sabia que era uma questão de tempo até as coisas saírem do controle depois que havia concordado em relaxar. Ponderou sobre a previsão do mês para seu signo e decidiu aproveitar. Grandes decisões no campo do amor não seriam tomadas durante um churrasco, provavelmente.

Sara aproveitou o dia sem paranoias. Curtiu seus amigos e primos e se aproximou mais de André, que ainda não conhecia tão bem. Conversou tanto que quando a noite chegou, estava começando a ficar rouca.

— É, só sobrou os mais fortes do rolê — comentou Mateo, terminando mais um copo de cerveja.

— Menos o meu caubói. — Sara pontuou.

— Não vi o Jonas beber nada além de refrigerante — recordou Romeu.

— *Ocês* bebe mais que vaca na seca. Dou conta de acompanhar não — Jonas mencionou.

— Meu bebê é puro e inocente 70% do tempo — disse Sara.

— Pelo visto, o caubói esconde o ouro — comentou Iara.

— Vocês estão por fora — insistiu Sara, e bebeu um gole de água.

— Para de pular o *corguinho*, Sarinha. Eu não quero saber de detalhes, valeu? — reclamou Leonardo.

— Tô achando que tá na hora de arrumar um trem pra minha deusa comer. — Jonas levantou-se e foi até a cozinha.

— Não sabe brincar, não desce pro *play*, Jon! — gritou Bianca, meio alterada por causa do álcool.

— Acho que eu vou chamar meu Uber também, galera — comunicou André.

— Vai não, amigo, dorme aí — brincou Sara, e se levantou para abraçá-lo.

— Não esquece de me mandar o telefone do seu tio pra eu verificar o andamento do processo pra ele.

— Pode deixar.

— Beijos! — André levantou a mão e andou até o portão.

— Mais um fracote debandou. Me deu uma descrença... Dá até pra ouvir a ressaca me chamando, já — comentou Mateo, meio cabisbaixo.

— Oh, amigo, até seu topete tá desanimado. — Sara foi até ele e ajeitou seu cabelo com os dedos das mãos. — Quantos dias tem que você não lava esse cabelo?

— Lavei hoje de manhã. Vai cuidar da sua vida, Malévola. Mas pode ser daqui a pouco, não para ainda não que tô começando a me sentir melhor. — Mateo fechou os olhos, apreciando o cafuné dela.

— Vou ter que enxugar minha mão com papel toalha depois. Ai, lindo, você não existe — disse Sara, depois que Jonas voltou com um prato contendo dois sanduíches.

Ele a encarou mexendo no cabelo de Mateo e deixou o prato na mesa, perto dela.

— Agora é melhor cê comer, amor.

Ela obedeceu.

— Meu gato diz que não sabe cozinhar, mas acho que na verdade ele só é tímido. Isso tá incrível.

— *Brigado.*

— E as visitas? — perguntou Romeu.

— *As visita pode* levantar a bunda e ir fazer. *Os trem* tá tudo lá na cozinha.

— Eu acho que isso foi uma indireta pra gente ir embora. — Bianca levantou-se.

— Ah, não. *Cês* vão me deixar aqui tomando uma sozinho? — protestou Mateo.

— Eu acho que já deu tempo das duas cervejas que eu bebi evaporarem, né? Tá na hora mesmo, amor. Eu dirijo. — Iara acompanhou Bianca e puxou Romeu pelo braço. — Quer carona, Léo?

— Meu Uber tá chegando, valeu.

— Achei que você fosse ficar aqui hoje — questionou Sara.

— Amanhã eu tenho que tá no hospital cedo, pro plantão. Vai ser na base da ressaca mesmo.

— Tchau, gente, gratidão por essa resenha épica. — Iara despediu-se, assim como Romeu e Bianca.

Os outros acenaram de longe.

— Tá na sua hora também, né minha deusa? — Jonas fitou a namorada.

— Você não manda em mim, gato. Mas eu te amo mesmo assim. — Jogou um beijo na direção dele.

— Sem DR em público, por favor. Acho que eu vou para os meus aposentos reais, gentalha. Boa noite. Léo, vai na paz, meu *fi*. — Mateo levantou-se e se retirou.

Sara continuou fazendo piadas sarcásticas para Leonardo e Jonas até o Uber chegar. Quando o amigo foi embora, o casal foi para o quarto. O leonino esperou a namorada tomar um banho demorado e planejou conversar com ela depois que tomasse também. Assim que terminou, frustrou-se quando a encontrou dormindo profundamente. Detestava dormir sentindo aquele desconforto, contudo, assim que ambos acordassem no dia seguinte, colocaria tudo em pratos limpos. Não suportava mais engolir calado todos os comportamentos da amada que julgava serem inadequados.

Jonas se levantou de manhã, mais cedo do que queria. Com certeza, Sara ainda demoraria algumas horas para acordar. Optou por se ocupar enquanto isso. Levou Nivaldo para passear, arrumou a bagunça da varanda e da cozinha, e deixou o café da manhã pronto para quando Mateo e a namorada despertassem. Recebeu uma mensagem quando estava terminando de lavar a caminhonete.

Deusa ♡:

Caubói.

Quero você.

Eu:

Bom dia, minha deusa.

Já tô indo.

Deusa ♡:
Te amo.

Eu:
Te amo, minha linda.

O rapaz terminou de enxugar a lataria, guardou os utensílios e foi até o quarto. Sara ainda estava debaixo da coberta, esperando pelo namorado.

— Quem tá pura descrença hoje? Dá beijo.

Sara lhe deu um selinho, e ele deitou-se ao lado dela. Sempre que bebia demais, apesar de não costumar passar mal, a geminiana sentia-se carente e o namorado precisava mimá-la o dia todo. Não que ele achasse isso um grande sacrifício. O próprio Jonas havia acostumado a namorada a esse comportamento.

— Eu. Por que você acorda tão cedo? Hoje é domingo. — Enfiou o nariz no pescoço dele.

— Por que *ocê* acorda tão tarde? Meu relógio biológico me acorda com *as galinha*. Tava esperando *ocê* acordar. Quero conversar *cocê*.

— Eita. O que foi que eu fiz? — Jonas levantou-se e Sara o imitou.

— Eu queria pedir *procê* não fazer *aquelas brincadeira* comigo. Do jeito que *cê* faz com os outro.

— Quais brincadeiras?

— Aquele jeito que *ocê* fica falando com o Mateo. Dando tirada nele. *Ocê* falou aquele trem lá que eu era carneirinho aquele dia, ontem rolou até *umas indireta* sobre *nossas intimidade*. Depois *cê* disse que eu não mando *nocê*... Eu sei que *cê* tava brincando, e eu não mando *nocê* mesmo, mas eu acho que tem *certas coisa* que um casal não deve fazer, como *essas brincadeira* e também xingar um ao outro. Pra mim *esses trem* não é respeitoso. *Ocê* não ia gostar se eu falasse essas coisas *procê*.

Sara levantou as sobrancelhas e o encarou piscando algumas vezes. Fez bico e pulou no colo dele, abraçando-o. Jonas assustou-se, no entanto retribuiu.

— Eu tô falando sério, minha deusa. — Afastou-a um pouco para fixar o olhar nela.

— Eu sei, gato. É que eu achei muito fofo você se abrir comigo assim, em particular. Eu teria chamado sua atenção na mesma hora e na

frente de todo mundo. Fora que é a coisa mais linda do mundo você dizer o que tá te incomodando. Homem geralmente não faz isso.

— Não consigo guardar pra mim esses trem. Eu não dei conta de dormir direito essa noite, com vontade de falar logo *cocê*.

— Leonino demais. Pode deixar que eu não vou mais fazer isso, tá bom? — disse, segurando o rosto dele entre as mãos. — Você... é... um bebê... lindo... e fofo! — Ela deu vários selinhos nele enquanto falava.

— *Brigado*. — Jonas sorriu, aliviado por ela não ter se zangado. — Tem mais um trem que eu queria te contar.

— Diga. — Sara cruzou as pernas e segurou a mão dele.

— Queria pedir *procê* manear com o carinho excessivo.

Sara franziu a testa, sem entender.

— Eu sei que *ocê* é carinhosa por natureza, mas às vezes fica relando demais *nos outro*. Principalmente *nos homem*.

Ela continuou encarando-o, sem reação.

— Primeira coisa, caubói — disse, depois de alguns segundos. — O que significa “relando”? Seria esfregar? Ficar próxima demais?

— Mais ou menos. É que eu não achei palavra melhor.

— Tá, então eu acho que você já tá passando um pouco do limite.

— Levantou-se usando um pijama do Pluto de calça e mangas compridas. — Eu não estava me esfregando com ninguém, que eu saiba.

— Eu sei, minha deusa, por isso não queria usar essa palavra.

— Então pra que usou? Relar, significa exatamente isso, mas com menos intensidade. — Sara apoiava o peso do corpo em um pé só enquanto o outro estava apoiado somente pelo calcanhar. — Eu não acredito que você tá me pedindo pra parar de fazer uma coisa que eu nem sequer fiz! — Colocou uma mão na cintura e a outra mexia conforme falava. — Sinto muito, mas não posso fazer nada por você. Não vou mudar meu jeito de ser, que não tem nada de errado, porque você tá com ciúme.

— Não tô com ciúme, tô incomodado *docê* ficar passando a mão em *outros homem*. Cê não ia gostar se eu fizesse isso *cocê*.

— Não adianta usar esse argumento de novo comigo, porque não vai funcionar! Você sabe muito bem que eu sou assim com todo mundo, homens e mulheres. Eu mexo no cabelo de todos, sento no colo de todos, ando de mãos dadas e dane-se se eu tenho namorado ou não!

— *Cê* senta no colo *dos seus amigo*? O discurso ia ser diferente se fosse *minhas amiga sentada* no meu colo. Duvido que *cê ia* aceitar se eu usasse a mesma desculpa *docê*. — Jonas agora também havia se levantado.

— Você tá fazendo tudo errado! Usou as palavras erradas pra justificar um sentimento que *você* não admite! Se não tivesse me acusado de ficar me esfregando e tivesse admitido que tava com ciúmes dos próprios amigos, eu teria aceitado na hora e feito o possível pra você se sentir melhor. Não acho justo exigir algo de mim sendo que eu nunca pedi que mudasse absolutamente nada no seu jeito de ser, que convenhamos, é bem peculiar. Não me considero no direito de fazer isso, assim como você também não pode demandar que eu deixe de ser quem sou! Não vou ficar pisando em ovos com os meus amigos! — Saiu do quarto, deixando Jonas sozinho.

Antes que ele pudesse ir atrás dela, Sara voltou e começou a procurar algo. Pegou o carregador, chave do carro, celular e colocou tudo na bolsa.

— Onde *cê* vai? Nós não terminamos de conversar — Jonas pontuou.

— Vou pra minha casa. Eu não tenho mais nada pra falar com você. — E saiu novamente.

— Sarinha... *Cê* não pode ir embora toda vez que *nós brigar*. — Foi atrás dela.

— Não só posso como já fui. Tchau. — Entrou no carro ainda usando pijamas, e foi embora.

O caubói assistiu-a se afastar e passou a mão no rosto, incrédulo. Os dois começaram conversando e se entendendo, e terminaram discutindo sem resolver nada. Todos avisaram que ela o deixaria louco. Se Sara achava que ele concordaria com esse comportamento, se enganara. Ela acostumou-se a se apegar pouco e descartar qualquer um que discordasse de suas atitudes, porém isso foi antes de namorar Jonas. Ele estava disposto a enfrentá-la se fosse necessário. Não deixaria que fosse embora assim tão fácil.

Passou o resto do dia tentando falar com a geminiana, contudo, ela não atendeu. No final da tarde, pegou o carro e foi até o apartamento dela, porém não tinha ninguém lá. Tentou ligar novamente, sem sucesso. Decidiu falar com Iara, entretanto a amiga também não sabia onde Sara

estava. Quando ligou a caminhonete para ir embora, percebeu que a namorada mandara uma mensagem.

Deusa ♡:

Para de me ligar.
Dá um tempo.

Eu:

Por que você não me atende?
Tô aqui na sua casa e você não tá aqui.
Tá me deixando preocupado.

Deusa ♡:

Tô em Piracanjuba, na fazenda do Romeu.
Ele não tá aqui.

Eu:

Você tá aí sozinha?

Deusa ♡:

Ele tá com a Iara.
Não sei se você lembra, mas eles namoram.

Eu:

Larga de ser desaforada, trem.
Volta pra casa pra gente conversar.

Deusa ♡:

Tô só a força do ódio, não quero falar com você.

Eu:

Deixa de ser teimosa.
Vai dormir aí sozinha?

Deusa♡:

Com todo prazer do mundo.
Eu me amo e me basto.

Eu:

Para com isso, minha deusa.
Volta. Vamos consertar as coisas.

Deusa♡:

A previsão pro seu signo diz que você precisa
exercitar sua capacidade de pedir desculpas esse mês.
Vai ser bom pra você dormir sem mim essa noite.

Jonas passou a mão no rosto novamente e coçou a cabeça. Ela era mais teimosa do que ele pensava. Voltou para casa chateado e com raiva dos astros. Acordou na manhã seguinte com o celular tocando.

— Alô? Minha deusa? Que foi? Não tô entendendo nada que *cê* tá falando. — Esperou. — Calma, respira. *Cê* tá o quê? — Tentou entender o que dizia apesar da voz de choro e nervosismo dela. — Credo, os médicos falaram o quê? *Peraí*, quem tá aí *cocê*? *Deixa eu* falar com ele.

Levantou-se da cama, colocou o celular no viva-voz e começou a se vestir.

— Oi, Jon.

— Meu *fi* do céu, me explica esse trem direito porque minha deusa tá me deixando *louquim* com essa choradeira, uai.

— Sarinha teve uma crise de falta de ar, cara — contou Romeu. — Ela dormiu na rede ontem, lá na fazenda, pegou friagem demais e acordou com febre e dor no peito. Quando eu cheguei, a coisa tava tão feia que tive que trazê-la pro hospital. Fizeram um raio-x e os médicos querem que ela fique internada. Eles acham que é pneumonia viral causada pela Influenza. Mas a criatura detesta hospital e não quer ficar aqui de jeito nenhum. Já tentei de tudo, liguei pra tia Su, pra vó, e ninguém convence essa mulher.

— Meu Divino Pai Eterno, não tem outro jeito? — Jonas colocou a botina.

— Não. Ela já tava tossindo antes de ontem?

— Era só uma tosse boba. Me deixa falar com ela. — O caipira fechou os olhos e respirou fundo.

— Gato...

— Minha deusa do céu, tem dó... larga de ser teimosa e obedece. Deixa os *médico* cuidar *docê*, por favor. Pneumonia não é brincadeira. Isso mata.

— Para de brigar comigo! — Voltou a chorar.

— Desculpa. Tô indo *praí*, fica calma.

— Eles não sabem se você pode ficar comigo.

— Não tem problema, vou aí te ver de qualquer jeito. Promete pra mim que *ocê* vai ficar no hospital.

— Não quero ficar aqui... Queria você.

— Lindeza, me escuta. Se *ocê* não tratar esse trem agora, vai ser pior. Faz isso por mim, por favor. Eu não posso perder *ocê*.

Esperou pela resposta dela, mas Sara continuou chorando e não disse nada.

— Vai dar tudo certo. Prometo *procê*. A gente pode ficar no celular conversando o dia *inteirim* se *ocê* quiser. Tá *bão*?

— Preciso de umas coisas. Eles não sabem quantos dias eu vou ficar aqui.

— Me diz o que *cê* quer, que eu levo *procê*.

— Tá. — Fungou o nariz.

— Fica tranquila, minha flor. *Cê* vai ficar bem. Te amo.

— Te amo também.

Sara desligou e mandou a lista dos itens de que precisava. Jonas pegou tudo e foi até o hospital Santa Helena, no Setor Sul de Goiânia. Como previsto, não deixaram que ele ficasse com ela, por ser contagioso, mas conseguiu acalmá-la o suficiente para aceitar ficar internada. Ver sua namorada de longe, com o rosto inchado, dificuldade para respirar e os olhos vermelhos por conta do choro partiu o coração do goiano. Levaram-na para dentro depois que entregou as coisas dela e Jonas se despediu. Com um aperto no peito, ele foi embora e deixou a namorada dormir sozinha no hospital.



Jonas não passou bem aquela noite. Sara estava certa, dormir sem ela serviu para sentir vontade de pedir desculpas e esquecer aquela briga sem sentido. Poderia ter evitado tudo caso fizesse apenas uma escolha diferente de palavras, e não se sentiria tão culpado por ela estar doente e no hospital. Levantou da cama assim que o sol nasceu, cansado de se remexer sem conseguir pegar no sono verdadeiramente. Apanhou o celular e mandou uma mensagem.

Eu:

Oi, minha deusa.
Quando acordar, me liga.

Deusa ♡:

Oi.

Eu:

Uai, tá acordada essa hora?

Deusa ♡:

Como que dorme com esse tanto de barulho ao meu redor?
Essa máquina apitando o tempo todo tá me deixando louca.
Fora a agulha enfiada no meu braço.

Eu:

Como você tá hoje?

Deusa♡:

Melhor. Parece que é graças a um monte de remédio que eu tô tomando.

Eu:

Quer que eu te ligue?

Deusa♡:

Espera um minuto porque entrou um monte de gente aqui agora.

Jonas aguardou, porém Sara não voltou a conversar e nem ligou. Depois de quase uma hora, o caipira começou a ficar preocupado. Tentou falar com ela, mas não conseguiu. Pensou em ir até o hospital, mesmo sabendo que não deixariam vê-la. Mandou mensagem para Romeu e pediu o telefone da sogra.

— Dona Suzana? É o Jonas. Senhora tá boa? *Bença*. — Esperou. — Pois é, a senhora sabe dela? *Nós tava* conversando e de repente ela sumiu. — Deu uma pausa. — Ô *muié* teimosa, sô. Tão tá *bão*. Vou ligar pra ela. *Brigado*. *Procês* também.

Sara ligou para o namorado por chamada de vídeo assim que ele desligou a ligação com a sogra.

— Tava preocupado *cocê*, uai.

— Desculpa. Meu quarto virou uma bagunça e do nada me levaram pra fazer um monte de exames. Vou precisar ficar no hospital mais alguns dias até meu pulmão ficar 100%.

— *Cê* tá com a cara boa.

— Onde, caubói? Olha o tamanho das minhas olheiras!

— Ara, quieta, trem. *Ocê* é o trem mais lindo desse mundo *todim*.

— Vou melhorar depois de um banho bem longo e uma noite de sono de pelo menos 12 horas.

— *Ocê* vai ficar aí sozinha?

— Ainda tô no período contagioso.

— E quem vai cuidar *docê*?

— Eu mesma. Tenho comida, internet e não preciso trabalhar. Vou ficar bem, gato.

— Posso te visitar?

— Não, né? Eu já estava com pneumonia antes de dormir na rede, por isso piorei tão rápido.

— Ah, nem, que descrença de não poder ficar *cocê*. Parece que eu tô fazendo um trem muito errado te deixando sozinha.

— Não tem o que fazer, bebê.

— Quase morri de te ver chorando daquele jeito e não poder te abraçar. Credo.

— Oh, caubói... Eu sou o drama em pessoa, você já devia ter se acostumado. Consigo passar por todos os gêneros da dramaturgia em um dia só.

— Desculpa ter falado *aqueles trem procê*, minha deusa. *Cê* tava certa, eu não falei do jeito certo *cocê*. Não queria ter insinuado aquilo.

— Tá tudo bem, lindo. Eu também fiz uma tempestade em copo d'água, como sempre. Você não devia me levar a sério quando tô brava.

— Eu não levei, no início. Mas depois *ocê* adoeceu e eu fiquei com a consciência pesada.

— Você é um fofo, mesmo. Eu pensei muito no que você disse e acho que posso manear no meu jeito de ser com os amigos. Eu não ia querer que você agisse do mesmo jeito de forma nenhuma. Me perdoa por ter explodido e exagerado. É que ninguém nunca me pediu essas coisas. Você tem todo direito do mundo de querer certas exclusividades como meu namorado. Na verdade, ninguém nunca prestou tanta atenção em mim como você presta. Muito menos me quis por perto como você quer, então eu meio que me acostumei a namorar sem ter muitas exigências, sabe?

— Fica despreocupada, minha deusa. Eu devia ter dito que queria *exclusividade*, aí *ocê* não tinha ficado brava.

Sara gargalhou alto e tossiu em seguida.

— Se você tivesse dito isso, eu tinha terminado com você. Nunca use a frase de uma mulher contra ela mesma.

— Uai, credo.

— Fico feliz que você foi sincero comigo. Nunca minta pra mim, caubói. Você sabe que eu não costumo dar segundas chances.

Ele riu.

— Já tatuei foi no meu cérebro.

Ela gargalhou de novo. Continuaram conversando enquanto Sara tomava banho, depois enquanto comia, e assim foi até que pegasse no sono à noite. Jonas desligou o telefone sentindo-se aliviado, e tentou fazer o mesmo.



Os oito dias da internação de Sara passaram lentamente. A geminiana assistiu todas as séries e filmes de sua lista na Netflix, conversava com o namorado todos os dias e, mesmo assim, sentia-se entediada. Voltou a trabalhar quando não aguentava mais ficar sem fazer nada, mesmo de atestado.

Enquanto isso, Jonas tentava manter-se ocupado para suportar a falta de Sara. Fez alguns exames para garantir que não havia pegado o vírus da namorada, e felizmente deu negativo. Foi com o pai à fazenda Margarida e Girassol testar todos os funcionários que tiveram contato com sua namorada, e ninguém havia se contaminado ou adoecido. Mateo e os outros amigos também não.

Esses dias sozinho em casa deixaram o caipira pensativo sobre seus sentimentos com relação à amada. Percebeu que sua vida não tinha a mesma graça sem ela. Não conseguia imaginar um mundo onde Sara não estivesse. Sentia que o canto dos pássaros não era o mesmo e até seu cachorro Nivaldo parecia desanimado. Lembrou-se que fariam cinco meses juntos no final daquela semana, e resolveu postar alguma coisa sobre ela no Instagram. Escolheu uma foto que havia tirado dela em cima da cerca que separava o gado, enquanto observava os animais, na fazenda de Bela Vista.

Se de repente eu ficasse sem você, provavelmente passaria o resto da minha vida sozinho. Sem você não tem como o mundo ser o mesmo. Feliz 5 meses de namoro, minha rainha ♥

Eles não costumavam comemorar aniversário de namoro, tanto Jonas quanto Sara não se lembravam da data no dia certo e não se importavam muito. No entanto, dessa vez, o caubói passou muito tempo sem ela depois de ter experimentado a vida a dois por meses, e a

saudade começou a doer. Comprou um buquê de flores que vinha com uma caixa de bombons e foi até o apartamento dela bem cedo, no dia seguinte à sua saída do hospital.

Sara demorou um pouco para abrir a porta. Seu rosto estava inchado e certamente ela tinha acabado de acordar.

— Caubói... que coisa linda! — Sorriu e pegou o buquê da mão dele. — Isso tem alguma coisa a ver com aquela legenda maravilhosa que você escreveu no Insta? — Cheirou as flores e colocou a caixa de bombons em cima do móvel da TV.

— Também é pra comemorar que *ocê* sarou e tá bem. — Jonas entrou e fechou a porta.

— Vou colocar em um vaso pra durar mais. — Sara foi até a cozinha.

O leonino assistiu-a executar essa tarefa ansiosamente.

— Desculpa ter demorado pra abrir a porta, gato. Não dá pra ouvir quase nada lá do meu quarto e eu, ainda por cima, tava dormindo. Você devia ter me avisado que vinha agora cedo. — Ela colocou o vaso com o buquê de margaridas em cima da mesa redonda perto da cozinha.

— Queria fazer surpresa. — Jonas tirou o chapéu e jogou-o no braço do sofá. — Já posso abraçar *ocê*, ou não?

— Ah, foi mal, lindo. Tô meio lerda ainda. — Subiu no sofá com seu pijama azul do Buzz Lightyear.

Pendurou-se no pescoço do namorado, que a puxou pelas pernas, colocando-as em volta de seu quadril.

— Nossa Senhora, que saudade que eu tava *docê*, lindeza... — sussurrou.

— Te amo, gato. Quase enlouqueci naquele hospital. O tempo não passava.

— Amo demais *ocê* também, minha deusa.

Passaram o resto do dia grudados um no outro. Sara tinha feito horas extras suficientes para cobrir o dia de trabalho e se deu uma folga para matar a saudade do caubói. Foi difícil convencê-lo de que preferia ficar em seu próprio apartamento em vez de voltar para a casa dele naquele dia. Jonas insistia que deviam continuar morando juntos e Sara alegava que tinha gostado de voltar para seu canto. Mas sabia que ele não se daria por vencido tão cedo.

No entanto, o que aconteceu foi o contrário. Jonas não tocou no assunto nos dias seguintes. Visitava-a à noite, ficava por umas duas horas e depois ia embora. Suas mensagens excessivas durante o dia e insistência para voltar a morar com ele não aconteceram. A geminiana desconfiou, entretanto não teve muito tempo para pensar sobre o assunto, devido ao volume de trabalho. Continuava fazendo mais de 8 horas por dia, determinada a sempre dispor de folgas caso necessário. No domingo seguinte, após se cansar da falta de contato do namorado, tomou uma decisão.

Apareceu na casa dele na hora do almoço, sem avisar, e de mudança. Foi recebida por Mateo, pois o namorado havia saído para comprar comida.

— Dessa vez você veio de mala e cuia, né? — O amigo pegou uma bagagem, que era maior que ele, de dentro do carro.

— Se você ainda estiver a fim... — Sara o encarou, procurando indícios de que não concordava com isso.

— Minha *fia*, você já mora aqui desde março. Não sei por que inventou essa história de ir embora. O coitado do Jon tava mais *borocochô* que eu depois de pagar meus boletos. Passava o dia inteiro vendo foto sua no celular se deixasse.

— Sério? Ele mal falou comigo essa semana. Nem insistiu mais pra eu voltar pra cá.

— Se eu conheço aquele caipira, tá só tentando não encher seu saco. Ele ainda tá se sentindo culpado por você ter ficado doente.

— Até parece que foi ele que me passou o vírus.

— O Jon reclama que você é teimosa, mas a verdade é que ele é muito mais. — Mateo tirou a última mala do carro e fechou o capô.

Jonas abriu o portão e entrou com o carro logo depois. Sara cruzou os braços e esperou que estacionasse.

— Uai, minha deusa... — Desceu do carro com algumas sacolas na mão.

— Eu não sei qual tática você tá tentando usar ao se afastar de mim e não insistir pra eu voltar a morar aqui, mas já aviso logo que não gostei.

Jonas sorriu e beijou a namorada emburrada.

— Minha tática funcionou, pelo visto.

Sara fez uma expressão confusa.

— Eu já aprendi que *ocê* não faz nada quando se sente pressionada. Foi só eu parar de ficar no seu pé que *cê* voltou. Fez o que eu queria depois que eu te fiz achar que isso era o que *ocê* queria.

— E quem falou que eu voltei por causa disso? Eu vim porque a previsão pro meu signo dizia que eu tinha que tomar uma decisão no campo do amor. — A geminiana ergueu uma sobrancelha.

— *Vamo* fingir que *cê* voltou por causa disso, então. — Jonas olhou para Mateo, que tentava segurar o riso.

— Eu também voltei porque você me abandonou e só prestou o mínimo de cuidado que um namorado deve fazer, por dias. Fiquei com saudade, tá?

— Tá vendo? *Ocê* é do contra. Mas ainda é linda mesmo assim. — O goiano abraçou a namorada e beijou seu pescoço, rindo.

— Não tem graça nenhuma. Você me enganou.

— Vem almoçar enquanto tá quente. Ainda bem que eu comprei uma marmita a mais. — Jonas saiu rumo a varanda sem se importar com o drama da namorada.

Sara se deu por vencida e juntou-se aos dois homens na mesa. Almoçaram e depois foram tentar organizar todas as coisas dela no quarto de Jonas, que a convenceu de que deveriam providenciar um guarda-roupas maior, talvez até dois. Pegaram a caminhonete dele e foram até o apartamento dela buscar os eletrodomésticos que faltavam na casa dos rapazes, assim como a TV e uma sapateira. Decidiram que voltariam no dia seguinte para trazer a geladeira (que era muito maior que a deles) e a lava louças também. No final do dia, estavam cansados e o recanto dos três, completo.

— Agora a gente precisa dividir as despesas por três, né? — Sara pontuou, deitada na rede com Jonas e Nivaldo, depois do jantar.

— Não, senhora. Continua do jeito que tava antes — discordou Jonas.

— Mas assim não é justo com o Mat. Ele meio que fica pagando as minhas contas também.

— Concordo plenamente — disse Mateo, sentado no chão.

— Então *nós divide* por três e eu pago duas. — Jonas barganhou.

— Caubói, para com isso.

— *Ocê* já tem *seus trem* pra pagar. Condomínio, água e luz do seu apartamento... Deixa que as coisa daqui eu pago. *Cê* já contribuiu

trazendo *seus trem* pra cá — Jonas recordou que foi voto vencido quando Sara sugeriu isso. — E eu te conheço. *Ocê* vai continuar comprando comida pra nós adoidado sem dividir a conta.

— Vou mesmo.

— Então pronto. E *ocê* fica calado. — Jonas apontou para Mateo, quando ele ameaçou retrucar.

— Mas, amor, você tem dinheiro pra isso?

— Eita, entrou no assunto proibido. Vou deixar o casal 20 discutir a relação perigosamente. Boa noite pra vocês. — Mateo levantou-se e Nivaldo o seguiu.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Sara.

— Uai, não sei se você notou, mas se apaixonou pelo cara mais mão de vaca, murrinha, pão duro, unha de fome, sovina e seja lá mais qual palavra existir pra isso, que existe — falou Mateo, antes de sair.

— Depois eu que sou exagerada. O Léo falou a mesma coisa outro dia. Não acho que meu caubói é mão de vaca. Ele pagou tudo pra gente lá em Recife — defendeu Sara.

— Ele só não é com você! — gritou Mateo, de longe.

— É sério, gato? — Ela ergueu a cabeça um pouco, para olhá-lo.

— Mateo tá exagerando. Eu só não sou gastador que nem ele, uai. Tenho dinheiro pra pagar *as conta*, minha deusa. Preocupa não.

— Posso saber quanto você ganha?

— Não.

— Por quê? — Ofendeu-se.

— Porque se eu falar, *cê* vai concordar com o destrambelhado do Mateo. Não gasto uma banda do que eu ganho. Só isso que *cê* precisa saber.

Sara fechou um pouco o olho direito, desconfiada.

— Juro.

— Tá bom. Vou confiar em você. Mas saiba que uma hora ou outra você vai ter que me contar se quiser continuar com esse relacionamento. — Voltou a deitar-se no peito dele.

— Olha, larga de fazer chantagem, sô. Casa comigo que eu te dou até a senha do banco.

Sara gargalhou.

— Qualquer coisa que *ocê* quiser, eu compro *procê*, minha deusa. É sério mesmo. — Fez carinho no braço dela.

— Não quero seu dinheiro. Quero você. — Sara aninhou-se nele.

— Eu sei, minha flor. *Cê* tem um punhado de dinheiro a mais que eu. Não é isso que motiva *ocê*.

— Como você sabe que eu tenho mais dinheiro que você? — Encarou-o.

— *Ocê* disse pra todo mundo qual seu salário *nos quatro lugar* que *cê* trabalha no dia do churrasco aqui em casa. Fora que *cê* vai receber uma herança daquelas de filme.

— Credo, é cada coisa que a gente faz quando tá bêbada... Só vou receber essa herança quando meus pais morrerem e não quero que isso aconteça tão cedo.

— *Ocê* é rica de pai e mãe.

— Eu sou rica por mim mesma, bobinho. As pessoas não sabem disso porque sou uma Catalão, então, na cabeça delas, eu já sou considerada uma patricinha.

— *Cê* não gosta de ser patricinha?

— Eu me visto e ajo assim pelo simples fato de estar inserida nesse ambiente desde que nasci. Essa é a minha realidade. Ninguém me ensinou a ser de outro jeito até porque minha família toda é assim.

— Como que *cê* saiu diferente de todo mundo?

— É que eu e o Júlio tivemos a sorte de termos o Senhor Eduardo como pai. Meus primos não têm culpa de não terem essa sensatez no DNA.

Jonas riu.

— E além do mais, posso mudar de lado quando quiser. Por causa do meu signo.

— Lá vem *ocê* com esse trem de novo...

— Graças a isso que eu consigo colocar um chapéu, que por sinal Vossa Senhoria não me deu, e uma bota e ir socializar com os peões na fazenda, caubói. Não reclame de boca cheia.

— *Ocê* faz isso porque é gente boa, de caráter. Não é nada de signo não — disse, e levantou-se.

— Volta aqui...

— *Peraí* que eu vou pegar um trem. — Saiu e retornou depois de alguns segundos. — Passei a semana toda caçando isso. — Mostrou um chapéu preto que aparentava ser um pouco menor.

— É pra mim?

Ele assentiu e ela saiu da rede.

— Nossa, gato! Eu amei! É lindo! — disse, depois de analisá-lo e colocá-lo na cabeça.

— Cê fica o trem mais lindo desse mundo de chapéu. — Admirou-a e tirou uma foto dela.

— Daqui a pouco, eu vou estar que nem você, usando camisa xadrez e fivela no cinto. — Sara riu.

— Ocê me avisa com antecedência pra eu não dar um treco do coração.

Ela gargalhou.

— Mais bonita que isso só se imaginar ocê toda de branco, eu de preto e de chapéu, esperando ocê chegar no altar. Aí *nós fala nossos voto* na frente da nossa família e amigos, e eu vou jurar *procê* que vou te amar pelo resto da minha vida. — Jonas balançou os braços encenando enquanto falava.

Sara fez bico, colocou as mãos nas bochechas e disse:

— Caubói, de que planeta você veio? SOCORRO! Meu namorado é um alien lindo! — gritou, e foi a vez dele de gargalhar. — Juro que se você me pedir em casamento mais uma vez, eu vou aceitar. — Foi até o namorado e abraçou-o pela cintura.

— Casa comigo, minha deusa? — perguntou, sereno.

— Alguém por favor me interna se eu algum dia me atrever a dizer não pra você, porque, sério, gato, obrigada por me fazer tão feliz. Apesar de toda a loucura que esse ano tá sendo, me sinto vivendo na Disney, uma aventura atrás da outra. Esse é o meu lugar favorito na Terra — explicou, depois de ver sua expressão confusa.

— Te amo, minha deusa. — Riu e beijou-a, feliz de tê-la novamente ao seu lado, movimentando tudo.



VOCÊ É UM PRESENTE

O dia seguinte era segunda-feira. Jonas e Mateo buscaram a geladeira e a lava-louças, e Sara nem viu. Trabalhou o dia todo e perdeu o pôr do sol. Continuou fazendo 12 horas de trabalho até na sexta, quando Jonas decidiu intervir. Bateu na porta às seis da tarde em ponto.

— Minha deusa, *vamo* pro tronco? — sussurrou, pois Sara estava em uma ligação.

Ela anotou alguma coisa em um bloco de notas, arrancou a folha e deu para o namorado. “*Tô numa reunião*” ele leu. Ele fechou a porta e suspirou. Uma hora depois, Sara surgiu na sala, onde Jonas e Mateo assistiam um filme na TV. Pediram uma pizza e a patricinha cochilou o resto do tempo depois de comer.

— Amor, o filme acabou. Vai deitar na cama. — Jonas cutucou-a, deitada em seu ombro.

— Nem tomei banho ainda... — murmurou, sonolenta.

— Uma das regras desta casa é não dormir sem tomar banho — comentou Mateo.

— Você acha que por inventar uma regra não precisa cumpri-la? — Sara riu, esfregando o olho.

— Lógico — respondeu Mateo, com uma expressão de obviedade no rosto.

— Cascão.
— Onça falsificada.
— Grilo falante.
— Lindsay Lohan do cerrado. — Mateo riu de si mesmo e Sara gargalhou. — Boa noite, povo — E entrou no próprio quarto.
— Melhor tomar banho e ir dormir, minha deusa. *Cê* tá só o caroço de pequi roído. — Jonas levantou-se e desligou a TV.
— Desculpa por não ter ido pro tronco com você hoje, gato.
— Não tem problema, minha flor. — Ofereceu a mão para ela, que se levantou e segurou-a, foram para o quarto.
— Prometo que amanhã passo o dia com você. — Entrou no banheiro e tirou a roupa.
— Amanhã eu vou pra Rio Verde.
— Já? Não era em junho? — Abriu o chuveiro e se molhou.
— A gente já tá em junho.
— Misericórdia! Perdi a noção do tempo. Uai, então vou com você.
— Quantos dias de folga *cê* tem?
— Acho que uns cinco.
— Eu vou ficar lá um mês.
— Ah, não, de novo? — reclamou, enquanto lavava o cabelo.
— Eu disse *procê* que, no meio do ano, ia ter que ir pra lá de novo.
— Posso ir e voltar no final de semana. Ou usar meus dias de folga nas sextas e voltar nos domingos.
— É muito longe *procê* ficar indo e voltando toda hora assim. Não é duplicada a pista. Fica perigoso pra quem não tem costume de dirigir em estrada que nem *ocê*.
— Dirigir é a mesma coisa em qualquer lugar.
— *Ocê* nem de dirigir gosta — lembrou, encostado na porta do banheiro.
— Pior. Que saco, tô tentando ir ficar com você, amor. Me ajuda.
— Usou um tom manhoso.
— *Cê* teve a semana toda pra ficar comigo, mas preferiu trabalhar que nem doida.
— Eu tô fazendo isso pra poder viajar com você.

— De que adianta, então? Se *ocê* veio pra cá pra gente morar junto, mas eu nem te vejo direito? Nós *só tá* dormindo junto. *Cê* fica juntando hora extra pra viajar comigo, sendo que é quando eu vou tá mais ocupado. Não consigo entender sua lógica, minha deusa — reclamou e coçou a cabeça.

Sara o encarou, perplexa. Não sabia que ele estava tão chateado assim.

— Eu achei que você queria que eu fosse também. — Desligou o chuveiro e pegou a toalha.

— E eu quero demais da conta. Mas não desse jeito, custando todo seu tempo livre. Eu já achava que *ocê* trabalhava demais, agora piorou mais ainda.

— Para de brigar comigo, caubói. — Cruzou os braços depois de enrolar a toalha na cabeça. — Eu tô fazendo isso por você. E ainda levo bronca. — Entristeceu-se e baixou a cabeça.

Jonas suspirou e sorriu. Adorava o jeito que a namorada falava quando achava que ele estava brigando com ela sem motivo. Sara ficava realmente chateada e fazia uma expressão que a deixava linda.

— Eu sei. Vem cá. — Puxou-a pelo braço e abraçou-a. — Desculpa. Tô preocupado *cocê*. Tava criando coragem de te pedir pra parar.

— Parar de fazer hora extra? — Sara levantou a cabeça para olhá-lo.

— Não. Eu ia pedir *procê* largar pelo menos uns *dois emprego*. *Cê* não precisa mais trabalhar desse tanto.

— Ah, não, caubói. Não achava que você fosse esse tipo de homem. — Afastou-se e tirou a toalha da cabeça. — Nem adianta começar com esse papo de que “agora você tá comigo, não precisa mais trabalhar, deixa que eu pago tudo”. — Fez uma voz diferente.

— Por quê? Que que tem de errado nisso? Eu não pedi *procê* largar de tudo, só diminuir.

— Não vou parar de trabalhar.

— Não tô te pedindo isso. — Jonas pegou o secador e colocou na tomada, depois começou a balançá-lo por cima do cabelo dela, enquanto movimentava algumas mechas.

— Começa sempre assim, gato, diminuindo. Daqui a pouco você vai tá pedindo pra eu parar de vez, porque seu dinheiro dá pra nós dois e

blá, blá, blá, conversa de homem, blá, blá, blá, justificativas de homem, etc.

— Minha deusa...

— Você sabe muito bem que eu sou feminista.

— Sim, e eu te apoio nisso, mas...

— Sabe quantas mulheres largaram suas carreiras por causa da “garantia” que o companheiro ia sustentar a casa e depois ficaram sozinhas, com filho pra criar, abandonadas, e sem dinheiro? Milhares! Não vou fazer essa burrice.

— Eu nunca faria isso *cocê*.

— Ninguém faria isso, até fazer.

— Minha flor...

— Não vou parar de trabalhar.

— Será que eu posso falar? — Jonas parou de mexer no cabelo dela e encarou-a através do espelho.

— Pode. Desculpa.

— Em nenhum momento eu pedi *procê* parar de trabalhar, para de ficar tentando antecipar as coisas porque na maioria *das vez* *cê* só pensa o pior de mim. Não sei *os tipo* de homem que *ocê* ficou antes, mas pelo jeito eles eram esterco *purim*. Eu não sou *esses caboco machista* que quer que as *muié* não estuda e fica só dentro de casa esperando *eles chegar* pra levar o prato de comida no colo deles. Nunca tratei *ocê* desse jeito *procê* pensar isso de mim. Muito pelo contrário. A única coisa que eu pedi foi pra diminuir um pouco, porque *cê* não tem mais tempo de ficar comigo. Só tô tentando te dizer que eu sinto falta *docê*, onça brava — disse, e voltou a secar o cabelo dela.

Sara ficou em silêncio até ele terminar. Ninguém nunca a enfrentou desse jeito, muito menos um namorado. Ela não sabia o que dizer.

— Desculpa se eu fui grosso, minha deusa.

— Tá tudo bem, gato. — Virou-se e o abraçou.

Era só isso que sentia vontade de fazer.

— Fiquei bravo porque parecia que *ocê* tava dizendo que nós dois não *vai dá* certo.

— Não foi o que eu quis dizer... — Ergueu a cabeça.

— Tem um punhado de homem sem vergonha neste mundo, mas eu juro *procê* que eu não sou assim.

— Pior é que eu sei disso. Pelo menos é o que eu sinto. Desculpa se te ofendi.

— Eu sou pró feminismo, pelo menos tento. Tô aprendendo ainda. Eu acredito que as *muié* têm que ganhar a mesma coisa que nós, que *elas* pode ter qualquer profissão, andar na rua sem ficar com medo de *serem atacada* e que elas têm o direito de escolher se querem ser mãe ou não, trabalhar ou não. *Essas coisa*. Se eu fizer um trem que não tá de acordo com isso, *cê* por favor, me corrige. Eu não tenho vergonha de pedir perdão.

— Eu sei — Sara recordou-se de como ele tentou de todas as formas se desculpar por não ter entendido que ela queria exclusividade quando se conheceram. — Desculpa. Eu exagerei de novo e te acusei injustamente.

— Tá desculpada. Até porque, *cê* fica linda demais quando tá brava. Eu tenho que ficar me concentrando pra não beijar *ocê*.

Sara gargalhou, grata por ele quebrar o clima ruim com algo engraçado.

— Te amo, seu fofo. — Apertou as bochechas dele e beijou-o.

— *Cê* vai querer passar uma semana lá comigo e depois *nós fica* o resto do mês sem se ver? Ou eu posso te buscar na sexta e te trago de volta no domingo *procê* não precisar dirigir sozinha.

— Não vai perguntar se eu vou diminuir minha carga horária?

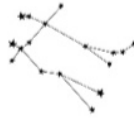
— Isso aí é *ocê* que decide. Pensa e depois me diz. Já falei o que eu penso.

— Vou pensar essa semana e te digo se você deve vir me buscar na sexta ou não. Pode ser?

— Tá *bão*. Vou morrer de saudade *docê*. — Beijou o pescoço dela.

— Também, bebê. Se acha que eu não percebi que você não me disse “eu te amo” de volta, tá muito enganado. — Afastou-se e fingiu uma expressão zangada.

Jonas sorriu, segurou o rosto dela, e beijou-a por alguns segundos. Carregou-a pela cintura até a cama e sussurrou no pescoço dela “te amo, minha deusa” antes de voltar a beijá-la.



O caipira partiu cedo na manhã seguinte. O coração de Sara não gostou de ver aquela caminhonete vermelha sair pelo portão, doendo imediatamente depois. Visitou seus pais e sua avó, chamou seus amigos e primos para uma social, e, mesmo assim, o fim de semana foi sem graça e desanimado. Isso perdurou durante toda a semana.

As provocações e piadas de Mateo não eram mais tão legais, muito menos o tronco. Trabalhar 12 horas seguidas era um martírio, e ela contava cada segundo até o momento de Jonas finalmente ligar. Assim que desligava, o desânimo tomava conta dela novamente, e dormir com Nivaldo na cama era o único jeito de pegar no sono. Não entendia por que se sentia assim, já que duas semanas atrás estava perfeitamente bem em casa dormindo sozinha. Parecia que seu cérebro se recusava a funcionar normalmente somente por saber que o namorado havia viajado.

Foi diminuindo a quantidade de horas extras até que a sexta-feira chegou. Acordou com o despertador às 7 da manhã e já estava pronta, com a mala ao seu lado e o chapéu novo na cabeça quando o caubói chegou para buscá-la, uma hora depois.

— Oi, lindo! — gritou, assim que estacionou, fazendo-o rir.

Nivaldo latiu e pulou de alegria ao ver o dono. O filhote já havia crescido bastante desde que foi adotado.

— Oi, meu *fi*. *Cê* ficou *bonzim*? Hein? Cuidou da mamãe? Também tava com saudade *docê*, Nivaldo. — Abraçou o cachorro que pulava em sua perna sem parar. — E *ocê*, minha flor? Tá mais linda que o normal. — Olhou-a de cima a baixo. — Saudade *docê*. Dá beijo. — Abriu os braços e recebeu Sara, que pulou no pescoço dele.

Ela usava uma calça jeans, coturno e uma regata verde.

— Tô 50 mil vezes melhor agora. — Afastou-se e beijou toda a extensão do rosto dele. — Para de ser lindo! — gritou, fazendo-o coçar o ouvido e rir.

— *Vamo embora? Tem três hora* de estrada pela frente — disse, fechando os olhos quando ela os beijou.

— Você não quer descansar um pouco? Ir no banheiro?

— Verdade. Já volto.

Jonas foi ao banheiro, guardou a mala dela (que era muito grande para somente um fim de semana fora, devido a sua falta de habilidade em arrumar as coisas dentro) e pegaram a estrada para Rio Verde. Sara não parou de falar durante todo o caminho, animada em estar novamente com o namorado. Ele ouvia tudo atenciosamente, feliz de tê-la por perto, mesmo sabendo que isso significava escutar que Romeu e Iara terminaram e voltaram pela terceira vez — e toda a história por trás disso —, quantas vezes ela havia tentado ensinar truques para Nivaldo e como conseguiu, todos os sonhos esquisitos que teve e as reclamações costumeiras sobre sua família. Em nenhum momento sua namorada falou de trabalho.

Chegaram na fazenda Tulipa na hora do almoço. Almoçaram juntamente com o resto dos funcionários e Jonas teve tempo de mostrar a propriedade para Sara. Tudo era muito parecido com as outras fazendas, exceto pela plantação de soja que ocupava quase a mesma extensão da criação de gado em Bela Vista. Ela descobriu que a terra da família do namorado em Aragoiânia, onde plantavam laranja, era a menor das três, com metade do tamanho das outras. Toda a soja que havia sido colhida há algumas semanas foi vendida e Jonas estava lá para organizar o próximo plantio. A maioria do serviço ele fazia remotamente, exceto quando se tratava da fazenda Margarida, na qual gostava mais de trabalhar. Usou o celular para fazer algumas pesquisas no Google e descobriu que provavelmente a família Viana era mais rica do que aparentava. Sara sabia que, no total, Jonas possuía funcionários suficientes para lotar um auditório.

— Que que *cê* tanto olha nesse celular? — perguntou Jonas, depois de estacionar o carro embaixo de uma árvore, próximo da casa principal.

— Nada. — Sara guardou-o novamente no bolso e abriu a porta.

— E porque *cê* tá com essa cara de criança custosa?

— São seus olhos, caubói. — Sorriu. — Tava tentando descobrir quão rico você é.

— Uai, por quê?

— Tô achando que você e sua família são simples porque querem.

— Sara fechou um olho, esperando pela resposta dele.

— Mas é mesmo, uai. *Nós gosta* de ser assim, de falar assim. É o estilo de vida de gerações da família do meu pai.

— Que lindo. Adoro costumes familiares. Principalmente esses do tipo culturais.

— Amanhã não vou poder ficar muito tempo *cocê*, porque troquei minha folga do sábado pra hoje. — Sentou-se na rede e Sara o acompanhou.

— Posso ficar andando por aí?

— Só toma cuidado pra não se perder. Melhor *cê* levar um rádio, não é todo lugar que tem sinal de celular.

— Eba.

— E faz favor de passar protetor solar. — Beijou-a no rosto.

Passaram o resto da tarde na casa principal, aconchegados. Foram até a cidade buscar algo diferente para comer e tentaram assistir um filme.

— Gato, melhor você ir pra cama. Não consigo te carregar até lá e não quero que durma no sofá a noite toda. — Sara apertou de leve a bochecha do namorado, que cochilava.

— Tô dormindo não — disse, sem abrir os olhos.

— Aham. Levanta, vai. — Empurrou-o para sair do sofá.

— Tá cedo. Não é nem dez ainda. — Sentou-se e espreguiçou-se.

— Você acordou às cinco da manhã e dirigiu por 6 horas quase ininterruptas. Vai dormir. — Observou o namorado caminhar devagar até o quarto e o seguiu. — Obrigada por ter ido me buscar, lindo. Agora que percebi o quanto foi cansativo pra você — agradeceu, enquanto fazia carinho no cabelo dele, depois de se deitarem.

— *Ocê* vale a pena, minha deusa. Boa noite *procê*. — Fechou os olhos.

— Te amo.

— Casa comigo — murmurou, sonolento.

— Caso. — Beijou o rosto dele.

Observou-o dormir por algum tempo, grata por tê-lo conhecido naquela confraternização da firma. Seu peito inflou de gratidão por ter tido a sorte de, sem querer, encontrar alguém como Jonas para dividir a vida. Alguém disposto a fazer coisas aparentemente desnecessárias somente para fazê-la feliz, ou estar com ela. Um homem diferente que a completava de uma forma única, quase inacreditável. Sara adormeceu ponderando o que havia feito para merecer alguém como ele, ou se o namorado era um presente que ela precisava cuidar para continuar

possuindo. De qualquer forma, não conseguia mais enxergar a si mesma sem vê-lo exatamente ao seu lado.



Sara acordou tarde na manhã seguinte. Arrependeu-se por perder metade da manhã e não ter colocado um despertador para poder aproveitar o dia ao máximo. Pegou o celular do móvel ao lado da cama e viu as mensagens.

Caubói❤️:

Bom dia, minha deusa.
Quando acordar me avisa.
Amo você.

Eu:

Oi, caubói. Acordei.

Como ele não respondeu, Sara levantou-se, foi até o banheiro e depois trocou de roupa. Escutou o caminhar característico de Jonas aproximando-se pouco tempo depois.

— Trouxe café *procê*.

— Ai, que saudade disso. — Pegou a xícara da mão dele e o beijou devagar.

— Do quê?

— Você me dando bom dia e trazendo café pra mim.

— Cê nem gosta de café. — Sorriu.

— Mas eu gosto de mimo, gato. E você é muito bom nisso. —
Bebeu um pouco.

— Preciso voltar pra labuta. A gente se vê no almoço, tá? Meio-dia. — Segurou o rosto dela, deu um selinho, e ela assentiu.

— Te amo!

Ele olhou por cima do ombro, enquanto saía, e sorriu.

— Jo-nas... não ouvi ainda!

— Te amo, minha deusa! — gritou de longe.

Sara passou o resto da manhã cavalgando pela fazenda. De vez em quando, avistava o namorado de chapéu branco e óculos escuros andando e conversando com funcionários. Ponderou como ele conseguia ficar bonito naquele ambiente. Não se lembrava mais quando passou a achá-lo tão atraente assim. Talvez só estivesse apaixonada por ele em extremo. Almoçaram juntos e cada um foi para um lado diferente da propriedade. Combinaram de se encontrar na casa principal para assistirem ao pôr do sol juntos.

— Cadê você, gato? O sol já tá se pondo.

— Desculpa, minha deusa. Tava ajeitando *uns trem* aqui e me atrasei. Chego aí em 10 minutos. Toma banho e pega um agasalho que eu vou te levar num lugar mais tarde.

— Onde?

— Surpresa.

— Caubói, você prometeu...

— Calma, não é nada do que *ocê* tá pensando. Confia em mim, minha linda.

Sara suspirou.

— Depois não reclama se eu ficar de mau humor...

— Duvido. Tô chegando. Tchau, beijo. — Desligou o telefone.

Jonas chegou quando o sol estava prestes a sumir de vez. Sara nem teve coragem de reclamar, já que ela mesma havia faltado vários dias seguidos. Esperou que o namorado tomasse banho e desconfiou da pressa dele em se arrumar.

— O que você tá aprontando? — perguntou, enquanto ele pegava um moletom e um cobertor.

— *Cê* vai ver. Essa roupa sua é quente?

— A gente tá indo pro Polo Norte? — Olhou para baixo, analisando sua calça de moletom e blusa de manga comprida. — Não me diga que vamos acampar ao relento?

— Ô *muié* curiosa. Não é isso não. *Vamo*. — Fez sinal para que ela o acompanhasse.

Entraram na caminhonete e Jonas dirigiu até uma parte isolada da fazenda, ao lado de um pequeno riacho. Estacionou próximo de um furgão Sprinter que estava parado embaixo de uma mangueira tão grande quanto uma casa.

— Me diz que não vai sair ninguém de dentro daquela van. — Sara encarou o caipira, que riu.

— Não, amor. Vem, vou te mostrar antes que *ocê* fique brava à toa. — Abriu a porta e saiu.

Jonas pegou um fio que estava pendurado em um galho da mangueira e ligou em alguma coisa que se encontrava no banco de trás da S10. Assim que o fez, a árvore inteira brilhou com as pequenas lâmpadas acesas espalhadas por sua extensão. A geminiana arregalou os olhos, de boca aberta. Antes que conseguisse falar qualquer coisa, o caubói abriu as portas laterais do furgão.

No interior, não havia bancos. Em vez disso, um colchão foi colocado no chão, com vários travesseiros. Luzes penduradas nas janelas iluminavam tudo e Sara aproximou-se para ver melhor. Um computador achava-se em cima do colchão, uma cesta cheia de guloseimas e uma sacola térmica, e um *cooler* ao lado. Sara suspirou e encarou o namorado. Ele abriu a porta do passageiro ao lado do motorista e pegou uma rosa e um pequeno pacote em cima do banco.

— Feliz aniversário, minha deusa. — Entregou os itens para ela.

A geminiana cheirou a rosa e escorou-se na lataria para abrir o presente. A caixinha escondia uma gargantilha dourada com os dizeres “*Deusa*” bem no meio, e um bilhete onde lia-se “*Para você sempre lembrar como é divina aos meus olhos*”.

— *Cê* tava muito enganada se achava que eu ia deixar *ocê* passar o aniversário em branco. Eu sei que *cê* queria fazer um festão pra comemorar seus 25 *ano* e não pôde por causa da pneumonia. Mas esse é seu primeiro aniversário comigo e eu tô feliz demais de poder tá *cocê* — disse Jonas.

— Ai, caubói, você não existe. — Chegou mais perto dele para beijá-lo, e ele a abraçou. — Obrigada por não me ouvir, gato. Você que é um presente na minha vida. Meu coração tá transbordando de alegria — falou, com um tom de voz manhoso.

— Tá com fome? — Ajudou-a a colocar o colar no pescoço.

— O que você trouxe pra gente? — Passou a mão no colar e começou a tirar o tênis para entrar no Sprinter.

— *Os trem* tudo que cê gosta. *Aquelas tranqueira de salgadim*, chocolate, Schweppes Citrus... Ah! Pedi à cozinheira pra fazer um hambúrguer e fritar *umas batatinha procê* também. — Trancou a caminhonete, pegou o cobertor e tirou o tênis também.

— Amor, que eficiente! Nem sei por onde começar! — Sara entrou e se acomodou.

— Escolhe um filme pra nós ver. — Fechou a porta do furgão depois de colocar os calçados do lado de dentro.

— Certeza? Eu só gosto de ver...

— Filme repetido. Mas hoje o dia é seu, então, não vou reclamar de assistir *aqueles povo* lá, como é que é o nome?

— Os Vingadores.

— Isso. Coloca aí. Já deixei baixado *as coisa* que cê gosta. — Apontou para o computador.

Antes que pudesse pegar a comida na sacola térmica, Sara o derrubou e pulou em cima dele.

— Para. De. Ser. LIN-DO! — gritou, enquanto beijava seu rosto a cada palavra.

— Não sei como fazer isso, sô. — Riu.

— Você tá proibido de descobrir!

— Uai, quem entende *ocê*?

Sara gargalhou.

— Nem eu, às vezes. Te amo, gato.

— Eu que amo *ocê*, minha deusa. *Brigado* por me deixar entrar na sua vida. — Jonas passou o cabelo dela que caía em seu rosto atrás da orelha, e ela o beijou.

Decidiram que o jantar podia esperar.



Acordaram no dia seguinte sem vontade de sair dali. Continuaram assistindo filmes velhos que Sara adorava enquanto se revezavam nas carícias e cafunés. Comeram o que sobrou da noite anterior e caminharam pela margem do riacho até o sol ficar forte demais para as roupas que usavam. Voltaram para a casa principal e, sem fome para almoçarem, curtiram um ao outro até a hora de Jonas levar a namorada de volta para casa.

O problema foi um peão que se machucou e teve de ser encaminhado até o hospital da cidade, por isso o caipira não pôde levá-la e mandou um funcionário acompanhá-la. Sara compreendeu, apesar de sentir-se chateada pela viagem de volta não ser tão animada quanto a ida. Agradeceu por seu motorista não ser uma pessoa sociável como ela era, e passou o caminho inteiro em silêncio, sentindo falta de Jonas.

Eu:

Acabei de chegar, caubói.
Como ele tá?

Caubói♥:

Que bom, minha deusa.
Ele quebrou um osso do pé, mas tá bem. Foi só um susto.

Eu:

Ainda bem.

Caubói♥:

Nem consegui me despedir de você direito.
Desculpa.

Eu:

Tá tudo bem, gato. Não foi sua culpa.
Esse foi o melhor final de semana do ano, com toda certeza.

Caubói♡:

Tava com medo de você tacar aquela rosa na minha cara e ficar brava por causa da surpresa.

Eu:

Nunca! Eu tive que me segurar pra não chorar.

Caubói♡:

Mesmo?

Eu:

Foi de longe o melhor aniversário que eu tive.

Caubói♡:

Mentir é feio.

Eu:

É sério! Fazer festa é bom e tal, mas juro, nunca tive um aniversário assim antes.
Nunca mais vou esquecer.

Caubói♡:

Vou te mandar as fotos que eu tirei de você hoje de manhã. Você tá mesmo uma deusa nelas.

Eu:

É normal eu já estar MORRENDO de saudades de você?

Caubói♡:

Uai, minha deusa, fica assim não. Já, já nos vemos de novo. É só você pedir, que eu te busco na sexta.

Eu:

Sexta eu tenho uma reunião inadiável. Vou morrer sem te ver por duas semanas.

Caubói♥:

Para com isso.

Vai passar rápido.

Tenho que ir.

Te ligo mais tarde.

Sara desligou a tela do celular e jogou-se na cama. Felizmente tinha o cheiro dele. Teria que se contentar com Nivaldo para conseguir dormir e sobreviver aos próximos dias.

A segunda-feira começou com Mateo tentando consertar a internet que perdia a conexão o tempo inteiro, mas ele só piorava tudo. A patricinha engoliu vários discursos que estavam na ponta da língua, preparados para dizer ao amigo como ele era irresponsável, mas preferiu ir até seu apartamento para trabalhar. O problema com a internet só foi resolvido na quinta-feira, e ela teve de passar quase a semana inteira sozinha, sem nem ao menos ter o cachorro e o cheiro de Jonas pela casa para amenizar a saudade. Decidiu visitar a avó antes de voltar para Aparecida de Goiânia e aproveitou também para ver os pais.

— Coitado do menino, filha. Ele tentou te ajudar — comentou Suzana sobre Mateo, após ouvir as reclamações de Sara.

— Eu me recuso a ser o tipo de funcionária que não consegue trabalhar pelo simples fato de não ter internet. É algo básico. Foi um vexame. — Jogou-se no sofá.

Ao contrário do que costumava usar, ela vestia um short jeans, camiseta branca e chinelos. Não sentiu vontade nenhuma de se arrumar naquele dia.

— Já cansei de te pedir pra parar de se cobrar tanto. Tá ficando paranoica e cheia de rugas.

— Você vai continuar linda até com rugas, filha. — Eduardo surgiu na sala e juntou-se às duas.

— Como está Rio Verde? — perguntou sua mãe.

— Nem cheguei a ir à cidade, só fiquei na fazenda. Que é incrível, por sinal. Vocês iam adorar. Tudo lembra Pirenópolis. Só falta os paralelepípedos no chão.

— Mesmo? Então você gostou? — Eduardo quis saber.

— Demais da conta. Se tivesse internet boa, eu moraria lá fácil. Ou pelo menos iria aos finais de semana.

— Eu nem sabia que você gostava de fazenda. — Suzana impressionou-se.

— Nem eu. Tô descobrindo um caminhão de coisas legais com o meu caubói.

— Ainda bem que você sempre foi aventureira. Acho que esse rapaz tá te fazendo bem. Pela primeira vez, você parou de cuidar da nossa vida e começou a viver a sua — falou Suzana, e Eduardo riu da esposa.

Sara revirou os olhos e disse:

— Eu não tenho culpa se sou a pessoa mais responsável dessa família. E a senhora reclamou disso no início, me senti *super* culpada. Se não fosse o Jon, teria sido pior.

— E como vocês estão, filha? Soube que ele fez uma baita surpresa de aniversário pra você — recordou Eduardo.

— Sabia que o Romeu ia contar pra todo mundo. Ele é pior que velha fofoqueira. — Sara balançou a cabeça desaprovando.

— Ele adorou o Jonas. O sonho dele é vocês se casarem — contou Suzana.

— Meu caubói já me pediu em casamento umas quinze vezes. Acho que ele tá reconhecendo o terreno e falando do assunto só pra ver se eu vou aceitar ou não.

— E você vai? — Sua mãe ergueu uma sobrancelha, curiosa.

— Se ele fizer um pedido decente, lógico. Aquele caubói foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu sozinha não valho nada perto do que me torno quando tô com ele. É como se eu não precisasse pensar... raciocinar... Me sinto livre. — Passou a mão na gargantilha. — Tô passando mal de saudade, e ainda falta mais de uma semana pro Jon voltar. Nem sei se vou conseguir visitá-lo.

— Não dá pra você ir trabalhar lá? — sugeriu sua mãe.

— Lá não tem internet ainda e nem sinal fora da casa principal e da sede. Eu tenho algumas horas de folga, mas aí fico com dó dele dirigir tanto tempo pra me buscar. Também não sei se consigo ir e voltar sozinha. Nunca dirigi em estrada. — Passou a mão no rosto, confusa. — Todo tanto de horas extras que eu faço parece que nunca são suficientes.

— Você trabalha demais. — Suzana lançou um olhar repreensivo.

— Agora que estão morando juntos você poderia diminuir um pouco o ritmo, filha — aconselhou Eduardo.

— Ele me pediu a mesma coisa. Mas eu não sei, pai... Tudo o que eu sou, consegui por causa do meu próprio trabalho. Largar qualquer um deles me faz sentir como se tivesse jogando um pedaço meu fora.

— Seria uma ótima hora pra você usar o dinheiro da sua vó.

Sara ameaçou reclamar, contudo, Suzana apontou a palma da mão para a filha ficar calada.

— Ela não se importa. Na verdade, é isso o que gostaria que você fizesse. O orgulho tem dois lados, Sarinha.

— O que a sua mãe quer dizer é que você poderia trabalhar menos e ter a mesma receita entrando. — Eduardo tentou convencê-la.

— Não consigo fazer isso. Não acho que tô sendo orgulhosa.

— Filha, o que você não entende é que muita gente daria tudo para ter a sua vida. Não é errado ser rico, errado é tratar o outro com indiferença por não ter o mesmo tanto de dinheiro que você. Sua família, o lado da sua mãe e o meu, trabalhou demais pra dar uma condição boa às próximas gerações. Nós fizemos isso pra que você, seu irmão e os seus primos não precisassem batalhar demais pra conseguir as coisas e tivessem mais tempo pra viver. Eu sei que você é trabalhadora, responsável, capaz de se sustentar com seu próprio suor, e que principalmente, reconhece o esforço que nós fizemos pra chegar aonde chegamos. Você se sente “usando” algo que não é seu, mas esse é um privilégio que a maioria das pessoas não tem — pontuou Eduardo.

— Aproveita que agora surgiu alguém especial na sua vida e começa a desfrutar, filha. Você já conquistou tudo que uma pessoa de bem quer na vida, mais do que provou seu caráter e dignidade. Ninguém vai te julgar, e se acontecer, você sabe muito bem como se defender — completou Suzana.

Sara ficou em silêncio, ponderando.

— Não vale a pena ficar sofrendo, sendo que você podia estar lá com ele, feliz. Diminui um pouco sua carga horária e vê o que acontece. Você não tem nada a perder. O pior que pode acontecer é você virar funcionária do seu pai, que é o primeiro amor da sua vida.

Sara riu.

— Já que é impossível você aceitar ser sustentada pelo negócio da família sem trabalhar, a solução é essa. Mesmo, nesse caso, sendo literalmente sua empresa e do seu irmão somente. — Eduardo sorriu.

— Eu sei, pai. Vou pensar nisso. — Jogou a cabeça para trás e suspirou. — Como tá a pousada, falando nisso?

— De vento em polpa. A reforma dos novos chalés está quase no fim. A pior parte é esperar os bombeiros irem verificar tudo. O condomínio em Caldas Novas já lotou pra essa temporada de férias e as reservas pra próxima já começaram.

— E como estão as finanças?

— Melhores do que nunca. Empréstimos sendo pagos, não precisei demitir ninguém, tenho hóspedes e locatários satisfeitos. Graças aos céus. — Eduardo levantou as mãos.

— Será que vocês dois podem parar de falar de coisas chatas e virem se juntar a mim? Tem um bolo vulcão lindo esperando aqui na mesa — chamou Suzana, e os dois perceberam que não notaram quando ela saiu.

Sara lanchou com os pais e voltou para casa pensando no que eles haviam dito. Estava cumprimentando Nivaldo, que pulava em suas pernas, quando seu celular notificou uma mensagem.

Caubói♥:

Oi, minha deusa, minha rainha, dona da minha vida.
Tô morrendo de saudade. Hoje pensei em você o dia inteirinho.
Só queria dizer que eu te amo e que tô aqui pra qualquer coisa que você precisar.

A patricinha abraçou o celular como se fosse Jonas. Sentiu um nó na garganta e o peito quente, emocionada. Era como se ele soubesse que ela precisava ler aquilo.

No dia seguinte, recebeu e fez mais ligações que um atendente de telemarketing. Teve de ir até o setor de Recursos Humanos do jornal O Popular, e até a escola de inglês onde dava aula para assinar alguns documentos. Levou uma bronca de Mateo por ter consertado a internet e pago uma taxa extra para agilizar o atendimento. Com dificuldade, conseguiu fazer uma mala sozinha, menor que o normal, ligou para seu primo Romeu e pegou a estrada.

Agradeceu mentalmente por ter uma boa memória fotográfica e conseguir acertar a entrada da propriedade do namorado mesmo a noite. Prestou atenção nas placas de sinalização indicadoras do caminho para a

fazenda Tulipa na estrada de terra, e fingiu não ouvir os barulhos noturnos assustadores da natureza ao abrir os colchetes e a porteira. Estacionou ao lado da S10 vermelha e percebeu que o barulho do carro provavelmente alertara Jonas.

— Oi, ga-to! — gritou, quando notou o namorado, sem camisa e com as mãos na cintura na varanda da casa principal.

Desceu do carro e correu até ele. Assim que a avistou, Jonas passou a mão no bigode e sorriu mostrando seus pés de galinha no canto dos olhos.

— Uai, minha deusa... que trem *trapaiado* é esse? — Riu, quando Sara se pendurou nele pelo pescoço, enrolando as pernas em torno do seu quadril.

— Ai, caubói... não quero mais brincar de ficar longe de você. Eu não presto mais sozinha — confessou baixinho.

— Ô, lindeza. Que trem mais *bão ocê* aqui. *Cê* veio sozinha? — perguntou, e ela desceu do seu colo.

— Foi. Eu liguei pro Romeu e ele veio falando comigo a viagem inteira pra me ajudar — explicou, e o caubói arregalou os olhos.

— Que perigo. Por que *cê* não pediu pra eu te buscar? E a sua reunião?

— Eu decidi vir de última hora. Pedi demissão do jornal e da escola.

— É o quê? — Jonas surpreendeu-se.

— Fiquei só com os empregos flexíveis, que eu trabalho por projetos em vez de carga horária. Hoje foi um dia intenso. Exijo uma massagem e muito carinho no cabelo. Talvez algo mais. — Sara sorriu e Jonas balançou a cabeça, incrédulo.

— Eu achava que *ocê* era um furacão, mas tô achando que tá mais pra tsunami. Misericórdia. Dá beijo. — Segurou no queixo dela e deu um selinho. — Achei que *cê* não ia fazer isso.

— Não aguentei. Ficar sem você é pior que qualquer coisa. Não dá pra passar um mês sem te ver três vezes no ano. Nove meses ao seu lado é muito pouco. Eu gosto de exclusividade. — Os dois gargalharam.

Sara tomou um banho e ganhou uma massagem merecida nos ombros tensos de dirigir. Não percebeu o quanto estava cansada até sentir o sono inebriante tentar carregá-la assim que Jonas começou a mexer no cabelo dela, deitada no colo dele. Acordou na manhã seguinte

sem entender como foi parar na cama. Passaram o dia juntos na piscina e assistiram filmes à noite até decidirem que se beijar era mais divertido. Repetiram tudo no dia seguinte.



COMEÇOU A INSEGURANÇA

O casal trabalhou normalmente durante a semana que iniciou, a diferença era que Sara não passava o dia inteiro no computador. Ela levou os projetos nos quais deveria trabalhar e aproveitava o tempo livre andando pela fazenda até a hora do pôr do sol, quando se encontrava com o namorado. Jonas admirou-se com o quanto ela se encontrava suja e cansada todos os dias a noite. A patricinha passou algum tempo com cada funcionário da fazenda, às vezes, na cozinha, outras com os peões e seus tratores, e também brincando com as galinhas e outros animais. Em poucos dias, todos a conheciam e chamavam-na de “Sarinha”. Como resultado de todas essas aventuras, ganhou alguns hematomas por escorregar nos barrancos, uma queimadura na mão ao tentar desligar o fogão industrial e um corte na perna depois de pular a cerca de arame farpado de forma errada.

Jonas não conseguia se conter de felicidade. Sempre esteve disposto a aceitá-la do jeito que era, mesmo sabendo que, à primeira vista, seria uma mulher da cidade. Nunca, em seus melhores sonhos, imaginava vê-la de bota e chapéu, queimada do sol por passar a tarde toda ao ar livre, interessada em assistir como funcionava um plantio de

milho ou em como fazer queijo. Tudo parecia interessante para Sara, até mesmo jogar futebol descalça na terra no final do dia.

— Mas, minha deusa, só tem homem aqui. — Jonas tentou convencê-la mais uma vez.

— Caubói, e qual o problema? Sabe quantas vezes eu fui a única mulher jogando bola? Todas!

— *Esses homem* não tem costume de jogar *cocê*, podem te machucar.

— Eu posso me machucar tanto quanto você. Não é a primeira vez que vou jogar futebol, gato, confie em mim!

— Sei não, amor... — O caubói mantinha as mãos no quadril pensando.

— Eu vou jogar, você querendo ou não. — Sara tirou a bota e juntou-se aos outros funcionários que os aguardavam para começar o jogo.

Jonas coçou a cabeça, derrotado. Quando a namorada queria fazer alguma coisa, dificilmente alguém a convencia do contrário. Dobrou a barra da calça jeans e colocou sua botina ao lado de todos os outros sapatos enfileirados ao lado do campo. Os times foram divididos e ele sentiu-se um pouco melhor depois de ter conseguido ficar junto de Sara. Pelo menos assim, poderia tentar protegê-la.

Meia hora depois, o caipira mudou totalmente de opinião. A “menina da cidade” havia se transformado na Marta, jogadora da seleção feminina brasileira de futebol, misturada com a adolescente mais desbocada do bairro. Ela brigava e xingava o tempo todo qualquer um que fizesse um passe errado. Depois do terceiro gol, os outros jogadores pararam de tentar argumentar com ela qualquer coisa. Sara era realmente boa, mesmo Jonas desconfiando que os outros peões tinham medo de jogar realisticamente perto dela e estavam facilitando as coisas.

— Não sabia que *ocê* falava palavrão. — Jonas sentou-se na calçada em volta do refeitório, ofegante, depois do término do jogo.

— Eu não falo — disse Sara, e bebeu uma garrafa de água inteira.

— Aham, tá.

— Só quando eu jogo bola. Não consigo me conter.

— Eu nem conhecia *uns trem* que *ocê* falou em inglês.

— Quando eu tô muito concentrada, às vezes, meu cérebro troca o idioma pro inglês. Geralmente eu tô jogando alguma coisa ou brigando com alguém.

Jonas riu. Ela era realmente aleatória no jeito de ser. Foi no último dia deles, antes de voltarem para casa, que o goiano chegou a essa conclusão. Convidou-a para ir até a cidade, encontrar com alguns amigos, e a mulher descabelada que saiu coberta de terra vermelha do jogo de futebol deu lugar à patricinha novamente. Sara colocou um vestido de alças grossas verde escuro, justo, e uma sandália de salto largo. Seu cabelo castanho claro contrastava com a cor da roupa e brilhava ainda mais, assim como seus olhos cor de mel.

— Se você reclamar da minha roupa de novo, eu juro pra você, caubói...

— *Nós tamo* indo ali em Rio Verde, não na Oscar Freire — interrompeu-a e sorriu.

— Senti vontade de ficar bonitona, tá? Vai saber com quem eu vou ter que competir. — Piscou para o namorado, que riu.

— Se foi pra eu não tirar os olhos *docê*, deu *certim*. Dá beijo. — Aproximou-se para beijá-la. — O ruim é que *os homem tudim* também vai pensar que nem eu.

— Eles podem pensar o que quiserem, contanto que não se atrevam a emitir opinião. — Entrou na caminhonete.

— Eu vou ficar de olho *nocê*. Seguro morreu de *vêi*. — Fechou a porta e ligou a S10.

— Credo, do jeito que você fala parece que eu vou pro lugar mais perigoso do Estado — protestou Sara.

— Qualquer lugar é perigoso pra uma *muié* bonita que se veste que nem *ocê*. Só seu cabelo e seus olhos já chamam atenção *dos caboco*.

— Até parece que homem olha é pra isso.

— Foi a primeira coisa que eu reparei quando *cê* foi falar com o Luiz naquela festa.

— Isso é porque você não é normal, lindo. É um exímio cavalheiro que de quebra é cavaleiro também.

Jonas balançou a cabeça e riu.

— *Ocê* é engraçada com esse jeito *docê* falar.

Sara gargalhou.

— Olha quem fala.

Rio Verde é a quarta cidade mais populosa do Estado de Goiás, conhecida pelo agronegócio e lar dos grandes fazendeiros. Quando chegaram ao restaurante Nalore Grill, um dos mais famosos do município, o caubói desceu para comprar comida junto de seus amigos. Sara observou que algumas pessoas saíram de dois carros parados próximos do local e cumprimentaram Jonas. Notou o modo como agia com eles e concluiu que era de fato uma pessoa sistemática. Seu comportamento era o mesmo com todas as pessoas, sempre educado, meio tímido e quieto. Talvez só conseguisse agir de modo diferente com a namorada, sendo romântico e sincero.

Voltou quando o pedido ficou pronto e seguiu os outros carros até uma casa no bairro Jardim Neves. Acomodaram-se no quintal dos fundos, nas várias cadeiras de plástico espalhadas e a comida foi servida em uma mesa grande encostada no canto. Em pouco tempo, o jantar foi substituído por garrafas de bebida e baldes de gelo, e a música sertaneja tocando em uma caixa de som aumentou de volume.

Jonas passou o tempo todo preocupado se a namorada se sentia deslocada, em vão. A cada vez que a procurava, Sara conversava com uma pessoa diferente. No final da noite, todos já a conheciam o suficiente para chamá-la pelo apelido. Ela era a mulher mais comunicativa e simpática que conhecia.

Em contrapartida, a patricinha observava o quanto seu namorado era requisitado. De cinco mulheres que se encontravam na casa, apenas uma era comprometida, e as outras passavam o tempo tentando chamar a atenção do único homem que não estava bêbado: Jonas. Duas usavam chapéu como ele, camisa para dentro da calça jeans e bota. Uma delas também tinha fivela no cinto. Olhavam para Sara como se ela estivesse completamente errada com aquele vestido e salto. Quando perguntavam para o caipira como ele havia convencido a namorada a acompanhá-lo até a fazenda, ele enchia a boca para dizer que “Com a minha deusa não tem tempo ruim”. Ele não tinha noção que, na verdade, os amigos queriam saber como alguém como ela andava com o tipo dele. Foi difícil conseguir conhecer todo mundo, pois até os homens se revezavam para passar um tempo com Jonas, ansiosos para saber as novidades sobre a vida dele.

— *Cê* conversou mais com o povo do que eu. Tem certeza de que não conhecia nenhum *dos meus amigo* daqui? — perguntou Jonas,

enquanto voltavam para o carro.

— Não. Seus amigos são todos gente boa. — Sara andava de mãos dadas com o namorado, descalça, segurando as sandálias na outra mão.

— Amanhã, antes de ir embora, preciso passar aqui na cidade pra pegar *uns trem* pro meu pai. *Uns porco* que ele encomendou. — Abriu a porta e entrou na caminhonete.

— Tá bom, gato. — Jogou a sandália no chão e sentou-se.

— *Ocê* sempre termina com o pé no chão, né? Não sei pra que usar *esses sapato*. — Jonas deu a partida.

— Porque eu gosto de me sentir poderosa. E não ligo de ficar descalça quando meu pé cansa. Você preferia que eu usasse bota?

— Eu preferia que *ocê* usasse um trem mais confortável. Não precisa ser bota, a menos que *cê* queira usar, uai. Por quê?

— Fico pensando se você não ia gostar mais se eu me vestisse como aquelas meninas que estavam lá hoje.

— Uai, minha deusa, *ocê* se veste quase daquele jeito quando *nós tá* na fazenda.

— Mas eu não me vestia assim antes.

— É porque *cê* viu que a roupa influencia no aproveitamento do lugar. Já pensou *ocê* com esse vestido lá no meio *dos cavalo*? Do jeito que *cê* gosta de fuçar *os bicho*, não ia dar certo.

— Verdade.

— Se eu quisesse uma *muié* que nem elas, eu já tinha conseguido. Meu mundo só tem *agrogirl*. Pra todo lugar que eu vou.

— Ah, se tem...

— Eu nunca namorei sério com nenhuma delas. Elas é tudo ciumenta demais. *Cê* nunca me encheu o saco por causa *dessas bobeira*. Por isso que um dia eu vou me casar *cocê*.

Sara pegou a mão do namorado que descansava sobre sua perna e ficou em silêncio. Ela não era mesmo uma mulher ciumenta, entretanto sentia-se desconfortável quando estava entre mulheres que aparentemente se encaixavam melhor na vida de Jonas. Não se comparar com elas era impossível, principalmente com todos os olhares de julgamento em sua direção.



NÃO CONSIGO DIVIDIR

No dia seguinte, passaram no centro de Rio Verde antes de voltarem para Goiânia. Jonas tinha uma lista de itens que deveria levar para os pais e em cada lugar que parava para buscar alguma coisa, demorava pelo menos dez minutos conversando com as pessoas. Todos pareciam conhecê-lo há muito tempo e interessavam-se em saber como andava sua vida. Sara parecia uma celebridade, sendo apresentada a vários desconhecidos que demonstravam muito ânimo em vê-la, como se o caubói nunca tivesse aparecido com uma namorada antes.

— Sabe uma coisa que eu percebi? — disse Sara, quando finalmente conseguiram pegar a estrada.

— O que, minha deusa?

— Você é muito querido.

— Como assim?

— Querido. Tipo, uma pessoa muito estimada, prezada pelos outros. Alguém que as pessoas têm apreço.

— Uai, brigado. Cê acha mesmo?

— Aonde você vai, quem te conhece fica feliz em te ver, e quem não te conhece, te acha interessante e quer te conhecer.

— Aqui no interior, né? Na cidade, geralmente o povo me olha torto.

— Como você mesmo diz, no seu mundo, todos gostam de você. Isso é muito legal.

— Por quê?

— Porque significa que eu achei a agulha no palheiro.

Jonas encarou-a por alguns segundos, antes de voltar a olhar para a estrada.

— Obrigada por ter me escolhido, mesmo eu não sendo do seu mundo, e nem um pouco similar a você. Te amo, caubói.

— Uai, minha flor. *Brigado*. Quem costuma falar *essas coisa* sou eu. — Acariciou o rosto dela, agradecendo.

— Deve ser a TPM. — Passou o braço por baixo do dele, e deu-lhe um beijo.



O mês de julho chegou e Sara não gostou nada da previsão do seu signo, que alertava sobre um possível rompimento para os geminianos que estivessem em um relacionamento, devido a brigas por causa do lado financeiro. Pela primeira vez na vida, ela não quis se apegar ao horóscopo e fingiu não dar atenção a isso. Não acreditava que teria problemas com Jonas por causa de dinheiro, muito menos que terminariam por conta disso.

Deixou a vida rolar normalmente. Graças a ter menos coisas do trabalho para fazer, a rotina diária em casa com o namorado não poderia ser melhor. Os dias passavam leves e extremamente gostosos, como aconteceu assim que começaram a morar juntos. Sara mal tinha tempo de prestar atenção nas provocações de Mateo, já que todo seu tempo livre era dedicado a Jonas.

— Que foi, minha deusa? Faz uma semana que *ocê* não se tranca naquele escritório. Vai ficar corcunda de tanto trabalhar nessa mesa ruim. — Corrigiu a postura da namorada pela décima vez.

Ela insistia em ficar do lado dele mesmo que estivesse trabalhando. Se ele quisesse ficar no sofá, Sara carregava o computador e se juntava a ele. Caso preferisse a mesa da varanda, ela o acompanhava também.

— Quero ficar perto de você, bebê — disse, sem tirar os olhos da tela à sua frente.

— Uai, credo. Agora eu arrumei um *grudim*. — Inclinou-se para o lado e beijou-lhe o ombro. — *Cê* vai comigo pra Barretos?

— Vou. — Suspirou.

Sabia que ir com o namorado até um lugar que era 100% fora da sua zona de conforto significava ter de dividir sua atenção com várias pessoas indesejadas. Com indesejadas, quis dizer mulheres que combinavam mais com ele do que ela. Contudo, preferia isso a deixá-lo ir sozinho.

— *Vai ser três dia*. Pena que não podemos ir de avião, aí ia sobrar mais tempo pra aproveitarmos a cidade.

— Uai, se você quiser, eu posso falar com meu tio e ver se ele tá usando o avião.

— Seu tio tem um avião? — Jonas ficou perplexo.

— Tem um monomotor turboélice. Ele precisa viajar sempre. Fica mais barato comprar, assim economiza tempo e burocracia.

— Misericórdia.

— Como é mês de férias, ele, com certeza, deve estar no nordeste.

— Credo, uai.

— Ele tem uma casa em Maceió. Vou perguntar se o avião tá disponível. Assim você não precisa dirigir tanto. — Sara pegou o celular e procurou o número do tio.

Jonas não sabia ao certo o que pensar sobre isso. No fundo, sentia um frio na barriga de pensar quão ricos os Catalão eram e se Sara realmente não ligava para todas essas mordomias. Esperou que ela terminasse a ligação torcendo para que não desse em nada.

— O tio Cláudio disse que a gente pode usar. O Lê leva a gente.

— Seu primo Leandro pilota?

— Aham. Mais tarde, eu combino com ele direito. O Lê adora uma desculpa pra pilotar. Teve uma vez que ele estava em Brasília com meu tio e veio até aqui só pra me levar a São Paulo, e voltou. Tudo no mesmo dia.

— *Nó*. E *ocê* não enjoa?

— Mil vezes mais que em um avião normal. Mas é só eu tomar um remédio, gato.

— *Cê* que sabe, minha deusa. — Coçou a cabeça, aflito.

Estava certo em temer viajar de monomotor. Na sexta-feira, quando Leandro os buscou no aeroporto, a sensação que Jonas teve era de andar de Fusca no céu, em vez de usar um Jetta. Não sabia se fechava os olhos e pensava no preço absurdo do querosene (combustível do avião) que Sara havia pago, ou se se atrevia a olhar para fora. De qualquer maneira, aquele frio na barriga não o deixava em paz. Em compensação, sua namorada dormiu durante todo o voo por causa do efeito do remédio.

Pousaram em Barretos e alugaram um carro. Jonas tinha negócios a tratar com alguns fazendeiros, todavia, Sara notou que ele mais parecia estar indo a algum parque de diversões. O caubói não parava de repetir que a Festa do Peão de Barretos deixava a cidade completamente diferente do que viam naquele momento. Só o fato de estar naquela cidade, mesmo sem a festa já era suficiente para ele. Demoraram algum tempo até chegarem na fazenda onde ele participaria de uma negociação.

A propriedade era ainda maior e muito mais luxuosa que a de Jonas. Na verdade, Sara recordou-se de que parecia as grandes fazendas americanas. Estacionaram, e como esperado, as pessoas que os receberam pareciam muito animadas em encontrar o goiano. Ele recebia elogios pelo chapéu impecável, a botina lustrada e a fivela do cinto que mostrava o sobrenome “Viana” em letras prateadas. Ao contrário de Jonas, eles tinham sotaque do interior paulista e mal notaram a presença dela ali.

A todo momento, uma velhinha simpática e gentil perguntava se Sara gostaria de tomar um café, ou comer um pedaço de bolo. A goiana aguardava o namorado sentada em um sofá de couro verde que ficava na grande varanda em volta da casa. De vez em quando um carro chegava e outro saía do estacionamento. Não importava se eram homens ou mulheres, todos paravam para dar “Boa-tarde” a Sara e lançavam um olhar desconfiado para ela. Imaginou se a razão, além do fato de ser uma estranha, poderia ser seu tênis dourado de sola branca e o moletom do cantor Harry Styles que usava. Jonas demorou quase duas horas para sair da sala onde conversava a portas fechadas com vários homens e senhores mais velhos.

Quando o namorado sugeriu passar o resto da noite no hotel, Sara respirou aliviada. Agarrou-se ao caubói e agiu com toda a manha que conseguiu reunir para ganhar a atenção dele. Jonas estranhou mais uma

vez a atitude dela, já que não costumava ser grudenta, porém não reclamou. Conseguiu terminar o dia feliz com novos negócios fechados, em Barretos e ao lado da amada. Mal se lembrava do tormento da viagem de monomotor.

No dia seguinte, ele levou Sara para conhecer a cidade. Mostrou onde acontecia a Festa do Peão, seus restaurantes favoritos e contou várias histórias que havia vivido ali. Almoçaram na casa de uma amiga dele, a primeira mulher que Jonas apresentou à namorada dessa forma. A geminiana não se surpreendeu quando viu que ela era uma *agrogirl*.

O pior de tudo foi que Sara gostou dela. Camila era baixa e loira, falava o tempo todo mexendo no cabelo e cantava muito bem. Apesar de não conhecer a maioria das músicas sertanejas que ela tocou no violão, a patricinha se divertiu com a companhia e a simpatia interiorana dela. Assistiu o namorado conversar com a amiga, animado, contando os perrengues que já haviam passado juntos e todas as vezes que teve de salvá-la das enrascadas em que se metia com rapazes que conhecia na Festa de Barretos. Lá no fundo, olhou para os dois amigos que tinham inúmeras coisas em comum, e sentiu-se triste. Não sabia até que ponto seu sentimento pelo caubói seria suficiente para que ele a amasse pelo resto da vida apesar de serem tão diferentes.

Voltaram para o hotel tarde da noite. Sara sentia-se carente e insegura, e pediu para comerem algo lá mesmo. Enterrou o rosto no pescoço do namorado e pegou no sono grudada nele. Acordaram perto da hora de irem para o aeroporto, para se encontrarem com Leandro, que os levaria de volta. A viagem para Goiânia pareceu mais curta que a ida, e menos turbulenta.

O casal foi direto visitar os pais de Jonas e almoçar. O caipira contou sobre a viagem, entusiasmado, tentando não esquecer de nenhum detalhe, enquanto a namorada mal participou da conversa. Já tinha anoitecido quando chegaram em casa.

— Que que *cê* tem, minha deusa? *Cê* passou o fim de semana *inteirim* quieta, uai. Nem falou *pelos cotovelo* — comentou Jonas, enquanto desabotoava a camisa.

— Só tô cansada, gato. — Sara entrou no box do banheiro e ligou o chuveiro.

— Sei... — O goiano encarou-a, com a cabeça meio de lado, desconfiado. — *Muié* quando diz que tá cansada é porque tá chateada

com alguma coisa. — Colocou suas roupas no cesto e juntou-se a ela.

Sara não disse nada e continuou tomando seu banho normalmente. Jonas cruzou os braços e não tirou os olhos dela, imitando o gesto que ela sempre fazia quando estava zangada. A patricinha deu uma olhada naqueles bíceps e respirou fundo.

— O quê? Se você tá tentando me fazer falar, acho que não deveria ter entrado aqui comigo. — Sorriu e puxou-o para debaixo da água.

— Por que *cê* virou um *grudim* do nada? Tem *uns dia* já que eu tô reparando que *ocê* tá só o dengo. Se deixar, passa o dia *inteirim* pendurada em mim. — Abraçou-a.

— Isso foi uma queixa?

— Não. Só acho que tem alguma coisa errada e eu não vou parar de te perguntar até *cê* me dizer.

Sara jogou a cabeça para trás e revirou os olhos.

— Pode ser amanhã? — perguntou, sabendo que o namorado insistiria nisso para sempre.

— Agora, minha deusa. Abre o bico. — Desligou o chuveiro.

A namorada ficou na ponta dos pés e colocou os braços em volta do pescoço dele.

— Que foi? — O caubói afagou as costas dela.

— Te amo, amor.

— Também te amo. E?

— Tô carente.

— Ah, mesmo? — Jonas riu.

— Para...

— *Cê* tá só me enrolando, minha linda.

Sara fechou os olhos e suspirou, antes de abri-los novamente.

— Não tô sabendo dividir você — confessou.

— Uai, como assim?

— Por onde você passa, todo mundo parece que quer um pedaço seu. Eu fico com ciúmes. Mas também, olha só pra você? Quem não ficaria?

— *Ocê* tá falando sério?

— Lógico! No segundo que você chega em qualquer lugar, acabou minha graça. Já sei que vou ter que ficar dividindo meu namorado com todo mundo. Tá sendo difícil pra mim compartilhar você. Essa é a verdade. Todo mundo olha pra mim como se eu não fosse merecedora de

tá do seu lado, e isso não é justo porque eu te amo tanto que até dói. E eu não julgo ninguém pela aparência, mas é isso o que fazem comigo o tempo todo — reclamou.

Jonas ficou em silêncio por alguns segundos, chocado. Nunca imaginou que sua patricinha se sentiria dessa forma. Abraçou-a pela cintura e beijou-lhe o pescoço.

— Fica assim não, minha deusa. — Colocou uma mão no rosto dela. — *Ocê* não precisa dividir eu não, uai. Eu sou seu e *ocê* é minha e pronto. — Sorriu e beijou-a nos lábios.

— Caubói...

— Eu sei que *ocê* não tá brincando, mas eu achei o trem mais lindo do mundo *ocê* falar isso. Eu jamais ia sonhar que *ocê* tava com ciúme. Achei que *cê* não tinha gostado de alguma coisa da viagem ou sei lá. *Deixa eu* falar um trem *procê*. — Segurou-a pelo rosto com as duas mãos e encarou-a profundamente. — O povo pode pensar o que quiser *docê*, mas ninguém tem nada com a nossa vida. *As pessoa* não têm noção do tanto que *ocê* é maravilhosa e me faz feliz. Eles que *julgue os outro* pra lá, uai. Eu não me importo. O único trem importante na minha vida é *ocê*, o resto é tudo secundário.

— Ai, gato... — Sara não aguentou mais segurar o choro.

— Fica assim não, minha flor. Eu amo *ocê*. Preocupa não, *cê* sempre vai ter a maior parte de mim, tá? Deixa de ser boba. — Abraçou-a. — Te amo. — Afagou o rosto dela e lançou-lhe um olhar sereno.

— Obrigada. — Fungou o nariz.

— *Ocê* é bonitinha demais com *esses trem* que *cê* cisma. Dá beijo. — Jonas sorriu e dessa vez beijou-a de verdade.

Sara ficou aliviada. Tudo que mais precisava era ouvir o que ele disse. Decidiu esquecer toda a insegurança que havia guardado nos últimos dias e deixar-se ser amada sem medos.



VOCÊ É MINHA ESTABILIDADE

A semana seguinte começou tranquila. Agora que Jonas sabia o motivo da namorada estar grudenta, resolveu se aproveitar daquilo e curtir o fato de ela o querer ainda mais por perto. Ele gostou de saber que era tão necessário assim na vida dela. Esqueceu até de suas próprias inseguranças para dar toda sua atenção à namorada. Conseguiu convencê-la a dormir na casa de Iara no final de semana e passar um tempo com as amigas para tentar animá-la.

— Não esqueça de colocar o Niva pra dentro à noite, você nunca lembra — avisou Sara, entrando no carro.

— Tá *bão*, minha deusa.

— E não fica acordado até tarde com o Mat. Ele consegue dormir até meio-dia, você não. Depois vai ficar o dia todo com sono. — Colocou no cinto.

— Pode deixar.

— Pede alguma coisa saudável pra comer, chega de X-Tudo. Você já comeu duas vezes só essa semana.

— Sim, senhora. — Jonas tentou segurar o riso com as recomendações exageradas dela.

— Gato, eu tô falando sério.

— Amor. — Apoiou-se na porta do carro e colocou a mão no queixo dela. — Vai se divertir, vai. Cê tá passando tanto tempo comigo que já tá achando que é minha mãe. Te amo. — Deu um selinho e se afastou.

Sara ficou em silêncio e sorriu. Adorava como ele tinha a capacidade de interrompê-la e deixá-la completamente sem fala. Jonas era a única pessoa na Terra capaz de enfrentá-la e tirá-la do pedestal de “mulher responsável pela vida de todos” que ela estava acostumada a estar.

— Não desce na portaria sozinha à noite. Chama alguém pra ir *cocê* — o caubói recomendou, de longe.

— Depois eu que sou sua mãe. — Lançou um último olhar debochado para o namorado e ligou o carro.

Sentia uma mistura de euforia, por ter uma noite sozinha, só de mulheres, e insegurança, como se ficar sem Jonas fosse errado. Mentiu para si mesma dizendo que a previsão do horóscopo não se realizaria naquele mês e colocou sua *playlist* da Camila Cabello no rádio.

Por mais que gostasse da carência da namorada, Jonas ficou meio perdido sem tê-la em casa. Era como se não soubesse o que fazer com seu tempo livre sozinho. Mateo chamou André, Leonardo e Luiz para se juntarem a eles e tomarem alguma coisa. O caipira decidiu que era melhor relaxar e tentar curtir a noite com os amigos. Estava prestes a se render e tomar uma cerveja quando seu telefone tocou.

— Ela fez o quê? — Jonas levantou-se do banco e colocou o dedo no ouvido para tentar ouvir melhor.

Mateo percebeu a expressão séria do amigo e desligou a música.

— Meu Divino Pai Eterno... — O goiano colocou a mão na testa, apreensivo.

— Que foi? — preocupou-se Mateo.

Jonas levantou a mão para o amigo, pedindo para esperar. Desligou o telefone depois de alguns minutos, várias perguntas e exclamações confusas.

— Romeu disse que a Sarinha tá na delegacia. — Entrou apressado dentro de casa.

— Como assim, *vêi*? — perguntou Leonardo.

— Meu Santo, essa mulher nunca fica quieta. — Mateo passou a mão no rosto e balançou a cabeça.

— Será que aconteceu alguma coisa com ela? Tipo, contra ela? — supôs Luiz.

— Talvez eu possa ajudar. — André levantou-se e esperou o amigo retornar.

— Meu Pai do Céu, o que eu faço com essa *muié* minha? — Jonas voltou segurando um par de botina nas mãos, sentou-se no banco e calçou-as. — *Cês* acredita que ela bateu num caboco?

Mateo gargalhou e André colocou a mão no queixo pensando.

— Misericórdia — comentou Leonardo.

— Isso é muito a cara dela. — Mateo riu.

— Não tem graça, não, meu *fi*. — Jonas procurou pela mesa a chave da S10.

— Quais foram as circunstâncias? Ela foi presa? — André quis saber.

— Foi. Mas porque desacatou o policial.

— Mas isso é improcedente. Ela devia ter sido somente conduzida à delegacia — ponderou André.

— Não sei direito, foi isso que eu entendi. *Cê* vem comigo? Ela tem uma prima advogada, mas parece que nem tá aqui no Goiás.

— Vou, cara, claro. — André e Jonas entraram na caminhonete.

— Manda notícias, meu *fi* — pediu Leonardo, e Jonas assentiu.

O caubói agradeceu por não estar sozinho e dirigiu mais devagar por precaução. Se André não estivesse com ele, provavelmente deixaria o nervosismo conduzir o volante e o acelerador. Passava das onze da noite quando chegaram na delegacia. Jonas teve de aguardar por quarenta minutos na recepção enquanto André verificava a situação de Sara e Iara. Romeu também estava lá dentro. Eduardo, pai de Sara, chegou pouco tempo depois e juntou-se ao genro para esperar.

— Fica tranquilo, meu caro. Eu conheço a minha filha, ela não fez isso sem ter um ótimo motivo. — Jonas encarou o sogro, que apertou o ombro dele. — Não é a reação que nós gostaríamos que ela tivesse, obviamente, mas com certeza vai tirar alguma lição disso. Eu espero. Toda a calma que o Júlio tem veio em quantidade insuficiente pra Sarinha.

— Ela sempre foi assim, espevitada? — Respirou fundo.

— Sempre. O Júlio era quieto e ela arrumava confusão na escola. Os dois foram exímios estudantes. Mas eu e a Su nunca conseguimos

controlá-la. Quando invocava com alguma coisa, a gente só se preparava pra consertar a bagunça depois. Sarinha puxou a dona Carmen.

— Se *ocês* que são pais nunca deram conta dela, eu já posso até desistir. — Jonas coçou a cabeça, desanimado.

— Meu filho, creio que você esteja enganado. A própria Sarinha me disse que quando o assunto é você, toda a marra dela se vai. Se tem alguém capaz de acalmá-la, é esse caubói. — Eduardo deu dois tapinhas na perna de Jonas e se levantou.

— Ela tá assinando uns papéis e já vem. — André surgiu com Romeu.

— Esse aqui é meu amigo, André. É advogado. Eu *trouxe ele* pra ajudar. — Jonas apresentou-o ao sogro.

— O que aconteceu? — perguntou Eduardo a Romeu e a André.

— Sarinha bateu em um cara que foi racista com a Iara — contou Romeu.

— Na frente da delegacia ainda por cima. A sorte dela foi que um policial que estava na porta viu e impediu que o cidadão revidasse, porque, com certeza, era isso que ele ia fazer. Ninguém com o temperamento e personalidade desse cara leva um soco no rosto, de uma mulher, e fica quieto. A Sarinha não gostou quando o policial tentou amenizar as coisas em vez de repreender o racista, e resolveu que xingá-lo era a coisa certa a se fazer. Os três foram *convidados* a entrar — explicou André, e Jonas passou a mão no rosto.

— E agora? — Eduardo questionou.

— A Iara prestou queixa de injúria racial e racismo contra o cidadão, mas ele também fez o mesmo contra a Sarinha. Ela vai responder por agressão. Porém, fiquem tranquilos, eu vou representá-la. Felizmente, ela não tem antecedentes e nós temos a Iara e o próprio policial como testemunhas. Além do mais, o cidadão responde por um processo de agressão em liberdade, o que nos favorece muito. Nenhum juiz vai condená-la por bater em um racista com os antecedentes dele. Na minha opinião de advogado, isso não vai nem pra frente — André continuou.

— E a Iara? — preocupou-se Jonas com a situação da melhor amiga da amada.

— Vou representá-la também. É um absurdo o que ela sofreu.

— Não é a primeira vez que isso acontece, com certeza, foi por essa razão que a minha filha explodiu desse jeito. Elas sempre tiveram dificuldade de andar juntas na rua. Não sei qual é o problema da sociedade em aceitar que uma mulher branca tenha como melhor amiga uma mulher negra, e que elas sejam da mesma classe social, e não patroa e funcionária.

— Vocês fiquem tranquilos. Conheço a Iara e a Sarinha, são minhas amigas e não vou deixá-las desamparadas judicialmente — André afirmou.

— Brigado, meu *fi*. — Jonas apertou o ombro do amigo. — Minha deusa... — disse, depois de avistá-la. — Se *ocê* falar pra mim que fez isso porque é de gêmeos, eu juro *procê*...

Jonas esqueceu o que ia dizer a ela, pois Sara começou a chorar assim que abraçou o namorado. Toda a adrenalina, raiva, senso de justiça, medo e culpa que sentia, foi embora no momento que se sentiu segura com o toque dele.

— Uai, por que *cê* tá chorando? Chora não... — Afagou as costas dela. — Tá tudo bem agora.

A geminiana afastou-se e limpou o rosto nas costas das mãos. Depois abraçou o pai.

— Amiga, o rolê já era, né? — perguntou Iara, abraçada a Romeu.

— Você que foi a vítima disso tudo e eu que tô acabada sem condições pra mais nada. Desculpa — pediu Sara, chorosa.

— Por isso mesmo. Essa era a hora perfeita pra ficarmos juntas. — Iara pegou a mão da amiga e apertou de leve.

Sara olhou para Jonas, que entrelaçou os dedos no cabelo dela até encontrar sua nuca e fazer carinho.

— *Cê* que sabe, minha deusa. Eu acho que ela tá certa. Melhor *cê* se distrair.

Ela respirou fundo e assentiu. Tudo que queria era esquecer o que tinha acontecido, mesmo que por algumas horas. Foi embora com Romeu, que deixou Iara e Sara no apartamento dela, onde as outras amigas e primas esperavam. Jonas despediu-se do sogro e voltou com André. Só de pensar que a situação poderia ter sido pior, a ponto de a namorada apanhar de um desconhecido ou coisa pior, no meio da rua, sentia calafrios. Agradeceu mentalmente por tudo ter se resolvido e

deixou para organizar os pensamentos com relação a amada no dia seguinte.

Sara voltou para casa no final da tarde de sábado. Seu rosto ainda estava abatido e Jonas entendeu que a noite com as amigas não tinha ajudado.

— Ô mulher difícil, hein? Você mobilizou os homens todos dessa casa ontem! Sarinha é muito mais entretenimento que *pay-per-view* do BBB! — brincou Mateo, e Jonas lançou-lhe um olhar de que não deveria fazer piadas agora.

O sorriso dele desvaneceu e tentou consertar.

— O que importa é que tá todo mundo bem. Foi só um susto — comentou, sério.

Abraçou a amiga e deixou o casal sozinho.

— Quer ir lá pro tronco? — Jonas estendeu a mão e ela a pegou.

— Pode falar — Sara autorizou, depois que se sentaram.

— Falar o quê?

— Não sei. O que você quiser. No mínimo, você vai querer me dar uma bronca. Foi o que a minha mãe fez, e meus tios, e a minha vó.

— Seu pai não?

— Não. Ele só pediu pra eu tentar aprender com isso.

— E as suas amigas?

— Elas não servem de base. Acharam que eu fui corajosa e tão me chamando de Arlequina. Mas eu odiei.

— Por quê?

— Eu não quero ser comparada com a Arlequina. Ela é uma anti-heroína que tem uma doença mental e age sem pensar.

— *Ocê* age sem pensar e não tem nenhuma doença mental pra justificar — desabafou Jonas, e arrependeu-se. Fechou os olhos e respirou fundo.

Para sua surpresa, Sara não se ofendeu com o que ele disse. Parecia que já esperava por isso.

— Desculpa. O que a Iara falou?

— Ela ficou em choque na hora. Eu também fiquei. O idiota mal pôde acreditar no que eu tinha feito com ele. Demorou alguns segundos pra entender e quando se deu conta, o policial já estava em cima da gente tentando nos apartar. Conversamos lá em casa. A Iá é um anjo. Me agradeceu, mas pediu pra eu não repetir isso nunca mais. O estrago

poderia ter sido muito pior. Eu sei muito bem que ela sabe se defender sozinha, não sei o que deu em mim.

— Ela tá certa.

— Eu não consegui me conter. O maldito começou assoviando pra mim e dizendo que eu era bonita demais pra estar com alguém *como ela*, e apontou pra Iá. Amor, você já reparou nela? A perfeição que é a pele e o cabelo dela? A Iara tentou argumentar com o cara civilizadamente, mas o vagabundo veio com um papo de que minha amiga era um erro na evolução que várias pessoas tentaram corrigir e foram impedidas. Agora nós éramos obrigados a conviver com esse tipo de gente. Ele não se dirigia a ela pra dizer isso, só a mim, e chamou-a de coisas que eu prefiro nem repetir. — Sara começou a chorar. — Em que século esse demônio vive? Eu senti um fogo me queimar por dentro, e quando percebi, já tinha metido a mão na cara dele. A minha vontade era quebrá-lo na porrada.

“A Iara é minha melhor amiga! Nós estudamos juntas quase a vida inteira e ela esteve do meu lado em todos os momentos bons e ruins que eu passei. Ela é minha irmã! Não suportei presenciar alguém falar dela daquele jeito sem fazer nada, não é certo! Perdi as contas de quantas vezes ela me salvou de várias enrascadas em que eu me meti. A Iá sempre foi muito mais sensata e inteligente do que eu, pra tudo. Quando ainda estava decidindo qual faculdade ia cursar, ela já tinha passado no vestibular. Ninguém tem noção que ela me ajudou demais quando eu não queria usar o dinheiro da minha família pra me sustentar, me indicou pra várias empresas enquanto procurava emprego... Quantas vezes ela pagou a conta nas nossas viagens porque eu tinha gastado todo meu dinheiro em coisas idiotas. Eu aprendi a ser organizada financeiramente com ela.

“Por que as pessoas simplesmente não conseguem vê-la como um ser humano? Por causa da cor da pele dela? Sério? Que espécie de mundo podre é esse que a gente vive? Só eu sei o quanto ela é melhor do que eu em absolutamente qualquer coisa! Mas é julgada constantemente por andar comigo, enquanto eu sou bem-vista e admirada por todos sem fazer absolutamente nada pra merecer isso. Ninguém acha que nós somos da mesma classe social, que o pai dela é dono de uma empresa na qual a própria filha é a gerente. Eu sei que essa não é a realidade da maioria dos negros, e que pra mim, que sou branca e privilegiada, é muito fácil

militar por algo que eu não vivo. Mas eu não consigo parar de pensar que a vida da minha amiga poderia ser muito mais fácil sem mim. Em vez de reclamar e chutar a minha bunda, a Iá tá comigo pro que der e vier. Ela apenas decidiu que eu valho... Que eu valho a pena... Que ser minha amiga é melhor... do que se livrar disso e ter só amigos negros que provavelmente a poupariam de passar por isso... Pra ela, nós duas somos iguais. Eu nunca vou conseguir retribuir o suficiente, entender o suficiente... Porque ela faz isso e por que a sociedade é assim.”

Sara deixou-se levar pelo choro e não conseguiu mais falar. Jonas, que estava sentado de frente pra ela com uma perna de cada lado do tronco, colocou as pernas dela por cima das dele e aproximou-se um pouco mais para abraçá-la. Toda a bagunça mental de sentimentos que existia no dia anterior sobre a namorada havia desaparecido.

Ela respirou fundo e enxugou o rosto na camiseta.

— Não tô bravo. Tô orgulhoso *docê*.

Sara ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Não concordo com o que *cê* fez, mas *porque* fez. *Ocê* defende o que acredita até o fim. Muita gente não tem coragem disso. Mas eu preciso confessar, minha deusa, que eu nunca fiquei tão nervoso na minha vida. Fiquei com medo demais *docê* ser presa ou sei lá. *Cê* tem que pensar que *seus ato* não afetam só *ocê*. Afetam sua família, *seus amigo*, e agora eu. Por favor, para de agir por impulso. Tira dois, *três segundo* pra pensar antes. Isso parece bobeira, só que evita um tanto de trem ruim na vida da gente. Se esse cara tivesse uma arma, ou sequestrasse *ocê* e a Iara, Deus me livre, poderia ter acontecido alguma coisa *cocês*. — Jonas parou de falar, sério, sem tirar os olhos da namorada.

Ela balançou a cabeça, sem saber o que dizer, e concordou com ele.

— Desculpa, amor — sussurrou, tentando não voltar a chorar. — Àquela hora que eu saí da sala e vi você com meu pai, eu... Foi quando te abracei que a minha ficha caiu e percebi o que eu tinha feito. Só conseguia pensar em como você ia ficar decepcionado comigo, por isso chorei... — Enxugou os olhos que estavam marejados.

— Não fiquei decepcionado, não. — Passou a mão no cabelo dela.

— Tudo o que eu mais quero nessa vida é ser o meu melhor pra você. É só isso que eu quero fazer. Porque você me faz tão bem, caubói,

me faz tão feliz... Tem dia que a minha cabeça tá clara como a água, tem dia que tá pegando fogo. Às vezes, eu quero me aventurar, e outras não sinto vontade de fazer nada. Eu tô passando constantemente por mudanças, 24 horas por dia. Nem sempre é fácil lidar com essas constantes oscilações. Justifico com o meu signo porque é a única coisa que faz com que a minha vida tenha algum sentido. Aí eu te conheci e você me ensinou estabilidade emocional. E agora que experimentei como é viver de modo tão leve e simples, não quero mais outra coisa. Achei que você não fosse suportar mais me ter por perto depois do que eu fiz.

— Eu amo *ocê* demais. — Segurou o rosto dela. — Não duvide disso nunca. Não gosto nem de pensar em perder *ocê*. Não importa o que aconteça, eu vou tá aqui do seu lado, tá *bão*? *Cê* não precisa pedir desculpa. Só tenta não *matar nós* do coração de novo. — Afagou a bochecha dela, que deu um meio sorriso.

— Eu estava com tanto medo dessa conversa que nem consegui me distrair com as meninas ontem.

— Odeio quando *cê* chora. Me dá uma gastura...

— Tadinho. Escolheu a mulher errada, então. — Limpou o rosto novamente.

— Pior que *ocê* chora até quando acha um pequi carnudo.

Sara não conseguiu evitar rir.

— Casa comigo — pediu Jonas.

— Caso. — Fitou o namorado, aliviada e grata de ter alguém tão compreensivo ao seu lado.



FIQUEI COM CIÚMES

Jonas achou que as coisas ficariam mais tranquilas por algum tempo após os últimos acontecimentos. Erroneamente. Alguns dias depois, precisou ir até uma madeireira em Goiânia e deixou Sara na casa da mãe enquanto isso. O combinado era buscá-la assim que terminasse, porém ela pediu que ele subisse para conhecer um amigo dela de quem sempre ouvia falar. Mesmo estando de camiseta, chinelo, bermuda e chapéu, o caubói subiu. O frio na barriga de visitar os sogros nesses trajes já indicava que seria um momento desconfortável. Detestava se sentir assim perto da família dela.

Assim que entrou no apartamento, deu de cara com um homem alto e loiro, usando óculos escuros, camiseta com o logo da Nike e calça jeans escura, e ele passava a mão no rosto de Sara. O caipira ficou paralisado, assistindo-o tocar sua namorada nos braços, depois nas costas e quadril.

— Jonas, querido, entre! — Suzana avistou o genro e tirou-o de seu transe.

— Oi, dona Su — cumprimentou a sogra, que sorriu. — Desculpa aparecer assim sem avisar e vestido desse jeito.

— Rapaz, para com isso. Você é de casa! Vem conhecer o Lincoln.
— Pegou o genro pelo braço e conduziu-o até a sala.

— Oi, gato. Até que enfim você chegou. — Sara segurou a mão do namorado. — Esse é o Li. Meu amigo de Los Angeles que eu te falei.

— Olá — disse o gringo de óculos escuros.

— *Hello. Cê fala português, meu fi?*

— Meu *fi*, significa *my son*, literalmente. Mas quer dizer também *dude*, ou *bro* aqui em Goiás — explicou Sara ao amigo, que parecia confuso.

— Ah, sim. Como vai, Jonas? Legal conhecer o cara que é o único assunto da Sarinha — falou Lincoln, com um sotaque americano carregado.

— *I heard a lot about you, too* — comentou Jonas, já que Sara falava bastante no amigo.

— *You speak english? Nice. Sarinha caught a cowboy full of surprises. May I?* — O americano ofereceu as duas mãos para o goiano depois de confirmar que ele falava inglês e que Sara, como sempre, havia arrumado alguém cheio de surpresas.

Sara notou que o namorado a encarava sem entender o que Lincoln queria.

— O Li quer tocar em você pra te conhecer. — Jonas juntou as sobrancelhas ainda mais. — Amor, ele é cego. Esqueci de te dizer isso? Desculpa.

— Detalhe meio importante — Lincoln pontuou. — Não precisa aceitar se não quiser.

— Uai, sô, que isso. Fica à vontade. — Jonas assentiu, meio sem graça.

Encostou na mão do americano e ele começou a dedilhar os braços do caubói. Passou rapidamente pelo peito e depois foi até o rosto, finalizando na cabeça.

— Gostei do chapéu. Você tem estilo — elogiou e sorriu.

— *Brigado*. — Jonas sentou-se no sofá antes que algo mais constrangedor acontecesse.

— E aí? É lindo, não é? — perguntou Sara ao amigo antes de se juntar ao namorado.

— Não posso te dar minha opinião sobre isso. Ainda acho que você é mais bonita. — Tirou os óculos e pendurou na camiseta. —

Mesmo tendo engordado.

— Li! Como você sabe disso? — Sara gargalhou.

— Eu lembro de todas as pessoas que eu toco. Você tá diferente da última vez que eu te toquei.

— Isso tem dois anos! Misericórdia. Sua memória é muito boa.

— *Sweetheart, are you hungry? There're lots of delicious brazilian sneaks I bet you miss, right over that table.* — Suzana se dirigiu a Lincoln perguntando se ele queria os lanches brasileiros que ele com certeza tinha saudades de comer.

— *Sure. You know my mom never gives me those things. My body needs* pão de queijo — mencionou Lincoln, reclamando que sua mãe nunca lhe dava essas coisas e que ele precisava de um pão de queijo.

O americano tateou o sofá até encontrar a mesa, sozinho.

Jonas se arrependeu profundamente de ter aceitado subir depois que percebeu que já estavam lá há duas horas torturantes. O tempo todo Suzana e Eduardo falavam em inglês com Lincoln, e até mesmo dona Carmen. Sara insistia que o amigo deveria falar português para praticar, contudo seus pais não conseguiram evitar. Conversavam sobre as duas vezes em que o americano passou as férias de verão naquele mesmo apartamento, enquanto fazia intercâmbio, e como a família dele e de Sara ficaram amigas por causa disso. Chegaram até a visitá-lo em Los Angeles, e a namorada havia viajado para lá sozinha ou com as primas várias vezes para ver o amigo. O pai de Lincoln foi o responsável por ajudar Júlio a conseguir um emprego excelente em Seattle. O americano estava de passagem por Goiânia antes de ir para São Paulo se reencontrar com a mãe. O goiano não conseguia participar do assunto em nenhum momento e sentia-se deslocado.

A situação piorou quando sua sogra os convidou a ficar para o jantar. Ela pediu um menu caríssimo do restaurante japonês Taji. O caipira lembrou que as poucas vezes que tinha comido sushi foi em um rodízio com os amigos em um clima descontraído e sem necessidade de usar aqueles palitos. Agradeceu em pensamento por Lincoln demonstrar cansaço da viagem e Sara sugerir que deveriam ir para que ele dormisse. Combinaram de almoçar juntos no dia seguinte e foram embora.

— Gostou do Li? Ele é lindo, né? — indagou Sara, no caminho de volta para casa.

— Minha flor, pensa bem. Essa é uma pergunta que *ocê* devia fazer pra uma amiga sua, não pra mim. — Jonas não se conteve.

A geminiana fitou o namorado sem entender. Jonas respirou fundo e disse:

— Não gostei de ele ficar passando a mão *nocê*.

— Amor...

— Eu sei que ele é cego, mas não precisa passar a mão *nocê* todinha daquele jeito.

— Fazia muito tempo que a gente não se via e ele queria ver como eu estou. É o único jeito de ele enxergar.

— Ele é cego, mas ainda é homem e não é besta.

— Tá dizendo que ele faz de propósito?

— Não sei. Ele não teve problema nenhum em dizer que *ocê* é bonita na minha frente.

— Agora você tá sendo ridículo. Ninguém pode dizer que eu sou bonita? E todas aquelas piriguetes que ficam dando em cima de você só porque é *agroboy*? Elas passam a mão em você tanto quanto o Lincoln fez comigo, e eu não fico te culpando por isso.

— Não chega nem perto do que ele fez.

— Vamos ter um termômetro pra isso agora? Vai lá, me lista o que é permitido no nosso relacionamento e o que não é, porque, sinceramente, eu não sei mais como te agradar! Tudo o que eu faço tá errado! Minhas intenções nunca são levadas em conta, só meus atos, sendo que todo mundo sabe que eu sou bipolar de espírito! — exclamou Sara, indignada, enquanto encarava o caipira.

Jonas respirou fundo mais uma vez e engoliu o assunto horóscopo. Esse não era o melhor momento para discutir sobre isso.

— A gente não precisa de termômetro, só respeito.

— Exatamente. Você vive exigindo isso de mim quando, na verdade, não sou só eu quem falta com o respeito. Você não é meu chefe nem meu pai pra ficar ditando o que eu devo ou não fazer.

— Não é isso, o que eu tô tentando...

— A forma que você diz soa autoritária, e não amável, como um namorado deve ser. — Sara desviou o olhar de Jonas e encarou a rua. — Você me trata como se eu fosse uma criança que precisasse ser vigiada o tempo todo pelo pai, e obedecê-lo.

— *Ocê* já transformou um troço que *cê* fez errado em uma coisa que *eu* fiz.

— Eu não fiz nada!

— Mas deixou ele fazer! — retrucou Jonas. — *Cê* me prometeu que não ia mais ficar tão fisicamente próxima *dos amigo*! Isso é o respeito que eu exijo *docê*, é a mesma exclusividade que *cê* quer de mim!

Sara não respondeu, e nenhum dos dois falou mais nada até chegar em casa. A patricinha pegou suas coisas e foi dormir no quarto sobressalente, e antes que Jonas notasse e tentasse impedi-la, ela trancou-se lá. Como sempre acontecia quando tinha algo de errado, o goiano não conseguiu dormir bem. Acordou tarde no dia seguinte, perto da hora do almoço.

Procurou pela namorada e encontrou-a na cozinha, fazendo alguma coisa que tinha cheiro de açafrão, enquanto Iara, Romeo, Mateo e Lincoln conversavam com ela sentados no chão. Observou-os por alguns segundos, repreendendo a si mesmo por ainda não ter providenciado uma mesa ou pelo menos algumas cadeiras, e sentiu um frio na barriga. Sara era capaz de namorar um caipira, ter uma melhor amiga que considerava melhor que si mesma, um amigo cego, outro cachaceiro, e um primo fazendeiro rico. Chamou os amigos para almoçar numa casa que não tinha onde se sentarem, sem se importar se eles iriam gostar. Não importava o ambiente em que estivesse, ela era capaz de se adaptar sem problemas. Os próprios amigos de Jonas já haviam comentado com ele como consideravam Sara incomum. Achavam interessante uma mulher que em vez de proibir o namorado de ver os amigos, juntava-se a ele e participava de todas as conversas, por mais masculinas que parecessem, e se divertia. A patricinha conseguia se encaixar perfeitamente na vida dele, já o goiano sentia esse constante frio na barriga quando se tratava da vida e do mundo dela.

— Oi, caubói. Amiga, dá uma olhada aqui pra mim. Volto em um minuto. — Sara enxugou as mãos em um pano de prato e saiu da cozinha puxando Jonas pelo braço.

Entraram no quarto e ela fechou a porta, depois pendurou-se no pescoço dele e o abraçou apertado. Mesmo confuso, o caipira correspondeu e envolveu-a pela cintura.

— Desculpa, lindo. Pelas coisas que eu falei ontem. Aquilo é só 1% do panorama geral. De resto, 99% do tempo, tenho um namorado tão perfeito que eu fico em dúvida se tô sendo tão boa pra você quanto você é pra mim.

— Ô, minha deusa, fala isso não...

— Você tava certo. — Afastou-se um pouco para olhá-lo. — Eu prometi algo e não estava cumprindo. Já conversei com o Li, ele entendeu. Ele vai ser mais discreto daqui pra frente. Fica tranquilo que eu não contei nada, nem disse que foi você quem pediu. Não queria que ele tivesse suposições erradas sobre você.

— *Brigado*. Desculpa se eu pareci que tava querendo mandar *nocê*. Eu tava com ciúme e falei besteira demais.

— Tá tudo bem, gato. Estamos quites. Você não dormiu bem, né?
— Acariciou o rosto cansado do namorado.

— Não. Não gosto de dormir sem *ocê*, e ainda por cima *brigado*. Desculpa o jeito que eu falei *cocê*.

— Desculpo. Agora esquece isso e vamos lá aproveitar o Lincoln porque ele vai embora amanhã. Você tinha que ter visto a cara dele quando o levei pra dar uma volta no quintal. Ele amou tudo. Adorou o Niva também — contou Sara, animada, voltando para a cozinha de mãos dadas com Jonas.

— Mesmo? Também, quem não gosta do Nivaldo? É o melhor cachorro do mundo.

O caubói cumprimentou as visitas e sentou-se ao lado delas no chão, enquanto Sara terminava o almoço, que era galinhada. Apesar de ainda sentir-se culpado pela noite passada, seu coração ficou tranquilo e agradecido pela namorada ser uma pessoa tão maleável.



VOCÊ FOI O ÚNICO BEM QUE EU FIZ

No domingo, Jonas levou Sara para almoçar na roça da tia Jussara. Dessa vez, ela vestiu um macacão jeans de shorts e uma camiseta azul, calçou um coturno e colocou o chapéu que ganhou. Conheceu o resto da família dele que não estava presente no almoço anterior e como sempre, se deu bem com todos. A família Viana fez brincadeiras sobre a roupa que Sara usou na primeira vez que os visitou, porém, ela achou graça e riu junto com eles. Admitiu o erro e deu crédito a Jonas por ter paciência quando ela cismava em usar algo inapropriado. Brincou com as crianças na terra, correu atrás das galinhas tentando ganhar uma competição com os primos do namorado, e passou um bom tempo conversando com a avó de Jonas.

Tomaram banho lá mesmo e foram para Piracanjuba. A cidade a 90 km de Goiânia é conhecida pelos doces e conservas de ótima qualidade, além de ter sido por vários anos o lar de uma grande empresa de laticínios de mesmo nome. Era o aniversário de Romeu e a família se reuniria na fazenda dele para comemorar com um jantar. Sara cochilou no carro durante o caminho devido ao cansaço. Ela usava um short de cintura alta preto, *cropped* e um kimono feminino estampado. Lembrou como a amada costumava ver a família tão arrumada quanto como se

fosse a um restaurante chique. Agora ela não se importava mais em ir de chinelos e vestia qualquer coisa confortável.

Assim que entraram na fazenda, Jonas voltou a sentir seu costumeiro frio na barriga. Não se parecia em nada com a fazenda Margarida, Girassol ou Tulipa. Aquele lugar lembrava uma pousada chique com um jardim planejado e extremamente bem-cuidado. Ao longe, dava para ver algumas vacas e uma horta milimetricamente organizada ao lado de uma estufa moderna onde legumes e hortaliças eram cultivados. Sara mostrou a piscina atrás da casa e um espaço gourmet que eram iguais a área de lazer de um hotel caro. Se sua namorada não estivesse vestida de forma mais despojada, certamente sentiria que estava inadequado para aquela festa com seu chapéu, camisa gola polo, jeans e a botina de sempre.

Provavelmente, havia cerca de quarenta pessoas ali. Sara explicou que o tio Cláudio contratou um pizzaiolo e uma equipe para servir as pizzas como em um rodízio. O casal cumprimentou a todos com acenos, parabenizaram Romeu pelo aniversário e Sara entregou-lhe um presente. Ela havia avisado que compraria algo para o primo em nome dos dois, no entanto, Jonas não tinha ideia do que era. Arregalou os olhos quando o aniversariante abriu o pacote, revelando um drone.

— Isso é um presente de todos os primos pra você — disse Carla, a prima de cabelos longos mais velha de Sara, aproximando-se.

Ela carregava sua filha Giovana no colo, que chupava os dedos da mão.

— Obrigado, gente! Vai ser bem melhor vigiar a fazenda agora! — Romeu sorriu e abraçou as primas e Jonas.

Mesmo sabendo que eles dividiram o valor, um drone daquele poderia custar cinco mil reais ou mais. O caipira sabia porque estava automatizando vários processos das três fazendas que cuidava, e um drone era algo que ele compraria juntamente com os outros equipamentos de segurança. Enquanto planejava e fazia orçamentos, o primo de sua namorada havia ganhado um de presente de aniversário. Analisou o colar escrito “*Deusa*” no pescoço de Sara, que nunca saía dali, e ponderou se talvez aquilo fosse o presente mais barato que ela ganhara na vida.

Sentaram-se na mesa onde Gabriel, outro primo mais velho de Sara, estava com a esposa e os dois filhos. Ele era mais largo e alto que

os outros homens da família e a careca surgia no topo da cabeça. Davi, que já havia comido, jogava algo no Ipad e o irmão dormia no carrinho de bebê ao lado. Sara puxou conversa com Patrícia, esposa do primo, sobre como as crianças estavam se comportando e ela contou que teve de comprar um computador novo para o filho fazer as lições. O pequeno Carlos ainda não precisava estudar. Gabriel reclamou que enfrentavam dificuldades em entreter os filhos fora das telas e resolveram contratar uma animadora que inventava brincadeiras para eles via chamada de vídeo, uma vez ao dia.

Jonas revirou os olhos mentalmente e pensou que isso seria diferente se as crianças possuísem um quintal grande para brincar, em vez de morarem em um apartamento de luxo. Admirou-se quando Sara deu essa exata opção ao primo, sugerindo que trocassem o apartamento por uma casa grande. Também aconselhou que seria um ótimo momento para terem um bicho de estimação e passou o telefone da ONG que Nivaldo foi adotado.

Após comerem e se fartarem, Jonas e Sara mudaram de mesa e sentaram-se com Romeu, Iara, e um amigo deles que o caubói não conhecia. Surpreenderam-se com o fato de Sara estar usando chapéu também.

— Sarinha, e esse chapelão aí? Preciso confessar que você tá estilosa, mas eu nunca te vi de Havaianas antes — mencionou o rapaz chamado Antônio.

Só pela forma como se vestia, Jonas deduziu que ele era o que as pessoas chamavam de “hétero top”.

— Não subestime o preço dessa Havaianas edição especial dela. — Iara riu.

— Eu quase infartei quando ela comprou esse trem — lembrou Jonas do preço, e bebeu um gole de seu refrigerante. — Não sabia que um chinelo era caro desse tanto.

— Uai, gente, vocês vão mesmo começar a sessão “azucrinar a Sarinha”? Porque se for, eu já vou preparar meus insultos e não quero saber de ninguém chorando depois — ela defendeu-se, e Romeu e Iara riram.

— Uai, trem, que coisa, sô. — Antônio forçou um sotaque caipira, debochando. — Você tá morando na fazenda com o caubói aí? — Apontou para Jonas com a cabeça.

— Amado, eu moro com o meu gato na cidade, tá? E você não passaria em um teste para atuar como um goiano raiz com esse sotaque falso horrível — Sara cutucou.

— Esse não é um papel que eu iria me oferecer pra fazer — comentou Antônio.

— *Ocê* é de onde? — Jonas quis saber.

— Moro na capital paulista. Vim de jatinho pra ver meu amigo Romeu — respondeu, encarando Jonas.

— Ninguém perguntou se você veio de jato ou de carroça, Tony — recriminou Romeu, desconfortável.

Assim como Sara, ele detestava ser parte do estereótipo de família arrogante e rica cheia dos privilégios que o dinheiro dá.

— O Tony nasceu aqui, lindo — disse Sara a Jonas. — Mas ele adora fingir que não. Não sei como o Rô ainda atura ele. Eu já teria mandado arredar o pé da minha vida.

— Deixa de ser hipócrita, Sarinha. Quando eu te conheci, a cada cinco palavras, quatro você falava em inglês, como se todo mundo fosse fluente que nem você. Namorar um roceiro sem estudo que fala errado e usar regionalismo não te faz mais amante das minorias que eu.

— É o quê? — Sara consertou a postura e colocou a taça de vinho na mesa.

— Tony, cara, você passou dos limites. — Romeu olhou para o amigo, incrédulo.

— Se o Jonas fosse o que você acabou de descrever, eu o amaria exatamente da mesma forma. Porém, ele não é. Não te devo nenhuma satisfação, mas vou te dar o prazer de saber que ele é engenheiro agrônomo fluente em inglês e dono de fazendas exportadoras de soja, criadoras de gado e fabricante do suco de laranja que você tá bebendo fingindo pra si mesmo que é *fitness*, sendo que o meu vinho tem menos calorias. Mas desculpa, você não tem conhecimento de nutrição, ou agronomia, muito menos de inglês, né? O jatinho que você usa é do seu pai, que te sustenta até hoje, enquanto você gasta o dinheiro que ele disse que vai parar de te dar senão criar vergonha na cara e começar a trabalhar pela primeira vez na vida, certo? Esqueci alguma coisa? — terminou Sara falando alto, e as pessoas em volta ficaram em silêncio, encararam-na.

A patricinha agora estava em pé, suas bochechas pareciam rosadas demais e as aberturas do nariz se alargavam quando ela ficava nervosa. Antônio lançava-lhe um olhar fuzilante que quase dava para ver fumaça saindo.

— Minha deusa, melhor você se acalmar. Não esquece que é o aniversário do Romeu. — Jonas colocou a mão no quadril dela tentando chamar sua atenção.

— Não, cara, ela tá certa. Tony, o Jon merece desculpas — Romeu interveio e Iara concordou.

— Tá tudo bem, eu tô acostumado. Isso não me atinge mais — disse Jonas.

— Não, gato, ninguém tem o direito de te tratar mal pelo jeito que você fala. Muito menos menosprezar sua capacidade por causa disso. Ao contrário do Tony, que não tem educação, você preza pelas suas origens e não tem vergonha do lugar de onde veio — rebateu Sara, olhando diretamente para Antônio.

— Eu não disse nada demais, vocês estão exagerando. A Sarinha que tem complexo de super-heroína. Sempre cuidando da vida dos outros quando não consegue dar conta de si mesma e da bagunça mental que há na cabeça dela. Vai tomar seu Rivotril — desdenhou Antônio.

— Você pode pensar o que quiser. Eu não dou importância para o que dizem sobre mim. Mas devia pedir desculpas pra Sarinha. Você a provocou e acabou de insultá-la de novo. Minha deusa é muito mais mulher do que você é homem — Jonas agora falava com Antônio.

— Não, caubói, ele vai pedir desculpas pra todo mundo ou vai se ver comigo. — Sara levantou-se de novo e bateu as mãos na mesa, de frente para Antônio.

— Vai fazer o quê? Me dar um soco na cara também e me processar por dizer a verdade? — retrucou Antônio.

— Tony, cara, já chega. Melhor você ir embora. — Romeu colocou-se entre Sara e o amigo, sério.

— Vaza, Tony — Iara insistiu e Antônio bufou, antes de sair sem se despedir de ninguém. — Amorzinho, sério, esse cara já deu.

— Sinto muito, prima. Jon, cara... — Romeu parecia se sentir culpado.

— Romeu, cê não teve culpa. Deixa isso pra lá — Jonas disse.

— Peste bubônica... — Sara assistiu Antônio ir embora, depois bebeu o resto do vinho que estava na taça todo de uma vez. — Ninguém fala assim do meu caubói.

— *Ocê é fogo, também, né?* — repreendeu-a Jonas.

— Dessa vez eu tô com a Sarinha, Jon, não dava pra ficar calada — afirmou Iara, e Sara lançou um olhar vitorioso para o namorado.

— Desculpa, Rô, é seu aniversário.

— Não tem problema, ele mereceu. — Romeu também virou toda sua cerveja. — Vamos animar isso aqui um pouco.

Levantou-se e aumentou o volume da música, entretanto não foi suficiente para aliviar a tensão de Jonas. Felizmente, sua namorada não demorou muito para se despedir de todos. Ela dormiu o caminho inteiro, até chegar em casa e mal conseguiu caminhar até a cama, mesmo com a ajuda do caubói. Jonas auxiliou-a ao colocar o pijama e deitou-a na cama. Tomou um banho gelado tentando aliviar o nervosismo e frio na barriga que sentia, e juntou-se à mulher que mais amava e temia na vida. Sem saber se conseguiria desatar todos os nós que surgiram em sua cabeça.



Na última semana do mês, por mais que tentasse, Jonas não conseguia esquecer o acontecido. Mesmo sabendo que Antônio não tinha relação nenhuma com a forma como a família de Sara o tratava, sentia que o que ele dissera somente reafirmava todos os seus medos e inseguranças. Eles sempre haviam sido educados e simpáticos com o caipira. Sabia que possivelmente julgavam sua forma de falar e vestuário ou talvez falassem dele na sua ausência. Contudo nunca demonstraram na frente dele ou da namorada. Ele não sabia, porém, que a geminiana notou suas dúvidas mentais.

Sara reparou que o namorado estava diferente. Passou a semana falando menos que o normal, esqueceu-se de levar café para ela pela manhã dois dias seguidos, e não quis acompanhá-la nas duas vezes que foi visitar a avó e os pais.

— Gato, o que você tem? Você tá estranho essa semana. Tá andando diferente, falando diferente... Parece até que tá me abraçando diferente — perguntou, naquela noite, deitada com ele na rede.

— Uai, credo. Tenho nada, não.

Sara se mexeu e saiu da rede. Pegou uma cadeira e sentou-se de frente para ele.

— Caubói, você ainda tá chateado com o que o Tony disse?

— Não. — Jogou a cabeça para o lado e juntou as sobrancelhas.

— Aquilo ali nem fez cócega *nimim*. Já falaram coisa pior.

— Tipo o quê?

— A pior coisa que eu ouvi, na verdade, a única vez que eu me ofendi mesmo, foi quando me chamaram de burro e analfabeto. Eu tava na faculdade. Só tinha *playboy* na minha turma e eu era o único de chapéu. Eles tudo gostava de usar, mas só eu tinha coragem de ir pra aula assim. Um dia, eu corriji uma fala do professor de zoologia. Os *colega* da sala riram e um deles falou isso. Ele sempre fazia questão de me zoar dizendo que não sabia o que eu tava fazendo ali. O professor deu uma pesquisada no celular e viu que eu tava certo. Pediu desculpas e fez o fulano se desculpar na frente da sala toda. Depois disso, *eles fazia* fila pra fazer trabalho comigo e pedir cola. Eu já cheguei a fazer prova na mesa do professor, porque ninguém me deixava em paz. *As pessoa* não acha que eu sei *das coisa*, muito menos que sou mais inteligente que elas só porque eu falo assim.

— Fiquei chocada quando você enfrentou o Tony usando um português perfeito.

— Ele é um jacu. Odiei o que falou *docê*. Sei muito bem falar certo quando eu quero.

— Se não é por isso, então o que foi? Você tá com um olhar triste.

— Não sei se eu devo conversar *cocê* sobre isso.

— Por quê?

— Talvez *cê* não entenda.

— Prometo que vou tentar. — Aproximou-se e beijou o queixo dele.

Jonas sorriu levemente e resolveu se abrir. Sara o havia surpreendido sempre que esperava uma reação negativa dela, então merecia o benefício da dúvida.

— Tô achando que *nós não vai* dar certo. — Percebeu o olhar surpreso da namorada e pegou sua mão. — Calma. *Deixa eu* explicar. Faz um tempo já que eu tô pensando nisso. Não sei se eu sou o certo *procê*. *Cê* tem esse jeito... intenso. *Ocê* ama com força. *Cê* se encaixou

na minha vida em *dois segundo* enquanto eu penso que talvez nunca vá me sentir à vontade na sua, ou com a sua família.

— Alguém te tratou mal? Falaram alguma coisa que não deveriam pra você? Minha vó? O Leandro ou a Jéssica? — Sara ficou apreensiva.

— Não, minha deusa. Todo mundo me trata bem. *Cês* são tudo educado demais. Eu fico até sem jeito. Parece que eu não pertenço junto *cocê* e seus povo. Eu fico pensando como vai ser quando nossas *duas família* se encontrar. Eu vou morrer de vergonha...

— Caubói...

— Não vai dar certo.

— Como você sabe?

— Sua família tem um jeito de ser e a minha tem outro totalmente diferente. Igual eu e *ocê*. Mas *eles não se ama* que nem nós. Não vai ser tão fácil. Não consigo imaginar seus pais lá na roça com *meus povo*.

— Amor...

— Deixa eu acabar, por favor. Senão eu perco a coragem de falar. *Ocê* é perfeita. Não tem tempo ruim *procê*. Eu... não sou que nem *ocê* que dá conta de qualquer coisa, pessoa ou lugar. Meu jeito sistemático me atrapalha demais e eu não acho justo prender *ocê* nesse mundo. Eu não tô devolvendo o que *ocê* faz por mim e talvez nunca consiga.

Sara balançou a cabeça, mas não disse nada.

— Não pensa que eu parei de amar *ocê* porque eu nem sei se isso é possível. Me avisaram que *ocê* ia me deixar louco e eu duvidei. Mas *cê* é assim mesmo. Eu me apaixonei justamente por essa capacidade que *ocê* tem de tá sempre em movimento. *Cê* tem essa magia, quando eu tô *cocê*, e eu fico achando que posso fazer qualquer coisa. Eu não quero mais ninguém além *docê*. Mas aí, quando eu vou na casa dos seus pais, e toda vez que eu vejo sua família, eu sinto esse frio na barriga. E fica essa voz falando na minha cabeça que eu não sou *bão* o suficiente *procê*. *Cê* merece coisa melhor que eu. Alguém que *seus pais goste*, que *seus primo* se identifique e que ninguém fique te azucrinando por tá junto de um caipira.

— Mas, gato, quem disse que eles não gostam de você? — Sara engoliu em seco e respirou fundo tentando não chorar. — Se a minha família fez alguma coisa, eu juro...

— Ninguém fez nada, minha deusa.

— Então, eu não consigo entender. O que a gente sente um pelo outro devia ser suficiente.

— *Procê* é, mas pra mim não tá sendo. *Cê* tem que entender meu lado também. Eu disse que não ia ser fácil *procê* ouvir isso.

— O que eu posso fazer pra você parar de se sentir assim? Não quero que a gente termine. — Sua voz falhou no final da frase.

— Não quero terminar *cocê* também. Mas não dá pra continuar empurrando com a barriga igual eu tô fazendo. Quero terminar *as coisa direitim*, *procê* não se machucar demais. Eu tenho noção que já tô fazendo isso, então não quero deixar *as coisa pior*. — Continuou olhando nos olhos dela, esperando.

Sara pensou por alguns instantes antes de falar.

— Então vamos fazer o seguinte. Me deixa falar com a minha família e ...

— Não — Jonas interrompeu. — De jeito nenhum. Eles vão mudar o jeito de agir por causa disso. Assim não vale. Sou eu que não me sinto à vontade *beirando eles*. Eles não têm nada com isso.

— Por favor, caubói...

— Não, minha linda. Isso é entre nós dois.

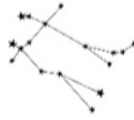
— Então, vamos esperar mais um tempo. Me escuta. Quem sabe você se sente assim porque a gente vai menos na casa da minha família que na sua? Seu mundo e sua família eram muita novidade pra mim, por isso eu preferi vê-los na maioria das vezes. Vamos visitar meu lado mais algumas vezes antes de você decidir o que quer, e se ainda se sentir desconfortável, prometo que não vou dificultar nada, nem insistir. Também não quero que você fique comigo estando infeliz.

Respirou fundo, esperançosa. A sombra do horóscopo de julho pairou sobre sua cabeça e ela a empurrou para longe.

— Tá *bão*. Não custa nada.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — Beijou-lhe todo o rosto.

Jonas sorriu, mesmo com o coração doendo de culpa. Amava-a como jamais amou mais ninguém e tudo o que menos queria era perdê-la. Entretanto, era muito difícil fingir ser pertencente à vida dela em sua totalidade quando, na realidade, sentia-se deslocado e insuficiente o tempo todo. Não dava para ser feliz de verdade assim.



Agosto começou e assim também suas tentativas de se livrar daquele sentimento ruim. O clima seco e a sensação de ter um sol para cada um, que todos os goianos conheciam, só o deixava ainda mais desanimado. Ele também lutava por aquele relacionamento internamente tanto quanto Sara ao levá-lo cada dia na casa de alguém diferente. Passaram uma tarde com os pais dela, uma manhã com sua avó, um dia inteiro com os primos reunidos na fazenda de Romeu, almoçaram na casa da tia Sandra e até foram à fábrica de alimentos que o tio Cláudio administrava. Todavia, nada disso adiantou. A patricinha sabia que seus esforços foram todos em vão pela atitude do namorado que continuava a mesma. Não havia mais magia. Quando o goiano a procurou para conversar, ela sabia que o momento que tentou adiar ao máximo tinha chegado.

Sentaram-se à mesa de madeira da varanda, um ao lado do outro, e Jonas disse:

— Desculpa.

— Uai, não precisa se desculpar. Não tem o que fazer. Não quero que fique comigo por obrigação. Só preciso que saiba que eu tenho certeza de que nunca mais vou amar ninguém como eu te amo. Você foi a única coisa boa que eu já fiz na vida, sem sombra de dúvidas. Não tem como acertar tão em cheio duas vezes. Tô conformada com isso. Tá tudo bem, eu não te odeio, nem nada. Não se preocupe. — Apertou de leve a mão dele e sorriu serenamente.

— Promete pra mim que *ocê* vai ficar bem. Eu não vou conseguir viver sabendo que *cê* tá mal por minha causa — pediu Jonas, e Sara suspirou.

— Prometo que vou tentar.

O caubói olhava para a mão dela e fazia carinho em seus dedos.

— Só queria pedir duas coisas.

Ele a encarou.

— Posso ficar com o Niva de vez em quando? Não me importo dele destruir meu apartamento. Não quero morrer de saudades dele.

— Claro, *cê* é mãe dele. O Mateo não vai se importar também. O *bichim* vai sofrer se não ver *ocê*.

— E eu preciso de um último beijo — pediu, sem tirar os olhos dele.

Jonas sentiu o coração acelerar e a boca secar. Respirou fundo, colocou a mão no rosto dela e a beijou. Sara sentiu-o diferente, meio desesperado. Os corpos de ambos sabiam que essa era última vez que experimentariam essa sensação. O nó na garganta da geminiana cresceu e ameaçou se transformar em choro, então ela se afastou.

O caipira ofereceu-se para ir embora para que ela pudesse permanecer na casa, porém a patricinha se recusou. Sara sabia que aquele lugar não teria graça nenhuma sem ele. Arrumou suas coisas o mais rápido que conseguiu e Jonas prometeu levar os itens maiores de caminhonete no dia seguinte. Despediu-se de Mateo e Nivaldo, e foi embora. Ligou o rádio em qualquer estação e respirou fundo, adiando o choro até chegar em casa. Pediu ajuda para o segurança do prédio e levou suas malas de volta para o apartamento.

Assim que fechou a porta e olhou para a bagunça que se formou na sala, desabou a chorar. Toda a compostura e serenidade que demonstrou na frente do ex-namorado desvaneceu e foi substituídas por dor e tristeza. Enfiou-se debaixo do chuveiro e perdeu a noção de quanto tempo ficou ali chorando. Xingou o horóscopo do mês anterior por estar atrasado e certo. Abominou profundamente cada previsão que leu na vida. Pela primeira vez, sentiu raiva dos astros. Deitou-se na cama, mesmo às sete da noite, e fechou os olhos, entregando-se ao desânimo. Não sabia se era pior dormir sem Jonas ou acordar sabendo que não encontraria mais a pessoa responsável por acalmar seu coração bipolar.



TE DEIXEI IR EMBORA

Sara deu a si mesma mais um dia de fundo do poço. Mandou mensagem para Jonas pedindo que não viesse trazer o resto de suas coisas naquele dia, justificando que estaria na casa da mãe, e chorou o dia inteiro. Apenas levantou-se da cama para pegar outro pote de Ben & Jerry's no congelador do frigobar do seu quarto, ou para buscar comida na portaria. Ignorou todas as ligações de Lara e mensagens de qualquer outra pessoa, arrependendo-se de ter avisado que havia terminado seu relacionamento com o caubói sem dar maiores explicações. Devia ter ficado quieta. A única pessoa de quem não conseguiu se livrar foi seu irmão, Júlio.

— Oi, *bro*. — Atendeu a chamada de vídeo, depois de ter declinado outras 53 tentativas dele em falar com a irmã. — As notícias já chegaram nos EUA? — perguntou, colocando mais uma colher de sorvete na boca.

— *Romeu is faster than any old lady sitting in front of their homes, trying to find some neighbors to talk crap about. You look awful, sis.* O que aconteceu? Você me disse que estava tudo bem da última vez que eu liguei — reclamou Júlio, com sua voz grave e dizendo

que Romeu era mais rápido que qualquer velha fofoqueira pronta para falar da vida de alguém.

Ele usava óculos quadrados e o cabelo claro como o da irmã formava grandes cachos. Seus olhos eram escuros como os da mãe.

— Ai, Jú. Ele quis terminar. Eu tentei de tudo, mas o problema que ele apontou não cabia a mim corrigir. — Sara sentiu novamente os olhos marejados.

— Aquela velha história de “o problema não é você, sou eu”?

— É. Ele disse que não consegue se sentir pertencente ao meu mundo. À nossa família, sabe. Me amar não é suficiente porque não tem como conviver só comigo. — Ela fungou o nariz.

— Faz sentido. Não dá pra culpar o cara. Você é um camaleão, mas ele não. Errado não tá.

— Pois é. Por isso eu só aceitei. Não tem nada que eu possa fazer a não ser entupir as veias do meu coração com gordura hidrogenada cara. — Enxugou uma lágrima que escorreu e colocou outra colher de sorvete na boca.

— Queria tanto que você viesse pra cá passar uma semana pelo menos.

— *Tell me about it.* Não dá agora. Vou pesquisar passagens, quem sabe no final do ano — Sara disse, pensando que o irmão não fazia ideia do quanto isso seria bom se fosse possível.

— Como você vai fazer agora? Vai procurar mais empregos?

— Não. Talvez eu só ajude o papai a administrar a pousada, sei lá. Preciso me ocupar.

— Tá certa. O que eu posso fazer por você, sis?

— Clonar o Jon.

Júlio riu.

— Eu faria isso se pudesse. Nunca tinha te visto tão feliz. *Sorry*, não queria te fazer chorar. — Ele se arrependeu de ter comentado, quando a irmã começou a soluçar.

— Não é sua culpa... — Limpou o rosto na camisola do Pinóquio. — A gente devia... ter ficado juntos... Mas é melhor ceder do que ter a razão, e eu nunca tinha feito isso antes. Foi muito difícil ser a pessoa... que fica... em vez da que vai. Eu sempre fui embora dos meus relacionamentos e pela primeira vez... eu queria ficar. Eu sei... que a gente merece... ser feliz mesmo sem... ter nossa outra metade. Eu vou

ficar bem. Só... preciso colocar tudo pra fora. Amanhã é um novo dia.
— Passou a mão no rosto e respirou fundo.

— Não tem problema nenhum ficar mal por algum tempo. Se resguardar. Você vai sentir falta dele e isso é normal. Não se martirize e nem tente apressar as coisas. Eu te conheço e sei que vai tentar fingir pra si mesma e para os outros que tá bem. Você é sempre a que cuida e não a que é cuidada. Por favor, não afaste todo mundo de perto, sis. Principalmente, porque eu não tô aí pra cuidar de você — pediu Júlio.

— *Sure.*

— *Cross your heart?* — Júlio pediu que ela jurasse.

— *Yeah.*

— *Call Iara, for goodness sake. She's making me crazy. Love you, sis* — Júlio pediu que ela ligasse para a Iara que não parava de perturbá-lo.

— Te amo também. Dá um beijo nos meninos e na Ka. Diz que eu ligo em breve, não quero que me vejam destruída.

— Pode deixar. *Take care.* — E desligou.

Sara colocou o pote de sorvete na mesinha de cabeceira e bebeu um gole da garrafa de água que estava lá. Desligou a luz e deitou-se do jeito que estava. Pela primeira vez na vida, iria dormir sem tomar banho e escovar os dentes. Naquele momento, nada parecia tão importante que valesse a pena se levantar.

No dia seguinte, o despertador a acordou. A geminiana desligou e viu uma mensagem de Jonas.

Jonas:

Posso levar suas coisas agora pela manhã? Preciso ir a Goiânia comprar itens pra fazenda e queria aproveitar a viagem.

Eu:

Pode, vou estar em casa. Você pode trazer o Nivaldo? Devolvo ele no fim de semana quando for pra Piracanjuba.

Jonas:

Claro. Vou levar as coisas dele e ração.

Eu:

Não precisa, eu compro novas pra deixar aqui em casa.

Jonas:

Certeza?

Eu:

Sim.

Jonas:

Chego aí daqui a pouco.

Desligou a tela do celular recriminando o fato de os dois parecerem pais separados conversando sobre o filho cuja guarda compartilhavam. Tomou um banho longo, vestiu uma roupa decente e começou a enfim desfazer suas malas, fingindo para si mesma que não estava ansiosa para ver o caipira. Seu coração disparou quando a campainha tocou. Ela esqueceu que ele tinha permissão para subir quando quisesse.

— Oi — falou Jonas, quando ela abriu a porta.

Ver o amor da sua vida parado na sua frente e não poder chamá-lo dos seus apelidos carinhosos foi torturante para a patricinha. Ele parecia ainda mais bonito de boné e roupa de academia, mesmo que já o tivesse visto de formas bem mais atraentes. Seu coração doeu e um nó se formou em sua garganta.

— E aí? Oi, neném. Você veio ver a mamãe? Que lindo esse príncipe! — Abraçou Nivaldo, que não parava de pular nela. — Que saudade! Dá beijinho? — Apontou com o indicador para sua própria bochecha e o cachorro a lambeu. Levantou a palma da mão e o filhote encostou a pata.

— Ele só faz *esses trem cocê*. — Jonas sorriu. — Posso trazer *as coisa*? — Mostrou o hall do elevador lotado de eletrodomésticos e caixas de papelão.

— Pode. — Escancarou a porta.

O goiano reparou que nunca vira aquele apartamento bagunçado daquele jeito, e decidiu não dizer nada.

— Tem certeza de que não quer a geladeira e a lava-louças? Tá errado nós ficar com isso.

— Tenho. Eu compro outras, não se preocupe. É meu pagamento pelo período que fiquei com vocês.

— Não concordo, mas também não posso obrigar *ocê* a aceitar os *trem* de volta. Enquanto isso, vai fazer como? *Cê* odeia lavar louça.

— Eu me viro, não vou morrer se lavar por alguns dias, enquanto não compro outra máquina.

— *Cê* que sabe. Já vou indo, então. Tchau, meu *fi*, não destrói os *trem* da sua mãe, tá *bão*? — Despediu-se de Nivaldo, que já havia encontrado um lugar confortável para tirar um cochilo no sofá. — *Cê* tá bem?

Sara surpreendeu-se com aquela pergunta.

— Tô. Vou sobreviver — mentiu.

— *Nós ainda pode* ser amigo.

— Jon... — Ela fitou o chão. — Não é legal me enganar e se iludir desse jeito também. Você sabe que não dá.

— Tá *bão*. Desculpa, *cê* tá certa. Me manda mensagem quando for devolver o Niva.

— Obrigada por ter trazido *meus trem*.

— Nada. — Acenou com a mão e entrou no elevador.

Jonas respirou fundo tentando controlar seu coração que batia como um cavalo corre. Vê-la foi ainda pior do que pensou que seria. Teria de tomar uma decisão sobre onde Nivaldo moraria definitivamente se quisesse parar de encontrá-la, não tinha coragem de dizer que ficaria com o cachorro. Talvez ela precisasse dele mais ainda agora, afinal, foi ele quem provocou tudo isso. Sara merecia ficar com o filhote.

Dirigiu de volta para a fazenda sentindo aquela culpa por tê-la deixado ir embora mesmo sabendo que não era certo. Deixou as compras em Bela Vista e foi embora, desanimado demais para trabalhar. Arrependeu-se quando descobriu que Mateo passaria o dia fora e teria de lidar com o vazio daquela casa por contra própria. Tentou manter-se ocupado, porém a hora não andava. Mesmo após faxinar tudo do lado de dentro e até a varanda, rastelar o quintal e lavar a caminhonete, não passava das sete. Saiu para comprar um sanduíche em um *Pit Dog* próximo, tomou banho e foi dormir mais cedo. Não aguentava mais sentir-se sozinho.

Acordou de manhã com uma ligação de dona Suzana. Ficou nervoso de repente e, na dúvida, deixou o telefone tocar até a ligação cair. Resolveu responder à mensagem da irmã antes.

Elena:

É verdade que você e a Sarinha terminaram?

Eu:

Sim.

Elena:

Por que, mano?

Eu:

Eu não estava conseguindo me encaixar na vida dela.
Me sentia desconfortável.

Elena:

Uai, mas *cê* disse que tinha achado a mulher da sua vida.

Eu:

Eu achei, mas não estava feliz 100%.

Elena:

Que pena, mano. Espero que você encontre
alguém que te faça feliz, então.

Eu:

Ela me fazia feliz demais.

Elena:

Então agora eu não entendi nada.

Eu:

Não tem só ela na vida dela.

Elena:

E por que os outros importam? Larga de ser bobo.
No final do dia, se vocês estiverem bem juntos, o resto é só resto.

Jonas pensou no que a irmã disse e reuniu coragem para retornar a
ligação da ex-sogra.

— Oi, dona Su. — Lembrou o sorriso que Suzana deu a primeira vez que a chamou assim.

— Oi, meu querido, tudo bem?

— Eu tô *bão*, e a senhora?

— Tô ótima também. Eu estava conversando com o Dudu, e nós queríamos saber se você gostaria de almoçar hoje com a gente.

Jonas ficou sem reação e em silêncio por alguns segundos.

— Uai, claro — concordou e arrependeu-se no instante seguinte.

— Nós só gostaríamos de trocar alguns dedos de prosa com você, enquanto comemos algo gostoso. Prometo não tomar muito do seu tempo.

— Tá *bão*, dona Su. Que horas a senhora quer que eu chegue? — Passou a mão no rosto, atordoado.

— Pode vir a partir do meio-dia. A comida já vai estar pronta. Obrigada, querido. Até mais tarde.

— *Inté*. — Jonas desligou e coçou a cabeça.

Não sabia ao certo porque havia concordado, e, também, não fazia ideia de como poderia ter negado aquele convite. Enfrentar aquela situação era a única alternativa.

No horário marcado, tocou a campainha. Eduardo atendeu a porta e com a simpatia de sempre, o recebeu. Sentaram-se na mesa da sala de jantar que Suzana arrumara com uma feijoada comprada em algum restaurante chique. Conversaram sobre comida e coisas do tipo por algum tempo, até que o assunto pelo qual Jonas havia sido chamado surgiu.

— Jonas, meu filho, você claramente já sabe o motivo pelo qual nós o convidamos hoje — Eduardo começou, e o caipira assentiu.

— A Sarinha.

— Exatamente. Você precisa saber que isso não é uma coisa normal, a gente se meter nos assuntos dela e principalmente com relação a vida amorosa. Na verdade, acontece mais o contrário. A minha filha tá muito acostumada a ser a responsável por tudo e todos. Ela se importa demais pra apenas focar na própria vida. Com certeza, você deve ter percebido que quando se trata dela, ninguém está autorizado a chegar perto. Ela tem aquele jeito forte e até mesmo cômico de afastar as pessoas quando acha que estão tentando controlá-la.

— Verdade. Ela é flexível por demais com os *outro*, mas quando a gente fala dela, o trem é 8 ou 80 — Jonas concordou.

— Eu conversei com a Su, depois que a Sarinha nos visitou ontem à noite e contou o que aconteceu com vocês, e nós achamos prudente te chamar aqui. Eu quero que você entenda que não estamos querendo te convencer de nada.

— Sentimos que precisamos deixar tudo em pratos limpos pra caso você queira seguir o seu caminho sem a Sarinha não fique nenhum mal-entendido entre a gente, sabe? — comentou Suzana.

— Olha, nem ouvi o que *cês* vão dizer ainda, mas eu já adianto logo que não terminei com a Sarinha por causa *docês*. Não sei o que ela contou *procês*, mas terminei por minha causa. Eu que não acho que sou *bão* o suficiente pra ela, e pra família *docês*. Principalmente, porque ela se deu bem demais com os *meu povo*, todo mundo gosta dela — explicou Jonas.

— Isso é compreensível, querido. Nem todo mundo tem a capacidade de adaptação dela. Mas a gente gostaria de te pedir desculpas da mesma forma. Talvez nós não nos esforçamos o suficiente pra te fazer sentir à vontade no nosso meio — insistiu Suzana.

— Eu não sei se você conhece a minha história. Talvez a Sarinha tenha te contado como eu conheci a Su.

Jonas balançou a cabeça negativamente.

— Suspeitei. Ela tem a tendência de achar que as pessoas não vão se identificar com a gente porque somos ricos. Mas a verdade é que eu, pelo menos, nem sempre fui. Conheci minha esposa na faculdade. Naquela época, fazer Administração era muito malvisto pela sociedade e principalmente pela minha família. Meu pai achava que eu não conseguiria emprego nenhum, muito menos sustentaria uma família com essa formação. A Su fazia enfermagem no mesmo lugar que eu e acabamos nos encontrando, nos gostando, e começamos a namorar. A primeira vez que eu conheci a dona Carmen, nós tínhamos uns cinco meses de namoro. Sabe qual foi a minha reação?

Jonas negou.

— Eu terminei com ela.

— Mentira...

— Verdade. — Eduardo riu.

— Ele me fez esperar um mês antes de voltar comigo — contou Suzana. — Tive que lutar pra convencer esse homem que eu valia a pena.

— Eu sou muito grato que ela não desistiu de mim, mesmo quando tive medo. Eu vi aquela família de classe alta, jogando dinheiro pela janela, de tão ricos que eles eram já naquela época, e me senti um peixe fora d'água. Foi como se eu entrasse em um universo paralelo, totalmente diferente do meu, e achei que não me encaixaria ali de forma nenhuma. Pra piorar, minha sogra me odiou. Fez a minha caveira pra Suzana e até ameaçou proibi-la de me ver. Ela dizia que eu não conseguiria manter o padrão de vida que a filha tinha e isso a faria sofrer.

— O que obviamente não era verdade. Eu não me importava se o Dudu tinha dinheiro ou não, eu só queria ficar com ele. Mesmo se eu tivesse de trabalhar pro resto da vida ao lado dele, na minha cabeça, aquilo era muito melhor do que continuar do jeito que eu estava. Morando com a minha mãe, ela se metendo na minha vida, essas coisas — explicou Suzana.

— A Su insistiu tanto em voltar a me namorar que eu parei pra pensar no que estava acontecendo comigo. Mesmo tendo partido o coração dela e sido um covarde, mesmo assim, ela me queria. Eu tinha 25 anos, morava com meus pais, fazia um estágio que me pagava pouquíssimo e não sabia o que eu queria pro meu futuro. A única coisa que tinha certeza era que a minha vida sem a Suzana conseguia ser ainda pior. Eu não via propósito em nada sem ela do meu lado. Então decidi dar a cara a tapa e lutar pelo amor da minha vida do mesmo jeito que ela lutava por mim, enfrentando a família inteira — completou Eduardo.

— Nunca vou esquecer o dia que eu apareci com o Dudu de novo lá em casa e a minha mãe queria me matar. Meu pai, que naquela época já estava doente, brigou com a dona Carmen e mandou me deixar em paz porque o “rapaz é gente boa” — Riu. — O Dudu entrou pra um quarto com a minha mãe e eles conversaram por horas. Depois disso, ele começou a trabalhar na fábrica. O salário dele triplicou, e era só um estágio.

— Eu juntei cada centavo que consegui. Engoli todos os sermões, broncas, indiretas e falta de educação da minha sogra todos os dias enquanto trabalhei pra ela. Aguentei firme até ter dinheiro suficiente pra abrir meu próprio negócio. Comecei construindo uma sala e aluguei pra uma lanchonete. Depois viraram duas salas, e logo o prédio inteiro era meu. Terminei minha graduação e já comecei uma pós em hotelaria. Fiz

vários cursos de finanças na área dos negócios e administração. Quando a Sara nasceu, eu tinha acabado de adquirir um condomínio inteiro de aluguel por temporada em Caldas Novas. Mais tarde, consegui comprar uma pousada em Pirenópolis que estava falindo. Agora estou finalizando a terceira reforma lá, aumentando tudo. Hoje, além desses dois empreendimentos, eu também sou sócio da Catalão Alimentos — contou Eduardo.

— E a dona Carmen acabou gostando do senhor? Eu acho que sim, porque eu já a vi falar que o genro preferido dela é o Dudu — comentou Jonas, rindo.

— Não só gosta, como ama. — Suzana levantou-se e recolheu as vasilhas da mesa, substituindo tudo pela sobremesa.

— Conquistei aquela jararaca sem abaixar a cabeça pra ela. Eu devolvia cada insulto dela com uma palavra gentil. Satisfiz todas as exigências dela com o dobro do que me pedia. Isso a deixava furiosa. Mas com o tempo, acabou amolecendo e eu virei seu protegido, para desgosto dos meus cunhados e cunhadas, que foram obrigados a me tratar bem. Gosto de pensar que hoje em dia nos acostumamos a sermos civilizados, apesar de não acreditar que gostem de mim 100%.

— Mesmo? Eu nunca ia imaginar uma coisa dessas — Jonas surpreendeu-se.

— Nenhuma família é perfeita, não importa quanto dinheiro tenham. Eu nunca abandonei minhas origens, meu jeito de ser e o que acreditava pra tentar me encaixar na vida da Su. Os Catalão até tentaram me mudar, por anos a fio, mas desistiram quando viram que eu não ia ceder. A minha esposa lutou por mim quando eu não achava que a merecia, então isso era o mínimo que eu podia fazer. Acredito que se tivesse me tornado algo que não era, não teríamos continuado juntos. Ela se apaixonou pelo Eduardo Martins, aquele que a levava para comer X-Tudo no *Pit Dog* mais barato perto da faculdade. — Eduardo olhou para a esposa e sorriu.

— Uai, *eu nunca na vida ia* sonhar com um trem desse.

— Eu sei que a nossa cultura familiar não é em nada parecida com a sua, Jonas — disse Suzana, servindo um pedaço de pudim para o caubói. — Sei que assusta e que pode parecer que você não é bom o suficiente pra Sarinha. Mas eu tenho certeza de que nada disso importa pra minha filha, muito menos pra nós. Você só precisa decidir se a sua

vida vale mais a pena com ou sem ela, e o que está disposto a enfrentar por isso.

— Você vai ter que saber o que dizer se quiser voltar atrás — mencionou Eduardo.

— O senhor acha que ela ia querer voltar comigo?

— Na mesma hora. Só que você terá de se comprometer. A Sarinha não é uma pessoa muito tolerante no amor.

— Não era. Quando se trata de você, meu querido, ela não está se comportando da forma que esperávamos. Minha filha nunca conviveu tanto com um namorado e sua família como com você. Ela nunca sofreu por causa de um término antes, e muito menos chegou aqui em casa chorando por causa disso. — Suzana comeu um pedaço do pudim. — Eu acho que ela voltaria quantas vezes fossem necessárias. Você faz bem pra ela. Pra nós, é só isso que importa.

— Uai, eu nem sei o que dizer *procês*. — Jonas coçou a cabeça, sem graça.

— Não se sinta obrigado a nada. Só queríamos que soubesse como a nossa história se parece com a de vocês. Não estamos aqui pra te julgar. Pelo contrário. Se tem alguém dessa família apoiando o relacionamento de vocês, somos nós dois. E não é pela sua condição, que nós sabemos ser muito parecida com a nossa, e, sim, por quem você é. Minha filha já namorou todo tipo de rapaz, de todas as classes sociais, alguns deles, inclusive, trabalham comigo até hoje. Mas a diferença em relação a você é bem grande — completou Eduardo.

— O seu coração é diferente, querido — falou Suzana.

— *Brigado*, uai. Eu prometo *procês* que eu vou pensar com carinho *nesses trem* tudo que *cês* me disseram. Não esperava nada disso. *Brigado* pelo almoço — agradeceu Jonas.

— Não importa o que acontecer, você será sempre bem-vindo nessa casa, filho. Se precisar de qualquer coisa, é só falar. — Eduardo apertou a mão de Jonas na porta do apartamento.

— *Brigado. Ocês* também. — Abraçou Suzana e apertou o botão do elevador.

— Ah, Jonas, antes que eu esqueça. A Sarinha nem sonha que a gente te chamou aqui pra conversar. Se ela souber, vai ficar irritadíssima — Suzana lembrou.

— Uai, mesmo? Minha boca é um túmulo. — Acenou mais uma vez, e entrou no elevador.

Jonas preferiu não ligar o rádio no caminho de volta. O silêncio parecia uma opção melhor. Se antes sua mente já se encontrava uma bagunça, agora tudo piorara. A culpa que sentia aumentou de tamanho e em vez de dúvida, seu coração estava tomado de tristeza. Não conseguia mais fingir para si mesmo que terminar foi a coisa certa.



No final de semana, Sara apareceu para devolver Nivaldo. Jonas ficou um pouco magoado por ela ter ligado para Mateo ir buscá-lo no portão.

— Você não pode culpá-la de não querer ver você — lembrou Mateo ao amigo.

— Eu sei, mas podia ter entrado só pra dar um oi, uai — reclamou Jonas.

— *Véi*, você termina com ela do nada e quer ficar de *amizadezinha*? A mulher larga a casa, o trabalho, praticamente mudou de vida pra ficar com você, pra nada. E você me vem com essa de dar oi? Tem dó, cara.

— Eu sou burro mesmo, não precisa me lembrar disso.

— Você é mesmo. B-U-R-R-O. Jacu! — Deu um tapa na nuca do amigo e correu para dentro.

— Trem *trapaiado*... — Jonas balbuciou para si mesmo.

Sentiu-se ainda pior quando seu aniversário chegou. Seus pais e sua irmã foram visitá-lo por conta do desânimo dele em comemorar, já que ele havia desistido de ir para a Festa do Peão de Barretos como fazia todos os anos. Dona Ester fez sua comida preferida, Elena levou um bolo, porém nada parecia gostoso. Por mais que tentasse esquecê-la, Sara não desaparecia. Podia ser vista em cada canto daquela casa. Olhar para Ester e Joaquim lembrava a patricinha, que provavelmente estaria feliz de tê-los ali. Podia encontrar Sara até no jeito que Elena comia uma fatia de bolo. Respirou aliviado quando a noite chegou e todos foram embora.

Mateo se trancou no quarto e Jonas agradeceu por estar completamente sozinho na varanda. Fechou os olhos e se concentrou em

ouvir o barulho das árvores balançando com o vento. Seu coração, que estava calmo, acelerou com uma lembrança de Sara deitada com ele naquela mesma rede. Levantou-se de supetão, trocou de roupa e observou seu próprio quarto. Sara estava em todos os lugares: na cama, no guarda-roupa enorme — que o caubói mandou fazer para caber as coisas dela — e no banheiro. Pegou a botina e saiu. Sentou-se no sofá para colocá-las, enxergando a geminiana sentada ao seu lado, deitada no chão enquanto brincava com Nivaldo, e em pé na sua frente, tentando fazer a TV funcionar. Entrou na S10 e passou a mão no rosto. Fechou os olhos novamente e respirou fundo. Ela também estava ali ao seu lado, discutindo se era sua vez de escolher as músicas que tocariam no rádio. Encarou o banco vazio ao seu lado e passou a mão no assento. Era ali que ele costumava colocar a mão em sua perna, ou entrelaçar os dedos nos dela. Ligou o carro, decidido a passar alguns dias em Bela Vista, onde achava que ela não poderia persegui-lo.

No dia seguinte, voltou para casa depois do almoço, arrependido de sequer ter ido até a fazenda. Todos perguntavam sem parar onde Sara estava, quando a viam e por que Jonas não a trouxera. Ele apenas respondia com “Está trabalhando”, sem entrar em detalhes. Não tinha ânimo de explicar tudo. Procurou por Nivaldo por algum tempo até encontrá-lo deitado no tronco embaixo do pé de pequi.

— *Cê* podia ter escolhido um lugar melhor pra cochilar, né, meu *fi*? — Agachou-se e acariciou o cachorro. — Já tá com saudade da sua mãe, é? Imagina eu, então. *Ocê* pelo menos passou *uns dia* com ela. — Sentou-se e colocou Nivaldo no colo.

Recordou de todas as vezes que se sentou ali com Sara e as conversas que tiveram. As lágrimas que enxugou no rosto dela, os beijos que trocaram e as risadas dadas. Fazia quase duas semanas que não estavam mais juntos e Jonas surpreendeu-se com o quanto o tempo era pouco comparado ao tamanho da saudade que sentia dela. Ponderou mais uma vez sobre o que sua irmã havia dito e a história de Eduardo e Suzana. Será que sua vida era melhor com ou sem ela? Será que valia a pena ficar com sua patricinha e enfrentar qualquer coisa ou pessoa que aparecesse? Recordou de uma vez que voltou de Bela Vista, e Sara reclamou que o tipo de saudade que sentia dele era muito pior do que a de qualquer outra pessoa. Foi aí que começaram as intermináveis horas extras dela. Mateo estava certo, ela fez inúmeras coisas por ele e em

troca o caipira a abandonou, covarde demais para lutar pela amada, independente da situação desconfortável em que se encontrasse.

Subitamente, Jonas foi tomado por um calor no peito que o fez levantar, pegar a chave da caminhonete e dirigir direto para o apartamento de Sara. Não conseguiu se lembrar nem de colocar o chapéu, o que só se deu conta quando se olhou no espelho do elevador do prédio dela. Foi apenas ao tocar a campainha que seu coração acelerou e o nervosismo o avisou de que talvez não soubesse direito o que fazia ali, ou o que falar.

— Jon? — Sara fitou-o, confusa, depois de abrir a porta.

— Preciso falar *cocê*.

— Aconteceu alguma coisa? — preocupou-se.

— Não, não. Tá tudo bem. Só queria falar *cocê* mesmo. Conversar.

— Jonas, não sei se é uma boa ideia.

— Por favor... — Segurou a mão dela, implorando.

Sara suspirou, temerosa de não conseguir manter a compostura dependendo do que o caubói dissesse.

— Entre. — Escancarou a porta e deixou-o entrar.

Sentaram-se à mesa da cozinha, um de frente para o outro.

— Desculpa ter terminado *cocê*.

Sara juntou as sobrancelhas.

— Essa frase é um tanto inusitada. Você sabe o que ela denota?

— Que eu tô arrependido. E eu tô mesmo. Não devia ter feito isso.

Ela continuou olhando para ele, séria, sem entender.

— Você tá de brincadeira? Sabe o quanto foi difícil pra mim não fazer um chique e espernear por horas e talvez dias a fio tentando te convencer do contrário? Ninguém nunca terminou comigo antes. Eu sempre fazia primeiro. E quando finalmente encontro alguém com quem quero ficar pra sempre, você termina sem mais nem menos por um motivo que eu nem podia rebater. Logo depois de prometer que nunca ia me deixar. Você fez exatamente o que a previsão pro meu signo disse que ia acontecer.

— Eu sei, mas esquece *esses signo*. Não vim aqui pra tentar apagar isso. Só vim pra te dizer que eu te amo demais da conta e sinto sua falta. *Esses dia tudo* eu não consegui dormir direito, nem tirar *ocê* da minha cabeça. Todo lugar que eu ia, cada esquina que eu virava, *cê*

tava lá parada, parecendo que me vigiava *pelas costa*. Eu olhava por cima do ombro, achando que *cê* tava atrás de mim, mas não tinha ninguém. Dava pra ouvir sua voz, seu cheiro tava por todo lugar naquela casa. Foi insuportável ficar lá sem *ocê*. O tempo *inteirim*, tudo me lembrava da burrice que eu tinha feito. Isso, fora sua mãe me dizer que eu sou *bão procê* e os trem que seu pai me contou.

— O quê?

— Eles me chamaram pra conversar. Seu pai me contou a história de como conheceu sua mãe.

— Não acredito que eles fizeram isso. — Sara colocou as mãos no rosto e suspirou, indignada.

— Eles só fizeram o que acharam certo. Sinceramente, se eu soubesse daquilo talvez não tivesse terminado *cocê*.

— Tá dizendo que a culpa é minha? Por não ter contado que meu pai era pobre, conquistou a patricinha de família rica e acabou ficando rico também?

— *Ocê* menospreza sua própria família por medo de parecer melhor que os *outro*, porque *procê* isso é um pecado terrível.

— Não gosto que as pessoas pensem que a minha vida de alguma forma é melhor que a delas só pelo dinheiro que a minha família tem. Cada um tem sua forma de viver e ser feliz, mas o dinheiro faz com que tudo pareça perfeito, e não é.

— Eu não pensaria isso *docê*.

— Foi exatamente por isso que você terminou comigo.

Jonas ficou calado. Sara parecia irritada de repente.

— *Cê* tá certa. Eu vim aqui me desculpar. Fui um covarde que achou melhor terminar *cocê* do que engolir meu orgulho e medo de não ser aceito pela sua família. Agora eu tô correndo o risco de te perder de vez, mas eu não podia deixar de vir aqui dizer que eu ainda te quero. Se *ocê* ainda me quiser. *Cê* me faz feliz demais da conta, sozinho eu não valho nada comparado ao que eu sou quando tô *cocê*. De resto, nada importa.

Os dois ficaram se olhando por alguns segundos, em silêncio. Sara sentia que seu coração sairia pela boca a qualquer momento e tentava controlar o nó na garganta que ameaçava inundar seu rosto de lágrimas.

— Não precisa responder agora se não quiser. Eu fiz a presepada, então posso esperar. *Cê* tem o direito de não me querer de volta.

— Não quero esperar nem mais um segundo. — Sara ficou com os olhos marejados. — Gastei todas as minhas forças tentando sobreviver sem você. Foram as — olhou no relógio do pulso — 293 horas mais difíceis da minha vida.

Jonas quis rir, mas perdeu a vontade quando ela começou a chorar.

— Ô, minha deusa. — Levantou-se da cadeira e ajoelhou-se no chão em frente a cadeira dela. — Chora não. — Colocou o cabelo dela atrás da orelha.

— Promete pra mim... que não vai fazer isso... nunca mais. — Soluçou e estendeu os braços para que Jonas a abraçasse.

Ele envolveu-a pela cintura e encostou o queixo no ombro dela. Sara colocou os braços em volta do pescoço dele, chorando.

— Prometo. Desculpa. Eu fui um bocó de largar *docê*.

— Você me abandonou... Eu fiquei achando que fui uma péssima namorada. Pensei mil coisas horríveis sobre mim mesma tentando descobrir o que fiz de errado.

— *Ocê* não fez nada.

— Mas eu também não fiz muita coisa certa, senão você não teria me deixado.

— *Ocê* não tem culpa de nada. Eu deixei *ocê* porque fui um jacu, taioba e oreia seca. — Sara riu, em meio às lágrimas. — *Perdoa eu*, minha deusa. Prometo que não vou mais magoar *ocê* assim. — Enxugou o rosto dela.

— Perdoo. Mas não se atreva a fazer isso de novo! — Empurrou o ombro dele, que sorriu. — Eu te amo, caubói. Fico perdida sem você. — Fungou o nariz. — Olha o que eu fiz. — Mostrou o pulso direito que tinha uma película fina transparente cobrindo um desenho.

Um chapéu de caubói traçado a partir de uma letra J desenhada em um tom de preto mais escuro.

— Mentira! *Cê* é doida?

— Eu queria que a gente ficasse juntos por toda vida. Depois que você terminou comigo, a tatuagem foi o único jeito.

Jonas passou a mão sobre a pele dela onde a lembrança dele estaria desenhada para sempre.

— Minha deusa do céu...

— Promete pra mim que a gente vai casar e ter vários *agroboyzinhos* e patricinhas. — Sara puxou-o novamente para mais

perto.

— *Ocê* roubou minha fala. — Jonas sorriu largo.

— Vamos fingir que essas 293 horas separados não existiram? De repente me deu vontade de comemorar oito meses de namoro. E você me fez perder seu aniversário, gato! Isso é um ultraje! — Sara se levantou e afastou-se, cruzando os braços.

O goiano riu, e levantou-se também.

— Eu tinha planejado milhares de coisas pra fazer pra você — reclamou, batendo a ponta do pé repetidas vezes no chão, como sempre fazia quando estava brava.

— *Nós vai* ter um punhado de tempo pra comemorar daqui pra frente.

— Acho bom. — Sara sorriu.

— Te amo, minha rainha. Não esquece que *ocê* é a dona da minha vida. — Colocou um braço em volta da cintura dela e com a outra mão segurou seu rosto.

Beijou-a lentamente matando a saudade que sentia dela, do seu gosto e do seu toque que o faziam sentir-se como o homem mais feliz do planeta.



NO MEIO DAS PEDRAS

A última semana do mês de agosto foi ocupada. Entre as idas e vindas do apartamento de Sara para trazer suas coisas de volta, o casal preparava-se para uma viagem a São José do Xingu, no Mato Grosso. A geminiana teve de usar todo seu charme para convencer o namorado a levá-la junto, e que esse era o passeio perfeito para comemorarem o aniversário de namoro, e adiantou suas obrigações nos dois empregos que possuía para poder ir.

— Minha deusa, eu vou te perguntar só mais uma vez: *cê* tem certeza? Lá não tem conforto, só o básico. Não tem luz depois das nove da noite, não tem internet, tem lugar que não tem sinal, não tem chuveiro com água quente, a casa é de madeira, *nós dorme com os barulho dos sapo* e todo tipo de inseto. Só vai ter comida simples de roça e se *ocê* se machucar e precisar ir pro hospital, o mais próximo fica a quilômetros de distância — frisou Jonas, terminando de arrumar a mala dela.

— Amor, você devia parar de falar que eu vou me machucar ou que os lugares são perigosos e vai acontecer alguma coisa comigo. Isso atrai coisa ruim — rebateu Sara. — E além do mais, você já me avisou de tudo isso e mesmo assim eu ainda quero ir. Quem tá incomodado aqui é você.

— Também, pudera, né? Não tem quarto separado *procê*, vai ter que dormir com mais três macho. — O caipira balançou a cabeça.

— Que no caso, se chamam Leonardo, Mateo e Romeu.

— A Iara me deve uma por não querer ir *cocê*.

— Gato, ela não vai porque trabalha. O Léo só tá indo porque está de férias. O Mat é um desocupado e o Romeu já tá com a vida ganha.

— O Mateo trabalha, tá? Só não tem um emprego normal, com horário comercial.

— Você devia relaxar. Vai ver seu tio Adriano depois de muito tempo e de quebra, talvez vire sócio em uma nova fazenda.

— Tô mais preocupado *docê* ficar sozinha na fazenda enquanto eu vou tá por aí com meu tio. Se *ocê trupicar* ou se cortar não vai ter ninguém pra cuidar *docê*. — Fechou a mala.

— Eu posso muito bem me cuidar sozinha, e outra, não vai acontecer nada. Para de ficar falando isso.

— Não tô gostando *docê* chegar primeiro que eu. Cê faz favor de falar pro Leandro pilotar aquele trem direito, — Jonas recordou-se que Sara chegaria antes, pois o primo a levaria de monomotor.

A viagem para o Mato Grosso estava planejada há muito tempo, devido ao alto preço das passagens de Goiânia até lá, Sara preferiu pedir ao primo para levá-la, juntamente com Romeu, a gastar mais de dois mil reais em um voo comum. Como eles iriam direto para uma pista de pouso de uma fazenda vizinha ao tio de Jonas, chegariam primeiro que os outros. Jonas não quis juntar-se a eles no monomotor turboélice e obrigou os amigos a acompanhá-lo. Ele dizia que preferia aviões comerciais, porém, na verdade, a patricinha sabia que ele tinha medo de voar.

— Romeu vai tá comigo.

— *Nós vai* pousar em Sinop depois do almoço, *vamo alugar* um carro e a gente deve chegar em São José do Xingu só de madrugada. É *umas oito hora* de viagem.

— A fazenda fica perto dessa cidade?

— Fica a 30 km mais ou menos, mas como é estrada de chão, demora por demais.

— Quem tem que tomar cuidado é você, não se atreva a me deixar viúva antes de casar. — Encarou o namorado.

— Ara, trem... Então, *vamo casar* antes da viagem. Tô brincando — corrigiu, quando a namorada mudou a expressão para apreensão. — Vai dar tudo certo. Dá beijo. — Estendeu a mão para que ela viesse até ele.

Sara pegou a mão do namorado e, de joelhos, se arrastou até a ponta da cama onde ele estava. Apertou as bochechas dele e disse:

— Eu tenho vontade de TE ESMAGAR quando você pede beijo — gritou, e deu um selinho nele, que sorriu.

— Melhor nós dormir porque amanhã o dia vai ser longo. — Jonas foi até o banheiro escovar os dentes.

— Já tô com saudade do Niva — recordou que o cachorro estava na casa dos sogros.

— Lá vai ter um monte de bicho *procê* conhecer — ele disse, depois de cuspir a espuma.

— Quero ver as cabras, nunca peguei uma. — Sara bocejou.

— *Ocê* vai amar. Já tá de olho fechado? Misericórdia, minha deusa. *Cê* dorme rápido demais. — O caipira desligou a luz e deitou-se ao lado da mulher usando pijama da Bela Adormecida.

— Só quando eu sei que meu caubói vai tá aqui do meu lado.

Jonas beijou-lhe o olho.

— Te amo, gato.

— Dorme com os *anjo*, minha flor.

— Você não disse.

— Te amo. — O goiano sorriu e afagou o rosto dela.



O dia seguinte foi extremamente atípico. Jonas saiu de madrugada para pegar o voo com Mateo e Leonardo, e quando Sara acordou, encontrou somente um bilhete dizendo “*Boa viagem, minha deusa. Me avise, quando puder, se está tudo bem. Te amo*”. Ainda eram seis e pouco da manhã quando Romeu buzinou para buscá-la e irem para o aeroporto. Mandou uma mensagem para o namorado assim que decolaram, apesar de ele provavelmente não estar online para ver. Pousaram duas vezes durante o dia para comer e abastecer o avião. Tio Adriano os esperava quando finalmente chegaram na fazenda vizinha à dele.

O irmão da dona Ester se parecia bastante com ela, mesmo sendo mais velho. Sua simpatia interiorana fez Sara e Romeu sentirem-se bem-vindos. Leandro voou para Sinop depois de deixá-los e a geminiana preocupou-se com o primo voando por uma hora depois do anoitecer. Não queria nem pensar em Jonas, que iria dirigir por mais de oito horas de Sinop até ali. Resolveu prestar atenção na conversa de Adriano enquanto os levava de caminhonete até a fazenda ao lado.

Como era noite, Sara não conseguiu ver muito da propriedade ao seu redor. Chegaram na sede da fazenda Ipê Amarelo e Adriano conduziu os dois até o quarto onde ficariam. Tudo era feito de madeira e pintado de azul e branco. O chão era de cimento e havia quatro camas e um colchão encostado na parede. O banheiro tinha um chuveiro, uma pia pequena e um vaso sanitário. Todas as portas e janelas fechavam com uma tranca de tramela. Outros quartos como aquele estavam ocupados por funcionários e o próprio Adriano, enquanto a casa principal terminava de ser construída.

Jantaram uma sopa de macarrão, legumes e carne que estava deliciosa. A cozinheira era dona Sebastiana, esposa de Adriano. A fazenda era um sonho antigo realizado há apenas alguns anos e eles ainda trabalhavam para deixar as coisas confortáveis e arrumadas para que os filhos pudessem visitá-los com suas famílias. Jonas foi responsável por ajudá-los na compra e ainda os auxiliava em várias questões, mesmo de longe. A conversa foi interrompida quando Romeu e Sara foram alertados que ficariam sem luz em breve, quando o gerador da sede fosse desligado, então os dois se apressaram para tomar banho e organizar o quarto. Prepararam as camas para receber os amigos que chegariam e carregaram os celulares. Tia Sebastiana emprestou-lhes uma lanterna grande e despediu-se.

Assim que desligaram a luz, Sara começou a ficar nervosa. Já passava das nove da noite e Jonas não mandou mensagem a não ser quando chegou em Sinop. Ela não era uma pessoa ansiosa, porém, a falta de notícias deixou-a preocupada. Seu namorado costumava avisá-la sempre.

— O Jon vai demorar, Sarinha. Vai saber que horas ele chega. Melhor a gente ir dormir. — Romeu bocejou, sentado na cadeira de fio ao lado dela, na calçada de cimento que ficava em frente ao quarto.

A lua iluminava a noite suficientemente para conseguirem ficar ali sem lanterna.

— Não sei você, mas eu tô cansadão.

— Eu tô acabada também, mas quero ver se o meu caubói me manda uma mensagem primeiro. A última vez que ele falou comigo era duas e pouco — comentou Sara.

Romeu não aguentou o cansaço e foi se deitar meia hora depois. A patricinha pegou no sono na cadeira e acordou com um cachorro da fazenda lambendo seu pé, assustando-a. Olhou no relógio e viu que era 22:15. Ligou a lanterna e foi até o banheiro, depois olhou o celular e não havia nada sobre Jonas. Colocou-o debaixo do travesseiro e tentou dormir. À meia-noite, despertou novamente, desta vez com o barulho do cachorro latindo para alguma coisa. Seu sono era pesado, não obstante, Sara estava preocupada e ainda por cima em um ambiente diferente. Checou o celular e não viu nada novo. Tentou ligar para o namorado, mas a ligação caía direto na caixa postal.

Não conseguiu mais voltar a dormir. Virou-se de um lado para o outro na cama, sem conseguir desligar os pensamentos com o goiano. Abriu a janela de madeira perto de sua cama e olhou para fora, tentando ouvir algum barulho de carro, porém não escutava nada além de grilos e sapos. Respirou fundo, tentando controlar o nervosismo que acelerava seu coração e a impulsionava a pensar coisas ruins sobre o paradeiro de Jonas. Acordou Romeu quando viu faróis aparecendo ao longe algum tempo depois. Não tinha coragem de ir lá fora sozinha.

Andaram pela calçada de cimento com a lanterna ligada até chegarem na entrada da sede, onde Adriano também estava acordado, ajudando os rapazes a descarregar as malas e iluminando o caminho.

— Oi, minha deusa — disse Jonas, ao avistá-la. — Que frio, né? — Esfregou as mãos uma na outra. — Cê não precisava ter se levantado.

Sara sorriu e seus olhos encheram-se de lágrimas de alívio. Abraçou o namorado tão apertado que ele reclamou.

— Cê tá bem? — Usou o celular para iluminar o rosto dela e reparou seus olhos molhados.

— Nunca mais faça isso comigo! — Sara empurrou o ombro dele para trás com força, duas vezes seguidas.

— Ai, ai, trem. — Esfregou o local. — Que foi?

— Quase morri de preocupação! Eu achei que tinha acontecido alguma coisa... — Cruzou os braços, brava.

— Ô, lindeza. Tô aqui, não tô? Esse lugar fica depois que Judas bateu as botas, uai. Não tinha sinal e quando tinha, eu não tava com o celular na mão pra escrever *procê*. Vem cá, dá beijo. — Puxou-a para mais um abraço e beijou-a mesmo de cara feia. — Cê devia ter falado com o Mateo, ele tinha sinal o tempo *inteirim*.

— Ai, ai! — reclamou Mateo, quando Sara deu um tapa no braço do amigo.

— Custava ter me dito onde vocês estavam? Hã?

— Nós *viemo* a viagem toda ouvindo música e conversando, minha deusa. Desculpa, nós não *lembramo*.

— Mentira, ele tava é te ignorando mesmo — brincou Leonardo, e Jonas empurrou a cabeça dele para frente.

— Melhor *ocês* dormir porque agorinha o gerador liga e é um barulho lascado — avisou Adriano, apressando-os.

Jonas colocou o colchão no chão, entre a cama de Sara e Romeu. Depois que tomaram um banho gelado e rápido, pegaram no sono em questão de segundos, devido ao cansaço. Assim como o tio Adriano avisara, o gerador foi ligado às 6 da manhã, conseqüentemente, a vida na fazenda começou. O barulho de tratores e pessoas trabalhando juntou-se ao constante ruído do gerador e foi impossível dormir até mais tarde. Com exceção de Leonardo, que roncava profundamente, alheio ao movimento no quarto e ao redor, todos os outros decidiram se levantar.

Sentaram-se a uma das grandes mesas de madeiras dispostas na varanda em frente à cozinha da sede e tomaram um café da manhã típico de roça: pão de queijo, biscoito frito, leite tirado das vacas naquela manhã, bolo de fubá, queijo fresco, ovos mexidos, pão e café. Comeram tanto que temeram não sentirem fome na hora do almoço.

Jonas ficaria ocupado durante todo o dia com seu tio, então Sara colocou seu chapéu, uma bota estilo coturno, e foi conhecer o pessoal e a propriedade. Mateo acompanhou-a até o momento que ela quis entrar no curral para tentar passar a mão em um bezerro. Disse que aquilo era desnecessário e foi procurar outra coisa para fazer. Quando o sinal vindo da cozinha tocou avisando que o almoço estava servido, Sara mal pôde acreditar que tanto tempo já havia se passado.

— Minha deusa do céu, onde *cê* tava? — Jonas riu, reparando na namorada suja de terra até nos joelhos.

— Zanzando por aí. Fiz amizade com um bezerrinho. Nasceu ontem, acredita? Coisa mais linda. — Tirou a bota e ligou a mangueira para lavar as mãos e as pernas.

— Essa aí é bruta, viu? Entrou no meio *das vaca* e pisou no esterco. Nem dona Sebastiana faz um trem desse — José, o capataz da fazenda e braço direito do tio Adriano, comentou.

— Minha deusa é só o ouro, Zé. Tem tempo ruim pra ela não.

Almoçaram enquanto faziam brincadeiras sobre o rosto inchado de Leonardo e sua capacidade de dormir como uma múmia. Quando terminaram, Adriano convidou-os para conhecer a fazenda a cavalo durante a tarde enquanto ia com Jonas ver o rebanho. José cavalgou com os três e mostrou a grande propriedade durante a maior parte da tarde, até que Mateo começou a reclamar do sol e tiveram de voltar. Sara estava no meio do recinto das cabras no momento em que Jonas a encontrou.

— Amor, tira uma foto minha com esse filhotinho, olha que fofura!
— Mostrou a pequena cabra branca em seu colo.

O caubói riu, pegou o celular e tirou a foto.

— Me disseram que *ocê* pegou carrapato.

— Foi o idiota do Léo que mandou eu passar a mão em uma vaca dizendo que ela era diferente porque tinha aquelas pintinhas pretas por todo lado. Você ri, né? — pestanejou Sara, quando Jonas gargalhou. — Tirei cinco deles nos meus braços, mas talvez tenha mais espalhado.

— Quando *cê* for tomar banho eu olho *procê*. *Cê* não passou repelente pelo visto. Nem protetor solar. Tá com marca de regata.

— Esqueci.

— Nossa Senhora, minha deusa, amanhã só vou deixar *ocê* arredar do quarto depois que eu te arrumar pra labuta da fazenda do jeito certo. Cadê *as blusa* de proteção UV que eu coloquei na sua mala?

— São de manga comprida.

— Que é pra proteger do sol, uai. Ô, *muié*...

— Para de brigar comigo... Eu tô me divertindo! — Sara saiu do recinto e reclamou, chateada.

— Vem cá, trem lindo. — Pegou-a pela mão e a beijou.

— Você vai pegar carrapato.

— Se for seu carrapato, não tem problema. — Riu.

Jantaram em meio aos funcionários e passaram um tempo conversando com todos até o anoitecer. Jonas foi mais cedo para o quarto, enquanto seus amigos estavam entretidos na sede jogando sinuca, e entrou no banheiro com Sara para ajudá-la a procurar por carrapatos. Encontrou mais três deles em suas costas e perna. À noite fazia frio, então todos vestiam-se com casacos de moletom. Não quiseram dormir mesmo depois que as luzes se apagaram. Sentaram-se nas cadeiras dispostas na calçada e observaram juntos os barulhos da natureza, até que Sara cochilou e Jonas levou-a para a cama.

Os próximos dias foram exatamente como esse, cheios de caminhadas no pasto, participação no cuidado das cabras, galinhas e vacas leiteiras para Sara, visitas em propriedades à venda para Jonas e o tio Adriano, e muitas risadas e conversas descontraídas com Mateo, Leonardo e Romeu. Não demorou muito para que todos na fazenda se familiarizassem com os cinco amigos.

Jonas admirou-se mais uma vez com a namorada. Ela parecia tão animada durante aqueles dias que seu rosto brilhava de excitação. Não reclamou dos banhos gelados, de ter de dormir cedo e acordar cedo, comer comida simples, e nem dos insetos assustando-a durante a noite. Desde que o goiano verificasse se havia baratas, nada a incomodava. Era nítido o quanto estar ali deixava-a feliz.

No penúltimo dia deles na fazenda, resolveu preparar uma surpresa para Sara. Ajudou-a a se preparar para ficar ao ar livre passando protetor solar e repelente, além de obrigá-la a usar uma camiseta de proteção UV. Ela não se importava em andar por aí de chapéu preto, blusa rosa, short jeans, bota e óculos escuros da Chanel. Foram de mãos dadas até o refeitório, comeram e Jonas fingiu que ficaria ocupado com tio Adriano por algumas horas e levaria os meninos também. A patricinha não se importou de ficar sozinha, já conhecia todo mundo e aproveitaria para passar um tempo cuidando das cabras.

Voltaram um pouco depois do almoço ser servido, e à tarde, Jonas andou pela fazenda com Sara, à sós. Ela achou estranho Leonardo e Mateo de repente preferirem ajudar José com as tarefas, juntamente com Romeu, todavia agradeceu por ter esse momento com o namorado. Conversavam sobre coisas triviais até pararem embaixo de uma árvore

com sombra. Sara subiu na cerca de madeira para ficar da altura do namorado, e pendurou-se no pescoço dele.

— Obrigada por me trazer, caubói. — Agradeceu, interrompendo o beijo que davam.

— Por nada, minha deusa. Achei que *cê* não ia gostar daqui, mas como sempre, *ocê* me surpreendeu. *Cê* tava parecendo pinto no lixo. Dava gosto olhar *procê*.

— Eu não sei por que esse ambiente me dá uma sensação tão grande de liberdade. Acho que possivelmente é porque me lembra você.

— Eu acho que *ocê* sempre gostou de bicho e fazenda, só não sabia.

— Pode ser também.

— Eu sei que nem todo lugar respeita a natureza e os animais como você e sua família fazem. Mas eu sinto que compreendo muito mais agora o valor que a comida tem, os legumes, a carne, os derivados da soja... Essas coisas não vieram do mercado, vieram do planeta. E pessoas como vocês trabalham duro pra que os mercados não fiquem sem os produtos que gente como eu consome sem entender o significado real dessa compra, às vezes até desperdiçando.

— *ocê* pega *uns trem* do nada e começa a filosofar. — Sorriu. — Assim que eu terminar de automatizar *as fazenda*, *nós pode* morar em uma delas se *ocê* quiser. *Nós constrói* uma casa nossa e vai pra lá todo fim de semana.

— Sério? Eu ia amar! Quero que meus filhos cresçam pegando carrapato e não tendo medo de barata!

Jonas riu.

— *Cê* casaria mesmo comigo?

— Lógico, gato. Eu sei que você pergunta de brincadeira, mas eu me casaria, sim, se pedisse de verdade. Depois do medo que eu senti de algo ter acontecido com você quando fiquei sem notícias naquele dia, eu tive certeza disso.

— Uai, *bão* saber, então.

— Feliz oito meses de namoro. — Sara encostou sua boca na dele novamente.

— Feliz felicidade — ele disse, sem se afastar.

Logo que o pôr do sol se aproximou, Jonas inventou uma história de que levaria Sara para assisti-lo em um lugar diferente. Pegou a caminhonete, chamou os amigos, seus tios, e pegaram a estrada de terra. A geminiana não fazia ideia de onde iam, porém animou-se imaginando a vista que possivelmente teriam. Depois de alguns minutos, pararam no acostamento, no meio da estrada. Pularam uma cerca de arame farpado que provavelmente era de algum conhecido de Adriano e caminharam até uma grande árvore próxima. Leonardo, Romeu e Mateo sentaram-se no chão, um pouco afastados, para admirar o céu. Tia Sebastiana e tio Adriano encostaram-se na árvore enquanto Jonas abraçou Sara por trás.

Não demorou muito para o sol tocar o horizonte. O silêncio dizia o quão admirados todos estavam com aquela visão.

— Olha, minha deusa. *Os pássaro* voando no céu laranja. — Jonas apontou para longe, afastando-se.

Sara colocou uma mão na cintura e outra acima dos olhos, tentando ver melhor.

— Não vi nenhum bando de pássaros, gato. — Olhou para o lado e encontrou o namorado ajoelhado no chão, segurando uma caixinha com dois anéis dentro.

A patricinha sentiu o coração errar uma batida e mudar para o ritmo do Olodum. Colocou as mãos no rosto, sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo e abaixou-as quando ele começou a falar.

— Case-se comigo, Sarinha. Dessa vez não é brincadeira. Eu não aguento mais correr o risco de perder você, então por favor, aceita ser a dona da minha vida de verdade — pediu Jonas, falando um português perfeito, mas puxando o R como todo goiano faz.

— Ai, caubói... Você não existe... Aceito. — Colocou a mão no peito, emocionada.

Jonas levantou-se e pegou a aliança dourada que vinha junto com um anel solitário de brilhantes, e colocou no dedo anelar da mão direita dela. Sara fez o mesmo com a aliança larga que continha uma fina linha onde um pequeno diamante se encaixava no meio, e deslizou-a no dedo dele. Ela pendurou-se nele em um pulo, e o caipira segurou-a pela cintura.

— *Cê* sabe que eu sou *das antiga*.

— Eu adorei, bebê. Você me fez chorar. — Fungou o nariz, e o namorado afastou-se para enxugar seu rosto.

— Se não tivesse lágrimas, não era *ocê*. — Sorriu, e beijou-a nos dois olhos.

— Te amo.

— Te amo mais, minha deusa — Beijou-a nos lábios por alguns instantes.

— Será que agora a gente pode falar alguma coisa ou ainda precisa ficar em silêncio observando o mel escorrer? — questionou Mateo.

— Eu tava filmando — avisou Leonardo.

— Sério? Que maravilha! — comemorou Sara.

— A Iara vai surtar quando souber que eu participei desse momento e ela não! — exclamou Romeu.

— EU VOU CASAR! — gritou, e todos riram.

Os tios de Jonas abraçaram os dois, felicitando-os, assim como os amigos. Quando anoiteceu, voltaram para o carro e para a fazenda.

O jantar naquela noite foi especial. Tio Adriano mandou preparar um banquete para os noivos, e todos comemoraram junto do casal. O gerador foi desligado uma hora mais tarde por causa de toda a conversa e cantoria organizada por Mateo em homenagem aos amigos. Ele sabia tocar violão e cantar, como todo goiano amante de sertanejo.

— Sou só eu, ou você também sente que seu coração vai explodir? — sussurrou Sara para o namorado, depois que a luz foi desligada e os outros haviam dormido.

Ela não conseguia pegar no sono por causa de toda agitação daquela noite.

— Uai, minha deusa, eu tô feliz demais da conta — disse, já de olhos fechados, graças ao cafuné que sua namorada fazia.

— Você é incrível, lindo. Mesmo com todo esse papo descontraído de casamento, eu não imaginava. A Iara vai surtar. Minha mãe... Nossa, meu pai. E o Júlio vai morrer por não estar aqui.

— O que importa é *ocê* tá feliz.

— Quando eu parei de tentar achar alguém, você aconteceu e eu me senti sortuda como a pessoa que encontra um diamante raro no meio de um milhão de pedras. O medo que eu senti de ter acontecido alguma coisa com você na vinda pra cá é prova que eu te amo tanto que até dói.

Jonas abriu os olhos e apoiou-se no cotovelo para vê-la melhor.

— Eu achei que *ocê* não tivesse procurando ninguém, nunca. Sempre choveu homem na sua horta.

— Sim, mas eu não sabia que eu estava procurando você no meio dessa chuva. Aquele que ia me levar pra um lugar que eu não tinha noção do quanto precisava. Eu achava que me conhecia até te conhecer e você me mostrar quem eu realmente sou.

Jonas notou o brilho no olhar dela e suspirou.

— Te amo, lindeza — disse, depois de beijá-la.



A viagem de volta até Sinop foi animada e relaxante. Sara sentiu-se como uma mochileira viajando o mundo com os amigos, passando por lugares que as pessoas normalmente não visitam, e experimentando os pequenos e simples prazeres da vida de cada local. Era esse o sentimento que tinha ao lado de Jonas, aventurava-se por terrenos que talvez não tivesse oportunidade de conhecer de outra forma. Agradeceu mentalmente pela previsão de agosto para os geminianos com relação ao apego que sentiria na vida amorosa ter acertado completamente, assim como para os leoninos, quanto a ser o momento ideal para novas perspectivas.

Leandro buscou-os no dia seguinte, e os levou para Goiânia. Demoraram quase a primeira semana de setembro inteira para conseguirem ver suas famílias e receber todo o carinho e excitação deles quanto ao noivado do casal. Jonas estava tão feliz que decidiu ser ele mesmo, integralmente em frente à família Catalão. Sua sogra preparou um almoço especial para celebrar o compromisso dos dois e convidou todos. Ele não se sentiu desconfortável com sua fivela no cinto, nem com o chapéu preto cheio de plumas. De agora em diante, só sua noiva importava.

Seu sogro, Eduardo, sugeriu que ele e Sara tirassem o final de semana a dois para comemorar na pousada dele, em Pirenópolis. E foi isso o que fizeram. Infelizmente, toda essa alegria das últimas semanas esvaiu-se no momento em que Sara recebeu uma ligação de Romeu, logo depois de terem chegado em casa.

— Minha deusa, *senta*. Respira. Que que aconteceu, uai? — Jonas segurou-a pelo braço e conduziu-a até o banco de madeira da varanda.

Ela não conseguia falar por conta do choro intenso, então o caipira pegou o telefone da mão dela.

— Meu *fi* do céu, que foi? Sarinha tá aqui que não consegue ficar em pé.

— É minha vó, Jon. — Romeu fungou o nariz. — Ela faleceu.

— Meu Divino Pai Eterno. — Fechou os olhos e suspirou.

Colocou a mão no pescoço de Sara e afagou sua nuca.

— Ela passou mal com sintomas de infarto, a tia Su chamou uma ambulância e a vó não aguentou chegar no hospital. O enterro é depois de amanhã, mas só podem entrar poucas pessoas, então talvez a Sarinha tenha que ir sem você. Nossa família é grande. — Fungou novamente.

— Eu vou *avisar ela*. *Meus sentimento procê*, meu *fi*.

— Obrigado, cara. Cuida da minha prima — disse, e desligou.

— O enterro é depois de amanhã, minha flor. — Colocou o cabelo atrás da orelha dela. — Eu vou te levar, mas não vou poder entrar, tá? Não cabe muita gente. — Sara somente assentiu.

Foi difícil consolá-la. Na realidade, Jonas conseguiu apenas acalmá-la. Ela passou o resto do dia em um vai e volta de choro sem conseguir fazer nada. Foi dormir chorando e acordou assim na manhã seguinte. Seguiu sem vontade de se levantar da cama até a noite. Mateo tentou animá-la, e não conseguiu.

— Minha deusa, o enterro é daqui a pouco — avisou Jonas, no outro dia. — Melhor *ocê* ir se arrumar. — Ela suspirou, e o caubói sentou-se ao lado dela no sofá.

Sara finalmente havia conseguido parar de chorar, mas seus olhos encheram-se de lágrimas novamente com a menção do enterro.

— *Cê* não quer ir, né?

Ela o encarou como se de repente isso fosse uma opção.

— Eu posso faltar?

— Uai, não sei. E é obrigatório ir ao enterro da vó?

— Minha mãe me mata se eu não for.

— Eu quero saber é se *ocê* quer ir. Esquece sua mãe.

— Não quero ver minha vó daquele jeito. Vai ficar pra sempre a imagem dela sem vida na minha cabeça. — Sara voltou a chorar.

— Então pronto, se *ocê* não quer ir, então não vai. Agora que *cê* tinha parado de chorar. Me fez um punhado mal ver meu avô num caixão. E eu era grudado nele que nem *ocê* era na sua vó. Melhor *cê* não ir mesmo.

— Mas, amor... — Fungou o nariz, e Jonas acariciou a perna dela. — Querer não é poder. Com certeza todos os netos estarão lá.

— E o que tem isso? Não vai arrancar pedaço de ninguém se *ocê* não for. E sua vó já tá te vendo é de outro lugar. Só de falar nesse enterro *cê* já tá sofrendo, uai. Fica quieta em casa. Deixa que eu me resolvo com a sua mãe. — Beijou o cabelo dela, e saiu.

Sara respirou aliviada e fechou os olhos tentando se acalmar. Pensar em sair de casa para enterrar sua avó querida lhe causava dor no peito e calafrios. Deixou as preocupações para Jonas e deitou-se novamente. O noivo voltou alguns minutos depois e foi direto para o quarto trocar de roupa.

— Falei pra sua mãe que eu vou no seu lugar, tá *bão*? Ela não gostou, pagou um sapo, mas eu não arredei o pé. Ela teve que aceitar. O Mateo disse que não vai sair hoje, então pode ficar aqui *cocê*. — Colocou a botina no chão.

— Tá bom, gato. Mas você quer ir? — Acariciou a mão dele, agradecendo.

— Uai, eu vou pra representar *ocê*. Tenho certeza de que não vou voltar chorando que nem *ocê*. Não quero que *cê* fique ruim que nem tava ontem. Arrebenta meu coração te ver assim. — Calçou a botina.

— Obrigada. — Fungou o nariz.

— Aguenta firme aí, que *jazim* eu volto. — Aproximou-se para beijá-la na bochecha e acariciou seu cabelo. — Te amo.

— Te amo também. — Respirou fundo para mandar embora o nó que se formou em sua garganta ao ver Jonas se afastar.

Assistiu um filme com Mateo, que passou o tempo todo fazendo piadas, arrancando alguns sorrisos e risadas desanimadas de Sara. Tomou um banho e deitou-se na rede da varanda com Nivaldo. O cachorro sabia que ela não estava bem e a seguia por toda parte,

insistindo em lambê-la. Estava anoitecendo quando o noivo chegou. Ele a cumprimentou e foi tomar banho também, antes de juntar-se a ela.

— Como foi? Romeu me ligou, meu pai, e até o tio Cláudio — contou Sara, e Jonas ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo? *Cê* atendeu?

— Não. Só de ler o nome deles no celular já me dava vontade de chorar.

— Eu vou te falar um trem, sua família é difícil demais da conta. Desculpa, minha deusa, mas é verdade. Eles tiveram a capacidade de ficar falando mal *docê* pra mim. Como se não ir ao enterro fosse o trem mais horrível do mundo. Parecia que *cê* tinha cometido um crime, todo mundo julgando e apontando o dedo. Misericórdia. Não vi ninguém falando da sua vó, só *docê*, credo — comentou, indignado.

— Eu sabia. Por isso queria ir, pra evitar esse falatório. E ainda te joguei no covil pra enfrentar tudo sozinho.

— O pior de tudo é que eu tenho certeza de que eles disseram *esses trem* pensando que eu não ia falar nada, só ouvir. Pois eles se enganaram. Eu te defendi e ainda *coloquei eles* no lugar deles.

— O que você falou?

— Ara, depois da terceira pessoa que veio encher meu saco, eu esperei todo mundo se reunir e falei que a dona Carmen não ia aprovar o que *eles tava* falando *docê*. Falei que cada um fica de luto de um jeito e *ocê* tava sofrendo por demais. Minha deusa, o alívio nos *seus olho* quando eu disse que *cê* não precisava ir, foi de cortar o coração. Eu contei isso pra eles. Disse que *cê* não merecia nada daquilo e todo mundo ficou *caladim* depois.

— Não contavam com a sua astúcia.

— Não vou ficar mais quieto com *esses trem trapaiado* que a sua família apronta, não. Não é porque te amam que têm o direito de te tratar assim. *Cê* faz de tudo por eles pra levar facada *nas costa* no momento mais errado. Parecia nem que aquilo era o enterro da sua vó. Só sua mãe e a tia Sandra tavam chorando. — Jonas inclinou a cabeça, depois de esperar por um comentário da noiva que não veio.

Ela tinha voltado a chorar.

— Ninguém visitava minha vó. Eu era a única que a via todas as semanas sem falta. O Júlio, mesmo estando longe, liga duas vezes por

semana, uma pra falar a sós com a minha vó, e outra pra mostrar os meninos e a Karina. Ligava, na verdade. — Passou a mão no nariz.

Jonas fez carinho no cabelo dela.

— Não sei se pelo fato da minha mãe cuidar dela desde que começou a precisar de supervisão, mas eu e o Jú sempre convivemos mais com ela. A gente se interessava, sabe? Eu sempre me perguntei por que o Gab e a Carlinha não eram próximos da vó, sendo que eles foram os únicos netos a conviverem com ela quando era mais nova e mais saudável. Provavelmente deve ser porque minha tia Sandra não se dava muito bem com a mãe. Meus primos, filhos do tio Cláudio, também não ligavam muito pra minha vó, eles passavam mais tempo com os pais da tia Bárbara.

— Pelo que seu pai me contou, a dona Carmen não era flor que se cheirasse antigamente.

— Sim. Minha vó era muito rígida e controladora. Aquele chilique sobre eu não a visitar o suficiente foi o máximo que eu vi dela. Ela mudou com o tempo, principalmente depois que o meu vô morreu, é o que meu pai diz. Talvez eles não tenham sido capazes de perdoá-la. Mas eu não consigo entender muita coisa que me contaram sobre ela enquanto crescia. Aquela Carmen não parecia a mesma pessoa que era minha vó. Comigo ela sempre foi gentil, preocupada com a minha vida, com quem eu namorava, o que ia estudar, se eu estava feliz... — Esperou um pouco, tentando acalmar o choro. — Não sei se nós éramos muito parecidas, ou se ela era incompreendida pelos outros. Não sei se tratava a mim e ao Jú diferente porque nós éramos os únicos que lhe davam atenção. Talvez. Agora eu não posso mais perguntar... — Soluçou.

— Um dia *cê* vai poder. Eu acredito nisso. Tenho certeza de que ela vai agradecer que *ocê* e o Júlio deram uma chance pra ela. O que importa é que *cê* fez sua parte o máximo que pôde enquanto ela tava viva. Os *outro* não fizeram. Eu sei que não parece, mas essa dor que *cê* tá sentindo agora vai passar. É muito estranho pensar que uma pessoa que tava aqui agorinha não tá mais. Vai demorar um tempo, mas vai passar, minha deusa. O segredo é lembrar só *das coisa boa. Dos momento bão* que *ocês* tiveram. E *ocê* teve um punhado com a sua vó. No início, quando meu vô morreu, lembrar de qualquer coisa sobre ele me deixava triste por demais. Depois eu foquei só *nas coisa boa*, e a

tristeza foi dando lugar pra saudade e a gratidão de ter conhecido meu *vêio*, e eu parei de sofrer — contou.

— Faz sentido. — Sara fungou o nariz, ponderando.

— Vai ter dia *bão* e ruim. Porque a saudade não acaba. Eu não tive ninguém pra ficar do meu lado e me ajudar quando tava passando por isso, porque minha mãe tava sofrendo mais que eu, minha irmã tava ruim também, e meu pai não era muito *bão* em consolar *os outro*. Mas *ocê tem eu*. — Jonas abraçou-a apertado, e ela se aconchegou no peito dele.

— Obrigada, caubói.

Ficaram em silêncio, ouvindo o balançar das folhas das árvores por um tempo, até Mateo avisar que receberiam visita.

— Acho melhor eu ir pro quarto. Não tô a fim de lidar com ninguém agora. — Sara ficou apreensiva.

— *ocê* vai querer lidar com essa pessoa. Confia em mim. — Jonas sorriu.

— Quem é?

— Um tal de Júlio — respondeu Mateo.

Sara arregalou os olhos e colocou uma mão na boca. Jonas balançou a cabeça confirmando que era o irmão dela. Ouviram uma buzina e Mateo abriu o portão. A geminiana reconheceu o carro de seu pai e o motorista que usava óculos e tinha o cabelo da mesma cor do seu. O homem de barba clara por fazer desceu do carro e disse:

— Ei *sis*. — E abriu os braços.

A patricinha não conseguiu ir até ele. Tampou o rosto com as mãos e chorou, dessa vez, de felicidade. Seu coração acelerou de alegria por encontrar o irmão que não via há meses. Jonas abraçou-a enquanto Júlio se aproximava, emocionado também.

— Chora não, minha deusa. A gente aproveitou que *ocê* não foi no enterro pra fazer uma surpresa *procê*. Achei que ia te deixar feliz.

— *Stop crying! You're making me cry too* — Júlio reclamou que a irmã estava lhe fazendo chorar também, e o cunhado se afastou para que abraçasse a irmã.

Sara tirou as mãos do rosto e envolveu-o pela cintura.

— Ai, Jú. Que saudade...

— Eu tinha que dar tchau pra vó.

— Eu devia ter ido.

— Não, você não precisava. Sua presença enquanto ela estava viva foi mais preciosa. — Afastou-se e segurou as mãos dela. — Tô feliz de te ver.

— *Senta aqui, cês dois.* — Jonas mostrou a mesa de madeira.

— Como você conseguiu vir? — Sara enxugou o rosto na barra da camiseta.

— O pai sempre tem aquelas milhas pra emergência, né? Eu usei e consegui vir. Só não pude trazer o resto da tropa. — Sentaram-se. — Vou embora amanhã.

— Já?

— Eu tenho que trabalhar, *sis*.

— Aproveita o que *cê* tem agora, minha deusa, não sofre por antecipação — Jonas se intrometeu.

— *He's right* — disse Júlio, concordando com Jonas.

Sara engoliu o choro, enxugou os olhos novamente e assentiu. Sentou-se mais próxima do irmão e aproveitou aquelas horas preciosas que teria com ele. Falaram sobre tudo o que conseguiram se lembrar, do passado, presente e até planos para o futuro. Choraram e riram lembrando da avó e o que vivenciaram com ela. Desabafaram medos, inseguranças e tristezas um para o outro.

O goiano observou os irmãos conversarem sem parar, feliz por presenciar aquele momento. Providenciou um lanche e deixou-os sozinhos depois de algum tempo. Era madrugada quando o cunhado foi embora. Ele achou melhor dormir menos e passar mais tempo com a irmã para que ela não precisasse ir até o aeroporto e ter de lidar com o resto da família enquanto ainda não se sentisse bem. Obviamente choraram quando se despediram, mas era um choro de alívio, como se tivessem se ajudado e se consolado o suficiente para amenizar a dor que sentiam.

No outro dia, Sara acordou na hora do almoço. Mandou uma mensagem para o noivo e esperou. Alguns minutos depois, ele apareceu, com aquele sorriso que dava ao olhar para ela e motivava a geminiana a fazer qualquer coisa.

— Bom dia, minha deusa. — Abraçou-a. — Dá beijo.

Sara lhe deu um selinho.

— Acordou agora ou tava enrolando no celular?

— Tava lendo a previsão pra setembro.

— *Cê* devia ler é a Bíblia.

— Não briga comigo, gato... — Sara usou um tom manhoso, e Jonas revirou os olhos.

— Detesto quando *cê* fala assim, porque eu não consigo resistir a sua manha.

— Você disse que ama minha manha.

— Exatamente por isso.

— Eu gosto de horóscopo...

— Eu sei. O que falava lá?

— Que eu vou passar por um momento de necessidade e só conseguirei superar se recorrer ao meu parceiro imediatamente.

Jonas ergueu uma sobrancelha.

— Pois é. Já aconteceu. Se não fosse por você, eu não teria conseguido sobreviver a esses primeiros dias.

— Ainda tem um punhado de chão pela frente, mas *tô* feliz que *ocê* parece mais animada hoje.

— E eu *tô*. Graças a você e ao Júlio. Acho que hoje é um dia bom.

— E o que diz o meu? — Tentou parecer interessado.

— Uai, que você vai pegar um resfriado.

Ele revirou os olhos novamente.

— Agora você pode se prevenir!

— *Bão* demais da conta, então. — Beijou-a. — Bora aprumar? *Mente* vazia é oficina do diabo. — Levantou-se e puxou-a pela mão.

— Verdade. *Tô* com um monte de serviço atrasado por causa desses últimos dias sem fazer nada. — Arrastou-se até a beirada da cama e espreguiçou-se.

— Então melhor aproveitar que *ocê* tá bem e botar *as coisa* em dia. Eu vou ter que sair pra comprar *uns trem* aqui pra casa. *Cê* vai ficar bem?

— Vou, caubói. Pode ir. Você merece uma folga de ser minha babá.

— Eu gosto de cuidar *docê* porque eu te amo, trem. — Abaixou-se e beijou-a na testa.

Voltou dois segundos depois e colocou a mão no ouvido, esperando.

— Te amo, lindo! — exclamou ela, sorrindo.

No fundo, sabia que a tristeza a invadiria mais cedo ou mais tarde, contudo, esse sentimento perduraria pelo resto de sua vida, então Sara decidiu aproveitar a onda de bom ânimo. Trabalhou durante a tarde inteira, até o pôr do sol, quando Jonas chamou-a para se sentarem no tronco. Naquela noite, teve um sono sereno, graças ao dia tranquilo.

Infelizmente, acordou com uma ligação da mãe, e sentiu que aquele dia não seria tranquilo como o anterior. Quando Jonas percebeu que a noiva estava demorando para mandar uma mensagem pedindo que fosse até o quarto, procurou-a e a encontrou no banheiro, sentada no chão, ao telefone.

— Que foi? — sussurrou, abaixando-se ao lado dela.

— Tá bom, mãe. A gente se vê lá, então. — Fechou os olhos e deixou uma lágrima escorrer. — Beijo.

— Que foi? — Jonas mexeu no cabelo dela.

— Minha mãe... — Soluçou, sem conseguir se conter. — Quer que eu vá na leitura do testamento da vó...

— E por que *cê* tá chorando?

— Não quero... ir — Passou a mão na bochecha, onde as lágrimas escorriam.

— Então *cê* não vai e pronto, uai. Fica assim não.

— Ela me deu... um monte de bronca porque... eu não fui ao enterro... Disse que é minha obrigação ir na leitura do testamento.

— *Cê* não tá em condição de ter obrigação de nada. Mal tá dando conta do seu trabalho, quem dirá *desses trem complicado*. — Pegou na mão dela, e ajudou-a a se levantar. — Eu posso ir no seu lugar?

— Não sei... — Jonas abraçou-a.

— Não importa. Eu vou ligar pra sua mãe e avisar que *cê* não vai. Preocupa não. — Pegou um prendedor que estava em cima da pia e começou a mexer no cabelo dela.

— Minha mãe vai me deserdar. Eu nunca faltei em nada da família... — Encarou o noivo pelo espelho.

— *Ocê* nunca ficou de luto antes. Eu não tô nem reconhecendo sua mãe com essa *brigaiada* toda. — Esticou o cabelo dela até conseguir amarrá-lo.

— Ela também não tá bem.

— Não interessa, uai. Cada um com as *suas dor*.

— Era pra eu tá lá... do lado dela. Como eu sempre fiz.

— Minha deusa — Jonas colocou as mãos nos braços dela e virou-a de frente para ele —, *cê* tem que parar de achar que *ocê* dá conta de tudo, que *cê* é responsável pela sua família. *Cê* não é de ferro. Sua mãe tem seu pai. Se ela não tivesse ninguém, eu ia ser o primeiro a levar *ocê* lá pra cuidar dela, porque mãe é a coisa mais preciosa desse mundo. Eu já vi *ocê* sair no meio do expediente de trabalho pra fazer coisa sem importância pra ela e pra mais um monte de gente da sua família. Tá todo mundo acostumado a montar *inrriba docê*, mas agora eu tô aqui, e não vou mais deixar isso acontecer à toa. — Acariciou o rosto dela. — Me empresta seu telefone. Eu vou resolver isso *procê*. — Levantou o queixo dela e deu um selinho.

Pegou o celular e ligou para a sogra, enquanto Sara lavava o rosto.

— Oi, filha. — Suzana atendeu.

— Oi, dona Su, é o Jonas.

— Oi, querido — cumprimentou-o, sem muito ânimo.

— Eu só queria avisar que a Sarinha não vai poder ir ao trem do testamento.

— Por quê?

— Ela não tá bem. Minha deusa associou *ocês* tudo com a vó, então toda vez que ela pensa em ver *ocês*, ela lembra que a vó morreu, e volta a chorar.

— Mas todos estamos assim.

— Eu acho que ela não dá conta de ver *ocês* ainda. Só tem *três dia* que a dona Carmen faleceu, ainda não deu tempo dela melhorar.

— E qual a diferença de sofrer aí e sofrer aqui conosco? A Sarinha sempre foi muito apegada a nós.

— Eu sei. Faz quase nove meses que nós *tá junto* e eu nunca *tinha visto ela* dizer que não quer ver a família. Pra mim isso significa que ela não tá bem. Não vou *deixar ela* se sacrificar sem poder. Quando ela me disser que quer ver *ocês*, eu vou entender que melhorou.

— Querido, olha só...

— A senhora não me entenda mal — interrompeu-a. — Eu sei que tá todo mundo sofrendo. Mas eu só tô pensando no bem da minha noiva. Esse é meu papel. Desculpa se eu tô parecendo intrometido.

Suzana suspirou.

— Tá tudo bem, Jonas. Você tá certo. Agradeço por ser um bom companheiro pra minha filha. Eu ainda acho que ela devia vir, mas não

posso obrigá-la. Se você diz que a Sarinha não está bem, então eu acredito, mesmo não sendo o que ela me disse alguns minutos atrás.

— Ela nunca quer mostrar que tá sofrendo. Principalmente *procês*.

— Entendo.

— Se precisar de qualquer coisa, pode me ligar.

— Obrigada, querido.

— *Té* mais. — Jonas desligou.

Sara ouviu toda a conversa encostada no batente da porta do banheiro.

— Obrigada, gato, você merece o mundo. — Abraçou-o pelo pescoço.

— Que isso, minha deusa. Sua mãe não gostou do que eu disse, mas eu não tô nem aí. É só *ocê* que importa.

— Quem ouvir isso vai achar que você é um noivo controlador e egoísta que odeia a sogra.

Ele riu.

— Mas na verdade não sabem que eu preciso de alguém que me dê estabilidade como você dá. Calma e simplicidade. Obrigada.

— Ô, minha deusa. De nada. Só quero ver *ocê* bem. — Beijou-a por alguns instantes.

Jonas tentou manter a noiva ocupada durante o resto do dia. Sentou-se ao lado dela no escritório quando tentou trabalhar, no entanto ela não conseguiu se concentrar por mais do que uma hora. Levou-a para dar uma volta a pé no condomínio com Nivaldo, comprou sua comida favorita, e mesmo assim não conseguiu evitar que ela chorasse de vez em quando. Estavam assistindo ao show de *stand-up* do Whindersson Nunes quando o telefone dela tocou.

— É a minha mãe — avisou Sara.

— O Romeu tá me ligando aqui — comunicou Mateo, surpreso.

— Não é pra atender ninguém — mandou Jonas. — Agora seu pai que tá me ligando. — Atendeu. — Oi, seu Edu. Uai, que *baruiêra* é essa? — Esperou. — Pode falar comigo que eu explico pra minha deusa. Ela não tá bem hoje, não.

Sara observou o namorado ouvir o que seu pai dizia, apreensiva. Ficou nervosa de repente.

— Uai, credo. Misericórdia, isso porque é família, hein? — comentou Jonas.

Demorou mais um bom tempo até que o goiano desligasse o telefone.

— Lá vem bomba — disse Mateo.

— E vai ser bomba assim lá longe. Vai pegar um copo de água com açúcar porque minha deusa vai precisar — pediu ao amigo.

— Você tá me assustando. Fala logo.

— Estourou um caminhão de briga nos Catalão. Seu pai teve que ir pro banheiro de tanto barulho de gente discutindo. Sua vó deixou uma parte da herança dela *procê* e pro Júlio. A outra banda vai ser dividida entre os *filho* dela, sua mãe, sua tia Sandra e o tio Cláudio, que é o direito deles.

Sara pensou um pouco, sem entender completamente.

— Minha linda, *ocê* e seu irmão agora também são dono da Catalão Alimentos.

Ela arregalou os olhos.

— É, amiga, bebe isso aqui mesmo. O Jon tava certo. — Mateo entregou-lhe o copo.

— Seu pai me disse que esse testamento da sua vó foi feito há muito tempo, mas ele era fechado, ninguém sabia o que tinha escrito nele. Por isso tá todo mundo doido lá, com ódio dela. Seu tio Cláudio já ligou até pro advogado.

— Eles vão processar a Sarinha? — perguntou Mateo.

— Meu sogro falou que acha que não dá pra invalidar o testamento. Ele disse que tá dentro da lei porque dividiu metade do patrimônio da sua vó com os *filho*, que são os *herdeiro legítimo*. O resto ela podia dar pra quem quisesse. Mas é melhor a gente ligar pro André e perguntar *direitim*. Entendeu? — Fitou a noiva.

— Eu... Acho que sim. Por que minha vó fez isso? Todo mundo sempre achou que ela ia deixar tudo pra o tio Cláudio, já que ele é o único interessado na empresa — ponderou Sara.

— Não tem como saber a razão de ela ter feito isso. Mas no fundo *nós* sabe que é porque ela gostava mais *docê* e do Júlio, né. *Seus primo* deve tá *doidim* da cabeça agora.

— Por isso o Romeu tava me ligando, capaz que queria falar com você. Sua mãe também devia tá querendo te contar o babado — comentou Mateo.

— Seu pai me ligou pra me avisar que não é pra deixar *ocê* falar com ninguém. Tá rolando *uns papo* que *ocê* já sabia que a dona Carmen ia fazer

isso, por esse motivo não foi no enterro, e que *cê* puxava o saco dela de propósito. Tão acusando até seu pai e sua mãe de manipular sua vó.

— O quê? — Sara indignou-se.

— Essa sua família é um ninho de cobras. — Mateo pegou o copo intacto da mão da amiga e bebeu.

— Se alguém te ligar, não atende, minha deusa — pediu Jonas. — Até a poeira baixar, pelo menos, e *nós falar* com o André.

A geminiana assentiu. Ela se sentia anestesiada, entorpecida. Sabia que aquele dia seria ruim, porém não a esse ponto. Será que estava vivendo o inferno astral e não sabia? Não era o bastante perder a avó? Precisava ser a causa de a família inteira brigar e abominar sua existência? Não entendia por que sua avó havia deixado uma parte tão grande de patrimônio para ela e o irmão, sendo que eram os netos que menos se importavam com isso, e com certeza os que menos queriam esse dinheiro nesse momento. Respirou fundo tentando fazer os pulmões funcionarem normalmente apesar do coração acelerado.

— Minha deusa, fica calma — Jonas preocupou-se com o silêncio dela.

Seu rosto ficou pálido e ela estava muito quieta.

— Sarinha? — Mateo estalou o dedo em frente ao rosto dela.

— Eu não quero nada disso — disse ela.

— Eu sei, minha flor. Não precisa pensar nisso agora. Respira.

— Eu prefiro a minha vó. — Colocou a mão no rosto e começou a chorar.

Mateo olhou para o amigo, que abraçou a noiva. A guerra entre os Catalão tinha começado, e Sara estava bem no meio dos tiros. Ela não se importava com o testamento, muito menos com o dinheiro que herdaria. Tudo o que pensava era na falta que a avó faria. Jonas fez carinho no cabelo dela até encontrar sua nuca e afagá-la. Prometeu a si mesmo que protegeria sua amada contra sua própria família, mesmo que para isso tivesse que afastá-la deles.



SÓ TENHO SOSSEGO COM VOCÊ

Os próximos dias foram torturantes para Sara. Jonas precisou trabalhar e obrigou-a a ir com ele para Bela Vista e Aragoiânia para que ela não ficasse sozinha. A geminiana sentia-se uma criança sendo carregada de um lado para o outro contra sua vontade, porém, não tinha forças para se impor.

Certo dia, André visitou-a para entender a situação do testamento e conversar sobre o que aconteceria daqui para frente. Explicou que ela não poderia recusar a herança, e que uma opção seria vender a porcentagem herdada para os demais interessados. Os Catalão tentariam invalidar o testamento, no entanto, ele não acreditava que seria possível por tudo ter sido feito dentro da lei. Dona Carmen conhecia muito bem sua família e se preparou para isso desde o início, protegendo sua vontade.

— Seu pai e o Jon tão certos em não querer que você fale com eles. No mínimo, podem alegar que você não tem condições de administrar essa herança ou tentar te coagir a vender tudo — falou André.

— Eu odeio essa situação. Queria que esse testamento desaparecesse — disse Sara.

— Essa é a vontade da sua vó. *Os outro* que se conforme, uai. *Eles acha* que têm direito de exigir alguma coisa *docê*. Eu fico mais tranquilo de saber que seus pais tão em Pirenópolis, bem longe desse povo — comentou Jonas.

— O que tá acontecendo com a gente? — perguntou Sara, triste.

— Minha deusa, nada disso é culpa *docês*. *As máscara* que tão caindo tudo. O trem tá feio e eu não vou deixar *ocê* no meio do fogo cruzado. Enquanto *eles não pôr* a mão na consciência e largar de te acusar *das coisa*, *cê* não vai falar com ninguém. Nem o Romeu, porque o pai dele é o pior de todos.

— Tenho certeza de que o Rô não concorda com nada disso — discordou Sara.

— Mas o nome dele tá lá, *nas parte* que tá tentando invalidar o testamento — Jonas lembrou, e sua noiva suspirou, derrotada.

Seu telefone tocou enquanto André se despedia, e a geminiana foi atender no escritório. Demorou algum tempo para desocupar.

— Que foi? Que cara é essa? — perguntou Jonas, quando ela voltou para a varanda.

— Eu fui demitida. Dos dois empregos.

— Misericórdia, esse realmente não é seu mês, Sarinha. — Mateo riu.

— Por quê? — O noivo quis saber.

— Porque desde que a minha vó morreu, eu não consegui mais cumprir meus prazos e não entreguei vários trabalhos. — Sara continuava parada, em choque.

— Uai, minha deusa. Preocupa não. *Cê* tem eu, e agorinha *ocê* arruma outra coisa. Seu currículo é de dar inveja. — O caubói beijou a testa dela e afagou seu braço.

— Eu, sinceramente, não sei o que mais pode acontecer esse mês.

— Eita, agora já era. Chamou o agouro, então daqui a pouco vai acontecer coisa pior. Não pode falar isso, Sarinha, você não aprendeu nada com os filmes? — pestanejou Mateo, e a amiga revirou os olhos, desanimada.

— Fica triste não, minha deusa. Enquanto isso, *cê* trabalha com seu pai.

— Se você for pensar, foi até bom. Agora que você, seus pais e seu irmão são donos da maior parte da empresa da sua vó, e o Júlio nem

mora aqui, quem vai ter que cuidar de tudo é você — frisou Mateo. — Vai ter que ser... como é o nome daquele negócio que tem no seu currículo? Aquele curso que você fez?

— Gestão de negócios.

— Isso. Agora você vai ser gestora em tempo integral.

— Não sei se é isso o que quero fazer da vida.

— Minha flor, não precisa pensar nisso agora. Se *ocê* quiser, nem precisa trabalhar, é só por alguém lá no seu lugar, pode ser até seu tio. Isso não muda o fato *docê* ser a dona de tudo.

— Isso é verdade. Sua vida tá ganha, garota. Que nem você diz, relaxa — comentou Mateo.

— Se preocupa em ficar bem, minha linda. — O goiano beijou-a no olho.

A geminiana não tinha ideia de como fazer isso. Parecia que de repente sua vida tinha virado do avesso e continuava descendo ladeira abaixo. O sentimento de impotência a dominava, deixando-a extremamente desanimada e chorosa o tempo inteiro. A morte de sua avó havia desencadeado um inferno astral que ela não conseguia superar. A única coisa que podia fazer era se apegar ao noivo, que no momento, encontrava-se mais são. Tinha esperanças de que isso fosse suficiente, como dizia a previsão do seu signo, para passar por esse período difícil.

Na sexta-feira, Iara apareceu com Janaína para tentar tirar a amiga de casa. Elena, que estava lá, visitando o irmão e a cunhada, juntou-se às duas e sugeriu que fossem a um restaurante almoçar juntas. Jonas apoiou-a e ajudou-a a se arrumar. Fazia duas semanas que dona Carmen faleceu e já era hora de tentar se animar. No início, Sara detestou a ideia, mas depois que prestou atenção em si mesma toda arrumada pela primeira vez em dias, sentiu vontade de acompanhar as amigas.

— Tá linda, amiga. Até seu rosto parece mais animado só porque você se arrumou e saiu daquele sofá — elogiou Elena.

— Minha deusa é linda de qualquer jeito — disse Jonas.

— Então vamos, né? Tô com fome e tirei o dia de folga pra ficar com as amigas e conversar até a saliva secar. — Iara apressou-a.

— *Ocê* toma cuidado, viu? Se for no banheiro sozinha, pede alguém pra te vigiar — pediu o caubói.

— Como assim, gente? — Janaína ficou confusa.

— Meu caubói sempre fica de olho em mim na rua. Dizendo ele, alguém pode me sequestrar, ou abusar de mim no banheiro. Ele cronometra o tempo que eu gasto e sempre me pede pra levar o celular.

— Ah, não, mano. Tá meio obsessivo, você, né? — Elena debochou.

— E você deixa uma coisa dessas? — Iara impressionou-se.

— Meu bebê é discreto e não enche meu saco. Eu nem sabia que ele fazia isso. Um dia, sem querer, eu saí do banheiro e ele tava lá na porta me esperando. Aí me contou que tá sempre de olho.

— Não dava pra ver o banheiro de onde *nós tava sentado*. Minha deusa é linda demais pra ficar por aí sozinha. Homem é bicho que não presta — explicou Jonas.

— Ainda bem que você sabe — brincou Iara.

— Te amo, gato. — Sara beijou o noivo.

— Vai se divertir, minha flor. Amo *ocê* também. — Despediu-se e observou-a ir embora com as amigas.

Seu coração não aguentava mais vê-la triste e desanimada em casa. Um pouco de distração faria bem a ela. Realmente aquele não estava sendo um mês fácil. Aproveitou o tempo livre para visitar os pais e relaxar também. Amava sua noiva e não conseguia evitar sofrer junto com ela e sentir-se triste também quando não estava bem. Era como se os dois estivessem tão conectados que seus sentimentos passaram a ser contagiantes. Respirou aliviado quando voltou para casa no final da tarde e viu que Sara não tinha chegado. Com certeza, ainda estava se divertindo com as amigas. Pelo menos era o que ele achava, pois esse alívio transformou-se em terror e preocupação com uma ligação de sua irmã.

— Mano, vem pra cá agora. Aconteceu uma tragédia com a Sarinha — comunicou Elena, afoita.

— O quê?

— Mano do céu...

— Fala, Elena! — Jonas sentiu o coração acelerar.

— Um cara se trancou com ela no banheiro.

— Tô indo. Me manda o endereço. — Pegou a chave do carro enquanto a irmã passava a localização.

— A gente percebeu que ela tava demorando. A Iara foi lá e escutou um barulho estranho vindo de uma das cabines que estava com a

porta fechada. Ela chamou a Sarinha e escutou um grito abafado. Tentou abrir e não conseguiu. Depois disso, gritou, e um rapaz que saía do banheiro masculino ouviu e entrou lá. Derrubaram a porta e foi só o fuzuê. O segurança amarrou o cara e chamou a polícia. Agora a gente tá aqui dando depoimento. A Iara ligou pro André, ele também tá vindo — explicou Elena.

Jonas entrou no carro e sentiu-se enjoado.

— Mano?

— Tô aqui. E a minha deusa? Tá bem? O que ele fez com ela?

— Ai, mano, parece que ele passou a mão nela e a beijou à força. Ele tampou a boca dela pra não gritar e amarrou as mãos. Se a gente tivesse demorado mais alguns minutos, ele tinha feito coisa pior, porque esse era o objetivo dele. Tô te contando porque a Sarinha pediu pra te ligar e falar. Ela não vai conseguir repetir isso de novo. Já foi terrível o suficiente ter de contar pra polícia. O brigadista deu uma olhada nela, fisicamente tá tudo bem. A Iara tirou umas fotos porque o desgraçado rasgou toda a roupa dela. Sorte que eu tinha um casaco no carro.

— A polícia chegou?

— Não faz muito tempo. Tão interrogando o maldito agora. Tá uma bagunça aqui, fecharam o restaurante. Só agora consegui te ligar, mano.

— Já já, chego aí. Qualquer coisa me liga. — Jonas desligou.

Foi difícil dirigir sem pressa. O caminho pareceu ainda mais longo com a ansiedade que sentia de verificar com os próprios olhos se Sara estava bem. Quando chegou no restaurante, a polícia já tinha ido embora.

— Cadê a minha deusa? — perguntou, desesperado.

Elena, que o esperava, indicou os fundos do estabelecimento, onde Sara estava sentada ao lado de Iara e Janaína. André conversava com um homem de uniforme que provavelmente trabalhava no local. A geminiana avistou o noivo e se levantou. Ela parecia abalada, mas não chorava, o que surpreendeu o caubói.

— Ô, minha linda... — disse Jonas, abraçando-a. — Como *cê* tá?
— Afastou-se para olhá-la.

Sara encarou-o, sem conseguir dizer nada. O casaco de Elena escondia sua blusa destruída, que mostrava quase por inteiro o sutiã. Sua saia longa estava amarrada de forma grotesca, escondendo um enorme rasgo e segurando-a presa na cintura.

— Cadê o miserável? — o goiano perguntou aos outros, sentindo a têmpora latejar de raiva.

— O meliante foi preso em flagrante. Vai responder por tentativa de estupro. Inclusive, o policial me disse que ele já foi preso pelo mesmo delito, ou seja, não é réu primário, então vai ser impossível conseguir um habeas corpus — explicou André.

— Graças a Deus. — Jonas continuava abraçando Sara, que permanecia em silêncio.

— Melhor levar a Sarinha embora, Jon — sugeriu Iara.

— Qualquer coisa liga pra gente — mencionou Janaína.

— Vou com você, mano. — Elena pegou a própria bolsa e a de Sara. — Eu dirijo e você fica com ela.

Sara não disse nada durante todo o caminho de volta. Deitou-se no colo de Jonas e segurou sua mão de uma forma que ele sentiu pena. Chegaram em casa e Elena foi embora. O caubói levou-a para o quarto e sugeriu que deveria tomar um banho. Ela concordou, despiu-se e sussurrou:

— Joga essa roupa fora. Não quero lembrar desse dia nunca mais. — E entrou no box.

— Tá bão, minha linda. Quer que eu te ajude no banho? — Reparou que a amada tinha hematomas nos pulsos, onde foi amarrada, e alguns roxos nos braços, provavelmente de tentar se desvencilhar do agressor.

— Não, só quero ficar sozinha.

Jonas assentiu e saiu. Vê-la naquele estado fez o estômago do caipira se revirar novamente. A geminiana ficou quase uma hora debaixo do chuveiro, chorando. O goiano ouviu, apreensivo, do lado de fora, que ela tinha vomitado duas vezes. Quis entrar no banheiro para consolá-la, todavia respeitou a vontade dela. Sentia-se inútil por não poder fazer nada. Ela saiu de lá, colocou um pijama e deitou-se.

— Tá com fome?

Ela negou com a cabeça.

— Quer que eu fique aqui *cocê*?

A geminiana assentiu e ele deitou-se ao lado dela, que se aninhou no peito dele.

— Se precisar conversar, eu tô aqui, minha deusa. — Acariciou as costas dela.

Sara bocejou e fechou os olhos, exausta. Só queria que aquele dia, e aquele mês, terminassem o mais rápido possível. Jonas esperou que ela adormecesse e chorou, abraçando-a. Abominou todas as vezes que pensou e falou que algo assim poderia acontecer com ela. Sentia-se culpado por ter atraído uma tragédia sem querer. Só de pensar em uma pessoa estranha tocando sua amada contra a vontade dela, sentia vontade de bater em alguém. Medo apoderou-se dele, imaginando que consequências isso teria na vida da patricinha. Se a conhecia o suficiente, sabia que por fora era uma mulher forte e determinada, porém, do lado de dentro era sensível. Esperou que naquela noite pudessem dormir profundamente e esquecer por algumas horas aquilo tudo. Porém, seu sono não foi tranquilo.

No meio da noite, Jonas teve de chacoalhá-la para acordá-la de um pesadelo. Sara gemia, como se estivesse com dor. Quando despertou, encarou o noivo e começou a chorar.

— O que foi, minha deusa? Calma.

— Você ia me deixar! — exclamou, desesperada, entre soluços. — Você não me queria mais!

— Calma, minha flor, eu tô bem aqui! Fica tranquila, eu não vou largar ocê. — Abraçou-a apertado, tentando acalmá-la.

— Você me mandou ir embora... Você não queria uma mulher estragada!

— Tá tudo bem agora. Foi só um pesadelo, nada disso é verdade, lindeza. Pode voltar a dormir. — Fez carinho no cabelo dela.

Demorou quase meia hora para que Sara pegasse no sono novamente, e o dobro de tempo para o noivo. Ele voltou a sentir aquele enjoo, além de um nó na garganta. Partia seu coração ver sua noiva neste estado. Dormiu por algumas horas e assim que o sol nasceu, resolveu se levantar. Preparou um café da manhã reforçado para a amada e esperou que acordasse.

Ela saiu do quarto perto da hora do almoço e jogou-se no sofá. Jonas só percebeu que havia despertado depois de algum tempo, quando passou pela sala.

— Uai, minha deusa, nem vi que *cê* tinha acordado. Bom dia. — Aproximou-se para beijá-la, mas assim que o fez, Sara se retraiu.

O caubói se assustou e perguntou:

— Tá tudo bem?

— Me deixa em paz, por favor — sussurrou ela.

— Tá *bão*. — Afastou-se, meio sem jeito.

Senti o coração apertado de preocupação. Ligou para Elena e Iara, tentando descobrir o que fazer. Ambas aconselharam que ele desse tempo e espaço para ela, e que esse comportamento era esperado depois do que havia sofrido.

Sara passou o resto do dia assistindo filmes de super-heróis na televisão. De vez em quando, Jonas aparecia para oferecer algo para comer, porém ela negava. A caixa de lenços que comprou ficou vazia rápido, pois ela não conseguia parar de chorar. Foi difícil assistir seu sofrimento sem poder tocá-la ou ficar perto dela. Não teve dúvidas de que, se pudesse, trocaria de lugar com a noiva. Quando adormeceu, tarde da noite, abraçada a Nivaldo, o caubói cobriu-a com um cobertor e dormiu sozinho no quarto, de porta aberta, para poder ouvi-la. No meio da noite, percebeu que ela estava tendo outro pesadelo e correu para ajudá-la.

O olhar de desespero dela ao acordar era aterrorizante. Ela soluçava, tentando dizer que ele a havia abandonado, a expulsado de casa, ou dito que não a amava mais. Custou bastante tempo e afirmações de que aquilo não passava de um sonho, e que não a abandonaria, para fazê-la dormir novamente.

— Meu amigo, o negócio aí tá feio, hein — disse Mateo, na cozinha.

Ele acordou com o barulho de Jonas tentando acalmar Sara na sala, e decidiu beber água.

— Nem me diga. — O amigo passou a mão no rosto, desanimado.

— Acho que ela vai precisar de terapia, Jon.

— No mínimo. Vai saber o que essa *desgrama* fez na cabeça dela. Minha deusa nunca teve pesadelo antes. Ela não queria nem que eu encostasse nela ontem.

— Isso é normal, véi. Melhor não forçar.

— Eu só quero que ela fique bem. Primeiro a vó, agora esse trem...

— E a briga de família, a demissão... Essa foi a gota d'água — lembrou Mateo.

— Eu não sei o que fazer pra ajudar.

— Segue sua intuição e não apressa nada. A Sarinha é forte pra caramba, vai superar isso tudo. Ela só precisa de um tempo. Ninguém é de ferro. — Mateo apertou o ombro do amigo e se retirou.

Jonas pegou um colchão do quarto sobressalente e colocou ao lado do sofá na sala. Cochilou algumas vezes, enquanto vigiava o sono dela. Acordou com Nivaldo pulando em cima dele. Sara estava na beirada, com a mão por baixo da cabeça, observando-o.

— Bom dia, minha deusa.

Ela deu um meio sorriso, surpreendendo-o.

— *Cê tá bem?*

Sara balançou a mão de um lado para o outro, dizendo “mais ou menos”.

— *Vamo comer?*

Ela fez uma careta.

— *Cê não comeu nada o dia todo ontem. Não pode ficar tanto tempo assim sem nada no estômago. Daqui a pouco cê vai desmaiar. Só um pão de queijo e uma xícara de café, pelo menos.*

A geminiana suspirou e assentiu. Arrastou-se para fora do sofá e deitou-se por cima de Jonas. O caubói ficou confuso, no entanto abraçou-a. Nenhum dos dois falou alguma coisa. Depois de alguns minutos, Sara levantou-se, usou o banheiro e sentou-se no banco da mesa da varanda. Comeu só o que prometera ao noivo e resolveu dar banho em Nivaldo, mesmo ainda estando de pijama.

Ela não falou uma palavra durante o dia todo, e quando era extremamente necessário, sussurrava. Nem Mateo foi capaz de fazê-la conversar. Almoçaram em silêncio, enquanto Sara comia somente um terço do que costumava. A patricinha começou a rastelar o quintal depois de comer, e eles se juntaram a ela, ocupando-se durante toda a tarde. Foi a primeira vez que o casal assistiu ao pôr do sol sem falar nada, contudo, Jonas sentia-se um pouco mais aliviado pela atitude dela naquele dia. Qualquer coisa era melhor do que ser rejeitado pela amada e vê-la chorar sem poder fazer nada.

Durante a noite, ela teve o mesmo pesadelo. Jonas fez as mesmas juras de amor dos dias anteriores, até acalmá-la. Repetiria milhares de vezes se fosse necessário. De alguma forma, o que ela passou naquele restaurante desencadeou um medo terrível de ser rejeitada pelo noivo, causando os sonhos conturbados. Ajudá-la era o mínimo que poderia

fazer. O caubói surpreendeu-se ao acordar sozinho no dia seguinte. Podia contar nos dedos quantas vezes havia acordado depois de Sara desde que a conhecera.

— Uai, minha deusa, *cê* acordou cedo hoje. — Encontrou-a no escritório, assistindo a um show com Mateo.

— Você que acordou tarde hoje, meu *fi* — comentou o amigo.

— Oi, bebê.

O caubói sorriu, feliz de ouvir a voz dela depois de tanto tempo. Aproximou-se, temeroso, e ganhou um selinho dela.

— Me poupem dos apelidos melosos, misericórdia — reclamou Mateo.

— Que *cês* tão vendo aí?

— Mateo tava me mostrando alguns shows que ele produziu.

— Essa traíra não tava acreditando que fui eu que organizei o show do Gustavo Lima, não. E ainda me pagou um sapão porque eu não levei você pra conhecer o cara. Como se fosse fácil — protestou, indignado.

— Errada, errada, ela não tá — admitiu Jonas.

— Ah, vocês dois *arreda* daqui com esse complô amoroso!

— Para de reclamar, projeto de cacatua. — Sara riu.

— Sai daqui, Malévola! Agora sua babá acordou, você pode me deixar em paz pra trabalhar.

— Você me ama, Mat, confessa. — A geminiana bagunçou o topete do amigo e saiu correndo.

— Bruxa do 71! — ele gritou, quando o casal saiu.

— Como *cê* tá hoje, minha flor? Tá parecendo melhorzinha. — Notou que o olhar dela ainda parecia abalado.

— Tô ótima, gato. — Ela pegou Nivaldo no colo.

— Mesmo?

— Sim. Eu juro.

— Tá *bão*. — Achou estranho, mas preferiu não comentar.

Observou-a durante todo o dia, pronto para qualquer sinal de choro dela. Todavia, não houve nada. Pelo menos na superfície, ela parecia normal. À noite, quando foram se deitar, Jonas decidiu tocar no assunto.

— Minha deusa, queria *dá* dois *dedim* de prosa *cocê* — pediu, enquanto ela mexia no celular.

Sara suspirou.

— Já até sei sobre o quê.

— Você não precisa falar sobre aquilo. Só quero que me diga como se sente. De verdade. Porque eu acho que não tem como *cê* ter melhorado de um dia pro outro. — Sentou-se ao lado dela na cama.

— Eu tô bem, gato. Sério. Só decidi que não vou deixar aquele desgraçado me controlar. Acho que já chorei e me martirizei o suficiente. Não vou mais perder pra aquele babaca. — Continuou olhando para a tela do celular.

— Olha aqui pra mim, por favor. — Jonas pediu e ela obedeceu. — Sua mãe tá vindo de Pirenópolis. Eu contei tudo pra ela e pro seu pai. *Nós acha* que *cê* tinha que fazer terapia.

— Eu já disse que tô bem.

— Mesmo assim. É melhor prevenir do que remediar.

— O que não tem remédio, remediado está.

— *Cê* vai guerrear comigo *nos ditado popular*? Tá pronta pra perder?

Ela riu.

— Se eu achar que preciso de terapia, vou fazer. Não se preocupe.

— Minha deusa...

— Caubói, por favor, não fique cutucando a ferida.

— Desculpa, mas eu acho que *cê* tá só tapando o sol com a peneira. Não tem base o tanto que *ocê* sofreu, minha linda. Eu quase morri vendo *ocê* chorar um dia *inteirim*, sem parar. Depois *cê* não queria que eu encostasse *no**cê*, e ficou quase *três dia* sem falar. Aí hoje *cê* levanta e tá tudo bem? Como *cê* quer que eu acredite nisso?

Ela suspirou novamente e guardou o celular.

— Me perdoe por ter te rejeitado. Aquele dia só no que eu pensava era o quão insuportável seria se alguém me tocasse, principalmente você. Eu me senti... modificada. Como se não fosse eu mesma. Agora entendo por que as mulheres que sofrem esse tipo de coisa sentem-se sujas. Essa palavra define. Eu não pude suportar você me tocar porque me sentia assim.

— Não é sua culpa e eu não me ofendi. Só fiquei preocupado por demais.

— Eu não sentia vontade de falar em voz alta, porque era como se isso me fizesse cair na real, e eu não queria. A minha realidade tá um

lixo ultimamente. Eu nunca nem fui assaltada na minha vida inteira. Quem dirá perder um membro da família, brigar com o resto, ser demitida, e sofrer o que eu sofri no mesmo maldito mês. Ontem, quando eu acordei e você tava lá, dormindo do meu lado, me lembrei dos pesadelos. Você é a razão que eu consegui levantar hoje e querer viver. Não quero que aqueles sonhos se tornem realidade, não dá pra aguentar uma vida que não tenha você pra me acudir. Meu horóscopo estava certo, eu precisava me apegar ao meu companheiro pra superar esse inferno que se tornou a minha vida. Sem você seria muito pior.

Jonas pegou na mão dela e respirou fundo. Guardou o assunto “signos”, mais uma vez, para outra hora.

— Eu tô do seu lado pra qualquer coisa, minha flor. Na alegria e na tristeza. Eu tô sossegado *cocê* do meu lado. É aqui que eu quero ficar. Não precisa se preocupar com *esses pesadelo* porque eles não vão virar realidade. Coisa ruim sempre vai acontecer, a vida é dura, mas *nós não pode* deixar isso crescer. Todo mundo tem medo e insegurança, e se tem alguém capaz de superar isso, é *ocê*. Mas nós *dois junto*, somos maiores que isso tudo. Eu só não quero que *cê finge* que tá bem por minha causa.

— Não tô fingindo.

— Então tá *bão*, não vou mais insistir. Só peço *procê* me ouvir, e eu acho que era *bão cê* fazer terapia. Se *ocê* quiser algum dia, é só falar comigo que eu te ajudo. Vou *cocê* na primeira consulta, fico lá se puder. *Nós é* um time.

Sara fitou o namorado por alguns segundos.

— Você é lindo, fofo e perfeito, credo. Obrigada, caubói. — Ajoelhou-se na cama e se jogou por cima dele. — Te amo.

— Te amo mais, lindeza.



Uma semana se passou, e o mês de outubro chegou. Sara sentia-se como se tivesse tomado uma injeção de ânimo. Estava pronta para enfrentar qualquer coisa com garra e coragem. A previsão do horóscopo para o signo de gêmeos só dizia coisas boas: harmonia no amor, criatividade aflorada e mudanças profissionais positivas. Era tudo o que ela precisava. Decidiu que trabalharia com seu pai, ajudando-o na administração dos empreendimentos dele e faria projetos de tradução por encomenda. Estava lendo sobre como os leoninos deveriam cuidar da saúde neste mês, quando recebeu uma ligação de André avisando que ela teria de comparecer à audiência preliminar do caso onde era acusada de agressão.

— Tem certeza de que *cê* não quer que eu vá, minha deusa? — Jonas perguntou mais uma vez.

— Tenho, caubói. Você nem vai poder entrar. O André vai estar lá.

— Mas *ocê* vai ficar de frente pra aquele jacu que xingou a Iara.

— Eu não tenho medo da cara ridícula daquele idiota. Ele não vai poder fazer nada contra mim lá. — Sara entrou no carro.

— Me dá notícia.

— Pode deixar. Te ligo assim que sair de lá. Te amo, gato. — Deu um selinho no noivo e saiu.

Jonas suspirou. Lá no fundo, mesmo tendo se passado uma semana, ainda desconfiava se ela estava realmente bem. Agia normalmente. Normal até demais. Não acreditava que aquela dor que sofrera havia simplesmente desaparecido.

O caubói ficou preocupado quando anoiteceu, e Sara não ligou. Três horas havia se passado desde que ela saíra, e certamente a audiência já tinha terminado. Tentou contato com ela e André, porém nenhum dos dois atendeu. Respirou aliviado quando a patricinha abriu o portão.

— *Cê* nem pra atender esse telefone, uai — reclamou.

— Desculpa, lindo. Eu tava de olho em uma criaturinha assustada no chão do carro — contou Sara, abrindo a porta do lado do passageiro.

Ela se abaixou e pegou um filhote de cachorro que tremia de medo.

— Uai...

— Eu sei que eu devia ter te pedido antes de trazê-la pra cá, mas não consegui resistir a essa carinha. — Segurou o filhote perto do rosto e fez bico. — Ela tava debaixo do meu carro, chorando. Levei direto no veterinário, por isso demorei. Eu prometo que ela será minha responsabilidade e você não vai ter que se preocupar com nada.

— Credo, minha deusa. Parece até que eu vou te expulsar daqui só porque *cê* trouxe um cachorro, uai. Aqui tem espaço por demais, não tem problema. O Niva vai adorar ter uma irmãzinha. — Fez carinho na filhote.

— Ou uma namorada.

Jonas riu.

— Qual nome *cê* vai dar pra ela?

— Vim pensando nisso o caminho todo. Acho que ela tem cara de Taylor. Uma vez a Iara disse que nós dois somos tão parecidos quanto a Taylor Swift e o Gustavo Lima. Achei que combinaria com o Nivaldo.

— Gostei. — Sorriu e pegou a cadelinha. — Como foi a audiência?

— O panaca aceitou o acordo. Retirou a queixa contra mim e ganhou uns benefícios que agora eu não lembro bem o quais são. Resumindo, eu saí ilesa e ele continua respondendo por todas as atrocidades que já fez. Graças ao André.

Jonas levantou as mãos para o céu agradecendo. Sara passou a noite toda de olho em Taylor, preocupada que estivesse com fome ou com medo. Aquela súbita preocupação com o novo filhote poderia ser positiva, Jonas ponderou. Um bicho de estimação, principalmente em se tratando de um cachorro, podia ser terapêutico e era exatamente disso que ela precisava. Teve certeza quando, no dia seguinte, André fez-lhes uma visita para tratar do assunto do testamento e a geminiana não teve uma crise de choro.

— Entendeu tudo? — perguntou André.

— Com a porcentagem que a minha mãe herdou, e a porcentagem que meu pai já tinha como sócio da minha vó, basicamente os Martins são donos da Catalão Alimentos agora — resumiu Sara.

— Exatamente.

— E meu tio Cláudio, mesmo a minha tia Sandra tendo cedido a parte dela pra ele, fica em segundo lugar.

— Isso.

— E minha mãe e o Jú vão ceder a parte deles pra mim porque não querem ter responsabilidade nenhuma com a empresa.

— Isso. Você e o seu pai precisam decidir se mantêm dessa forma ou tornam tudo uma coisa só. Você pode ceder tudo a ele ou colocá-lo na presidência. Os Martins agora podem escolher quem quiserem pra presidir a empresa.

— Por isso meu tio Cláudio tá desesperado tentando convencer a mim e ao meu pai para que ele fique na presidência.

— Ele já tentou de tudo legalmente. Não há nada que possa fazer pra invalidar o testamento — André concluiu.

— E deve ser por isso que meus primos não param de me ligar.

— Eles tão *doidim* querendo que *ocê* volte a falar com eles pra poder te convencer a desistir dessa herança. É o único jeito do seu tio conseguir o que quer.

— E você não acha que eu devo fazer isso. — Sara encarou o noivo.

— De jeito maneira. Sua família não teve um pinga de consideração por *ocê* quando foi atacada naquele banheiro e nem com sua tristeza por causa da sua vó. Ninguém ligou pra saber como *cê* tava, só o Romeu. Mas quando se trata de dinheiro, eles do nada *volta* a te amar. *Eles não merece ocê*, não.

Sara suspirou.

— Vou falar com meu pai. Sinceramente, não sei o que fazer. Ainda acho que meu tio é a melhor pessoa pra dirigir essa empresa. Ninguém conhece a Catalão como ele.

— Ele pode continuar no cargo sem *ocê* ter que abrir mão de nada — Jonas lembrou.

— Não vai ser fácil pra ele aceitar isso.

— Ele não tem direito de querer nada. Quem manda *nos trem* tudo agora é *ocê* e seu pai. E eu tenho certeza de que qualquer pessoa nessa família que precise de ajuda, *cês* não vão desamparar. Por isso não tem pessoa melhor pra ser dono disso que *ocê*, minha deusa.

Sara despediu-se de André e ponderou as palavras do noivo. Por mais que tentasse fingir que não, ele estava certo. Eram em momentos como esse, onde havia dinheiro envolvido e morte de familiares que as pessoas geralmente mostravam se tinham caráter. Infelizmente, sua família não tinha. Pelo menos não o tio Cláudio.

Concentrou-se em Taylor e voltou a tentar ensiná-la onde deveria fazer suas necessidades. Por mais que se sentisse melhor quanto aos acontecimentos do mês passado, esse assunto de herança ainda lhe causava um desconforto no peito. Sentia saudades dos primos e almoços de domingo na casa da mãe, contudo, nada disso se comparava à falta que sua avó fazia. Visitar os pais e não a encontrar era torturante.

Dedicou tanto tempo à sua nova cachorrinha que não percebeu quando o dia da reunião com seu pai e o tio no escritório da Catalão Alimentos chegou. André a acompanharia, e Jonas não aceitou ficar em casa “enquanto ela ia para a cova dos leões”, foi o que ele disse. Começou a ficar nervosa no momento que viu toda sua família presente, ao contrário do combinado.

— *Cês* tão de brincadeira comigo... — reclamou Jonas.

— Não quero que você fale com ninguém, Sarinha. Seu tio tá tentando te amolecer — informou André, e a conduziu até a sala.

Sara pôde ver sua prima Bianca sussurrar “A gente não queria isso” e Romeu abraçá-la. Até mesmo Jéssica e Leandro pareciam abalados. De repente, não sabia mais o que estava fazendo ali. Sentou-se ao lado de seu pai e André, enquanto o caubói a aguardava do lado de fora. Viu uma mensagem dele no celular antes de colocá-lo no silencioso.

Caubói♡:

Lembra do que a gente conversou, minha deusa. Fica calma.
Você não está fazendo nada de errado.
Sua vó ia ficar orgulhosa. Te amo.

Respirou fundo, e prestou atenção na reunião. Seu tio Cláudio parecia estar participando de um enterro, tamanha era a tristeza em seu rosto. Sua mãe, Suzana, assinou alguns papéis que passavam sua parte na empresa para a filha. Júlio já havia feito o mesmo remotamente. Tia Sandra cedeu sua porcentagem ao irmão. Não demorou muito para que Sara precisasse emitir opinião sobre o que faria em seguida.

— Sarinha? E então? — perguntou André.

Ela encarou seu advogado, depois o pai, e o tio, que não havia olhado para a sobrinha em nenhum momento.

— Você vai permanecer como sócia ou vai ceder sua parte também? — insistiu André.

— Preciso tomar uma decisão agora?

— Não. Tecnicamente isso pode ser feito a qualquer momento, quando desejar. Mas...

— Então eu vou deixar as coisas como estão.

Tio Cláudio a olhou.

— Não tenho a mínima condição de fazer parte desta empresa agora. Também não sei se vou querer no futuro. Se o meu pai estiver de acordo, eu prefiro que o tio Cláudio permaneça na presidência.

Eduardo moveu as sobrancelhas, surpreso. A conversa que teve com a filha anteriormente não incluía o cunhado como presidente.

— Por mim, tudo bem.

— Ótimo, posso ir embora? O clima nessa sala é quase palpável.

— Sara levantou-se e saiu, sem dizer mais nada.

As outras pessoas na sala assistiram a garota que, praticamente era a dona da empresa, se retirar, chocados.

— E aí, minha deusa? — Jonas quis saber, quando ela surgiu.

— Depois eu te conto. — Ignorou o noivo e foi até os primos.

Abraçou Bianca e Romeu, um em cada braço.

— Prima... desculpa. Papai obrigou a gente a ficar do lado dele. Eu não queria... — Bianca choramingou.

— Isso é verdade. Como você tá? — preocupou-se Romeu.

— Tô muito melhor agora. Morri de saudade de vocês.

— Sarinha, sinto muito pelo que aconteceu com você. — Jéssica se aproximou e abraçou a prima. — Ninguém merece passar por isso. Eu quis socar meu pai por não me deixar falar com você.

— Ele passou dos limites. Não vamos mais tolerar isso — disse Leandro.

— Amor, melhor a gente ir — Jonas intrometeu-se, colocando a mão na cintura da noiva.

— Jon, cara, desculpa nosso comportamento. Tio Cláudio convenceu minha mãe e não tinha muito o que a gente pudesse fazer — comentou Gabriel.

— *Vocês podia* muito bem ter ficado contra ele.

— A gente tentou! Não pense nem por um minuto que não quisemos ir ver nossa prima depois do que ela passou! — exclamou Carla.

— Papai ameaçou deserdar a gente — justificou Leandro.

— E lógico que cês ficaram tremendo que nem vara verde, né? — rebateu Jonas.

— Caubói, calma. — Sara interveio.

— Sarinha, por que você mudou de ideia? — André apareceu, e perguntou.

— Sobre o quê? — Jonas quis saber.

— Continuo sendo o presidente da Catalão — comunicou Cláudio, radiante.

— *Cê* fez exatamente o que ele queria? Chamar *seus primo* aqui foi uma armadilha, minha deusa! E *ocê* caiu igual trouxa! — O caipira indignou-se.

— Eu não tô nem aí, tá? A vida é minha, a herança é minha, eu faço o que eu quiser com ela. Tô cansada de ficar longe dos meus primos. Não quero ser presidente de empresa nenhuma agora e o tio Cláudio faz isso há anos. Se eu cansar da cara dele e quiser tomar seu lugar, posso fazer isso a qualquer hora. Se eu acordar um dia querendo que o meu pai faça isso, eu posso fazer também. Ninguém vai mais ameaçar ninguém por causa dessa maldição de herança!

O sorriso no rosto de Cláudio desvaneceu e ele se retirou com as irmãs em seu encalço.

— Esquece o tio Cláudio, Sarinha. Aplauda sua decisão — mencionou Gabriel.

— Desculpa se a gente pareceu, através dele, que não respeitamos a decisão da vó — acrescentou Carla.

— Desculpa mesmo — falou Leandro.

— Foi o calor do momento — reforçou Jéssica.

— Nunca mais vou deixar meu pai fazer isso comigo! Ele não tem o direito de afastar a gente, prima! — Bianca zangou-se. — E nem você, Jon.

— Eu? A única coisa que eu fiz foi proteger minha deusa dos ataques *docês*! Eu não vi ninguém ameaçando *ocês* pra dizer *as coisa* que *cês* disseram no enterro da dona Carmen.

— Infelizmente, vou ter que concordar com meu genro — Eduardo intrometeu-se também. — Filha, você merece mais do que desculpas vazias. Nós não temos como saber se isso também faz parte do showzinho orquestrado pelo seu tio.

— Não é, tio Edu! Eu juro! Ele só mandou a gente vir! — defendeu-se Romeu.

— E por *ocês* terem vindo, minha deusa fez o que ele queria. Ela pode ser bruta por fora, mas por dentro é mole que nem manteiga. Eu tô indo embora. Vou te esperar no carro, se não quiser vir, me avisa — Jonas disse a Sara e saiu.

Ela colocou as mãos no rosto e respirou fundo. Toda a certeza que tinha sobre sua decisão, esvaiu-se como a fumaça de uma sopa quando esfria.

— Prima, ele não pode te impedir de ver a gente. Não tá certo — opinou Jéssica.

— O Jonas só está tentando proteger a Sarinha — comentou Eduardo.

— Por favor, Sarinha, ele tá fazendo a mesma coisa que o meu pai! — protestou Leandro.

Sara o encarou por alguns instantes. Conseguia ver verdade no olhar de arrependimento de Bianca e Romeu, somente.

— Você tá mesmo comparando o meu caubói com seu pai, Lê? Isso é um ultraje! Tudo o que o Jon fez foi tentar cuidar de mim. Ele colou todos os pedaços, um a um, que restaram de mim depois que a vó morreu e o único que esteve do meu lado quando fui agredida naquele maldito

banheiro! Vocês não tiveram coragem de enfrentar o próprio pai, que claramente está equivocado, por mim, que não fiz nada de errado. E agora vem me dizer que o meu noivo tá errado em tentar me proteger de vocês? Que só me apunhalaram pelas costas? Eu sinto muito, mas se eu tiver que escolher entre minha própria família e ele, eu fico com a única pessoa que me amou sem pestanejar esse tempo todo. Enquanto vocês não me parecerem sinceros, não quero que voltem pra minha vida. Se quiserem culpar alguém, culpem o filho do meio da dona Carmen — desabafou, e saiu.

Eduardo foi atrás da filha, que fugiu para o banheiro sem esperar o pai. Sara digitou uma mensagem, pedindo para que Jonas esperasse por ela. A geminiana molhou o rosto tentando se acalmar. As coisas tinham novamente saído dos trilhos, como sempre acontecia quando agia e falava sem pensar. Enxugou-se e arrumou o cabelo. Através do espelho, notou três cabines, uma para cada vaso sanitário, e seu coração começou a acelerar. Subitamente, toda a agressão que sofreu no restaurante a nocauteou de uma vez, fazendo-a reviver tudo.

Sara tossiu, desesperada. Seu coração batia tão rápido que não conseguia respirar. Toda tentativa de puxar ar para os pulmões parecia inútil, trazendo uma quantidade insuficiente. Esse esforço fez seu corpo tremer por inteiro e ela não conseguiu mais se sustentar em pé, caindo de joelhos. O baque alto chamou a atenção de seu pai, que a esperava do lado de fora. Eduardo entrou e encontrou a filha agonizando, com o rosto pálido.

— Filha! RESPIRA! — Balançou-a. — O que aconteceu? RESPIRA! — Desesperou-se e começou a chamar por ajuda.

Romeu e Bianca entraram no banheiro.

— Sarinha! — Assustaram-se ao vê-la passando mal.

— Vai chamar o brigadista! — bradou Eduardo, e Romeu saiu correndo.

— Prima... calma... respira... — Bianca começou a chorar, apreensiva. — Tio... acho melhor chamar o Jonas... — Pegou o celular e procurou pela letra J.

Foi difícil conseguir contar o que estava acontecendo, porém Jonas entendeu que havia algo de errado com a noiva e apressou-se em encontrá-la. Demorou algum tempo para achar o banheiro certo, e quando entrou, Sara estava no chão rodeada dos primos, os pais, e até os

tios. A cor do seu rosto não parecia normal, e toda sua roupa e cabelo estavam molhados.

— Eu acho que ela vai desmaiar — avisou Eduardo. — Filha, respira devagar, por favor...

— Minha deusa... — Jonas abaixou-se ao lado dela, que o encarava exaurida, com os olhos quase fechados. — Que aconteceu? — Olhou para o sogro.

— Escutei um barulho e entrei aqui. Eu a encontrei caída no chão, sem conseguir respirar direito. O Romeu foi chamar o brigadista.

— Todo mundo pra fora! — gritou Jonas.

Tinha muita gente nervosa ali.

— Minha flor, me escuta. *Cê* consegue me ouvir?

Sara assentiu.

— Alguém te machucou?

Ela negou, e lágrimas desceram pelo seu rosto. A geminiana tremia tanto que Eduardo teve de apoiar a cabeça dela para que não batesse na parede. Seu peito subia e descia em uma velocidade surreal.

— Como ela veio parar aqui? — perguntou Jonas a Eduardo.

— Ela discutiu com os primos e veio pra cá. Eu a segui e esperei até ouvir o baque no chão.

Jonas segurou a mão da noiva, desconfiado. Olhou em volta, procurando por algo que não sabia o que era. Arregalou os olhos quando tudo fez sentido. Pegou Sara no colo e tirou-a dali.

— Movê-la é arriscado, Jonas! — Eduardo repreendeu-a.

— Ela tá tendo um ataque de pânico. Aquele banheiro é igualzinho ao do restaurante que ela foi atacada.

Seu sogro encarou-o, entendendo.

— Minha flor, olha pra mim. — Segurou o rosto dela, depois de sentá-la no chão, no corredor. — Presta atenção na minha voz, tá bom?

Sara anuiu.

— Nós vamos respirar juntos, tá? Inspira... Expira... Calma, você vai conseguir. Fecha o olho, e presta atenção só na sua respiração. Um: inspira. Dois: expira. Três: inspira. Quatro: expira. Isso, você já melhorou, devagar. Pra dentro... e pra fora... Excelente. Agora presta atenção na minha voz. Não para de respirar comigo. Isso. — Jonas passava a mão no cabelo e rosto dela, devagar, tentando relaxá-la. — Lembra daquele dia que a gente foi no *Pit Dog*? E compramos um X-

Tudo só pra dividir com os cachorros que estavam vendo a gente comer? Imagina que estamos lá agora. Depois que comemos, voltamos pra casa e assim que pisamos na varanda caiu a maior tempestade, lembra?

Sara fez que sim, de olhos fechados.

— E nos deitamos na rede pra ouvir o barulho da chuva no telhado. Consegue ouvir? Vamos ficar na rede um pouquinho, então. Continua respirando devagar.

E assim o goiano continuou relembrando momentos calmos com a noiva por algum tempo, até que seu rosto voltou à cor normal.

— O brigadista tá aqui. — Romeu chegou, apressado, com um homem de uniforme amarelo ao seu lado.

— Afastem-se! — Ele mandou.

— Vamos, gente, deem espaço pra ele trabalhar! — pediu Romeu e todos obedeceram.

O homem mediu os sinais vitais de Sara e confirmou os sintomas de ataque de pânico. Disse que ela já estava bem o suficiente para ir embora, aconselhando muita hidratação e uma consulta com um psiquiatra. A família Catalão assistiu a tudo, angustiada. Eduardo e Suzana insistiram para que a filha fosse a um hospital, no entanto ela não quis. Sentia-se exausta como nunca esteve na vida. Seu corpo inteiro doía, cada músculo latejava, assim como sua cabeça. Sua voz estava rouca e uma sede interminável se apoderou dela. Implorou para o noivo levá-la para casa e ele assim o fez. E desta vez, era o caubói quem queria que aquele dia terminasse o mais rápido possível.



Sara estava tão fraca que precisou de ajuda para tomar banho. Jonas lavou seu cabelo, e auxiliou-a em todo o resto. Deixou a noiva embaixo do chuveiro enquanto se ensaboava também. Tinha pressa de se deitar e tentar dormir um pouco para esquecer aquela imagem da amada agonizando na sua frente. Não se importou que ela preferisse dormir de cabelo molhado naquela noite. Se não fosse por uma coceira incessante nas costas, teria conseguido dormir tranquilamente. Pelo menos até que Sara tivesse um pesadelo. Jonas achou estranho, já que ela havia parado de ter esse sonho recorrente há vários dias. Desconfiou que o ataque de pânico pudesse tê-los desencadeado novamente. Não conseguiu mais dormir depois de acalmá-la.

Levantou-se e foi arrumar algo para comer. Seu estômago reclamava de fome, a cabeça doía com a falta de sono, e a coceira nas costas o enlouquecia. A vida com Sara geralmente era uma bagunça, mas nas últimas semanas as coisas estavam fora de controle, como se o clima que mantinha o furacão sob controle agora o impulsionasse a destruir tudo pelo caminho. Era impossível sentir-se bem com o amor da sua vida sofrendo daquele jeito.

Quando Sara acordou, Jonas cochilava na rede. Nivaldo o despertou, pulando em cima dele. Taylor tentou segui-lo, sem sucesso. Ela ainda era muito pequena para alcançar.

— Oi, minha flor. — O caipira estendeu a mão para a noiva, que arrastou uma cadeira de fio para mais perto da rede.

— Oi. Você não dormiu nada, né? — perguntou, ainda rouca.

— Dormi um pouco. Como *cê* tá?

— Acabada. Nunca tinha passado tão mal assim na vida.

— *Ocê* teve um ataque de pânico. *Cê* ouviu o que o brigadista disse. *Nós precisa* ir no psiquiatra.

— Eu não quero entrar em um banheiro público nunca mais.

— Não é assim que se resolve *as coisa*. *Cê* tem que ir ao médico. Ele provavelmente vai te dar algum remédio pra controlar isso, minha deusa.

— Tá, mas enquanto isso, só vou usar o banheiro em lugares conhecidos. O que eu senti foi horrível. Eu tinha certeza de que ia morrer, que ia desmaiar a qualquer momento. Revivi cada maldito segundo que passei com aquele... ser humano nojento e deplorável. Não basta passar por isso uma vez? Precisa lembrar de um jeito tão... vívido? Foi como se alguém tivesse me dado um soco e jogado na minha cara um balde cheio daquele trauma horrendo que achei ter superado. Me políciei cada maldito dia desde que fui agredida pra não me deixar levar por isso e viver normalmente, em vão.

— Não diz isso, amor. *Cê* é forte por demais, isso tá fora do seu controle. Tá fora do controle de qualquer pessoa que passa por isso.

— Como você sabia a forma certa de me acalmar?

— Uai, sabendo. Eu já tinha lido sobre isso. *Cê* sofreu um trauma, e associou isso a banheiros *público*.

— *Post traumatic stress disorder*. Greys Anatomy serve pra alguma coisa. — Sara sabia o nome técnico, Transtorno do Estresse Pós-Traumático por causa da série que tanto gostava.

— Isso é sério, minha deusa. Talvez se a gente tivesse ido ao médico antes...

— Você tá querendo dizer que a culpa é minha? Ter vivido os mais infernais dez minutos da minha vida?

— Não. Não. Desculpa. Não foi isso que eu quis dizer. A culpa é daquele miserável. — Segurou a mão dela. — Eu sei que *ocê* tá cansada

de tanto trem que tá acontecendo ultimamente. Mas *cê* não tá sozinha. Seu pai me contou o que *cê* falou pro *seus primo*.

— Eles tavam te comparando ao tio Cláudio. Não consegui me conter.

— Foi *bão* pra *eles ouvi umas verdade*. Também não consegui ficar quieto. Mas nada disso teria acontecido se seu tio não tivesse dado um golpe baixo.

— Eu não o culpo. Talvez tivesse feito a mesma coisa.

— Ele sabia muito bem que...

— Eu ia cair igual trouxa? Foi o que você disse.

Jonas abriu a boca para responder, porém, Sara o interrompeu.

— Caubói, não tô brava. Eu fiquei mexida, sim, em vê-los todos lá, depois de tanto tempo. Nunca passamos um período tão grande sem nos falarmos antes. Mesmo quando todos estávamos viajando a lugares diferentes, era como se estivéssemos juntos através do celular, compartilhando tudo uns com os outros. Foi impossível não cair na armadilha do meu tio. Não me arrependo de ter me deixado levar pela emoção. Sempre fui assim, e acho que no final das contas, o tiro saiu pela culatra. Não acredito que meus primos estivessem fingindo. Era uma situação difícil pra eles escolherem um lado.

— Não dá pra confiar no seu tio.

— Não há absolutamente nada que ele possa fazer a não ser continuar seu trabalho normalmente.

— Seu pai ia dar conta de tudo *direitim*.

— Não tenho dúvidas. Mas a Catalão precisa de alguém em tempo integral. No momento, o tio Cláudio está disponível e me dá menos trabalho assim.

— *Cê* não pode mudar de ideia na última hora. O mundo *dos negócio* não funciona desse jeito.

— Eu sinto muito. Sou geminiana e tô sempre mudando de ideia. Não há garantias comigo.

— De novo esse trem de signo, minha deusa. *Cê* tem que parar de justificar *suas atitude* com isso.

— Por quê? Primeiro que, eu não tô justificando nada, eu sou assim. Segundo, horóscopo é algo real.

— Só *procê*.

— Me perdoe se nem todo mundo acredita nisso. Não significa que não seja real.

— *Ocê não é só o que diz no seu signo, é muito mais. Para de se esconder atrás do horóscopo! Para de achar que isso te define! Cê me deixa doido com esses trem besta que cê usa pra poder agir impulsivamente e não precisar nunca pedir desculpas, ou se arrepender das coisa que cê faz! Seu signo não manda nocê, ocê não precisa viver de acordo com essas previsão sem pé nem cabeça! O signo faz parte de você, e não o contrário!* — Jonas havia soltado as mãos dela e se levantado, tamanha sua indignação.

Sara surpreendeu-se com a explosão dele. Nunca tinha visto o caubói aumentar o tom de voz, muito menos falar com ela dessa forma. Estava prestes a argumentar contra, quando o caipira colocou as mãos na cabeça, gemendo de dor.

— Que foi, gato? — Colocou uma mão nas costas dele, apreensiva.

— Minha cabeça tá explodindo...

— Quer um remédio? Vou pegar. — Correu para dentro.

Entregou o comprimido para o noivo e forçou-o a se deitar, todavia ele não conseguiu aguentar ficar assim por muito tempo. Nenhuma posição parecia ajudar com a dor. O analgésico demorou demais para fazer efeito, e Jonas não conseguiu suportar. Sara colocou-o no carro e levou-o até a emergência de um hospital particular próximo. A dor só passou depois de tomar algo mais forte na veia.

Quando o médico foi verificar como ele estava, enquanto tomava a medicação, fez algumas perguntas antes de chegar a um diagnóstico.

— Já que você nunca teve episódios de enxaqueca antes e como tem tido insônia, e pelo que eu vi, alergia na pele — apontou para as costas de Jonas, que já havia examinado —, ao meu ver, você está tendo uma crise de estresse. Te aconselho a relaxar um pouco e ver se as dores de cabeça e a insônia diminuem. Caso contrário, melhor marcar uma consulta e fazer alguns exames pra investigar. Vou te passar um antialérgico via oral e uma pomada pra aliviar a coceira. Depois que parar de tomar, se os problemas insistirem, procure um dermatologista. Mas eu acredito que estou certo sobre o estresse. Vá pescar, rapaz, e vai melhorar. — Rasgou uma folha do bloco de receitas e entregou-a ao goiano.

Sara foi até a farmácia e levou o noivo de volta para casa sem dizer uma palavra. Sentia-se culpada e com vontade de chorar. Por um lado, tinha certeza de que era a razão do estresse do namorado, e por outro, não conseguia esquecer o que ele havia dito. Decidiu respeitar o estado dele e deixar o resto para depois. Era o mínimo que podia fazer por quem cuidou tão bem dela que esqueceu de si mesmo.

Deixou-o cochilar e foi para a cozinha preparar algo e se distrair. Fez um empadão recheado com frango desfiado e palmito, o preferido de Jonas e da maioria dos goianos. O cheiro acordou o caubói assim que Sara tirou a travessa do forno e deixou-a esfriar em cima da bancada da cozinha.

— Misericórdia, coitado *dos vizinho*. — Jonas surgiu na cozinha, sem camisa e de bermuda.

— Isso aí também é pra amigo ou só vale pra amor? — comentou Mateo, passando a mão na barriga.

A patricinha riu e pegou os pratos. Comeram enquanto falavam de assuntos corriqueiros, e depois, a pedido de Sara, Jonas acompanhou-a até o tronco para conversarem.

— Tô preocupada com você, caubói. Essas coisas que aconteceram comigo mexeram com seu psicológico e agora o estresse tá te comendo vivo. Não tá certo.

— É só porque eu não tô conseguindo dormir direito, minha deusa.

— Por causa dos meus pesadelos, né?

— Não. *Cê ficou vários dia* sem ter nenhum e eu, mesmo assim, não conseguia dormir mais que umas *quatro hora*. É óbvio que eu tô estressado, *cê tá cheia de problema. Nós é um time*.

— Ai, gato... Desculpa.

— Não é culpa sua, minha linda.

— Mas eu devia ter percebido que você tava com essa alergia na pele, no mínimo. Que tipo de noiva não nota o próprio companheiro?

— Sua cabeça tava pelejando pra fazer *ocê* dar conta de viver um dia de cada vez sem surtar por conta de um trauma horrível. É compreensível.

— Eu vou ao psiquiatra, ao psicólogo, qualquer coisa que você quiser.

— *Cê tem que ir por si mesma, amor. Não adianta ir lá só por ir.*

— Eu sei. — Fitou-o, como se quisesse dizer alguma coisa e não tivesse coragem.

— Que foi? Tá sentindo alguma coisa? — preocupou-se Jonas.

— Não, não. Tô bem. Preciso confessar que você me magoou com aquela discussão sobre signo, mas eu também te pressionei demais. Se soubesse que você estava com dor, não teria feito isso. Quando eu me sinto injustiçada é como se meu cérebro ligasse o botão da prudência, e as palavras saem sem filtro nenhum.

— Eu tô cansado de saber disso, minha deusa. Desculpa ter falado *cocê* daquele jeito. Não é normal eu fazer *essas coisa*. Eu sei muito bem lidar *cocê* do jeito certo, mas pelo visto o estresse tava se apoderando de mim. Eu não quis fazer pouco caso *dos trem* que *cê* gosta.

— Você não faz, gato. Por isso eu fiquei chocada.

— Mas eu tenho que aproveitar o assunto e te dizer o porquê de ter falado aquilo. — Sentou-se de frente para a noiva, com as pernas uma de cada lado do tronco. — Pra mim, *cê* é muito mais do que de gêmeos. *Ocê* é a minha Sarinha, espevitada, doida de pedra, alegre, que conversa com qualquer pessoa como se fosse conhecido. *Cê* é contagiante, engraçada, autêntica, corajosa, uma *muié* que nunca leva desaforo pra casa. *Cê* trata todo mundo do mesmo *jeitim*, seja quem for. Luta *pelos outro*, defende, se doa, se sacrifica sem pensar *duas vez*. Dá a volta por cima de qualquer um ou qualquer coisa. *Ocê* ama de verdade, sem hipocrisia, sem querer nada em troca. *Cê* é aleatória, camaleão, bipolar, não porque nasceu no dia daquele signo, mas porque *procê* é fácil mudar de ideia, não tem tempo ruim. *Cê* consegue voltar atrás e começar do zero, e *loguim* trocar tudo de novo. Essa capacidade sua de se adaptar me fascina, porque pra mim é um punhado difícil não querer o cômodo, o que me deixa confortável. *Cê* é uma ouvinte maravilhosa, conselheira imparcial, e amiga que conquista todo mundo em qualquer canto que vai. *Ocê* é inteligente por demais, estudada, independente, gosta de ser livre, é sincera. É desastrada e não tem vergonha disso, muito menos se priva de fazer *as coisa* por ser assim. *Cê* é um exemplo pra mim de pessoa que se aceita do jeito que é. Por fora é raiz, mas por dentro é Nutella purinha.

Sara riu.

— *Cê* é um raio de luz que iluminou minha vida e me fez querer viver além. Destruiu *os muro* que eu construí em volta de mim e me fez

mais feliz. Eu era um homem *vêi*, cheio de mania, no corpo de alguém jovem, e agora sinto vontade de *fazer coisa* que antes eu não tinha, vontade de me divertir, relaxar, tentar *uns trem novo*. *Cê* tá sempre em movimento, minha linda, e eu fico querendo te acompanhar porque isso me deixa feliz. E não foi seu signo que me ensinou *esses trem* tudo, foi *ocê*. Você tem as características do seu signo e só. É assim que eu te vejo. — Sorriu, daquele jeito que mostrava os pés de galinha nos cantos dos olhos.

— Caubói, eu não sei nem o que dizer...

— Só promete pra mim que não vai mais se esconder atrás do seu signo. *Cê* é maravilhosa sozinha, não porque o horóscopo disse.

— Você me deu muito o que pensar, gato. Prometo que não vou mais colocar a culpa no meu signo.

— Te amo, minha rainha. — Aproximou-se para beijá-la.

— Te amo também. Agora mais ainda. Você se doou tanto por mim que adoceceu... Não lembro se te agradei, mas obrigada, lindo. Eu notei cada gesto seu, cada palavra. Graças ao seu amor e cuidado eu consigo me levantar de manhã por mim e por você. Sinto vontade de viver e superar meus demônios pra poder voltar a ser essa pessoa incrível que você acabou de descrever. — Sara afagou o rosto dele e o cabelo, depois beijou-o novamente.

Nunca imaginou que sentiria essa necessidade ardente de ser uma pessoa melhor por alguém, que amaria tanto outro ser humano que a menor sombra de o desapontar ou magoá-lo era angustiante. O signo era a única coisa que facilitava o modo como Sara se enxergava, única justificativa que encontrou para sua personalidade e comportamento. Porém, de alguma forma, Jonas enxergava as mesmas coisas sem nada disso. Ele via além. Ponderou o que mais a vida poderia reservar ao lado dele, sem as amarras das previsões dos astros e as características dos signos. Seu relacionamento já era uma montanha russa de emoções gostosa desde sempre, e de repente, a patricinha sentiu que havia muito mais a ser experimentado. Seja o que fosse, só importava que ficassem juntos até o fim.



JUNTOS SOMOS MAIORES

O resto do mês ficou ocupado com várias consultas a médicos de diferentes especialidades. Sara se chateou com o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-traumático que o psiquiatra lhe deu, mesmo já desconfiando que era isso o que tinha. Ele receitou alguns medicamentos para tratar o transtorno, os pesadelos, e um para acalmá-la caso tivesse um ataque de pânico. Também receitou psicoterapia. Tudo isso só a deixou ainda mais sem esperança para superar o que havia acontecido.

A única coisa que a distraiu foi Jonas, cujo objetivo era tentar relaxar para que os sintomas do estresse desaparecessem. A patricinha juntou-se a ele para meditar todos os dias antes de dormir, voltou a fazer ioga, e tentaram comer de forma saudável. Percebeu que era mais fácil se concentrar em fazê-lo se sentir melhor do que ficar desanimada com sua própria situação mental. Não havia nada que ela pudesse fazer por si mesma além de confiar no tratamento.

No final do mês, Jonas surpreendeu Sara com um anúncio sobre sua família.

— Minha deusa, *seus povo* vai vir aqui hoje à tarde.

— Quê? — A patricinha parou de ler seu livro sobre finanças e encarou o noivo da rede.

— Eles tão me pedindo pra voltar a falar *cocê*. Até *seus tio*.

— Nossa...

— Aí eu falei que se *eles quisesse*, teriam que vir aqui pra se desculpar *cocê*. Acho que seu ataque de pânico lá na Catalão fez eles pôr a mão na consciência.

— Vai ser o maior babado da história dessa família. Melhor eu fazer pipoca — comentou Mateo, da mesa.

— Dessa vez você vai poder assistir de camarote, amigo — mencionou Sara.

— Achei que *cê* ia pedir pro Mateo se trancar no quarto.

— Eu, não. Essa casa aqui também é dele. Minha família é visita. Eles que se comportem.

O noivo olhou para Mateo, impressionado.

Pouco tempo depois, os Catalão chegaram em peso. O terreno da casa ficou pequeno pela primeira vez com tantos carros estacionados no quintal e na calçada. Jonas cumprimentou cada um deles educadamente, e organizou-os como conseguiu na varanda. Pediu para que Sara ficasse no quarto enquanto isso. Exceto pelos sogros, que entraram para ver a filha, todos a aguardavam do lado de fora. A patricinha apareceu, acompanhada dos pais, no momento em que a tia Sandra pedia a Jonas que mandasse seu empregado fazer um café, referindo-se a Mateo.

— Tia, esse é o Mateo, ele mora aqui. Não trabalha pra gente, é nosso amigo. Faça-me o favor. Desculpa, Mat. — Sara olhou para o amigo, que tentava não rir da situação constrangedora.

Jonas colocou a mão na nuca dela tentando acalmá-la para que as coisas não saíssem do eixo antes mesmo de começarem.

— Então, meu povo, brigado por *ocês* ter vindo aqui em casa. Antes tarde do que nunca, né? Quero que *cês saiba* que a minha deusa é o trem mais importante da minha vida e eu não tenho vergonha nenhuma de tentar cuidar dela em *todos os sentido*. Qualquer pessoa que não *trate ela* do jeito que ela merece vai se ver comigo. Tenho essa cara de caipira *bonzim*, mas eu sei muito bem tomar *as rédea* quando precisa. Eu não queria ter afastado ela *docês*, foi o único jeito que eu achei de mostrar pra ela que esse relacionamento tava pendendo só pro lado dela. E *cês* têm que saber que foi um punhado difícil pra ela. Espero que *cês*

entenda meu lado. Nós dois é um time. Desculpa qualquer coisa. Agora eu vou deixar *ocês* falar o que *cês* quer pra ela. — O caubói colocou a mão na cintura de Sara e empurrou-a um pouco mais para frente.

Leandro foi o primeiro a se pronunciar.

— Prima, sinto muito por tudo que aconteceu. Agora você sabe que foi contra a nossa vontade que os primos entraram nessa briga pela herança da vovó. A gente nunca quis isso. Depois que te vimos naquele estado, lá na empresa, isso perdeu ainda mais o sentido. Peço desculpas se não agi da forma como eu deveria. Essa briga toda só serviu pra mostrar que você faz muita falta no nosso meio.

— Meu irmão tem razão — Jéssica começou. — Desculpa por toda essa situação horrorosa. Você não merecia.

E assim todos os primos se desculparam, um a um. Tia Sandra e o tio Danilo também falaram algo, assim como a tia Bárbara. O último a dizer algumas palavras foi tio Cláudio, que apenas disse “Desculpa, Sarinha” e fingiu atender uma ligação no celular. Sara esperou que ele terminasse para começar a falar.

— Eu aceito as desculpas de todos vocês e espero que possamos passar uma borracha em tudo que aconteceu desde que a vó morreu. Ela não ia gostar nada de como agimos. Meu caubói só queria me preservar de mais sofrimento, e mesmo assim foi terrível pra mim toda essa situação. Eu não tive minha família pra me amparar a superar a morte da minha vó, então ele fez o que pôde pra me ajudar. Serei eternamente grata ao meu noivo por isso. Sem ele, eu não estaria bem o suficiente agora pra ouvir vocês. — Sara abriu os braços, e Romeu e Bianca foram os primeiros a abraçá-la.

Tio Cláudio inventou uma desculpa para ir embora com a esposa, e tia Sandra também. No final do dia, tudo tinha virado uma grande social entre primos e amigos. Sara abominou o fato de não poder beber em uma ocasião tão propícia de celebração, e agradeceu o noivo por acompanhá-la no refrigerante. Ver todas as suas pessoas preferidas reunidas naquela varanda, algumas pela primeira vez, encheu seu coração de alegria a ponto de esquecer quase completamente todo o caos que tinha vivido.

Notou o noivo rindo ao conversar com Romeu e Mateo em um canto, despreocupadamente usando seu chinelo, shorts, camiseta e chapéu. Foi graças a ele que ela aprendeu como se impor com relação a

sua própria família e a vida de todos havia mudado por causa disso. A geminiana teve tempo suficiente para ponderar o que ele havia dito naquele dia no tronco, e decidiu que faria de tudo para recompensá-lo por todo o bem que fez a ela desde que o conhecera. Ela não era mais uma patricinha viciada em signos que só se preocupava em ter tudo sob controle, do jeito que desejava. Não queria mais se arrepender de tudo que falava e fazia. Não queria ser conhecida pela sua impulsividade. Preferia a versão que Jonas descrevia dela. A sua melhor versão.



Assim que o mês de novembro começou, Sara iniciou os preparativos para a surpresa que tinha planejado. Sabia que o noivo não fazia ideia do que planejava fazer e isso motivou-a ainda mais. Na verdade, seria um choque para todos que conheciam o casal, no entanto, sentia no fundo do peito que era a hora de provar a Jonas o quanto o amava.

Ele estava ocupado ultimamente, tentando colocar em dia o trabalho nas fazendas que havia postergado para cuidar de Sara, e logo teriam de ir novamente para Rio Verde. Então Sara resolveu que quanto antes executasse seu plano, melhor. Acordou naquela manhã de terça-feira, pegou a pasta com todos os documentos e cópias que precisava e colocou na bolsa. Depois mandou uma mensagem para Jonas e deitou-se novamente na cama.

— Bom dia, minha deusa. — O caubói abriu a porta do quarto e sorriu analisando a noiva abraçada a Taylor e Nivaldo.

— Bom dia, amor mais lindo e fofo. — Sara mal conseguia aguentar a ansiedade acelerando seu coração.

— Hoje *cê* acordou mais cedo. — Deitou-se de bruços, apoiado nos cotovelos, e beijou-a no pescoço.

— Você não marcou nada pra hoje, né?

— Não, *ocê* disse que hoje eu não podia fazer nada além de ficar *cocê*.

— Acho bom. Vou te levar em um lugar.

— Mesmo? Uai, por quê?

— Porque eu tô a fim. Tô com vontade de te amar hoje. — Sara abraçou-o.

— Credo, uai. — Jonas sentiu um frio na barriga gostoso e beijou-a.

Colocou os cachorros para fora do quarto e voltou para a cama. Os dois acabaram demorando algum tempo para se levantarem e se aprontarem.

— Não era um dia nosso? — O caipira achou estranho Mateo ter de acompanhá-los onde quer que estivessem indo.

— Eu sei, gato. Mas é por uma boa causa, você vai ver — justificou Sara, entrando no carro.

— Espero que seu nível de estresse esteja controlado, Jon. — Mateo sorriu.

— Cala a boca, Mat — repreendeu-o Sara.

— Cês tão aprontando, né? — Desconfiou Jonas.

— Melhor eu ficar calado porque tá difícil de aguentar a emoção — comentou Mateo.

— Minha deusa... — O caubói encarou a noiva, que dirigia tranquilamente.

— Amor, relaxa. Não é nenhuma loucura.

— Aí depende do ponto de vista.

— Mat!

— Já calei. — O amigo fez sinal de fechar um zíper na própria boca.

— Cês dois cria tipo... — reclamou Jonas.

Ficou apreensivo de repente, prestando atenção no caminho que Sara tomou para tentar descobrir onde o levaria. Mesmo depois que estacionaram, Jonas não fazia ideia do que faziam ali. Esperaram alguns minutos, até que Iara chegou, e foram para uma fila grande que se formava do lado de fora de um cartório que ficava na esquina.

— Não tô entendendo nada — falou o goiano.

— Jon, você é mais lerdo que carroça movida a burro empacado. — Mateo balançou a cabeça.

— Tá devagar mesmo, amigo. — Iara riu.

— Minha flor...

— Gato, você tem a fila toda pra adivinhar. Eu sou um túmulo. — Sara sorriu.

— Cé não vai passar nada pro meu nome não, né?

— Não.

— Na verdade, tudo que é dela vai acabar sendo seu e vice-versa.
— Iara deu a dica.

— Ou não, depende do tipo do troço, que a gente tá indo fazer lá, que ele escolher — mencionou Mateo.

Jonas fitou Sara, sério, com as sobranceiras unidas. Olhou para o vestido branco curto e rendado que ela usava, e seu tênis dourado. Lembrou que a noiva havia pedido que ele usasse uma camisa azul clara, calça e suas botas de couro. Ela mesma tinha limpado seu chapéu no dia anterior. Desviou o olhar para o cartório à sua frente e leu “Registro civil”. As palavras que Iara e Mateo acabaram de dizer fizeram todo sentido de repente.

— Minha deusa do Céu! — Colocou a mão na boca.

— Caiu a ficha, caubói? — Sara gargalhou.

— Aê! — Iara deu tapinhas nas costas de Jonas.

— Meu Divino Pai Eterno!

— Trouxe você pra casar comigo. Você topa? — A patricinha pendurou-se no pescoço dele.

— Misericórdia! *Cê tá doida? E os documento?* — Jonas continuava com os olhos arregalados.

— Peguei tudo sem você ver.

— Mas uai, e a festa? — Colocou as mãos na cintura dela.

— Fazemos depois, com calma. Ano que vem a gente se casa na igreja e faz festa. Casar no civil pra mim é o suficiente por enquanto. E pra você? — Fez carinho no cabelo dele.

— Ô, minha deusa, demais da conta. Que trem mais lindo é *ocê!* *Brigado*, uai. Tô até sem reação. — Coçou a cabeça.

— Que bom, bebê. Te amo. — Beijou-o.

— Vocês nem casaram ainda e eu já tô chorando. — Iara enxugou o canto do olho.

— Contenha-se Iara, contenha-se. Eles só vão dar entrada na papelada do casamento — relembrou Mateo.

— Gente do céu, agora é de verdade esse trem mesmo. Misericórdia, minha flor, *cê nem deixou eu* me preparar, chega meu coração tá querendo sair pela boca.

Os outros riram.

— É por isso que eu quis fazer uma surpresa, gato. Sua reação é impagável.

Aguentaram um bom tempo no sol, enquanto a fila diminuía devagar. Entraram no cartório, entregaram uma quantidade absurda de papel, assinaram mais um tanto, e foram almoçar em uma churrascaria. Iara e Mateo quiseram deixar o casal à sós para comemorarem.

— Tô brocado — informou Jonas, sentando-se à mesa. — *Nós geralmente só vai em Pit Dog.*

— A culpa é sua que me viciou nisso. O cheiro tá muito bom. Também tô com fome. Só tem um probleminha. — Sara fez uma careta.

— O que?

— Preciso ir ao banheiro. — Jonas encarou a noiva, pensativo.

As últimas vezes que ele havia tentado convencê-la a enfrentar um banheiro público não terminaram bem. Duas delas, Sara teve de usar seu remédio para crises. No geral, se ela pudesse, evitaria passar por isso, entretanto, fazia parte do tratamento de psicoterapia enfrentar o trauma da melhor forma possível. Essa era a primeira vez que ela não parecia desesperada com a ideia de tentar.

— Uai, minha deusa, fica calma. Eu vou *cocê*.

— Mas eles não vão deixar, gato.

— *Vamo* fazer assim: eu vou *cocê* até a porta, coloco o cronômetro pra contagem regressiva de cinco minutos. Se ele apitar e *ocê* não tiver saído, eu entro. Dane-se o povo. Explico tudo depois. Pode ser?

— Pode. — Respirou fundo.

Foram juntos até o banheiro feminino, pararam na porta, e Jonas segurou o rosto dela.

— Respira devagar. Lembra? Um: inspira. Dois: expira. Presta atenção na contagem e esquece do resto. Vai rápido que *cê* sai rápido. Eu tô bem aqui de olho *nocê*. Vai dar tudo certo. — Beijou-a na testa.

Sara assentiu e começou o exercício de respiração. Fechou os olhos, abriu-os e entrou no banheiro. Saiu assim que o cronômetro chegou no terceiro minuto. Ela estava com falta de ar e tremia, o que comparado ao primeiro episódio de ataque de pânico que tivera, não era tão assustador.

— *Cê* foi que nem raio, amor. Conseguiu?

Ela balançou a cabeça positivamente.

— Então agora respira. Já acabou. Deu tudo certo. — Jonas afagou o rosto dela.

Não demorou muito para voltarem à mesa e começarem a comer.

— Até que dessa vez não foi tão ruim. — Sara animou-se. — Acho que finalmente os remédios estão fazendo efeito.

— E *ocê* também tá aprendendo a controlar. Não vai demorar muito *procê* parar de sofrer com esse trem. *Cê* vai ver. — Jonas sorriu, orgulhoso.

— Você é um santo, caubói. Por aguentar isso.

— Não é divertido, mas eu fico mais preocupado *docê* ter que passar por isso sozinha.

— Você merece o mundo.

— Fico feliz de merecer só *ocê*. Pra mim já tá *bão*.

— Se a gente não tivesse aqui, eu provavelmente daria um grito daqueles.

— Meu ouvido agradece.

Sara colocou a mão na boca para rir.

— *Brigado* por isso, minha deusa. Eu tô tão feliz que não tô cabendo em mim. Juro que nunca esperaria isso *docê*.

— Eu não sou mais a mesma de antes. Desde que te conheci, reconheço que mudei bastante. Sinto que ainda sou eu mesma, em essência. Mas muitas outras coisas não soam mais como antigamente pra mim.

— Tipo o quê? Pra mim *ocê* só parece mais tranquila. Antes qualquer coisa *cê* já tinha uma resposta pronta, vivia na defensiva. Agora não.

— Obrigada pela parte que me toca. Eu achava que estava fazendo muita coisa só pra te acompanhar, mas eu tenho pensado bastante sobre mim mesma e percebi que, na verdade, eu fazia porque gostava. Você só me mostrou que aquilo era uma possibilidade, e eu adorei. Adorei passar tempo no meio do mato, tanto quanto passava nos shoppings, adorei andar de cavalo como adoro um carro com ar-condicionado, adorei cochilar na rede assim como adoro me deitar em um lençol de seda, adorei andar descalça na terra como adoro uma sandália de salto quadrado. Pela primeira vez, essa dualidade deixou de ser algo negativo e se tornou uma parte positiva da minha vida. Acho que eu só fui capaz de notar isso depois de me desapegar do meu signo. E ninguém poderia ter aberto meus olhos pra isso além de você. Quando eu te encontrei, me encontrei, caubói.

Jonas parou de comer, abismado com as palavras dela.

— Que lindeza, minha deusa. *Brigado*.

— Você me libertou das amarras que eu coloquei em mim mesma. Eu sempre me senti meio perdida, como se flutuasse em um mundo sem gravidade, batendo em coisas aleatórias. Eu gostava de tudo o que eu batia, então não sentia vontade de sair desse estado. Pra mim não fazia diferença. Você me trouxe o equilíbrio que eu precisava pra ir pro chão, e eu aprendi que isso é o verdadeiro controle que sempre busquei ter da minha vida.

— Por isso *cê* resolveu me levar no cartório?

— Lógico, eu não sou doida de deixar você solto por aí. *As mina* pira em um *agrob*oy.

O caubói gargalhou.

— Fico feliz por demais de ter te ajudado em alguma coisa, minha linda. Enche meu coração de alegria saber disso. Principalmente, porque o sentimento é recíproco.

— Você não se atreva a falar esse tipo de frase bonita com um português perfeito. Eu não posso te agarrar em público. — Provocou mais risadas no noivo.

— Acho melhor nós irmos dormir no seu apartamento hoje. Pra *nós poder* comemorar com gosto.

Foi a vez de Sara gargalhar.

— Topo!

Voltaram a comer com o coração pulsando de felicidade. Jonas continuava sentindo que seu coração ia explodir, pensando que dali um mês, Sara seria sua esposa. Ao lado dela, nada parecia complicado demais que não pudesse ser resolvido. Juntos, eles eram maiores que qualquer coisa.



A notícia dos proclames do casamento de Sara e Jonas deixaram ambas as famílias extasiadas. Dona Estela e dona Suzana decidiram se conhecer pessoalmente na casa do casal, e começaram a planejar um almoço para comemorar o casamento no mês seguinte. Por mais que a geminiana reclamasse que a comemoração seria somente no próximo ano, Suzana não deu ouvidos, muito menos sua sogra. Combinaram de alugar o salão de festas do condomínio onde os Martins moravam e escolheram o cardápio que seria preparado pelas mães dos noivos. Ao contrário do que Jonas pensava, as duas pareciam se entender perfeitamente, e até se gostar. Isso deu-lhe esperança de que talvez não fosse ocorrer uma terceira guerra mundial quando os Catalão conhecessem os Viana. Os acontecimentos daquele ano amaciaram a família rica o suficiente para sobreviverem a um almoço ao lado dos caipiras. Pensou que no final, acabaria talvez sendo um evento mais cômico que trágico.

Apesar de ansiosos com o casamento civil, a vida do casal não podia parar. Jonas conseguiu resumir seu trabalho em Rio Verde a apenas duas semanas, em vez de quatro, porém, teria menos tempo livre para ficar com Sara, que não se importou. Estar na fazenda já era um

divertimento suficiente para ela. Depois de tudo o que havia passado, ir para lá com o noivo, mesmo tendo menos tempo com ele, era quase um prêmio de consolação.

E foi exatamente isso o que aconteceu. Os dias na fazenda Tulipa passaram tranquilos, apesar de cheios de afazeres. Os dois acordavam e dormiam cedo. Sara passava a maior parte do dia em meio aos animais, ou andando de cavalo seguindo os funcionários. Jonas cuidava da plantação, verificava o andamento de tudo e organizava várias demandas administrativas. No domingo, passaram o dia juntos, agarrados um ao outro na casa principal, sem fazer nada além de cochilar e assistir filmes. A vida dessa forma não poderia ser mais proveitosa e relaxante. O goiano não reclamava mais de coceira nas costas, tinha voltado a dormir normalmente e não sentia mais dores de cabeça.

Os pesadelos de Sara sumiram por completo nos últimos dias deles em Rio Verde, e ela resolveu comemorar chamando os primos para passarem o final de semana com eles antes de voltarem para casa. Também convidaram André, Iara, Leonardo, Mateo e Luiz. O problema foi que cada um deles levou pelo menos um amigo ou namorado junto. E um encontro de primos e amigos acabou virando uma festa com música alta e bebida.

Já era madrugada quando a maioria deles foi embora para dormir na cidade, já que não havia espaço suficiente para todos ali. Sara teve de levá-los até a pousada onde ficariam hospedados para indicar o caminho, já que Jonas tinha bebido um pouco a mais naquela noite, merecidamente. Acabou ficando com Iara e Romeu em Rio Verde, por causa do cansaço e do avançar da noite. Mandou uma mensagem para o noivo e, como ele não respondeu, foi dormir.

Voltou para a fazenda assim que acordou no dia seguinte e assustou-se com a situação da casa. Não tinha percebido a quantidade de bagunça que fizeram na noite anterior. Surpreendentemente, Jonas ainda estava apagado, jogado no sofá. Com certeza havia adormecido ali esperando por ela, sem nem ao menos ver sua mensagem. Foi até a cozinha preparar um almoço leve, já que a hora do café da manhã havia passado enquanto todos dormiam. Perto de uma da tarde, Marta, Janaína, Mateo, Leonardo, Luiz, Bianca e o namorado acordaram. Sara preocupou-se com o noivo, que permanecia dormindo profundamente no sofá. Ele tinha o sono leve e não estava acostumado a beber como havia

feito na noite anterior. Provavelmente era por isso que ainda não tinha acordado.

Comeram na varanda dos fundos, para não o acordar. Curtiram algumas horas na piscina, e quando estavam prestes a irem embora, Jonas se levantou.

— Gato, eu já ia te acordar. Tá tudo bem? Nunca te vi dormir desse tanto. — Sara foi até o noivo e o beijou.

— Acho que nunca tinha bebido que nem ontem. Misericórdia, tô numa ressaca... — Passou as mãos no rosto. — Minha cabeça tá estourando.

— Vou pegar um remédio, mas você precisa beber água e comer alguma coisa. São cinco da tarde, lindo.

— Nossa senhora. Credo. Dormi demais da conta. — Sentou-se numa cadeira.

O casal despediu-se dos amigos, e devido ao estado de Jonas, decidiram voltar para casa no dia seguinte. Sara aproveitou esse momento raro e paparicou o noivo, enchendo-o de carinho e cuidado até ser vencida pelo sono. Acordaram cedo no dia seguinte e foram embora.

No caminho de volta, recebeu uma mensagem de um número desconhecido. A pessoa não tinha foto nem nome no Whatsapp e mandou um vídeo sem dizer nada. O sinal na estrada oscilava demais, então a patricinha deixou para checar do que se tratava quando chegasse em casa.

Assim que chegaram, foram recebidos por Nivaldo e Taylor, felizes e saltitantes de terem os donos de volta depois de quinze dias longe. Passaram algum tempo brincando com os dois até que Jonas, cansado da viagem, preferiu tomar um banho. Sara continuou deitada no chão, embolada com os cachorros até seu estômago roncar. O caubói pediu algo para comerem enquanto foi a vez dela de ir para o banho. Quando terminou, sentou-se na beirada da cama, enrolada na toalha, e foi verificar o celular. Encontrou aquela mensagem estranha e baixou o vídeo. Seu conteúdo foi tão inusitado que não conseguiu assistir até o fim. Não sabia se ficava nervosa, irritada, ou se chorava. Respirou fundo e deu *play* novamente para ter certeza.

Jonas estava no refeitório da fazenda, na noite da festa na casa principal, ao lado de uma mulher que Sara não lembrava quem era. O vídeo não tinha som nem cor, contudo, notou que os dois conversavam

alguma coisa. Poucos segundos depois, ela beija o caubói e coloca as mãos dele no quadril dela. Ele parecia meio perdido, sem saber o que fazer, então a mulher o conduz, encostando-o na pilastra do canto. Ela retira o cinto dele e abre o botão da calça sem parar de beijá-lo. Quando a situação começa a evoluir, a gravação termina.

O coração de Sara deu saltos maiores do que ela conseguiu suportar sem tossir. Foi até o banheiro e lavou o rosto tentando se acalmar. Terminou de se vestir, penteou o cabelo e foi até a sala tirar satisfações com o noivo.

— Preciso que você me diga o que é isso. — Mostrou o celular com o vídeo.

Jonas encarou o telefone, confuso, e deu *play*. Colocou a mão na boca, chocado, e um desespero súbito tomou conta do seu corpo.

— Minha deusa, eu... eu... não fiz isso. Não é possível, eu não lembro de nada disso!

— É meio difícil contestar um vídeo. Esse claramente é você, Jon.

— Eu juro *procê* que não lembro disso.

— Não se lembrar não anula o que você fez.

Jonas encarou Sara. Ela parecia preocupada e um pouco irritada. Provavelmente, estava tentando se controlar para não fazer uma cena.

— Minha linda, eu juro, não tem como eu ter feito isso. Eu não lembro de nada. Nunca nessa vida eu ia fazer isso *cocê*. — O caipira a fitou com um olhar apreensivo, temeroso.

A patricinha respirou fundo e balançou a cabeça. Por mais inacreditável que fosse, ele tinha, sim, cometido uma traição. Mesmo que seu coração dissesse que o caubói nunca faria isso. A prova era concreta demais.

— Eu sinceramente não sei o que fazer. Meu cérebro colocou esse vídeo pra repetir *over and over again*.

— Não faz nada precipitado, minha deusa. Eu vou tentar descobrir de onde saiu esse trem. — Jonas devolveu o celular dela e saiu com seu próprio telefone na mão.

Cinco minutos depois, recebeu uma mensagem do mesmo número que havia enviado o vídeo.

Número desconhecido:

Seu *agroboby* não é quem diz ser. Toma cuidado.

Aquilo era no mínimo suspeito. Algo em seu estômago borbulhou de desconfiança, e a patricinha foi até a varanda procurar por Jonas para mostrar a mensagem. Ele conversava com Mateo tentando descobrir quem era a mulher desconhecida. Reparou que o noivo tremia as mãos, ao pesquisar alguma coisa no celular.

— Sarinha, eu nunca vi essa mulher na minha vida, mas eu também tava tão bêbado aquele dia que não lembrava nem de mim — pontuou Mateo. — Se a gente não lembra, é porque não fez.

— Só se for nessa sua cabeça de cacatua falsificada.

— Eu não lembro de sair da casa principal, muito menos de ir pro refeitório com essa catilanga. Eu não lembro nem que ela tava lá.

— Eu sei que ela veio com alguém, mas não consigo lembrar se foi com o Lê ou a Iara. Não dá pra ver muitos detalhes dela porque a imagem tá péssima e em preto e branco — ponderou Sara.

— Tinha muita gente diferente nessa festa — Mateo lembrou. — Só a Sarinha não bebeu, por causa dos remédios que ela toma. Eu só não sabia que o Jon tinha bebido tanto assim.

— Eu bebi mais que o normal, mas não lembro de beber a ponto de esquecer os *trem* desse jeito.

— Você não tem muita tolerância ao álcool — disse Mateo.

— Isso não muda o fato que uma traição aconteceu — frisou Sara.

Jonas encarou Mateo com um olhar desesperado. A patricinha sabia que alguma coisa estava errada, todavia esqueceu-se completamente desse pensamento quando viu várias mensagens de seus primos, de Iara, e até dos seus pais.

— Vamos tentar descobrir o que aconteceu primeiro, Sarinha. Vamos ser civilizados. — Mateo tentou ajudar o amigo.

— Fica difícil depois de receber isso. — Sara mostrou a foto que todos os seus conhecidos receberam.

Jonas beijando a mulher, de chapéu e tudo. Parecia uma foto tirada da imagem da câmera de vigilância que originou o vídeo. Apesar de não dar para reconhecer a mulher por causa da qualidade ruim, não tinha como negar que era o caubói.

— Ave Maria. — O caipira coçou a cabeça, incrédulo.

— Misericórdia. — Mateo fez uma careta. — É meu amigo, tá ficando difícil. Será que isso aconteceu depois que você foi levar o povo a Rio Verde?

— Claramente. Eu me lembraria se meu *noivo* desaparecesse pra beijar outra mulher mesmo se estivesse bêbada. — Sara percebeu que sua versão paciente estava sendo tomada pela barraqueira.

— Amor...

— Não quero saber. Chega. Esse problema não é meu pra eu ficar aqui toda calma tentando descobrir o que aconteceu. Você se meteu nessa, você que resolva. Eu vou embora.

— Minha deusa do céu, por favor, me ouve. Eu não fiz isso *cocê*! Eu juro!

— Pode falar o que você quiser. Essas provas são irrefutáveis! Até você tá impressionado! Eu não sou obrigada a ficar aqui olhando pra sua cara.

— Eu juro *procê* que não te traí! — Jonas andava atrás de Sara, que procurava sua bolsa e chave do carro.

— Prove. Se você não me traiu e aquele vídeo de alguma forma é falso, prove. Aí eu volto. — Entrou no carro e colocou a bolsa no banco do passageiro. — Vou levar a Taylor. — Chamou a cadela e prendeu-a na coleira de forma segura no banco de trás.

— Minha flor, não vai não... Eu vou descobrir que desgrama é essa. Prometo *procê*. Fica aqui.

— Descobre, e eu volto. — Ela ligou o carro e foi embora.

Viu pelo espelho retrovisor que Jonas parecia desconsolado. Sentiu um incômodo na barriga, lembrando-a de que algo estava errado, entretanto, naquele momento, só conseguia pensar que ele havia beijado, se agarrado e sabe-se lá o que mais chegou a fazer com outra mulher. O incômodo virou nojo e a raiva inflou novamente em seu peito. Traição era algo inadmissível. Isso sem contar a decepção.

Chegou em seu apartamento e o vazio daquele lugar atingiu-a em cheio. Tudo parecia gelado e sem graça. Observou Taylor cheirar cada objeto que encontrava, e sentiu falta de Nivaldo. Arrependeu-se de não o ter trazido também. Se ficar provado que o vídeo é autêntico, vai lutar pelo cachorro na justiça se for necessário. Jonas não merecia ficar com ele. Jogou-se no sofá, desanimada, e ignorou todas as notificações que recebia no celular, certamente de todos querendo saber se a foto era verídica. Não havia mais nada que ela pudesse fazer a não ser esperar que o noivo descobrisse a verdade, seja ela qual fosse.



Dois dias se passaram e Sara não aguentava mais ignorar todos os seus amigos e familiares. Jonas tentou falar com ela diversas vezes, mas em nenhuma delas tinha alguma resposta sobre o vídeo, e por fim, a geminiana parou de atendê-lo. Sentia-se irritada pela falta de notícias e estava odiando ficar naquele apartamento sozinha que nem uma geladeira tinha. Taylor parecia entediada, já que não era acostumada a ficar em um espaço pequeno onde não podia fazer suas necessidades. Decidiu que a levaria para ver Nivaldo e assim pressionaria o noivo sobre toda essa situação.

Chegou na casa dele em Aparecida de Goiânia e encontrou-o sentado à mesa, procurando alguma coisa no computador. Mateo não estava lá.

— Minha deusa, que *bão* que *cê* voltou. — O caubói ficou aliviado em vê-la.

— Só vim visitar o Niva e trazer a Tay pra correr um pouco.

— *Cê* devia ficar aqui, eu durmo no outro quarto se quiser. Essa casa também é sua.

— Não, obrigada. — Sara deu atenção para Nivaldo. — E aí? Alguma novidade?

— Nada.

— Cadê o Mat?

— Saiu.

— Você ligou pro André?

— Pra quê?

— Jon, ele é advogado. Pode te ajudar a descobrir sobre o vídeo. Rastrear, sei lá.

— Eu tô pelejando pra achar essa *muié* na internet, mas tá difícil.

— Isso é como procurar uma agulha no palheiro.

— Não sei mais o que fazer.

— Desse jeito você não vai resolver essa bagunça. Já mandou o vídeo pro Léo? Ele é bom com edição e pode te ajudar a descobrir alguma coisa.

— Não tinha pensado nisso.

— Você não tá fazendo nada! — exclamou Sara, impaciente.

— Eu tô tentando! Mas não tô conseguindo pensar direito! Quando *cê* não tá aqui eu fico meio perdido. Não consigo parar de pensar *nocê*.

— A culpa não é minha. Quem começou isso tudo foi você.

— Eu não fiz nada! — Jonas se levantou, aflito.

— Você não sabe porque não consegue se lembrar. Talvez tenha feito, sim.

— Mas eu não queria!

— Para de choramingar e age! As coisas não vão se consertar sozinhas! — Sara ouviu o barulho do portão se abrindo, e Mateo entrando com o carro.

— Dá pra ouvir os gritos de vocês lá de fora — contou Mateo, depois de estacionar.

— Minha deusa, por favor, fica — implorou Jonas.

— Não. — Sara cruzou os braços.

— Jon, cara, *cê* achou a mulher?

O amigo negou.

— Lá no meu trabalho não conseguiram descobrir de onde veio aquele vídeo. Disseram que precisamos do seu celular, Sarinha — informou Mateo.

— Você colocou o Mat pra fazer isso? Qual é o seu problema? — perguntou Sara a Jonas.

— Eu não consigo raciocinar sem *ocê*!

— Tô vendo que isso nunca vai se resolver e você vai gastar todo seu tempo implorando meu perdão.

— Se *ocê* ficar, eu juro que vou conseguir me concentrar...

— Você não pode ser dependente de mim dessa maneira. Precisa ser capaz de solucionar seus problemas sozinho, Jonas. Você não precisou de mim pra me trair. — Sentiu o rosto esquentar.

— Desculpa. Eu não lembro. Juro que não queria fazer isso *cocê*... — Passou a mão no rosto, desesperado.

— O malfeito foi feito, a única coisa que você pode fazer pra remediar as coisas é me provar que tudo não passa de um mal-entendido, intriga da oposição, armação de novela... SE VIRA! — Sara perdeu a paciência.

Foi até o quarto, pegou uma mala e começou a jogar suas roupas dentro.

— Minha deusa, por favor... para com isso... — Jonas colocou a mão no rosto, agoniado. — Fica calma e pensa um pouco, não faz *as coisas* com raiva.

— Eu acho incrível o quanto você é contraditório, enquanto eu sou a garota de gêmeos. Adora me dar lição de moral dizendo que eu fico me sabotando, fazendo minha própria caveira pra você, me diminuindo sem necessidade. Mas quando quero fazer as malas e ir embora de casa porque *você* pisou na bola e *eu* não fiz nada de errado, aí tô sendo impulsiva, agindo sem pensar. Nessas horas você não lembra que fui eu quem largou a vida completamente pra ficar com você, né? Eu que parei de trabalhar pra passar mais tempo com você, eu que vim morar aqui, quando poderíamos perfeitamente ficar no meu apartamento. Eu que aceitei ser uma pessoa melhor pra me encaixar no seu mundo, diminuí o ritmo, me contagiei pelos seus gostos, enquanto você terminou comigo na primeira vez que se sentiu inseguro por coisas que só existiam na sua cabeça. Você também esqueceu disso? — Ela continuava jogando suas coisas de qualquer jeito dentro da mala.

— Amor, por favor...

— Eu nunca exigi nada de você, nunca te pedi nada, nunca quis te mudar. Eu só pedi pra me provar o contrário e nem isso você é capaz de fazer. Então não vou mais perder meu tempo esperando. — Levou a mala até seu carro.

— Uai, Sarinha... — Mateo estranhou a bagagem.

— O Jonas não tá fazendo nada pela gente, não tá lutando, só choramingando. Ele precisa de mim pra descobrir se me traiu? Faça-me o favor. Eu não sou obrigada a passar por isso. Se ele quiser que eu volte, já sabe o que deve fazer. Se não conseguir, então não tem volta — disse, ignorando a presença do noivo.

— Minha deusa, não vai embora de casa, por favor! Não me deixa!

— Se você vier atrás de mim eu não vou atender a porta! Vai ficar do lado de fora, então não se dê ao trabalho e me poupe também! Tô cansada de ser a única que luta por esse relacionamento. — Ligou o carro, chamou os dois cachorros, e saiu.

— Ela levou o Niva? — Mateo ficou confuso.

— Meu Pai do Céu... eu não tô acreditando... — Jonas saiu, com a mão no rosto e choro engasgado na garganta.

— Meu filho, nós temos que fazer alguma coisa. Você ouviu o que ela disse. — Mateo foi atrás dele, mas o amigo já tinha se trancado no quarto, desolado.

No dia seguinte, para desespero de Jonas, Romeu apareceu com Iara para buscar o resto das coisas de Sara. Mateo teve de tirá-lo de casa, pois ele não queria deixar que levassem as coisas dela. Brigou, reclamou e chorou na frente de todos, tentando impedi-los sem sucesso. Ele não conseguia pensar ou fazer nada que não fosse encontrar um jeito de fazê-la voltar para casa.

— Cara, reage. Você tá pior que adolescente de coração partido aos quinze anos — disse Mateo ao amigo, que lavava o rosto, abalado, no tanque, nos fundos da casa.

Iara e Romeu tinham ido embora e ele pôde trazer o amigo de volta para casa.

— Não tem como, minha deusa saiu de casa. *Nós ia* casar, moço... — choramingou.

— Justamente por isso você tem que arrumar as coisas! Ficar chorando e reclamando que ela foi embora não muda nada!

— Não consigo... Sem a minha linda não dá... — Jonas retirou-se e trancou-se no quarto.

Arrependeu-se no momento que entrou lá e viu o guarda-roupa vazio de um lado, a pia do banheiro sem as coisas dela, a cama sem a bagunça que deixava ao escolher uma roupa pela manhã. A sapateira que ficava no quarto ao lado provavelmente também estava vazia. Enfiou-se debaixo do edredom que ela havia trazido do apartamento dela, e chorou novamente, completamente desesperançoso do futuro. Sabia que Sara não dava segundas chances e ele já tinha usado a sua logo no início. Seu coração doeu de pensar que talvez tivesse de se acostumar a um mundo sem a amada, um mundo em que ele ficaria sozinho. Imaginar algo assim era impossível. Insuportável. Deixou-se afundar no desânimo, sem vontade de fazer mais nada.



Uma semana havia se passado sem que nada mudasse. Todos os dias Sara aguardava ansiosamente para que Jonas aparecesse, ligasse, ou mandasse um carro de som se fosse necessário, para avisá-la que descobrira alguma coisa sobre o vídeo. Recusou-se a trazer de volta todos os seus eletrodomésticos, com preguiça de lidar com a logística. Obrigou sua família a não se meter e tentou se manter afastada de todo o problema, pois seu ego mandava deixar que o noivo desfizesse o nó que criou. Aquele incômodo no estômago continuava lembrando-a de que algo muito errado estava acontecendo bem debaixo do seu nariz, enquanto ela fazia vista grossa. Naquela quinta-feira, não conseguiu mais ficar quieta e mandou mensagem para Mateo.

Eu:

Oi, amigo.
Sou eu, Sara.

Mat:

Quem tá viva sempre aparece.

Eu:

Tô usando outro número.
E eu terminei com o Jonas, não com você.

Mat:

Que ele não leia essa mensagem. O Jon tá crente que um milagre vai acontecer e ele vai acordar como tudo era antes.

Eu:

Como assim?

Mat:

Ele não sai do quarto, Sarinha. Quando sai, fica na rede ou deitado no chão, sem ânimo pra nada. Quem tá correndo atrás das coisas sou eu e o Léo. E o André também.

Eu:

Descobriram alguma coisa?

Mat:

O André foi até Rio Verde com o seu Joaquim e descobriu que o segurança deixou aquela mulher entrar na sala de vigilância e baixar o vídeo. Ela disse que era sua amiga.

Eu:

Mentirosa. E aí?

Mat:

O vídeo foi apagado. Não tem nenhuma gravação da hora que ela entra na guarita em frente.

Eu:

Que inferno.
Eu ainda não consigo lembrar dessa energúmena.
Ela me é familiar, mas não sei quem.

Mat:

O André disse que precisa do seu celular pra enviar para um especialista tentar localizar a pessoa que enviou pra você o vídeo.

Sara demorou para responder, pensando.

Mat:

Tá aí?

Eu:

Tô.

Mat:

Você realmente acha que ele fez isso?

Eu:

Não. Mas você sabe como eu sou.

Não dá pra tolerar certas coisas.

O problema é que meu caubói desistiu de lutar,
então acho que vou ter que lutar por nós dois.

Mat:

O que você vai fazer?

Eu:

Encarnar o Batman e descobrir quem
jogou criptonita no meu Clark Kent.

A patricinha colocou uma calça jeans *jogger*, tênis, e uma camiseta branca escrito “*Goiânia, & Goiás, & Pamonha, & Pão de queijo, & Frango com pequi*”. Pegou seus cachorros e foi até a casa de Jonas. Encontrou-o jogado na cama assistindo qualquer coisa no celular.

— Levanta. — Mandou, abrindo a porta abruptamente.

— Minha deusa?

— Credo, Jon, reage. Toma um banho, coloca uma roupa decente que nós vamos receber visita.

— Você voltou pra casa? — O caubói estava com os olhos inchados e o rosto abalado.

— Não. Eu chamei todas as pessoas que estavam naquela festa na fazenda pra cá hoje à noite. Vamos descobrir como aquele vídeo aconteceu.

— O André disse que ele não foi editado.

— Eu sei. — Sara abriu o guarda-roupa e jogou uma camiseta e calça em cima do caipira.

— Não tem mais o que fazer, Sarinha. — Jonas encarou-a, desanimado.

— Tem, sim. Não acho que aquela vaca tenha apenas te convencido a ir pra fora da casa com ela. Alguma coisa aconteceu e eu vou descobrir. Ou não me chamo Sara Martins.

— Cê acredita em mim?

— Não sei. Talvez. Você tem cinco minutos pra ficar pronto ou eu vou desistir de tentar lutar por você. — Olhou para o noivo, séria e impaciente.

Jonas arregalou os olhos, surpreso. De repente seu peito encheu-se de esperança e talvez ainda tivesse alguma chance de conseguir Sara de volta. Tomou o banho mais rápido de sua vida, vestiu-se com as roupas escolhidas por ela e juntou-se à noiva no carro, que já estava ligado. Foram até o mercado comprar comes e bebes e voltaram no início da noite. Sara inventou uma desculpa de que ela e Jonas estavam melhores do que nunca, e ameaçou os primos com todos os segredos que sabia sobre eles até convencê-los de trazerem exatamente as mesmas pessoas que levaram para Rio Verde. A geminiana sabia exatamente o que fazer para reconhecer a pessoa no vídeo.

Preparou a casa com música e um ambiente descontraído para os convidados. Não demorou muito para começarem a chegar. Sara desejou poder beber para se acalmar, tamanha agitação que sentia internamente. Ainda faltava seu primo Leandro chegar com a namorada e os amigos, porém ela não conseguia ver nada de suspeito nas pessoas presentes ali. Se a mulher misteriosa não estivesse entre os amigos do primo, teria de colocar o plano B em prática.

— Se você não disfarçar, a meliante vai descobrir. — Mateo aproximou-se da amiga. — Você tá mais séria que uma porta. Todo mundo aqui sabe que a Sarinha é hiperativa e escandalosa.

— Você tá certo — concordou Sara.

Mateo e André eram os únicos que sabiam o que ela planejava. Aumentou o som, tirou os sapatos e começou a dançar. Marta, Janaína e Iara juntaram-se a ela, assim como suas primas. Os homens começaram a comemorar e a ovacionar as mulheres. Jonas estava quieto, sem saber o que fazer, sentado numa cadeira de fio perto da churrasqueira. Sua apreensão ameaçava dominá-lo e não queria atrapalhar o que quer que Sara estivesse tentando fazer. Não conseguia reconhecer a mulher

misteriosa em nenhum dos rostos presentes ali, apesar de saber que ela era familiar.

Assim que Leandro chegou com o resto dos convidados e a patricinha não suspeitou de ninguém, pegou seu antigo celular com um número diferente e baixou a música, sem que as pessoas percebessem. Todos estavam ocupados cumprimentando os recém-chegados ou bêbados demais para notar. Ela chamou o número que havia lhe mandado o vídeo e esperou. Leandro pegou o celular do bolso, olhou alguma coisa na tela e guardou-o novamente.

Sara fitou a tela do próprio celular e viu que a ligação tinha sido recusada. Bufou de raiva e encostou-se na parede, tentando pensar.

— Quão amiga você é da Janaína? — perguntou André, aproximando-se com um papel na mão.

— Por quê? — Sara juntou as sobrancelhas.

— Porque ela é a única que não está aqui. Eu e o Mateo fizemos uma lista das pessoas que estavam em Rio Verde. Só ela não veio.

— Que eu me lembre, ela tava lá — Mateo se recordou.

— E ela dormiu na fazenda — Sara pontuou, e foi até uma roda de pessoas do lado oposto da varanda.

— Você não parece muito animada hoje, amiga — Iara falou, quando Sara se aproximou.

— Má, cadê a Jana?

— Ela me disse que não vinha porque tinha um compromisso — Marta respondeu.

— Que seria? — Sara insistiu.

— Não faço ideia.

— A Jana nunca falta a nada que eu invente. Ela tem complexo de vitimismo, então faz questão de comparecer em qualquer coisa — a geminiana informou André.

— Principalmente se for um rolê com os primos dela — Marta confirmou.

Sara pegou seu celular reserva e ligou para a amiga.

— Alô? — Janaína disse.

— Oi, Jana. É a Sarinha. Você tá em casa?

— Oi, amiga. Não estou. Precisei vir na minha mãe hoje.

— Você trocou um rolê comigo pra ir ver sua mãe? É sério isso?
— Sara fingiu frustração.

— Desculpa. Foi uma emergência. Já tá tudo bem, não se preocupe.

— Se precisar de algo, me fale.

— Pode deixar, preciso ir — Janaína desligou sem esperar pela resposta da amiga.

Sara caminhou até Jonas e mandou-o acompanhá-la, assim como Mateo e André.

— Aonde a gente vai? — O caubói quis saber.

— Arrancar a pele de uma cobra à força.

— Você tem certeza de que foi ela? — Mateo questionou.

— A Jana odeia a mãe dela. Ela nunca deixaria de vir a uma resenha minha pra ver a mãe, nem se estivesse à beira da morte. Os pais dela nunca foram presentes e quando foram, fizeram da sua vida um inferno. Não acredito nem por um segundo que ela esteja falando a verdade. Vou tirar isso a limpo e vai ser agora. — A patricinha entrou no próprio carro, juntamente com Jonas e os amigos.

Ela dirigiu até a casa de Janaína, no Setor Universitário, e tocou a campainha.

— Como você sabe que ela vai estar aqui? — André perguntou.

— Não sei. É só um palpite. Se ela estiver aqui, eu tava certa.

No momento em que disse isso, Sara notou que a cortina da janela da sala balançou.

— Jana, sou eu! Sarinha! — a goiana gritou, do lado de fora do portão. — Eu sei que você tá em casa, seu carro tá na garagem!

— Ela vai fingir até a morte que não tá aqui — Mateo ponderou.

Sara encarou o amigo, bufou e olhou para a grade do portão.

— O que você tá fazendo? — Jonas preocupou-se quando ela encaixou o pé em um lugar específico do portão tentando escalá-lo.

— Eu não vou ficar aqui parada — disse Sara, segurando-se na grade de modo a passar a perna para o outro lado.

— Isso é invasão de domicílio, Sarinha — André lembrou.

— Nós somos amigas, não somos? — Ela encarou o advogado com um olhar decidido.

Pulou para a garagem do outro lado e Mateo fez o mesmo. André disse que era melhor que ele e Jonas esperassem no carro, por precaução.

— Amiga, abre a porta! Eu sei que você tá aí! O que tá acontecendo? Tá tudo bem? Eu fiquei preocupada quando você disse que estava na sua mãe e suspeitei que isso fosse uma mentira. — A geminiana mudou o tom de voz para parecer calma e amável.

— Você não presta — sussurrou Mateo, balançando a cabeça para Sara.

Ela sorriu para o amigo e logo depois ouviu um barulho na porta. Janaína destrancou-a e abriu.

— Você não deixa escapar nada, né? — Janaína disse.

— Tô errada? Você não vê sua mãe há anos.

— Não. Você realmente me conhece. Mas foi, sim, por causa dela que eu não fui na festa.

— Como assim? — Sara desconfiou.

— Ela morreu hoje de manhã. Eu... fiquei meio sem saber como me sentir. Achei melhor ficar em casa. — A mulher de olhos verdes baixou a cabeça e encarou o chão.

— Você devia ter me dito antes! Eu teria cancelado tudo e vindo aqui ficar com você! — Sara abraçou a amiga fingindo preocupação.

— E poderia ter nos poupado de pular aquele portão — Mateo reclamou.

— Cadê o Jonas e o André? Eu vi que eles também vieram. Não precisava ter trazido a cavalaria — Janaína olhou para fora, ainda sem convidá-los para entrar.

— A gente tava passando por aqui, e resolvemos parar pra ver como você tava. Será que eu posso usar o banheiro? — Sara entrou na casa, mesmo sem a amiga autorizar.

Lançou um olhar misterioso para Mateo, e ele começou a falar como uma matraca tentando prender a atenção de Janaína. A patricinha foi até o quarto da amiga procurando por seu celular. Vasculhou cada gaveta, porta e caixa que encontrou, sem sucesso.

Com o coração acelerado, foi até o banheiro. Mateo ainda tentava manter Janaína entretida com seu falatório sobre os famosos que já conhecera no trabalho. Sara abriu o armário acima da pia, procurando o aparelho o mais discretamente possível. Foi só quando vasculhou a última prateleira debaixo da pia que encontrou um pendrive no meio dos cotonetes, dentro de uma caixa. A geminiana apressadamente pegou o computador da amiga que estava no móvel de cabeceira e abriu-o sem

pensar duas vezes. Dentro do pendrive havia somente um vídeo e Sara clicou duas vezes nele. Era o vídeo da câmera de vigilância da fazenda, só que completo.

Sentiu como se o sangue em seu corpo estivesse circulando em velocidade fora do normal. Suas bochechas esquentaram e ela fechou o computador. Colocou o pendrive no bolso antes de voltar para a sala. Por trás de Janaína, Sara fez sinal afirmativo para Mateo. O amigo parou de falar de repente e assentiu. Ligou a câmera do próprio celular e Janaína levantou uma sobrancelha, sem entender.

— O QUE HÁ DE ERRADO COM VOCÊ? — Sara avançou para cima de Janaína e puxou seu cabelo com tanta força que ela teve que se inclinar. — FOI VOCÊ, NÃO FOI? CONFESSA!

— Sarinha! Enlouqueceu? — Janaína fez uma careta de dor.

— Foi você que enviou aquele vídeo, confesse!

— Você tá me machucando!

Sara continuava com a mão agarrada ao cabelo dela, imobilizando-a.

— Se eu fosse você obedecia. Essa mulher tá respirando na força do ódio — Mateo sugeriu.

— ME SOLTA! — bradou Janaína.

— Só vou te soltar quando você confessar que o drogou! — Sara gritou.

— Eu não fiz nada! Quem tá drogada é você!

— Você deu Boa Noite Cinderela pra ele, não foi? Hã? — Diminuiu o tom de voz e falou perto do ouvido dela. — Confessa. Eu achei o pendrive com o vídeo completo.

— Eu não sei do que você tá falando, SUA LOUCA! Você não pode mexer nas minhas coisas sem autorização!

A geminiana respirou fundo e puxou-a pela roupa até o lado de fora da casa. Segurou-a pelo braço com uma mão e com a outra agarrou seu cabelo novamente, desta vez pela nuca, obrigando-a a inclinar a cabeça para trás. Fez sinal para Jonas se aproximar e ele obedeceu, confuso. Mateo abriu o portão com a chave que estava do lado de dentro da porta da casa.

— Olha na cara do meu caubói e confessa que o drogou na sua própria fazenda.

Janaína gemia de dor e não disse nada.

— Anda! Eu não vou te soltar enquanto você não confessar que colocou Boa Noite Cinderela na bebida dele! E eu duvido que qualquer ser humano neste local vai tentar me impedir! — Encarou a mulher de olhos verdes que se dizia sua amiga, cheia de ódio e com o rosto vermelho de raiva.

Janaína estava ofegante e com os olhos marejados. Todos a encaravam, perplexos e em silêncio.

— Eu... Eu... — Fez uma careta quando Sara apertou ainda mais seu braço. — Eu coloquei droga na bebida dele.

Jonas prendeu a respiração e Sara puxou ainda mais o cabelo da amiga, fazendo uma lágrima escorrer pelo rosto dela.

— Vou te soltar e você vai descrever exatamente o que fez com ele, entendeu? — A patricinha esperou Janaína assentir e soltou-a. — Não tente fugir. Eu te busco no inferno se for preciso. Agora solte essa língua de cobra que você tem.

Janaína engoliu em seco, visivelmente frustrada.

— Eu coloquei Boa Noite Cinderela no copo do Jonas assim que você saiu pra levar o pessoal pra Rio Verde. Ele ficou grogue bem rápido. O segurança não deu trabalho pra me deixar pegar a filmagem e nem percebeu quando eu apaguei tudo — confessou, olhando diretamente para Sara.

— Por que você fez isso? — perguntou Mateo, e Janaína encarou a amiga.

— Porque eu quis. A Sarinha adora jogar na cara de todo mundo que não liga de ser rica, que conquistou tudo que tem sozinha e ainda por cima consegue o amor do cara que eu queria? Sério? Eu não podia deixá-la se casar com ele. Cansei de vê-la ganhar sempre.

— Essa é a desculpa mais brega e fútil que eu já ouvi. Digna de vilã de novela mexicana de quinta e sem motivação digna. Você nunca me disse que estava interessada nele, nem quis conhecê-lo quando o Luís nos apresentou! Agora preciso ter bola de cristal? Deixa de ser ridícula! Você abusou dele? — indagou Sara.

— O quê? Você viu o vídeo, sua dissimulada.

— Você abusou do Jonas? — A geminiana lançava-lhe um olhar tão inquisidor que quase saía fumaça. Queria ter certeza de que a resposta dela batia com o vídeo, para completar a confissão.

O caubói colocou a mão na boca, nervoso.

— Não.

— Se você estiver mentindo...

— Não estou. Já contei tudo, não contei? Não tenho mais por que esconder nada. A bosta já foi jogada no ventilador. O caipira estava anestesiado demais pra eu conseguir alguma coisa dele. Quando eu vi que não ia rolar nada, perdi a paciência, o levei de volta pra casa e o coloquei no sofá — explicou.

As duas se olhavam com desprezo, sem ao menos piscarem.

— Eu espero que você não esteja omitindo nada, até porque o Mateo tá filmando tudo. O André tá com o seu telefone. — Sara pegou no bolso da calça de Janaína o celular e entregou para o advogado, juntamente com o pendrive que estava em seu bolso. — De qualquer forma, nós vamos pra delegacia.

André assentiu.

— Sabe uma coisa que eu aprendi depois de socar um racista e machucar uma criminosa que se disfarça de amiga? — Sara chegou tão perto do rosto de Janaína que podia sentir o cheiro da sua respiração. — Que a justiça não se importa se eu fizer essas coisas, desde que as minhas vítimas tenham cometido algo pior. E tenho certeza de que qualquer juiz vai adorar me conhecer depois de ver que eu trouxe à tona uma estupradora. Deve ser uma adição e tanto colocar no currículo a prisão de uma abusadora de homens. O falatório que isso vai dar... No mínimo, você vai ficar famosa e conseguir a atenção que uma cobra taipan merece.

— Você vai com a gente pra delegacia agora — falou Mateo.

— Eu não vou a lugar nenhum, vocês não podem me obrigar. Invadiram minha casa, mexeram nas minhas coisas e ainda vão me sequestrar? — reclamou Janaína.

— Cala a boca. — Mateo pegou-a pelo braço, forçando-a a acompanhá-lo. — Melhor você dirigir, cara — disse ele a André.

O advogado pegou a chave do carro com Sara e abriu a porta de trás para Mateo e Janaína entrarem. Sara olhou para o noivo, que parecia anestesiado com toda aquela cena. Ele retribuiu o olhar, segurando o choro. A patricinha aproximou-se e o abraçou apertado. Jonas chorou no ombro dela, aliviado e angustiado ao mesmo tempo. Sua cabeça estava confusa e não sabia direito o que pensar ou sentir. Acompanhou a noiva até o carro e André os levou para a delegacia.

Prestaram queixa, deram depoimento e André disse que teriam de esperar até o Ministério Público apresentar a denúncia perante o juiz, que decidiria se Janaína aguardaria em liberdade ou não. Os celulares dela e de Sara, assim como o pendrive, agora eram provas que precisariam passar por perícia. Até lá, não havia mais o que fazer, já que ela não foi pega em flagrante. Mateo levou-os de volta para casa.

O casal pegou Nivaldo e Taylor e os colocou no quarto. Precisavam de seus melhores amigos para ajudá-los a sentirem-se confortados naquela noite. Sara abraçou o noivo por trás, que se olhava no espelho do banheiro, abatido. Ele colocou a mão em cima da dela, em sua barriga, e suspirou.

— Gato...

— Preciso te falar uma coisa. — Virou-se para encará-la e entrelaçou os dedos no cabelo dela. — Não importa se a gente fique junto ou separado, eu nunca vou deixar te amar. Você não precisa me amar de volta, não precisa dizer absolutamente nada. Eu faço qualquer coisa por você desde que me deixe te amar, te adorar, te venerar... — Acariciou a bochecha dela. — Só não me deixe sozinho nunca mais.

Sara sentiu pelo olhar dele e pelo seu português perfeito que nada era pior do que ficar sem ela. Nem mesmo o abuso que sofrera. Sabia disso porque sentia a mesma coisa. Seu refúgio era Jonas. Do lado dele, nenhum problema parecia grande o suficiente, nada machucava demais, e tudo valia a pena.

— Eu sempre soube que você não tinha feito nada de errado. Desculpe por ter saído de casa. Sei que isso te magoou. Me perdoe por ter demorado tanto pra te ajudar a desvendar tudo.

— Não tem problema, minha deusa. O que importa é que acabou. — Abraçou-a e suspirou.

— Você precisa falar sobre o que aconteceu.

— Eu não lembro de nada, felizmente. A não ser pelo que tem no vídeo, tudo é um borrão. É melhor assim.

— Como você se sente? — Acariciou o rosto dele.

— Estranho... É estranho pensar que alguém fez alguma coisa comigo desse tipo e eu nem lembro. *Nós, homem, pensa* que essas coisa nunca vai acontecer com a gente.

— Mas acontece.

— *Brigado* por ter me defendido daquele jeito, minha linda. Eu não consegui fazer nada. — Seus olhos ficaram úmidos novamente.

— Ninguém precisa ser forte o tempo todo. Nem os homens. Tenho muito orgulho de você por chorar. — Enxugou a lágrima dele que escorreu. — E demonstrar seus sentimentos, mesmo que seja só pra mim.

Jonas fungou.

— Te amo, minha flor... — sussurrou, chorando silenciosamente.

Sara abraçou-o por alguns instantes, enquanto colocava sua angústia para fora.

— Eu tô aqui pra você, a qualquer momento, hora e situação. Pode contar comigo que eu viro uma onça assim que você precisar.

Ele deu um meio sorriso.

— Te amo.

— Tenho mais uma pergunta pra fazer *procê*. — Enxugou o rosto e a puxou pela mão para entrar no box. — O que que tem a tal da cobra taipan?

Sara gargalhou daquele jeito escandaloso.

— É a cobra mais venenosa do mundo. O veneno dela dá pra matar cem homens só com 110 miligramas.

— Descreveu que é uma beleza aquela praga da Janaína.

— Ela não vai mais te incomodar, caubói. Não vou deixar.

— É *bão* demais ter segurança particular de graça.

— Você me paga com coisas que não tem preço, uai.

— *Ocê* me ganha *todim* quando diz uai e credo. Antes eu só ouvia *ocê* falar *sorry* e *of course*.

— Você é muito fácil de agradar. Mas juro que falei sem perceber. Dizem que os casais começam a se parecer depois de um tempo.

— Eu sou sortudo por demais então, de ter alguém que nem *ocê*. *Brigado*, minha deusa, por não desistir de mim que nem sua mãe não desistiu do seu pai. *Cê* devia ter orgulho de ser de uma família cheia de *muié* bruta.

— Ah, para de ser lindo e fofo assim! Eu fiquei mais de uma semana longe de você, desacostumei! — gritou, e fez o caipira rir.

Aquele sorriso que fazia tudo ter significado.



Jonas largou a caixa cheia de sapatos que segurava e saiu correndo, depois de ouvir o grito de Sara. Já sabia o que encontraria e o que deveria fazer só pela forma que havia gritado.

— Cadê? — Fitou a noiva, que estava em cima da bancada ao lado do tanque, aterrorizada.

— Ali! — Apontou para uma barata andando desnorreada pela lavanderia.

O caubói andou devagar até chegar perto o suficiente para pisar nela.

— Pronto. Morreu.

— Ela passou no meu pé, amor! — Sara começou a chorar.

— Eita. Mas tinha que andar logo *nocê*, esse trem? — Afagou o rosto dela, lavado de lágrimas, e a abraçou.

Por mais que não tivesse sido diagnosticada com fobia de baratas, Sara tinha um medo quase irracional do inseto, capaz de fazê-la chorar e tremer o corpo inteiro. O pior era que depois da crise, passava dias enxergando baratas em cada sombra e cisco existentes na casa.

— Eu odeio esse bicho! — reclamou, no pescoço do noivo.

— É horrroso mesmo, também acho. — Tentou segurar o riso, para que ela não visse.

— Agora eu vou ficar sentindo esse troço no meu pé pra sempre... — choramingou.

— Vai não, olha, vou dar um jeito nisso. — Abriu a torneira do tanque e movimentou a noiva para que colocasse o pé debaixo da água.

Foi até o banheiro do quarto deles e buscou um sabonete, uma toalha e um hidratante. Lavou os pés dela delicada e demoradamente. Depois enxugou-o e massageou com o creme. Quando terminou, ela estava completamente calma. A sensação do inseto foi substituída pelo ritual que ele havia feito.

— Já disse que você é um bebê fofo que precisa ser protegido de todo mal? — Puxou-o pela camiseta e o abraçou.

— Já, minha deusa. Não me importo *docê* me proteger. Tá melhor? — Afastou-a e beijou-a no olho.

— Aham. Obrigada. Às vezes, eu me pergunto até que ponto esse mimo todo comigo é saudável.

— Deixa de ser boba, eu faço porque gosto e quero. Vou terminar de levar *seus trem* lá pra dentro.

— Te amo! — disse, assim que ele se retirou. — Ga-to...

— Te amo! — ele gritou de longe.

A terceira vez que trouxe suas coisas de volta para a casa de Jonas foi quase corriqueira. O próprio goiano fez questão de arrumar tudo de volta no lugar, tamanha sua felicidade em ter a noiva de volta. Faltavam poucos dias para a data em que se casariam no civil e mal podia esperar para finalmente poder dizer que Sara era sua esposa. As coisas não poderiam estar melhores entre o casal. Mais do que nunca, nada parecia tão difícil de ser feito, comparado a tudo pelo que passaram juntos naquele ano.

Visitaram Aragoiânia e Bela Vista nos dias que se seguiram. Jonas havia sugerido que a noiva participasse do planejamento e execução da implementação da rede de segurança e vigilância das fazendas, já que ela era muito melhor que ele com relação a tecnologia. A patricinha até fez inscrição para começar um curso de Gestão de Segurança Privada. O episódio com Janaína foi motivação suficiente para isso. Sentiu-se grata pelo noivo incluí-la no trabalho dele, pelo simples fato de que a fazenda era o novo lugar preferido dela. Depois da Disney.

O dia do casamento chegou tranquilo. Sara escolheu outro modelo de vestido branco, desta vez longo e de alças fininhas. Jonas ficou encantado, dizendo que ela estava parecendo uma deusa grega, principalmente por causa dos olhos amarelados e cabelo castanho claro. Ele colocou uma camisa jeans azul clara, que era a preferida da noiva, seu melhor par de botas, um chapéu claro e calça escura. Nivaldo e Taylor haviam tomado banho no dia anterior e já estavam prontos para passear com os donos, o casal quis levá-los para a comemoração. O caubói tinha lavado a S10 vermelha, que brilhava imponente na luz do sol. Mateo e Iara se acomodaram no banco traseiro e Jonas os conduziu até o cartório.

— Amiga, ainda não me conformo que você não vai usar um buquê — protestou Iara.

— Já, tenha dó. Que coisa brega. Eu só vou assinar um papel.

— Oxe, *cê* vai colocar meu nome no seu, trem. Do jeito que *cê* fala parece que não é grande coisa.

— Ter o seu nome é uma honra, gato. Mas não se esqueça que ainda vamos usar nossa aliança na mão direita. Na mão esquerda, só quando nos casarmos na igreja e fizermos uma festa apropriada. Hoje vai ser só um adiantamento, uai.

— Isso, sim, é brega. Colocar o nome do marido. — Iara revirou os olhos.

— Assim como as mulheres têm o direito de não colocar o nome do marido, e os homens têm o direito de pegar o da esposa, tenho o direito de colocar o nome do meu caubói se eu quiser. Esse é um país livre. E eu sou uma mulher livre. Isso não me faz menos feminista.

— Concordo — disse Mateo, e Iara deu um tapa no braço dele.

— Você fique quieto!

— Eu queria pôr o da minha deusa, mas ela não deixou.

— Não, amor. Eu quero pôr o Viana pra ficar igual você. Se colocar o Martins vai dar na mesma. Melhor deixar do jeito que tá então.

— Foi o que eu disse — recordou Jonas.

— Você disse que eu podia fazer o que eu quisesse! — Sara cruzou os braços, chateada.

— *Cê* pode, minha deusa. Esquece o que eu falei.

— Eita, que é só o começo do até que a morte os separe! — Mateo riu.

— Fica na sua, grilo falante.

— Só não vou te xingar de Bruxa do 71 porque hoje você vai meio que se casar.

— Me lembre de novo porque você ainda mora com esses dois, amiga. — Iara quis saber.

— Porque eu adoro aquela casa e como ainda não nos casamos de verdade verdadeira, prefiro continuar lá. Meu caubói também ama aquele lugar e o Mat é um mal necessário. Ele chegou primeiro.

— Tá doido, eu tô bem de amigos, viu. Vocês me amam tanto que chega a emocionar — disse Mateo, e todos riram.

— Minha deusa te azucrina, mas ela ama ocê, traste... — falou Jonas.

— Vêi, até você? Ave Maria... A verdade é que às vezes rola um evento a três lá em casa, sabe...

— Que nojo. — Iara fez uma careta.

— Credo, Mat! Larga de ser idiota!

— Misericórdia, toma tipo. Eu vou parar esse carro e cê vai descer agora. — Jonas deu seta para o acostamento, provocando gargalhadas.

Chegaram no cartório, o juiz realizou a cerimônia, assinaram todos os papéis e foram para a casa dos pais de Sara. Era metade do mês de dezembro e o clima em Goiânia estava quente como sempre, e úmido por causa das chuvas de verão. A geminiana observou a cidade que era seu lar desde que nascera. Pela primeira vez, estava vivendo sem se basear em previsões. Pegou o celular e, por curiosidade, viu o horóscopo do seu signo para aquele mês. Nada parecia com o que ela estava vivendo naquele momento. Desligou a tela e notou o prédio de seus pais, onde sua avó também morou.

Lembrou do que ela costumava dizer sobre os homens certos para se casar: eram respeitosos e atenciosos desde o início e não mudavam com o passar do tempo. Afagou o rosto de Jonas e percebeu que ele era exatamente a mesma pessoa desde que o conheceu. O caubói ainda secava seu cabelo, penteava-o e até aprendeu a amarrá-lo, comprava seu shampoo e absorvente na farmácia antes que acabasse, preparava o café pela manhã e pedia beijo sempre que esbarrava com ela pela casa. Ele não subestimava suas dores, por mais rotineiras e estúpidas que parecessem. Ainda gostava de assistir ao pôr do sol com a noiva sentado

no tronco, reclamava quando ela se arrumava demais só para “ir ali”. Aquele leonino a amava do mesmo jeito. A diferença estava do lado de dentro, onde, com certeza, esse amor hoje em dia tinha aumentado a ponto de transbordar.

— Que foi? — perguntou Jonas, depois de estacionar a caminhonete.

Sara apertou as bochechas dele com uma mão só, e disse, entredentes:

— Você tá proibido de ser tão lindo assim na frente de todo mundo.

O caubói riu.

Entraram no salão de festas e tudo encontrava-se enfeitado com flores delicadamente preparadas pela dona Estela, espalhadas por cada mesa. A grande bancada de mármore no centro tinha um balão transparente no canto com pequenas bolas douradas e brancas dentro, e do lado de fora estava impresso as palavras “Viva os noivos!”. A comida foi disposta ali, em travessas bonitas que dona Suzana colocou. O cardápio era o de qualquer mesa goiana: frango, pequi, arroz, feijão, guariroba, quiabo e salada.

Os noivos cumprimentaram os familiares e amigos mais próximos, tão felizes quanto se realmente estivessem em uma grande festa de casamento ornamentada. Ao contrário do que Jonas temia, as duas famílias se deram bem e divertiram-se com as peculiaridades uns dos outros. Os Catalão não tratavam mal quem não tivesse o mesmo estilo de vida deles, e os Viana, com seu sotaque interiorano caipira, roubavam a cena onde estivessem, e fizeram tudo ficar mais animado. Antes de começarem a comer, exigiram um discurso dos noivos.

— Eu não tava preparado pra isso não, mas tá *bão* — começou Jonas. — *Nós agradece cês tudo que tá aqui hoje. É bão demais da conta ver todo mundo junto pela primeira vez. Me deu até arrependimento de não ter feito isso antes.* — Olhou para Sara, que assentiu. — *Brigado, dona Su, e a minha mãe, por ter arrumado tudo e feito essa comida que tá cheirando bão que só. Queria dizer que essa é só a parte um desse casório, e nós ainda vai terminar com um festão ano que vem. Eu só queria dizer procês que a minha deusa é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Eu tenho muito orgulho de agora ser marido dela e ter uma muié bruta dessa do meu lado. Nós não combina,*

mas sempre *nos demo* bem. Ela me ilumina. — Olhou para a patricinha e colocou a mão na cintura dela. — Eu sempre vou querer que *cê* fique mais e mais do meu lado, sempre vou querer ver outro dia amanhecer *cocê*, e nunca vou me acostumar a me despedir da minha rainha. *Brigado* por dizer sim pra mim e por me fazer o homem mais feliz desse mundo *todim*. Te amo. — Deu um selinho nela, meio envergonhado.

Sara sorriu, lisonjeada.

— Gracinha esse meu gato. Gente, sério, obrigada por terem vindo. Depois de todas as tretas novelísticas que aconteceram esse ano, ver todos nós juntos, felizes e saudáveis, é uma bênção. Eu nem acredito que terminei o ano mais intenso da minha vida com o coração tão preenchido de amor e me sentindo amada como nunca fui na vida. O que posso dizer do meu caubói? Ele não tem ego. É a pessoa mais correta que eu já conheci. — A geminiana fitou o noivo. — Meu gato sempre me faz sorrir com todas as coisas fofinhas que me diz e com todo o cuidado que tem comigo. A felicidade que ele me proporciona é imensurável. A vó tinha razão quando nos aconselhou a procurar alguém que nos tratasse de forma consistente. O Jon é assim. E por ele ter me ajudado a ser alguém melhor, eu sinto vontade de ser pra sempre dele. — Acariciou o rosto do marido. — Meu coração hoje dói de saudade da dona Carmen, porque sei que ela não vai me ver casar com o homem mais incrível que eu poderia encontrar. — Seus olhos marejaram e Jonas abraçou-a de lado. — Meu consolo é saber que, ainda em vida, ela não só aprovou meu relacionamento, como disse que meu caubói era lindo.

Os convidados riram.

— Agora chega de discurso, antes que eu chore ou vocês consigam ouvir meu estômago roncando.

Todos bateram palmas e levantaram-se para iniciar a fila da comida. Fartaram-se até Suzana trocar as travessas vazias por novas, preenchidas com uma variedade de sobremesas. O casal recém-casado se revezou sentando-se por algum tempo em cada mesa, interagindo com todos. Nivaldo e Taylor dormiam no colo de Romeu e Iara depois de brincarem incansavelmente com as crianças presentes. Sara e Jonas terminaram numa mesa onde todos ouviam José, primo de Jonas, contar o “causo” do marimbondo, do contador Geraldinho.

— Uai, Jon, não foi assim que você contou lá no Mato Grosso — pontuou Romeu, de outra mesa.

— Cada um conta do jeito que dá, ninguém chega *aos pé* do *Geraldim* — justificou o caipira.

— Meu pai passava horas ouvindo esses causos antes de morrer — comentou Suzana, rindo.

— Eu lembro do vô *nos obrigar* a sentar com ele pra ouvir — recordou-se Gabriel, primo de Sara.

— Geraldinho devia ser patrimônio cultural goiano, o precursor do *stand-up* no Estado de Goiás — falou Sara.

— Antes do Nilton Pinto e Tom Carvalho — lembrou Eduardo.

Assim, os mais velhos mudaram de assunto e começaram a exaltar a cultura goiana, discutindo sobre suas características. Os jovens se juntaram em um canto e puxaram conversa sobre relacionamentos.

— Eu, sinceramente, fico impressionada com o quanto o Jon e a Sarinha são cúmplices. Não existem mais casais como vocês dois hoje em dia — ponderou Bianca.

— Isso é verdade. Minha psicóloga com certeza diria que eles são dependentes demais um do outro — disse Jéssica.

— Minha mãe diz que eles dois são grudados demais. Uma hora vão acabar enjoando da fuça um do outro e vão separar — falou Isaque, primo de Jonas.

— Minha tia Maria fala cada coisa... — Jonas revirou os olhos e Sara riu.

— Eu e a Iá temos vocês dois como inspiração. — Romeu levantou o copo de cerveja em direção ao casal, e Iara assentiu.

— Se tem alguém que *shippa* Jara, sou eu. — Bianca piscou.

— Que trem é “Jara”? — perguntou Jonas.

— Prefiro “Sonas” — comentou Romeu.

— “Sonas” é ridículo, Rô. “Jara” é a junção dos nossos nomes, caubói. Mesma coisa “Sonas” — explicou a patricinha.

— Nó, que trem trapaído.

— Antes de qualquer *hashtag*, você precisa se amar — continuou Jéssica.

— Eu concordo com tudo que vocês falaram, mas de forma diferente. Acho que eu e meu gato damos certo, apesar das diferenças, porque nós somamos nossas vidas. O problema é que hoje em dia a sociedade prega o egoísmo, você tem que ser suficiente, se bastar, se amar e não depender de ninguém pra ser feliz. Sendo que a vida é mil

vezes mais fácil com outra pessoa somando esforços a você. Sei disso porque sempre vivi dessa forma, achando que eu me bastava, e de fato era verdade. Até conhecer meu caubói. Aí eu vi o quanto é melhor ter alguém pra acrescentar felicidade à minha. Quanto mais, melhor. Isso diminui ainda mais a parte ruim da vida — explicou Sara.

— Nunca tinha visto por esse lado — falou Iara.

— Gostei demais da conta. Se eu usar isso como cantada as *muié* vai gostar? — Everton quis saber.

— Uai, na época que eu conheci o Jon, se ele me dissesse isso, me daria um bom argumento pra me interessar — respondeu Sara.

— Eu ia te querer na hora — disse Bianca, e todos riram.

— Eu iria te dar um fora — debochou Jéssica.

— Primo, só seja *ocê* mesmo. *Muié* não gosta de homem que inventa muita *trenheira* — aconselhou Jonas.

— Depende qual “trenheira” você esteja falando, Jon. — Iara bebeu um gole de sua bebida.

— Isso é verdade — concordou Bianca.

— Concordo — disse Sara.

— Depende muito. — Jéssica riu.

— Lascou de vez. — Everton olhou para o primo, confuso, e todos riram.

Continuaram conversando sobre coisas aleatórias por um bom tempo. Já era noite quando Sara e Jonas foram para casa, os últimos a saírem do almoço de comemoração do casamento civil.



A patricinha e o caipira passaram o dia 24 de Dezembro com os Viana. Foi o primeiro ano que Sara não ficou o dia inteiro no salão se arrumando. Vestiu algo simples e fez questão de ficar entre os que iriam dormir na roça da tia Jussara. A comida estava farta, deliciosa, e todos comeram e beberam tanto que a maioria precisou tomar chá de boldo para ajudar na digestão, inclusive a geminiana. Pela primeira vez na vida, participou de um amigo-da-onça, em vez de amigo secreto, e se divertiu como nunca ao dar um espelho de bolsa e ganhar uma rapadura. Foram dormir depois das quatro da manhã.

No ano novo, decidiram não viajar para longe. Resolveram ficar em um dos chalés reservados para familiares na pousada de Eduardo, a Trilha das Pedras, em Pirenópolis. Seria como uma mini lua de mel. O lugar estava lotado, então Jonas achou melhor ficarem recolhidos no chalé e desfrutarem de passeios em meio à natureza. Fizeram trilhas até duas cachoeiras próximas, andaram de bicicleta na ciclovia da propriedade (que era de aproximadamente 20 km), amarraram redes no meio do mato para observarem os pássaros à tarde, e tomaram banho de mangueira com os cachorros nos fundos do chalé. Mal perceberam quando chegou a véspera da passagem de ano.

Sara fez uma pequena ceia para os dois, comprou picolé para a sobremesa, e colocou uma *playlist* no Spotify com as músicas preferidas de cada um. Estavam dançando ao som de César Menotti e Fabiano, na varanda do chalé, quando começaram a conversar.

— Você tem noção que já faz um ano que nós nos conhecemos? Um ano que começamos a namorar? — recordou Sara.

— Faz um ano que eu quase tive que ajoelhar *procê* namorar comigo.

— Ai, gato, se me dissessem que você era o pote de ouro no final do arco-íris da fofura, eu mesma teria te pedido em namoro no dia que te conheci.

— Ô *muié* teimosa e cabeça dura. — Deu um selinho nela.

— Eu melhorei nesse ponto, né?

— Depende... — Jonas olhou para cima pensando, e Sara parou de dançar, atônita. — Tô brincando.

Ela lançou-lhe um olhar de repreensão.

— *Cê* era inalcançável, minha deusa. Agora tá mansa que nem vaca amamentando.

— Obrigada. — Relaxou. — Mas, uai... Vaca amamentando é brava, não?

Jonas riu.

— Não consigo mais te enganar com *essas coisa*. *Cê* tá por *dentro dos assunto*.

— Então eu não melhorei nada? — A patricinha preocupou-se. — Não quero mais ser aquela pessoa.

— *Ocê* é um punhado mais tranquila agora, minha flor. Fica sossegada. Por que encucou com isso?

— Porque não é possível eu não ter mudado, pelo menos um pouco, pra melhor, depois deste ano atípico.

— Eu, que sou sistemático, mudei, imagina *ocê* que é camaleão?

— Eu tinha esse peso do mundo nas costas, sabe? Uma necessidade de ser merecedora da vida que eu tenho, necessidade de ser uma boa filha, boa neta, boa amiga. Sempre achei que ia ser impossível me amarem sendo difícil como sou, achava que iam querer me mudar em vez de me aceitarem. Eu sempre fui adaptável externamente e quando o assunto era minha própria vida, *os trem* tinha que ser extremamente controlado. Era uma falsa independência que eu achava que possuía. Por isso nunca me abri 100% pra ninguém até meu caubói surgir. — Sorriu, e fez carinho no cabelo dele. — Você fez o amor parecer fácil. Daí pra frente vi que não precisava ser tão dura comigo mesma, e que a vida tem muito mais coisa do que só o meu mundinho de patricinha. — Descansou a cabeça no ombro dele, enquanto tocava *Afterglow*, de Ed Sheeran.

— *Apesar dos trem ruim* que aconteceu esse ano, eu sou um punhado grato. Tenho *minhas fazenda*, minha família tá saudável, tive *ocê* morando comigo quase o ano *inteirim*. *Nós casamo...* não posso reclamar de nada. Acho que esse foi o ano mais emocionante da minha vida. Meu coração tá feliz por demais. Eu aprendi que a vida *cocê* é divertida. A bagunça que *cê* faz é um trem *bão* demais da conta.

Ela ergueu a cabeça e sorriu.

— Eu amo essa música! — Puxou Jonas pela mão, forçando-o a se movimentar mais. — Essa é a nossa música!

— Quem disse? Achei que a nossa música era “Quero você do jeito que quiser” da Maiara e Maraísa com a Marília Mendonça. — O goiano juntou as sobrancelhas, sem parar de dançar de forma desengonçada.

— Caubói, presta atenção na letra dessa música. Você me distrai, sem me embarçar, não me apressa, me sossega, me acolhe. Te amar é a minha dança! — Sara começou a pular, curtindo a música.

Jonas riu, e encostou-se na pilastra da varanda. Sua amada usava uma regata branca e um short jeans desfiado. Poderia apostar todo seu dinheiro que essa era a primeira vez que ela passava o ano novo assim. Ficou orgulhoso da esposa agora incluir músicas brasileiras entre as suas preferidas, já que antes só ouvia cantores internacionais. Assistiu à amada se remexer, descalça, no ritmo da música *Dança*, da dupla

OUTROEU, e concordou que aquela deveria mesmo ser a música deles. Ela o distraía, sem complicação. O levava para lugares que ele nunca iria sozinho. Sara era tudo o que ele precisava, quando precisava. Ele só queria tê-la ao seu lado pelo resto da vida.

Foram interrompidos por fogos fazendo barulho ao longe, provavelmente de algum lugar no centro de Pirenópolis, ou outra pousada próxima.

— Feliz ano novo, caubói! — Sara pulou no pescoço dele e Jonas a levantou para se sentar no murinho da varanda do chalé.

Ela enrolou as pernas em volta do quadril dele e o caipira a abraçou pela cintura.

— Feliz ano novo, minha deusa. — Afastou-se e afagou a bochecha dela.

Beijou-a devagar, entrelaçando os dedos no cabelo dela, na nuca. Sara gostava quando ele fazia isso porque sempre lhe causava uma onda de arrepios nos braços, e dava vontade de aproximá-lo ainda mais.

— Te amo, te amo, te amo, te amo, te amo! — Beijou-o nos olhos e em cada bochecha.

— Eu que amo *ocê*, minha deusa. Qual a previsão pra esse ano? Com certeza, *cê* já leu.

— Acredita que não? Na verdade, faz várias semanas que não leio nada. Não acho que tenha mais tanta graça. Não desde que você me mostrou que eu não preciso disso pra ser feliz. Eu sou de gêmeos, mas eu sou eu, Sara Catalão Martins Viana. Eu sou dona de mim, e feliz por compartilhar minha dualidade com alguém que me acha única.

O caubói a beijou novamente depois de sorrir.

— *Brigado* por ter me mostrado como relaxar e aproveitar a vida, minha flor. *Brigado* por ter me ensinado que eu preciso me posicionar e ser corajoso. *Brigado* por ter me mostrado que eu dou conta de fazer isso. Por mim e por *ocê*.

— Ai, gato, que lindo. Tem coisas que só o amor ensina. Obrigada também, por ter me ajudado a ver o lado simples da vida e como pode ser prazeroso. Por causa disso, eu aprendi a ser mais calma emocionalmente, e assim menos impulsiva e exagerada. Isso torna a vida algo muito mais leve, que era exatamente o que eu precisava.

— *Nós dois* *somo* mesmo *oposto* que se atraiu.

— O que fez com que nos complementássemos.

— A gente não teria conseguido se não fosse por *nós se amar* demais.

— Quando o amor é a prioridade nada é impossível. Até uma patricinha se apaixonar por um caipira.

— *Duas metade*, que nem seu signo.

— O casal mais aleatório de Goiás.

— Tô nem aí pra estereótipo. O que importa é ter *ocê* de mão dada comigo pra viver a vida. O resto *nós dá* um jeito.

— Caubói, já te disse que você é o *agroboy* mais gracinha — beijou-o no queixo — e fofo desse mundo? — Beijou-o nos lábios.

— Já. Mas pode continuar repetindo. Não ligo, não. — Pegou-a no colo e ela deu um grito.

Levou-a para dentro e jogou-a na cama.

— SEU LINDO! — gritou novamente.

Ele sorriu e apoiou-se no cotovelo, do lado dela, e beijou-a profundamente. A felicidade que os dois sentiam naquele momento transbordava pelos poros, arrepiando a pele, esquentando o corpo e acelerando o peito. Os medos se esconderam, as inseguranças tiraram folga, e a fé no futuro tomou conta do casal, motivando-os a querer, juntos, viver a vida em sua forma mais intensa e simples possível. Do jeito que a patricinha da cidade e o caipira fazendeiro gostavam.



Jonas passou no corredor em direção ao quarto e parou, como sempre fazia, para ler aqueles dois quadros pendurados na parede, próximos da porta. Não importava quantas vezes passasse ali, sempre leria uma ou duas frases daqueles votos. O quadro do lado direito dizia “De: Sara, para: Jonas” em letras douradas contornadas de preto no topo. Logo abaixo estava escrito:

“Jonas Barbosa Viana, prometo te amar. Essa é a promessa mais preciosa que eu poderia fazer a alguém que merece todo o amor do mundo. Prometo ser a melhor versão de mim, sempre, para você. Também prometo ser a versão que você precisar em cada momento específico. Prometo pedir desculpas, agradecer, pedir por favor e com licença, pois sei que é difícil se lembrar disso quando se passa tempo demais com a mesma pessoa. Prometo ter como objetivo de vida ser mental e fisicamente feliz e saudável para retribuir toda felicidade que você me dá. Prometo me amar para poder te amar e assim somar o meu amor com o seu. Você merece o mundo embrulhado para presente como o papel mais bonito e caro que existe. Prometo te ajudar, te curar, te fazer rir, te dar espaço, enxugar suas lágrimas, te aconselhar, te fazer carinho, te alimentar

de todos os tipos de combustível que a vida precisa. Prometo ser sua esposa e te amar com toda minha alma, mente e corpo, para sempre.”

O quadro do lado esquerdo mostrava o contrário: “De: Jonas, para: Sara” e dizia:

“Sara Catalão Martins Viana, prometo te amar como no momento que isso começou no meu coração, naquele pôr do sol em Recife. Prometo te tratar sempre como a deusa, lindeza, flor, amor e rainha que você é. Prometo não subestimar suas dores, por mais insignificantes que pareçam para mim. Prometo ser romântico, não esquecer das nossas datas comemorativas e te levar para comer, mesmo quando o lugar for chique demais para mim. Prometo te lembrar de beber água, te levar café de manhã no escritório, e te pedir beijo na frente de todo mundo. Prometo dividir todas as tarefas domésticas, almoços, boletos e cuidado com os filhos que virão. Prometo te proteger até de si mesma, te manter segura das tempestades psicológicas e físicas da vida. Você ilumina e movimenta a minha existência. Prometo te levar comigo aonde quer que eu vá, mesmo em pensamento. Prometo não te deixar sozinha, não te abandonar ou te mandar ir embora. Prometo precisar de você como as flores precisam do sol e da terra, e me nutrir do seu amor. Prometo ser seu esposo e te amar para sempre do jeito mais aleatório possível, para você nunca se cansar de mim.”

Jonas sorriu e suspirou, agradecido por Sara ter emoldurado aquelas palavras que significavam tanto para os dois. Ouviu a esposa gritar e saiu correndo.

— Cadê a barata? — Entrou no quarto, olhando para o chão.

— Não tem barata, gato. Nosso *baby* chutou!

— Chutou de verdade dessa vez? Dá pra eu sentir? — O caipira sentou-se ao lado dela, que estava deitada na cama, e colocou a mão em sua barriga de seis meses de gravidez.

— Olha só. — Sara pegou a mão do marido e colocou perto de seu umbigo.

Alguns segundos depois, sentiu um movimento que levantou a mão dele.

— Meu Divino Pai Eterno! — Jonas colocou a mão na boca. — Mexeu mesmo! — Sorriu, feliz de finalmente sentir a filha.

— Gostou, amor? Agora toda vez que você falar com ela, vai poder senti-la como eu. Ela ama sua voz.

— Misericórdia, meu coração tá acelerado! *Ocê* gosta da voz do papai, minha *fia*? Ah, nem, que trem mais lindo! — A bebê chutou mais duas vezes.

— Tá vendo? — Sara arregalou os olhos.

— Pior que sim... Papai ama. — O goiano beijou a barriga dela e acariciou.

— Tá pra nascer pai mais coruja.

Jonas auxiliou-a a se levantar e ela foi ao banheiro.

— Quer ajuda?

— Caubói, sou capaz de fazer xixi perfeitamente bem sozinha. Antigamente eu que era a paranoica preocupada com tudo nessa casa.

— Parece que o jogo virou, não é mesmo? — Ele escorou-se no batente da porta, e ergueu uma sobrancelha.

— O que você fez com meu *agroboy* que não sabia o que era uma resenha e memes da internet?

— Esse caboco tá convivendo demais com uma patricinha e passando pouco tempo no meio *dos bicho* na fazenda.

— A culpa é sua. Eu não te obriguei a ficar na cidade.

— Aqui é melhor *procê*, caso precise ir pro hospital.

— Mas, lindo, sinto falta da nossa casa na fazenda de Rio Verde. Quero ir pra lá antes de ficar inchada como um baiacú. Se você já não me deixa fazer nada agora, imagina quando o parto estiver próximo? — Sara usou sua voz manhosa para convencer o marido.

— Do jeito que *cê* fala até parece que eu fico te obrigando a não fazer *as coisa*. O problema é que *ocê* que não tem juízo. Não dá pra confiar *nocê*.

— Eu não vou andar a cavalo, prometo. — Continuou fazendo manha, na esperança de ele esquecer o dia em que ela cavalgou pela fazenda grávida de quatro meses e quase caiu.

— Aqui *cê* fica mais quieta, é mais seguro.

— Por favor, caubói. Por favor, por favor, por favor!

Jonas revirou os olhos, sabendo que não conseguiria resistir.

— Prometo que fico quieta lá também.

— Promete que não vai ficar andando no sol o dia *inteirim*? O médico vai te dar uma bronca se *ocê* pegar outra insolação.

— Prometo.

— Promete que vai usar o carro se quiser ir pra algum lugar longe?

— Prometo.

— Promete que não vai ficar rolando no chão com o Niva e a Tay?

— Tô morrendo de saudade deles, mas prometo.

— Promete que não vai ficar no meio *das bosta das cabra* sem por galocha?

— Prometo.

— Hum. Tão tá. Vou avisar que *nós vai* pra lá no próximo fim de semana. — Esfregou o ouvido quando a esposa gritou de felicidade. — Avisa sua mãe. Ela disse que queria ir lá quando a gente fosse de novo.

— Aviso.

— Preciso que *cê* prometa mais um trem pra mim.

— Qualquer coisa. — Ela o abraçou pela cintura.

Sua barriga não lhe permitia mais se pendurar no pescoço do marido.

— Promete que nunca vai parar de me amar e ser doidinha desse jeito.

Ela sorriu.

— Uai, PROMETO, seu fofo!

Ele fechou um olho, por causa do grito dela, e a beijou.

AGRADECIMENTOS

Obrigada aos meus pais, por terem acreditado em mim desde o início e me incentivado a continuar a escrever. Agradeço ao meu marido incrível que está sempre disponível para me ajudar a desatar os nós que surgem em qualquer história.

Sou grata por toda a ajuda que recebi da Ju, minha prima de consideração, que me auxilia nas questões médicas sempre que preciso. Obrigada a Suellen e ao Alessandro por terem me socorrido na parte jurídica, sem vocês essa história não teria nascido.

Agradeço aos meus amigos queridos Rapha, Carol, Analu, Alê, Lara e Lili por terem lido esse livro antes de todo mundo e me ajudado a arrumar o que era preciso.

Não poderia esquecer do Jacques Vanier, humorista goiano que faz sucesso na internet, por ter inspirado todo esse enredo. Espero que o Jonas tenha te representado bem. Obrigada por ser um influenciador que ilumina um meio lotado de futilidade e falsidade. A internet é um lugar melhor com você lá.

Aos meus terráqueos que estão comigo desde Quinta Geração e O Amor Nunca Morre, obrigada por me motivarem a continuar criando universos paralelos.

Beijos,
Gaby.

About The Author

Gaby Esteves



Gaby é casada, cristã e tem 31 anos. Formada em Secretariado Executivo, deixou a profissão para cuidar dos dois filhos pequenos. Desde criança costumava gostar de ler e sua matéria preferida na escola sempre foi redação.

Adorava ganhar livros de presente e sua saga favorita foi Harry Potter, a qual leu diversas vezes. Neta de avô escritor e amante dos livros, a autora começou desde cedo a rascunhar histórias a lápis em cadernos de brochura. Deu início publicamente ao universo da escrita escrevendo fanfic em um aplicativo gratuito, e descobriu, assim, uma maneira de dar vida a sua imaginação. "Eu Sou de Gêmeos" nasceu inspirado em um agrobóy que Gaby segue há anos nas redes sociais, seu interesse repentino em ler romances e muitas noites mal dormidas sonhando com os barracos de Sara e o sotaque de Jonas.

Instagram: @_gabyesteves_
www.gabyesteves.com.br

Books By This Author

Quinta Geração

Ao descobrir uma característica inusitada sobre si mesmo, Dante Dickson está prestes a realizar o seu maior sonho: poder conhecer o mundo fora de sua cidade. Ele acaba se encontrando com Mera Montez, uma mulher nascida e criada em um planeta completamente diferente do seu. Dois jovens de mundos diferentes descobrem o amor de uma forma nunca antes conhecida pelos seres humanos, e juntos tentarão encontrar a solução para salvar a galáxia da destruição iminente.

O Amor Nunca Morre

Júlio encontrou em Zara um amor que achava não ser merecedor. Zara viu em Júlio a oportunidade de ser amada como merecia. Conheceram-se quando tinham certeza que a vida não iria mais lhes presentear com nada de bom, e se separaram quando achavam que tudo não poderia ser melhor. Experimentaram a pior dor que já sentiram antes de descobrirem que a morte não é o fim, e que poderiam se reencontrar.

Júlio decide desbravar o mundo pós morte, custe o que custasse para ganhar uma eternidade ao lado de Zara, enquanto ela lutava contra seus próprios medos para não perdê-lo definitivamente. O casal então descobre, depois de vencerem seus maiores desafios, que o amor nunca morre.